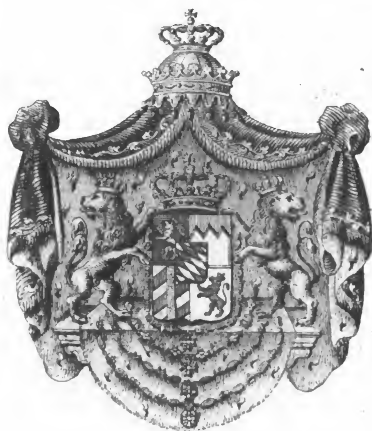


MALACA CONQUISTADA

PELO GRANDE

AFFONSO DE ALBUQUERQUE,

POEMA HEROICO

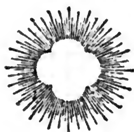
DE

FRANCISCO DE SA' DE MENEZES;

COM OS ARGUMENTOS

DE D. BERNARDA FERREIRA.

Terceira Impressaõ mais correcta que as precedentes.



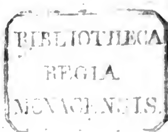
LISBOA

Na Offic. de JOZE' DE AQUINO BULHOENS.

Anno de M.DCC.LXXIX.

Com licença da Real Meza Censoria.

4


BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS.

AO LEITOR.

SEmpre a lembrança do bem perdido (benevolo Leitor) foi poderoſo motivo pera a recuperaçaõ delle. Eſta certa reſoluçaõ me obrigou a tornar a imprimir eſte Livro, quando o mais rico Reino de Malaca eſtá em poder do inimigo. Serviço he de eſtima pera o herdeiro lembrarlhe as peſſas alheadas do ſeu morgado. E ſe me diſſeres que eſta, que te inculco, he muito ſabida, lembro-te neſte Livro o quanto nos tem cuſtado, e taõ eſquecido.

Se es nobre, o ſangue de teus Avós, derramado nelle com tanto valor, e gloria, te chama, e convida pera ſegunda conquiſta; e ſe es humilde, o exemplo de tantos Illuſtres, que alli obraraõ proezas incriveis, te eſtimula, e incita pera ſubir, e creſcer. Se eſte formal diſcurſo te naõ perſuade, e convence pera conhecer a abonaçaõ deſte meu trabalhoſo emprêgo, julgando-o por intempeſtivo, tambem condemnarás os Reis, e Principes do mundo, que ſe lembraõ, e honraõ com o titulo de muitos Reinos perdidos, intentando com eſtas memorias dar nobre impulſo a ſeus deſcendentes pera a reſtauraçaõ delles. Agradavel he aos filhos a lembrança do que ſeus pais ganharaõ, e poſſuiraõ. Obrigaçaõ he preciſa lembrar as glorias paſſadas aos preſentes pera imitaçaõ, e exemplo. Eſte he o intento, com que te offereço, e communico eſte Livro: ſe alcanças, muito te acreditas; e ſe naõ, a ti te offendes.

Didacus de Paiva de Andrada pro laude selectissimi operis: alloquitur Auctorem.

HOrrida concussus miratur prælia Ganges,
Dum premit Eoas Lysia turba plagas:
Sistit inexhaustum Tagus ad nova gaudia cursum,
Pollice magnifico dum vaga plectra moves:
Ille racemiferos irrorans sanguine campos,
Suspicit Hesperios, Marte sonante, duces;
Hic steriles mulcens celebri dulcedine cautes,
Despicit Aonios, te modulante, choros;
Ille beat rutilis Indorum æraria gemmis,
Cantibus hic celsis Lysia sceptra beat:
Ille potens armis; hic, vate potentior, auget
Carmine, quod jaculis obtinet ille decus.
Ille sonat bellis, hic plausibus; ille tuorum
Viribus, hic numeris fertur ad astra tuis:
Hæc divisa procul tu, vatum ò maxime, jungis,
Egregium absolvens Martis, & artis opus:
Nam simul exiguis latè celeberrima chartis
Extollunt Gangem prælia, plectra Tagum.

Auctori Parenti suo amantissimo Balthasar de Sá Leitaõ.

CUm laus ex gnato veniat suspecta parenti,
Me gnatum, fateor, vix juvat esse tuum.
At dum conspicio laudanda poemata, lætor,
Cum me sors tanto fausta parente beat.
Insequar ergo patris vestigia; carmina condam;
Carminibus sed erit gloria nulla meis.
Phœbo digna moves nam solus plectra: nec ulla
Ingenium poterit vincere Musa tuum.
Si fuit in gnato virtus invisa Teodosi,
Dum famæ credit nil superesse suæ;
Ipse tuos possem meritò incusare triumphos,
Spes etenim laudi nulla relicta meæ est.
Ergo omnes ultrò mittamus plectra: reliquit
Hic liber exhaustas, quas ultrà claudit, opes.

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES
na ſua Malaca conquiſtada.

Violante do Ceo, Religioſa no Convento da Roſa.

COpia gentil, portento ſoberano
De animoſo valor, ſaber profundo,
Que, denotando un par ſin par al mundo,
Buelves divino el miſmo ſer humano:
Grave exemplar de heroica, y docta mano,
Vitoria ſingular, parto fecundo,
Que obró primero, eternizó ſegundo
Uno, y otro divino Luſitano.
Nó Perſiano lugar preſuma archivo
A tu inſigne valor más refulgente
Le otorgue el Cielo a tan glorioſa ſuma;
Donde, a peſar del tiempo executivo,
Vivan por tu ocaſion eternamente
De Albuquerque, y de Sá la eſpada, y pluma.

Ad

Ad Auctorem Franciscum de Sá de Menezes.

Dona Bernarda Ferreira.

A'Eri explicatis
Crinibus formosis
Liliis, atque rosis
Perfectè adornatis,
Per turres deauratas
Fama læta tendit,
Et velox extendit
Alas oculatas.
Pennis discurrendo
Pertransilit muros
Altos, & securos;
Tubaque canendo,
Sá (dicens) divine,
Gloria Lusitaniæ;
Decor magnæ Hispaniæ,
Omni laude digne,
Si moves ingentes
Duræ terræ montes,
Et retines fontes,
Fluviosque currentes:
Si suspendis ventos,
Et attonas densas
Nubes, & condensas
Rores ipse lentos:
Si detines Solem,
Si Stellas, & Lunam,
Similiter unam
Magni Cæli molem;
Albuquerquius ille
Felix appelletur
Non ter, sed vocetur
Vicibus ter mille.
Siquidem laudatur
Ipso plectro tuo,
Nominique suo
Fama æterna datur.
Si fulminum flumen
Ille Mauritaniæ,
Asiæ, atque Hispaniæ;
Id plectrum est lumen.
Ille si condonat
Coronas regales
Luso; istud tales
Palmas Gangi donat.
Ad alarum motum
Sic Fama dicebat,
Felixque currebat
Terræ globum totum.
Celeribus pennis
Non urbibus tantum
Dat Francisci cantum,
Sed silvis amœnis.
Montes resonabant
Cum tubæ clangore,
Vallesque rumore
Varios echos dabant.

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES
na sua Malaca conquistada.

Dona Bernarda Ferreira.

SE de Albuquerque cantais,
A Fama de vós cantando,
Com vossa pena voando
Vos chega donde o chegais:
Porque naõ ha subir mais,
E poucos subiraõ tanto:
Sois ambos do mundo espanto,
E de Lusitania gloria;
Que he illustre sua memoria,
E divino vosso canto.

Por vós vosso patrio Douro
Nova Aganippe se mostra,
Vendo que a vossos pés postra
Apollo seu plectro de ouro.
O Téjo de verde louro
As Ninfas manda mais bellas
Vos teçaõ dignas capellas;
Que o Ganges, por mais galantes,
Vos offerece de diamantes
Taõ claros como as Estrellas.

De ouro, e perlas vos presenta
Preciosissima guirnalda,
Que com palmas de esmeralda
Glo-

Glorias, e triunfos oſtenta:
Mas, por mais que a arte inventa,
E que o ingenho ſe cança,
Nenhum louvor ſe abalança
Com tanto merecimento;
Que he ſó voſſo entendimento
Quem a ſi meſmo ſe alcança.

De aquella illuſtre vitoria
Foi voſſo ſangue graõ parte,
Que o rigor amou de Marte
Por ganhar taõ alta gloria:
Porém deixo eſta memoria
Do nome Sá, pois me toca,
Paſſa a quem por vós na boca
Da Fama immortal ſe veja,
Pois (por voſſo) a meſma inveja
Em ſeus louvores provoca.

Por vós, claro Sá, ſe eſpera
Que, novo valor tomando,
Vá com triunfo voando
Sobre a quarta, e quinta eſféra:
Por ſingular vos venera
Quem corre eſtas folhas bellas,
Admirando as folhas dellas,
Que com perpetuo verdor
Saõ da Aurora reſplandor,
E emulaçaõ das Eſtrellas.

LI-

LIVRO I.

ARGUMENTO.

DOs baixos de Capacia Affonso á vista,
Contrario tempestivo o vento crece:
Como do intento he força que desista,
Arriba, e logo o Sol claro amanhece.
Exhorta-o de Malaca á alta conquista
Santo esquadrão, que em sonhos lhe apparece.
Impedir Asmodeu intenta a empreza:
Garcia segue a Armada Portugueza.

I.

EU, que em males, e grave sentimento
Seguia huma esperança, que voava,
E, por tomar em minha pena alento,
Os aggravos, que ordena amor, cantava;
Agora levantando o pensamento
Aos écos da alta tuba, que incitava
Os Portuguezes peitos generosos
Aos empregos do mundo mais famosos;

II.

As Armas canto, e o grande Cavalleiro;
Que ao vento vélas deu na occidua parte,
E lá, onde infante o Sol dá luz primeiro,
Fixou das Quinas santas o Estendarte.
E com afronta do infernal guerreiro,
(Mercê do Ceo) ganhou por força, e arte
O aureo Reino, e trocou com pio exemplo
A profana mesquita em sacro templo.

A III.

III.

Tu, cònſelheira deſde a eternidade,
Muſa no Ceo, e terra venerada,
Dize-me o que eſcurece a antiga idade,
E ſe óbrou na regiaõ mais apartada:
Tu foſte ſem principio immenſidade,
Antes do tempo, e ſeculos gerada,
Com Deos obreira no principio rudo,
E partícipe em tudo ſabes tudo.

IV.

E vós, da noſſa idade alta eſperança,
Taõ eſperado Alcídes Luſitano,
Para quem guarda o Ceo a alta vingança
Com maiores acçoẽs, que as do Thebano,
Vibrando a eſpada, ou já brandindo a lança,
Veſtindo o arnês que vos forjou Vulcano,
Do Portuguez valor ouvi o preço
No canto, que em primicias vos offereço;

V.

Que as façanhas, que a fama em bronzes cava,
Geraõ nos fortes peitos mais valia.
Lendo Alexandre a Homero deſcançava
Dos trabalhos, em que paſſara o dia:
E, ſè a dita de Achilles invejava,
No valor imitallo pertendia.
Porém, ſe os feitos Portuguezes lêra,
Mais que imitar, mais que invejar tivera.

VI.

VI.

O tempo chega, Affonso, em que a santa
Siaõ terá por vós a liberdade,
A Monarquia, que hoje o Ceo levanta,
Dovoto consagrando á eternidade.
O' bem nascida generosa planta,
Que em flor fructo há de dar á Christandade,
E materia a mil cysnes, que, cantando
De vós, se hiraõ comvosco eternizando.

VII.

De Christo a injusta morte vingou Tito
Na de Jerusalem total ruina:
E a vós, a quem Deos deu hum peito invitto,
Ser vingador de sua Fé destina.
Extinguir do Agareno o falso rito
He de vosso valor a empreza dina:
Tomai pois o bastáõ da empreza grande,
Para o tempo que o Ceo marchar vos mande.

VIII.

E vós, ó ramos das heroicas plantas,
Que floreceraõ, derramando glorias
Por todo Orbe, e contra invejas tantas
Triunfaõ do tempo, e morte suas memorias;
Attentos contemplai as acçoẽs santas,
Assumptos immortaes de altas historias;
E de tantas virtudes invejosos
Imitadores vos fazei famosos.

IX.

Onze vezes o Sol, pela alta eſpira
Correndo, á Boreal méta chegára,
E outras tantas de lá velós partira,
E a dar luz ás Auſtraes regioẽs tornara,
Depois que a Luſa gente o Ganges vira,
E as praias Indianas conquiſtara,
Senhoreando os mares donde a Aurora,
Por lagrimas fataes, perolas chora.

X.

Naquelle feliz tempo exercitava
Affonſo de Albuquerque o Real governo
Daquelle novo Imperio, que exaltava
O movedor das cauſas ſempiterno:
O digno Heroe, que obrando ſe izentava
Do eſcuro Lethes, e do negro Averno,
Suſtentava igualmente vigilante
O graõ pezo, novo Argos, novo Atlante.

XI.

Já tinha á rica Ormuz o jugo poſto
Depois de larga, e perigoſa guerra,
E, contra adverſidades firme o roſto,
Ganhado Goa na Indiana terra:
Nella Reino fundou, em contrapoſto
A's Naçoẽs feras, que o Oriente encerra,
Donde as infernaes Seitas deſterrando,
Se foi a Lei da Graça dilatando.

XII.

XII.

E como a novas glorias aſpirava,
Levado de hum illuſtre penſamento,
Romper querendo o Erithreo, achava
Contra ſi irado o mar, contrario o vento:
Com a dor grande, que a alma lhe occupava,
De naõ poder lograr o heroico intento,
Tornara a ver a terra, e pôr a proa
Por onde entra Nereo a abraçar Goa.

XIII.

Logo a nautica turba diligente
Amaina, larga eſcotas, toma o panno;
Fere, e altéra o mar o ferreo dente,
E, mordendo na arêa, atalha o dano:
Dos concavos metaes o eſtrondo ardente
Atrôa, e enluta o fumo o mar Indiano;
Paſſada a nuvem, ſurta a forte Armada,
Os ares borda toda embandeirada.

XIV.

Gaſta Albuquerque o dia, fluctuando
Com varios penſamentos os ſentidos,
Admittindo confuſo, e reprovando
Huns pareceres de outros produzidos.
Os ventos, e monçaõ conſiderando,
Prática gente, lenhos bem provídos,
Famoſa empreza conſeguir deſeja;
Mas em muitas duvída qual eleja.

XV.

XV.

Qual combatido de contrarios ventos
Alto pinho, já aqui, já alli ſe inclina,
Segundo o vence a força dos violentos
Impulſos, que procuraõ ſua ruina:
Aſſi o vario occorrer dos penſamentos,
Dos futuros ſucceſſos, que imagina,
Cauſa que a mais de hum parecer ſe incline,
E de todo em nenhum ſe determine.

XVI.

De Clycie o amante dando fim ao dia,
Já pelas portas do Occidente entrava,
E o cargo de allumiar a noite fria,
Entretanto á triforme irmã deixava:
Em quanto ella ſeus raios eſtendia,
E no ceruleo mar os prateava,
Porque era entaõ a ſuperficie pura
Eſpelho de celeſte formoſura.

XVII.

As horas do deſcanço diſpendendo
Nos confuſos diſcurſos, naõ ſocega;
Até que junto da Alva o foi rendendo
A meſma cauſa, que ó repouſo nega:
Reſiſtir branda força naõ podendo,
De hum leve ſomno, que ſuave chega;
Os deſvelados olhos ſe entregaraõ
A' ſabroſa prizaõ, que deſejaraõ.

XVIII.

XVIII.

Em quanto ſcffrem treguas ſeus cuidados,
Quaes ſcem vencedores vir da guerra,
Marchar em ordem vê fortes ſoldados,
Seguindo a inſignia, que a infernal deſterra:
De branco, e rouxo ricamente armados,
Co a purpura vital regando a terra,
Cauſa no peito de Albuquerque eſpanto
O eſquadraõ bello, que julgou por ſanto.

XIX.

Quem eraõ, e a que vinhaõ deſejava
Perguntar, elevado no que via;
Mas o ſomno, que entaõ ſenhoreava
Os ſentidos, a lingua lhe prendia:
Como por deſatalla em vaõ canſava,
Na falta della os braços eſtendia;
Ancioſo trabalha, e juntamente
Compaixaõ dentro nalma, e gloria ſente.

XX.

Em confuſaõ taõ alta, O' Varaõ forte
(Lhe diſſe hum dos ethereos cavalleiros)
Os que prezentes vês, da lei da morte
Livres já, os bens gozamos verdadeiros:
Fomos dos eſcolhidos, a quem a ſorte
Tocou ſer de Sequeira companheiros:
As vidas nos tirou Malaca fera,
Por ti vingança noſſo ſangue eſpera.

XXI.

Tu á do barbaro Rei dura impiedade
Darás fim, e principio venturoso
A santo Imperio, e Christá piedade
Nesse extremo do mundo taó famoso.
E a ruina fatal da aurea Cidade,
Hum exemplo depois será glorioso,
De todos respeitado; e o fero imigo,
A que razaó faltar, tema o castigo.

XXII.

Eis de teu valor grande a digna empreza;
Em que te está aguardando eterna gloria,
O Ceo o quer, que teu bom zelo preza,
E por nós te promette alta victoria:
Dos ventos a mudança, e sua braveza
Obra he divina: acorda, e na memoria
Estampa o que no Ceo está ordenado,
E por obra ha de pôr teu peito ouzado.

XXIII.

Disse, e desappareceu o bando eleito,
Restituindo ao ar a fórma leve.
Acordando Albuquerque cheio o peito
Dos sentimentos, que no somno teve,
Deixa o nautico logo encôsto estreito,
E no mais firme da lembrança escreve
A divina visaó; e o effeito espera,
Que ser ordem divina considera.

XXIV.

XXIV.

Repreſentando-lhe eſtá o penſamento
O modo, em que eſtillando ſangue os vira,
Accreſcentando mais o ſentimento,
Que contra os homicidas move a ira:
Por dar effeito ao ſoberano intento,
Que o Ceo lhe deſtinava, já ſuſpira,
E ao Celeſte eſquadraõ, que lho prediſſe,
Com affectos piedoſos aſſi diſſe:

XXV.

Prometto ſeguir, almas venturoſas,
Eſſa, que me moſtrais, alta eſperança;
Entrarei nas emprezas duvidoſas,
Com voſſa bem fundada ſegurança:
E das mortes cruéis, bem que ditoſas,
Darei ao juſto Ceo juſta vingança,
Inda que, pois em Deos pára o deſejo,
Morrer como morreſtes, vos invejo.

XXVI.

Gozai do Sol Divino o eterno dia
Na Divina Siaõ eternamente;
E alcançai que nos dê taõ certa guia,
Como a ſeu povo na Columna ardente.
Aſſi dizendo, a Aurora bella abria
As rubicundas portas do Oriente,
O freſco orvalho as conchas recebiaõ,
E as perolas prezadas concebiaõ.

XXVII.

Logo Fébo, eſpalhando reſplandores,
Preſta raios ás ondas do Oceâno,
Dourando os montes, alegrando as flores,
Que acha offendidas do nocturno dano.
Chama Albuquerque invicto aos vencedores
Capitaẽs a conſelho, e com humano
Aſpeito os recebeu, como quem ſabe
Quanto a brandura no mandar acabe.

XXVIII.

Os Varoẽs invenciveis occupando
Os aſſentos pela ordem coſtumada,
O inſigne Capitaõ aſſi fallando
Começou com voz gráve, e ſocegada:
Ouzados companheiros, que ganhando
Ides eterna fama pela eſpada,
Novas terras buſcando, o mar abrindo,
A voſſo Deos, e a voſſo Rei ſervindo:

XXIX.

Quando o mar Erythreu abrir quizemos,
Que deu paſſo a Iſrael, daqui partimos;
Favoravel o vento entaõ tivemos,
Que depois contra nós irado vimos:
E como reſiſtillo naõ pudémos,
Tornámos ao lugar, donde ſahimos,
Sem dúvida para outra empreza dina,
Que cauſa ſuperior nos determina.

XXX.

XXX.

Deſta Armada temida a fortaleza
Será vã, ſe no porto a recolhemos:
Eſtorvou-nos o tempo aquella empreza,
Mas conſeguir co meſmo outra podemos.
Naõ ſerá bem que, poſtos nas eſtreiteza
Deſte rio, ſem fruto mal logremos
Os dias em delicias ocioſos,
Podendo conſeguir feitos famoſos.

XXXI.

O que, fortes Varoẽs, me parecia,
(E no caſo ſerá mais acertado)
He que vamos romper (pois Deos nos guia)
Da graõ Malaca o Bósforo dourado:
Tudo, o que vê melhor naſcendo o dia,
Com fama eterna lá vos tem guardado:
Eu o proponho, e peço ao valor voſſo
Que eſta gloria ſe ajunte ao nome noſſo.

XXXII.

Obrigue-vos tambem a liberdade
Dos parentes, e amigos lá cativos,
Se do Malaio a barbara impiedade
Inda os ſuſtenta em tantos males vivos:
E aos que a fera traiçaõ roubou a idade,
Sereis do Ceo Miniſtros vingativos,
Deixando a infiel Cidade caſtigada,
Só por ſua ruina eternizada.

XXXIII.

Junto da Alva (ah ſuaviſſima lembrança!)
Os vi do modo, que inda agora os pinto,
(Ou ſonho, ou viſaõ foſſe) na bonança
Eterna, livres deſte labyrintho:
Zeloſos ſe moſtráraõ da vingança,
Cada qual da vital purpura tinto;
E da parte do Ceo, que merecêraõ,
Iſto, que vos proponho, propuzeraõ.

XXXIV.

Entre o forte, e prudente ajuntamento,
Logo rouco murmúro ſe levanta,
Como quando entre o boſque brando vento
Manêa as folhas de huma, e de outra pranta.
Diſcorre cada qual no entendimento
A grande empreza de importancia tanta:
Tras o diſcurſo foraõ reſpondendo,
Por ordem razoẽs dando, e recebendo.

XXXV.

Ouve contradicçoẽs, que alguns temêraõ
Navegaçaõ naõ viſta, e perigoſa;
De que maiores medos ſe diſſeraõ,
Que de Scylla, ou Carybdis eſpantoſa:
Mas tras largo altercar, ſe reſolvêraõ
Em commetter a empreza duvidoſa:
E offerecendo aos Ceos o heroico intento,
Dar manda o Capitaõ vélas ao vento.

XXXVI.

XXXVI.

Em bem compoſta eſquadra a naval tropa
Segue pela maritima campanha,
Da grande Capitánia a excelſa poppa,
Que aſſombrado Nereu humilde banha:
Quaes de Africa paſſando á illuſtre Europa
Os grous deixando a patria pela eſtranha,
Em ordem ſeguem pela aérea eſtrada
Seu Capitaõ em ala concertada.

XXXVII.

Poſta a prôa no Auſtro, dividia
Alegre as creſpas ondas; reſpirava
O ſopro Boreal, que a neve fria
Nos montes de Tartária congelava;
E de Maldiva o mar, que entre ilhas cria
Salutífero antídoto, deixava
Para o Ponente, e as ilhas, que florecem
Cos deſpojos, que as palmas offerecem.

XXXVIII.

Eis já ao Septemtriaõ Onôr lhe fica,
E Bracelôr armígera, e poſſante,
Com Mangalôr de cardamómo rica,
De pródigos palmares abundante:
A fertil Mangalôr, que mais ſe applica
A' cultura, que á guerra, ao Levante,
Com outros grandes povos, e outras gentes
Ao Rei de Biſnaga obedientes.

XXXIX.

XXXIX.

Do Canará já atrás deixando a coſta,
Correm a do Malavar Reino de Marte,
Do Gate vendo a altura deſcompoſta,
Com quem amigo o Ceo tanto reparte.
Nella a abundancia reina no alto poſta,
Que ao cultòr o trabalho eſcuza, e arte,
Por ſer erario rico dos haveres
Da formoſa Pomôna, e flava Ceres.

XL.

Entre o Decám, e Canará cortando,
Vai diſpendendo rios caudaloſos,
Que com ſeu cryſtal puro vaõ regando,
E enriquecendo os campos eſpaçoſos:
Com as mais altas nuvens vizinhando,
E ás vezes cos planetas luminoſos,
Acaba donde, em mais eſtreita fórma,
Do Comorím o promontorio fórma.

XLI.

Aſſombra a Armada ao Malávar robuſto,
Do nome Luſitano fero imigo;
Mas ſua contumacia, e odio injuſto,
Muitas vezes tem viſto em ſi o caſtigo:
Toca arma em Calicut o povo aduſto,
(Que atalha a prevençaõ qualquer perigo)
As Quinas ſantas no Eſtandarte vendo,
De Albuquerque os deſenhos naõ ſabendo.

XLII.

XLII.

A' viſta de Cóchim vélas tomáraõ
Os nautas deſtramente cuidadoſos,
E ao mar as firmes ancoras deitáraõ
Ao ſom dos inſtrumentos bellicoſos :
A terra juntamente ſaudáraõ
Com eſtrondo , e bramidos eſpantoſos
Dos cóncavos metaes , arruinadores ,
Dos raios do Tonante imitadores.

XLIII.

A gente corre , e ſó deixa a Cidade ,
Que deſejando ver cobre as ribeiras ,
Os olhos alegrando a variedade
De flámulas , pendoẽs , e das bandeiras.
Nambeoderá ſeu Rei , que de amizade
Procurava dar moſtras verdadeiras ,
Logo refreſcos manda á Luſa gente ,
E ao Capitaõ magnifico prezente.

XLIV.

A eſte tempo o que foi paſtor de Admèto
Ao trabalho diurno já fim dava ,
E o povo , pelas praças inquieto ,
Ao nocturno repouſo ſe tornava :
Na Armada a Luſa gente ao quieto ,
E deſejado ſomno ſe entregava
De modo , que na terra , e no mar tudo ,
Obediente ao ſilencio , eſtava mudo.

XLV.

XLV.

Tem repartido a ſumma Providencia
O cuidado da guarda dos humanos
Pelas legioẽs Celeſtes, que á inclemencia
Se opponhaõ dos eſpiritos profanos:
Arma-ſe o Inferno em dura competencia,
E miniſtros reparte, antes tyrannos,
Que occupaõ inquietando o mar, e a terra,
E contra intentos ſantos movem guerra.

XLVI.

Aſmodeu, que do amigo de Tobias
Da caſa de Raquel fora deitado,
Era o tyranno entaõ das vãs latrías
De quantos vem primeiro o Sol dourado:
Em brutas fórmas, e com leis impías,
Do Indo até o Japaõ idolatrado,
Templo inſigne os Pegús lhe edificáraõ,
Deos de toda a grandeza o intituláraõ.

XLVII.

Já noutras partes ao Senhor immenſo
Cuidou fazerſe igual, e templos teve,
Em falſa adoraçaõ, ardido incenſo,
Roubando a gloria, que ſó a Deos ſe deve.
De brutos, e ainda de homens quaſi cenſo,
Que unido ao odio ſeu graõ tempo eſteve,
Victimas lhe offerecem varios povos,
E com idolos mil titulos novos.

XLVIII.

XLVIII.

Chamáraõ-lhe Belial os Ninivitas;
Babylonia Baal, e Acheronto;
Os Philiſteus Dagon; e os Moabitas
Beelfegor, nume infame de Helleſponto:
Por Baccho, por Behemot, por infinitas
Sortes de nomes vãos, que naõ tem conto,
Foi na terra adorado em toda a parte,
E de Iſrael por Baal, Camos, e Aſtarte.

XLIX.

E como na alta poppa, e nas bandeiras
Por guia, e padroeiro já leváraõ
O divino Cuſtodio as náos primeiras,
Que abrir com Gama o mar naõ viſto ouſáraõ;
E via que nas Indicas ribeiras
Os mais potentes póvos ſe humilháraõ
A's forças de Albuquerque, que potente
A triunfar hia do ultimo Oriente:

L.

Perder a Monarquia receava,
Em que o fero Lusbel o inſtituíra,
Se Albuquerque o Malaio mar ſulcava;
E do peito veneno, e raiva eſpira.
Seguindo a Armada Occidental bramava,
Os ares corrompendo a infernal ira,
Entra em Cóchím no thalamo ſecreto,
Aonde Nambeoderá dorme quieto.

LI.

E como, quando Noto se desata,
Quebrantando de Eolo a prizaõ dura,
Que turba o mar tranquillo, e arrebata
Montes de agua, que leva á regiaõ pura;
Tal ao barbaro Rei a furia trata
Do infausto habitador da tréva escura,
Turbando-lhe os sentidos socegados
Com ondas inquietas de cuidados.

LII.

Tomando a fórma do defunto Oristes,
Que dos vãos Deozes Sacerdote fora,
Se lhe appresenta, e com affeitos tristes
Infausto geme, e todo horrivel chora.
Dormes, lhe disse, quando mal resistes
Males, que esperar podes de hora em hora,
Que ameaçando-te estaõ ruina certa,
Pois fica ao Camorím a porta aberta.

LIII.

Albuquerque em teu damno, e seu se ausenta;
Nova conquista em regiaõ remota
(Deixando tudo aventurado) intenta,
De inquieto, e de vario dando nota.
Naõ disse mais; se bem lhe representa
Mil tragicos successos, que o Rei nota;
E já desperto teme, e lhe parece
Ver o que teme: tanto o temor cresce!

LIV.

LIV.

Naõ lhe ſocega o coraçaõ no peito,
Do veneno infernal, e temor cheio;
Tanto ao ſuberbo ingrato eſtá ſujeito,
Que até dos penſamentos tem receio;
Deixa em fim deſvelado o brando leito,
Conſiderando hum meio, e outro meio,
Com que poſſa eſtorvar ſonhados damnos,
Divertindo os intentos Luſitanos.

LV.

Reſpeita o Capitaõ: para impedillo
Conſidera que uſar convém de manha,
E a que naõ aventure, perſuadillo,
A propria terra, por ganhar á eſtranha.
Nota Aſmodeu que he em vaõ o diſſuadillo:
Ira do ardente peito deſentranha,
Vendo que, quando mais ao Rei altéra,
Nada contra Albuquerque delle eſpera.

LVI.

Deſeſperado o deixa, e buſca logo
A Audelá rico mouro Guzarate,
E Malaca lhe moſtra, a ſangue, e fogo
Entrada por aſperrimo combate:
Moſtra-lhe o Luſo vencedor, que rôgo
Naõ admitte, e que tudo fero abate.
Gritando acorda; e tanto era o tormento,
Que acordado o naõ deixa o ſentimento.

LVII.

Servia de Malaca ao Rei, que grato
A dignidade honroſa o levantára
Com illuſtre, e magnifico apparato,
Ao de Cóchím Embaixador chegára.
Obrando hia o veneno, com que o ingrato
Rebelde o coraçaõ lhe penetrára:
Credito ao ſonho dá; e temeroſo
Deixa o repouſo, e ſe levanta iroſo.

LVIII.

Varios diſcurſos faz; e ſem ſocêgo
Cada momento mais ſe perſuade
Que a Armada Chriſtã vá fazer emprêgo
Na que em ſonho arder vio aurea cidade.
Eſta imaginaçaõ o inſtiga cégo,
E lhe move os afeitos da vontade
A tratar, como por engano, e força,
Do grande intento ao grande Affonſo torça.

LIX.

Em quanto eſpera pela luz Febea,
Remedio cuida, traças imagina;
Já tudo facilita, já recêa;
E em nada ſeu furor ſe determina.
Mas a furia infernal, que o ſenhorêa,
A que ſe ponha fogo á Armada o inclina;
E companheiros, para quanto intenta,
Nos Mouros de Cóchím lhe repreſenta.

LX.

LX.

Entre muitos lhe traz dous á lembrança,
Em riqueza, e familia poderozos,
Chirinos, e Mallalle, que a privança
Do Rei fez atrevidos, e orgulhoſos:
Buſca-os no eſcuro horror; que naõ deſcança,
Nem lhe daõ paz cuidados temeroſos,
E neſtes naõ achou menos cuidados,
Tambem já da infernal furia incitados.

LXI.

Tinhaõ trato em Malaca, e receavaõ
Sobre ella foſſe a Portugueza Armada;
Que já as linguas da fama exaggeravaõ
Em Cóchím a traiçaõ abominada:
E como immenſa a perda imaginavaõ
Por Albuquerque á graõ cidade entrada,
A's primeiras razoẽs ſe perſuadiraõ,
Uniformes contra elle ſe conſpiraõ.

LXII.

Tempo naõ perdem; porque avizaõ logo
Amigos, e parentes: e fizeraõ
Que huns por proprio intereſſe, outros por rogo,
Aos tranſes do perigo ſe atreveraõ.
Ordenáraõ ſubtîs modos de fogo,
Que aos auctores Germanos excederaõ;
Porque, imitando de Vulcano a fragua,
Começa brando, e ſe embravece na agua.

LXIII.

LXIII.

Eſte artificio hum morador do Averno
A Abrahem, grande magico, o mōſtrara,
Que com raiva mortal, com odio interno,
Em damno dos humanos inventara.
Audelá co furor, que incita o Inferno,
Para o caſo ſubtís lenhos prepara,
Que haō de ter do importante apercebidos
Os Mouros mais valentes, e atrevidos.

LXIV.

Em tanto o Rei confuſo, e deſvelado
Pela Aurora eſperava clara, e pura;
Mas já que novas deu do Sol dourado,
Mais ſe inquieta, menos ſe aſſegura:
Dos melhores do Reino acompanhado
O Capitaō ſublime ver procura,
Que alegre a bordo chega a recebello,
E ſobe a Portugueza gente a vello.

LXV.

Affonſo ao modo militar veſtido,
Que inda, a pezar da idade, o faz galante,
De fina grã com ouro guarnecido
O pellote de rocas roſagante:
Calças do meſmo a eſpaços com franzido,
Gorra negra, em que brilha alvo diamante;
Fora em Milaō por deſtra maō gravada
A rica guarniçaō da fina eſpada.

LXVI.

LXVI.

Nambeoderá moſtrava já na idade,
Em que a prudencia co valor ſe iguala,
No aduſto roſto branda mageſtade,
Que amor no peito do Vaſſallo exhala:
Cobria o que convém á honeſtidade
Rico panno, daquella naçaõ gala;
Trazia o mais por uſo, e gentileza
Do modo, que o formou a natureza.

LXVII.

Entra na Capitania, o penſamento
Encobrindo, que tanto o atormentava;
Daõ-lhe almofadas de brocado aſſento;
Cadeira o Capitaõ rica occupava:
Acabado o cortez recebimento,
O Rei, que cauteloſo praticava,
A que parte pergunta empregar hia
O grande apparato, e poder, que via.

LXVIII.

Da traiçaõ a fama em Malaca uſada
Corre, lhe diſſe Affonſo, em todo o Oriente:
Morreu muita da gente baptizada,
E muita da prizaõ o rigor ſente.
O ſer eſta maldade caſtigada
Carrega ſobre mim; e he bem que intente
A liberdade dos que eſtaõ cativos,
Se permittir o Ceo que os ache vivos.

LXIX.

LXIX.

E como por amigo verdadeiro
Nas partes Orientaes só a ti conheço,
Tratar contigo o modo quiz primeiro,
Que seguirei na empreza, que começo.
O Rei lhe respondeu: Forte guerreiro,
Bem tanta confiança te mereço;
O Ceo o sabe, e ao Ceo desenganar-te
Prometto, e como amigo aconselhar-te.

LXX.

Considera melhor primeiro quanto
Aventuras, e o fim desta jornada;
Na qual o conhecido risco he tanto,
E o que ganhar se póde he pouco, ou nada.
Como intentas deixar a India em tanto
De forças, e poder desamparada,
A' ventura de achar depois perdido
Quanto a preço de sangue se ha adquirido?

LXXI.

Tendo aqui vizinho o imigo armado,
Buscar intentas apertada guerra,
Por mar dos teus taõ pouco navegado,
E que tantos perigos em si encerra?
Naõ me parecerá nunca acertado
Pela alheia arriscar a propria terra:
Conservar o adquirido he taõ honroso,
Quanto he o conquistar difficultozo.

LXXII.

LXXII.

Muitos Imperios grandes ſe acabáraõ,
Porque os Principes varios, que os regêraõ,
Tanto á cega ambiçaõ ſe ſujeitáraõ,
Que ás remotas Naçoẽs guerra movêraõ.
Os Chins, que já eſtas partes conquiſtáraõ,
Depois de mil victorias, que tiveraõ,
As largáraõ; que unido prevalece
O poder, dividido ſe enfraquece.

LXXIII.

Bem tres luſtros Carthago a Roma enfrêa,
E depois foi por Roma deſtruida:
Roma, ſenhora do que o Sol rodêa,
Se vio do poder barbaro opprimida;
Conſomido o poder na terra alhêa,
Naõ teve por quem foſſe defendida.
Roda a fortuna com rigor terrivel;
E naõ concede o Ceo mais, que o poſſivel.

LXXIV.

Iſto com tal affeito o Rei dizia,
Que, o que na alma eſcondia, declarava;
E o Capitaõ, que o intento concebia,
Aſſi reſponde, aſſi diſſimulava:
Quando meu Rei de ſi me deſpedia,
E humanando-ſe os braços me deitava,
Diſſe: As emprezas devem começarſe,
E o bom ſucceſſo a Deos encommendarſe.

LXXV.

Razaõ me leva : e como he justo o intento,
De victoria me dá certa esperança.
Castigarei o iniquo Rei violento;
O sangue, que verteu, terá vingança:
Porque já no sublime eterno assento,
Lá, onde consiste a Bemaventurança,
Aquelles, a quem deraõ morte injusta,
A Deos lembrando estaõ causa taõ justa.

LXXVI.

Tambem da India a Deos toca a defensa,
Que tem sua santa Fé plantada nella:
Elle he quem dá valor, repara a offensa,
E sobre seus Fiéis continuo vella.
Assi disse. E o Rei, com pena immensa
De ver taõ mal lograda sua cautella,
Delle se despedio exaggerando
Males, que ver cuidava já ameaçando.

LXXVII.

No escuro horror os de Audalá assentáraõ
Em lenhos leves destros remadores,
E materias sulfureas embarcáraõ,
Os que haviaõ de ser do incendio auctores,
Alta noite secretos arrancáraõ,
Quasi imitando os mudos nadadores,
Quando mais o silencio senhorêa,
E o brando somno os animaes recrêa.

LXXVIII.

LXXVIII.

Era o rumor do mar, a noite eſcura
Em favor do Agareno infando engano;
E taõ quietos chegaõ, que a ventura
Miniſtrar parecia o Chriſtaõ danno.
Pozera-ſe em effeito a tençaõ dura;
Mas o cuidado ao grande Luſitano
De mandar levar áncora o acordara
Para dar véla em vindo a manhá clara.

LXXIX.

E, porque eſtejaõ todos prevenidos,
De leva diſparar a peça manda;
Atrôa horrendo eſtrepito os ouvidos,
E a gente brada de huma, e outra banda:
Os barbaros cuidando ſer ſentidos,
Qual ſoe do ardente eſtrondo a negra banda
De eſtorninhos, fogindo a volta deraõ,
O ſilencio guardando, que trouxeraõ.

LXXX.

Aſſi livra Albuquerque do perigo,
Que nunca delle fora imaginado;
E blasfemando brama o Inferno imigo,
De podêllo offender deſeſperado.
Favor pedindo o Herde ao Ceo amigo,
Dar manda véla ao vento deſejado,
Logo que enriqueceu á terra a Aurora
Co freſco aljofar, que por Memnon chora.

LXXXI.

Já neſte tempo com ſeus raios de ouro
Os dous filhos de Leda o Sol queimava;
E da formoſa Europa o branco touro
De flores coroado atrás deixava;
Flora ſolto o cabello creſpo, e louro,
A copia de Amalthéa derramava,
E Philomena triſte em doce accento
Queixumes dava docemente ao vento.

LXXXII.

O porto deixa o Capitaõ valente,
Proſeguindo a derróta começada,
A quem ſuberba ſegue, ſe obediente,
E bem compoſta eſquadra a mais Armada.
Occupa os baixéis groſſos forte gente,
No bellico trabalho exercitada,
Admittindo tambem neſta alta empreza
A' naçaõ Malavar a Portugueza.

LXXXIII.

Eraõ ſeis vezes cento os Malavares,
Feridores de eſpada, frecha, e lança,
Em commetter imigo ſingulares,
Por natureza amigos de vingança.
Já tinhaõ infeſtado aquelles mares,
Poſta na força, e roubos a eſperança:
Guiava-os Adary de côr aduſta,
Com gentileza, e proporçaõ robuſta.

LXXXIV.

Agora, ó tu fiel guarda do paſſado,
Contra o tempo immortal ſanta memoria,
Tu, que reduzes ao prezente eſtado
As couſas dignas de perpetua gloria,
Me enſina como em verſo levantado
Cante os Varoẽs mais dignos de alta hiſtoria,
Que vio jámais o Sol em quanto encerra
O glóbo univerſal de mar, e terra.

LXXXV.

A flor do mar diante o pégo undoſo
Ligeira, e mageſtoſa dividia,
Animada do peito generoſo
Do Capitaõ inſigne, que a regía:
Acompanhavaõ o Varaõ famoſo
Raios trezentos, com que bem podia,
Naõ ſó humilhar Naçoẽs, mas nos eſcuros
Reinos romper de Dite os férreos muros.

LXXXVI.

Dom Joaõ, reſplandor, coriſco vivo,
Que faz famoſa a patria Luſitana,
Ramo illuſtre daquelle tronco altivo
De Lima, eſtirpe antiga, e ſoberana,
Eſtimulado do valor nativo,
E da que a morte illuſtremente engana,
O mar rompeu com prôa vencedora,
Donde ſahe derramando luz a Aurora.

LXXXVII.

LXXXVII.

Mandava a galé Fenix, que deixara
Atrás Centauro, e a Priſtes na carreira;
E por entre as Eſtrellas navegara,
Se eſte lugar ſe dera á mais ligeira:
E cem Varoẽs regía, a quem avara
Se moſtra a fama, pois que verdadeira
Delles podera ſempre dizer tanto,
Que enchera o mundo de perpetuo eſpanto.

LXXXVIII.

Nuno Vaz, de quem Venus ſe enamora,
Quando o vê Marte nas batalhas fero,
Que apôs do imigo a eſpada cortadora
Vibrando, luz tonante conſidero:
Aquelle valor digno da ſonora
Tuba invejada; que tocava Homero,
Com cem valentes, prompto ao ſanto intento,
Da galé Garça as azas dava ao vento.

LXXXIX.

Apôs elles rompia o mar Caldeira,
Egregio Capitaõ, nauta excellente,
Na Serpente voadora, a mais ligeira
Proa, que abria o líquido tridente:
Eraõ os que ſeguiaõ ſua bandeira
Dez vezes dez, aſſombro do Oriente,
Criados ſempre no rigor da guerra,
Já no mar militando, já na terra.

XC.

XC.

Com naõ menos valor, e galhardia,
De cem Leoẽs de Luſo acompanhado,
Na galé Santa Barbara, fendia
O mar Duarte da Silva, moço ouzado:
Dos illuſtres Avós nelle ſe via
O defunto valor reſuſcitado,
Honrando aquella idade venturoſa,
Por heroicos Varoẽs ſempre famoſa.

XCI.

Mais ao mar das galés era o primeiro
Jaime Teixeira, a quem de amor os dannos
Tinhaõ levado á guerra aventureiro
Na primavera dos floridos annos:
Hum bem ſonhado amava o Cavaleiro!
A vida ſuſtentando com enganos:
O' de amor cego rigoroſo effeito,
Que até com ſombras vãs abraza o peito!

XCII.

No Mongibello o fero mar cortava
De cento e vinte Alcídes guarnecida,
Copia, que nas afrontas bem moſtrava
Quanto deve anteporſe a honra á vida:
E poſto que em prizaõ a alma levava,
E á lei de amor ingrato ſubmettida,
Tinhaõ valor, e amor taõ igual parte,
Que iguaes eſtavaõ ſempre Amor, e Marte.

XCIII.

XCIII.

Miranda no Unicornio o immenso pégo
Rasgava, de si dando heroico indicio:
As delicias da patria, e o socego
Deixara pelo bellico exercicio:
Entre as donzellas, qual o valor Grego
Da tenra mãi criado, ao duro officio
Correu, ouvindo a tuba do Oriente,
A ser caudilho de robusta gente.

XCIV.

Leaõ no aureo leaõ bravo rompendo
As ondas, de si illustres mostras dava
Jorge Nunes, que, imigos desfazendo,
Decimo companheiro aos nove dava:
A cuja náu rompente obedecendo
O mar, como medroso se apartava,
Murmurando co vento lizonjeiro
De arrogante ao valente Cavalleiro.

XCV.

De oitenta se acompanha, em cujos peitos
Entrada em nenhum tempo o temor teve,
A's ordens militares taõ sujeitos,
Que o duro obedecer tinhaõ por leve.
Com estes nos perigos mais estreitos
Entra animoso, e a sujeitar se atreve
Do mundo o mais difficil, e distante,
Romper montes, e muros de diamante.

XCVI.

XCVI.

Na Branca Roſa as ondas dividia
Pela poppa de Abreu Jorge Botelho;
Naõ deu a natureza á luz do dia
Varaõ de mais valor, de mais conſelho:
Nos já maduros annos valentia
Robuſta acompanhava o illuſtre velho;
Seis vezes vinte o ſeguem arriſcados,
Por elle na milicia doutrinados.

XCVII.

Da nau Saõ Pedro dava ao vento as vélas
O valente mancebo Ayres Pereira,
Do ſangue claro, como as luzes bellas,
Dos Condes illuſtriſſimos da Feira.
Benignas neſte influem as Eſtrellas
Com prudencia o valor; cuja bandeira
Noventa do tempo émulos ſeguiaõ,
Que atrás tornar hum paſſo naõ ſabiaõ.

XCVIII.

A poppa ſegue do inclyto guerreiro
No Minotauro Abreu forte, e prudente,
Do numero eſcolhido, que primeiro
Raſgou do ſacro Indo a graõ corrente:
Dez vezes doze leva o Cavalleiro,
Cuja memoria o mundo tem prezente;
Que a fama, que deixaraõ cá eſtendida,
Lhes dá a pezar do tempo eterna vida.

XCIX.

Aquelles dous irmãos, fortes Andrades,
Que tanto lá incanſaveis trabalharaõ,
Em duas grandes naus, navaes cidades,
Saõ Jorge, e S. Mattheus, o mar ſulcaraõ:
Bem nos peitos leaes, promptas vontades,
Com que a ſeu Rei ſerviraõ, imitaraõ
De Andrada os nobres Condes, que em Galiza
Reſpeita a idade, a fama ſolemniza.

C.

Os dous baxéis levavaõ bem providos
De apparatos a Marte neceſſarios,
Com duzentos guerreiros eſcolhidos,
Portentoſo terror de ſeus contrarios:
Eſtes a toda a ſorte offerecidos,
Executando a eſpada em tranſes varios,
Se moſtraraõ ſoffridos, vigilantes,
Nos maiores perigos mais conſtantes.

CI.

Alpoém, nas ribeiras do Mondego
Deſda primeira idade a Pallas dado,
Tambem nas armas fez illuſtre emprego,
Já de illuſtres Avós, valor herdado:
Segue Albuquerque pelo ſalſo pégo,
Hora juriſconſulto, hora ſoldado;
Que das armas prudente ſe adornava,
Como das juſtas leis forte ſe armava.

CII.

CII.

Suas ordens noventa obedeciaõ
Mortaes aſſombros de Agarenos peitos,
Que em toda a parte alegres o ſeguiaõ,
De ſeu prudente esforço ſatisfeitos:
Das cem linguas da fama mereciaõ
Ser decantados ſeus heroicos feitos,
Pois o tempo, que em nada permanece,
A memoria das couſas eſcurece.

CIII.

Paſſou Gaſpar de Paiva á heroica empreza
Com cento e dez guerreiros excellentes,
Que aquella eſtimaçaõ, que mais ſe preza,
Ganharaõ ſujeitando feras gentes:
A eſtes, que do trabalho, e da aſpereza
Da guerra já por uſo eraõ contentes,
Saõ Miguel, alta nau, deu apoſento,
Torre do mar, que excelſa move o vento.

CIV.

Diniz Fernandes, com quem doẽs reparte
Infinitos o Ceo, abre animozo,
Aſſombro de Neptuno, horror de Marte,
No galeaõ Saõ Paulo o eſtanho undoſo:
Cento de alto valor, militar arte,
Leva conſigo o Capitaõ famoſo;
E, quando ao duro aſſalto os animava,
Animozo o primeiro nelle entrava.

CV.

Serráõ forte, e prudente Cavalleiro
Occupava da nau Cisne o vazio
Com cento, que, seguindo o alto guerreiro,
Rompiaõ pelo fogo, e ferro frio:
Dava na alta Almiranta o derradeiro
Mostras illustres com galhardo brio,
O mar rompendo com possante prôa
O da Asia terror, forte pessoa.

CVI.

Eraõ tres vezes cento os que o seguiaõ
Costumados á nautica estreiteza,
Dos que ouzados com fogo, e ferro abriaõ
Caminho pela barbara fereza.
Mas onde meus sentidos se desviaõ
Tanto de vós, ó gloria desta empreza,
Garcia illustre, cujo braço forte,
Infinitas rendeu vidas á morte?

CVII.

Junto, donde a Nereu paga tributo
De seus crystaes o Douro caudaloso,
O deu a Illustre Joanna, Illustre fruto
De Sá, ao tronco em armas venturoso.
Este, cujo louvavel attributo
Foi procurar renome de famoso,
Nos seus mais doces annos corre á guerra,
Passa o mar, chega a ver da Aurora a terra.

CVIII.

CVIII.

Soube, em chegando a Goa, da alta empreza,
A que o forte Albuquerque ſe partira;
Culpa qualquer tardança, e com triſteza,
Pelo poder ſeguir, geme, e ſuſpira:
E qual o vao commette com braveza,
Por fartar no animal cerdozo a ira,
Que paſſar vio de fero dente armado,
Da trélla o alaõ caſtiço deſatado?

CIX.

Tal elle num parau ligeiro aos ventos
As vélas dando pelo mar ſe lança,
Levado dos illuſtres penſamentos,
Que promettem glorioſa ſegurança:
Tal já Ceſar, rompendo impedimentos,
Perigos deſprezou, e confiança
A Amyclas dando, a quem valor faltava,
Ao mar tempeſtuozo ſe lançava.

CX.

De ſeu heroico esforço eſtimulados
Lémos, e Villalobos o emularaõ,
Hum Coutinho, dous Mellos esforçados,
Irmaõs, que como a irmaõ vivendo o amaraõ:
Da coſta Malabar os arriſcados
E novos argonautas ſe affaſtaraõ;
O campo azul o lenho dividia,
Por ver os mares donde naſce o dia.

CXI.

CXI.

No Indico mar a Armada ſe engólfava,
E já ſómente Ceo, e mar ſe via,
O favoravel vento, que ſoprava,
Os grandes lenços brandamente abria.
O promontorio Camorí deixava
Atrás, e a graõ Ceilaõ ſe deſcobria,
Taprobana chamada antigamente,
Riquiſſima delicia do Oriente.

CXII.

De canella odorifera abundantes
Os altos montes ſaõ, boſques ſombrios,
Habitados de grandes elefantes,
Primeiros em prudencia, e fortes brios.
De rubís, e ſafiras rutilantes
Ricas ſaõ as arêas dos ſeus rios,
E tudo rico do metal, que cria
Com ſeus raios o Sol na terra fria.

CXIII.

De Ceilaõ no Oriente a prôa poſta,
O golfo de Bengala atraveſſaraõ,
E de Narſinga a rica, e fertil coſta
Para a Septemtrional parte deixaraõ.
Nella a graõ Meliapor eſtá compoſta
De illuſtres edificios, que lavraraõ
Modernos moradores, e ruinas,
Que inda ſe moſtraõ de memoria dinas.

CXIV.

CXIV.

Alli couſas obrou maravilhoſas,
Que a terra hoje celebra, Olympo canta,
Thomé, a cujas reliquias precioſas
Cuſtodia dá com reverencia ſanta.
O' ditoza Cidade tu, que gozas
Ha tantos luſtros, com ventura tanta,
Aquelle, que alcançou deſconfiado
O que foi á graõ Fé, e Amor negado.

CXV.

A frota a Bóreas dando alegre as vélas,
Do golfo a maior parte atrás deixava,
Quando, o que eſteve já ſobre as Eſtrellas,
Todo em furor horrivel ſe abrazava:
Atormentava-o ver que ſuas cautellas
Foraõ vãs, e que a Affonſo ſe moſtrava
Amigo o vento, humilde o bravo Oceâno;
E, blasſemando, ao Ceo chamou tyranno.

LIVRO II.

ARGUMENTO.

ASmodeu, convocando o Inferno, trata
De impedir de Albuquerque a heroica empreza;
Nuvens fórma, e trovoẽs, ventos desata:
Soccorre o Ceo á Armada Portugueza.
Rompe de Garcia o lenço a turba ingrata:
Hospeda-o do Catai a alta Princeza,
Do valoroso aspeito namorada:
Lança ferro em Pedir a Lusa Armada.

I.

ESTA na entrada da tartárea porta;
Precipicio de medo, e horror chêo,
Onde os fios vitaes Atropos corta,
Onde he confusaõ tudo, tudo enlêo:
Dalli, donde a esperança fica morta,
E habita o sobresalto co recêo,
Corre hum valle, por donde desce a gente
Perdida para o Reino descontente.

II.

Por aquelle vazio o Averno alento
Pestifero respira, misturado
Cos gemidos das almas, que em tormento
Blasfemaõ do rigor do Ceo irado:
Confunde grosso fumo o negro assento;
Que nunca raio vio do Sol dourado,
Donde se ouvem rugir féras impias,
E nos ares gritar torpes harpyas.

III.

Ouvem-ſe alli do Cérbero latrante
Os triplicados horridos latîdos,
Com os brados do velho navegante,
Que á barca chama as almas dos perdidos.
Fama he que por alli deſceu o amante,
A quem Pluto, e Proſérpina, vencidos
Do doce canto, a amada concedêraõ,
Que ſeus olhos ſegunda vez perdêraõ.

IV.

E o que ſuſteve os cercos cryſtallinos,
Quando Atlas fiou delle o pezo puro,
E aquelle, que á gentil filha de Minos
Ingratiſſimo foi ſobre perjuro:
E outros, que, vãos ſeguindo deſatinos,
Quizeraõ penetrar o centro eſcuro,
Tambem o infernal Rei com a doce amada,
Tantos tempos da mãi em vaõ chorada.

V.

Daquelle ſitio horrivel, e eſpantozo,
A quem teito he disforme immenſo monte,
Com brado horrendo o Anjo tenebroſo
Os Miniſtros chamou de Phlegetonte:
Naõ quiz paſſar o negro eſtreito undoſo,
Podendo-lhe ſervir azas de ponte;
Que aos protervos deſejos, em que ardia,
Hum ponto eternidades parecia.

VI.

VI.

Logo do abyſmo os negros moradores,
Que na ambiçaõ primeira conſpiraraõ,
Enchendo o ar de horroriſſimos clamores,
Ante o meſmo furor ſe appreſentaraõ:
Que monſtros de ira, e de diſcordia auctores
Que de medonhas fórmas ſe ajuntaraõ
De Quiméras, Pytoẽs, e Minotauros,
Hydras, Esfinges, Dragos, e Centauros!

VII.

Viaõ-ſe alli na multidaõ diffuſa
Briareus de cem braços deſcompoſtos:
Serpentinas cabeças de Meduſa
E de fêos Cyclópes feros roſtos.
Em fim via-ſe alli copia confuſa
De diverſos aſpeitos, e ſuppoſtos,
Cujos fêos extremos de bruteza
Deſconhecia a meſma natureza.

VIII.

A multidaõ ſuberba já eſperava
Que o Capitaõ do Erebo revelaſſe
O caſo, que dôr tanta lhe cauſava,
E em ſeu fatal ſerviço os occupaſſe:
Quando elle, que até entaõ calado eſtava,
Para que o caſo em mais ſe reputaſſe,
Bramou, gemeu o carcere fumante,
Tremeu a terra, deſcompoz-ſe Atlante.

IX.

Horrivel gravidade ao fero aſpeito
Gemendo triſte ajunta, e exhalando,
Infauſto fogo do abrazado peito,
A lingua aſſi vibrou vociferando:
Tartareos Anjos, dignos de reſpeito,
Que, depois do graõ caſo miſerando,
Soffreis injuſta pena, deſpenhados
Do Olympo, para quem foſtes creados.

X.

Em lugar noſſo aquelle que governa
Lá de ſima do claro Firmamento
Eſtrellas, Sol, e Lua, e cá na interna
Eſcuridaõ do Reino do tormento:
Formando o homem vil, já da ſuperna
Regiaõ lhe deu o cryſtallino aſſento,
Que num tempo occupou o Senhor voſſo,
Nunca taõ grande dôr eſquecer poſſo.

XI.

Prezente agora tenho na lembrança
Quando de nada o homem foi creado,
Que com ingrata, e douda confiança
Comeu do fruito, que lhe foi vedado.
Em lugar de querer delle vingança,
Ordenou como foſſe reſgatado,
Quando por juſta pena merecia
Naõ ver, nem gozar mais da côr do dia.

XII.

XII.

Em fim por elle o filho á morte entrega,
E o filho com morrer triunfou da morte,
E, deſcendo triunfante á regiaõ cega,
As portas quebrantou do muro forte:
Abrio noſſas prizoẽs; que a tanto chega
A graõ miſeria noſſa, ó triſte ſorte!
Levando as almas, que em poder tivemos,
A occupar as cadeiras, que perdemos.

XIII.

Os ſeus logo por elle tanto obráraõ,
Offerecendo a vida com fé tanta,
Que pelo mundo todo derramáraõ
Aquella lei, que noſſas leis quebranta:
Depois aquelles Reis, que os imitáraõ,
As armas tomaõ com piedade tanta,
E, perſeguindo os noſſos, vaõ fazendo
Que tudo fique a Chriſto obedecendo.

XIV.

Entre eſtes (que iſto ſó lembrar vos querõ)
Animoſo do Reino Luſitano
(Que já cobrar em nenhum tempo eſpero)
Deitou Affonſo o povo Mahometano:
Naõ contente com iſto o bando fero
De Luſo, aſſalta o Calpe Tingitano,
E, fazendo por vezes dura guerra,
Graõ parte occupa da Africana terra.

XV.

XV.

Correu ouſado inquietando a coſta,
Que intractavel faz quaſi o Sol ardente;
Que dos perigos, e trabalhos goſta
Eſta ſempre invencivel fera gente:
Traſpaſſou Gama a zona contrapoſta,
Dobrando o promontorio, em que o Tridente
Se rompe: e, minhas forças reſiſtindo,
Tomou porto entre a foz do Gange, e do Indo.

XVI.

Logo o invicto Cabral com nova Armada
Deſcobrio nova terra, e em noſſo aggravo
Lhe poz nome; e tornando á deſtinada
Viagem, fim lhe deu ſuberbo, e bravo:
Gente em Calecut deixa baptizada.
Ai de mim, de que ſerve dar-me gavo
De ordenar a Corrêa a dura morte,
Se elle, morrendo, melhorou de ſorte?

XVII.

Eſte famoſo foi o que primeiro
Por Chriſto derramou neſſa Indiana
Terra ſeu ſangue, ó forte Cavalleiro!
A meu pezar te louva a lingua inſana:
Vingárað em Cóchím o alto guerreiro,
Alcançando victoria ſoberana
Os fortes Albuquertes, fortaleza
Fabricando por fim da illuſtre empreza.

XVIII.

XVIII.

Alli o forte Pacheco ſe eterniza,
Suſtentando incanſavel o adquirido;
Depois Almeida, que as Eſtrellas piza,
Se fez do Rume, e Malavar temido,
Morto o filho, que fama ſolemniza
De ſabio, de invencivel, de atrevido,
Já viſteș que a vingança, involta em pranto,
Foi de Aſia, e Europa horrendo eſpanto.

XIX.

No bravo Cunha hum raio ardente viſtes,
Que deixou as Cidades abrazadas,
Que a voſſas leis ſujeitas poſſuiſtes,
De que apenas há cinzas derramadas:
De Ormuz, e Goa já os ſucceſſos triſtes
Se contaõ nas Regioẽs mais apartadas;
E tanto de Albuquerque o nome crece,
Que por grande no mundo ſe conhece.

XX.

Eſte, que o livre mar vêo infeſtando
De lá, onde morre o Sol, até onde naſce,
Os noſſos ſimulacros derrubando,
Com affronta fatal da infernal face:
Agora outro naõ viſto mar cortando,
Para que novo mal nos ameace,
Vai, ſem haver quem tanto orgulho dome,
Em Malaca prantar de Chriſto o nome.

XXI.

Quem duvída, paſſando lá eſta gente,
Ver acabado o noſſo antigo Imperio,
Que há tantos annos dura em todo o Oriente,
E rico de almas faz noſſo hemisferio?
E que o povo Malaio oppréſſo intente
Seguir com pezar noſſo, e vituperio
A Romana piedade, e Lei de Chriſto;
Já tudo ſoffrereis, ſe ſoffreis iſto.

XXII.

Que, ſe a diante paſſa, ſingulares
Victorias temo, do infernal reſpeito
Eterna affronta; e já temo que Altares
Levantem a ſeu Deos a meu deſpeito,
Domadores das terras, e dos mares,
Naõ ſó em Malaca, Indo, e Perſeu eſtreito,
Mas na China, Catai, Japaõ eſtranho,
Lei nova introduzindo em ſacro banho.

XXIII.

Mas, pois naõ póde ſer nunca acabado
Nos peitos voſſos o valor antigo,
Que já moſtraſtes quando, acompanhado
De vós, cobrei o Ceo por inimigo;
Seja eſte atrevimento caſtigado.
Sahi furias fataes, vinde comigo;
Contra elles mar, e ventos ſe embraveçaõ,
E, desfeitas ſuas naus, todos pereçaõ.

XXIV.

XXIV.

Tu Belzebub, que os ventos com tremenda
Violencia moves contra mar, e terra,
E Leviathaõ no mar ſerpente horrenda,
Em quem tanto horror o abyſmo encerra,
Voſſo valor no mundo hoje ſe eſtenda;
As ondas ás Eſtrellas movaõ guerra,
Tudo ſua natureza mude, e logo
Chovaõ mares os Ceos, e as nuvens fogo.

XXV.

Vinguemos neſtes parte dos primeiros
Aggravos, que ſentís há tantos annos,
Neſtes, que hoje orgulhoſos, e guerreiros
Fazer-ſe intentaõ quaſi ſoberanos.
Diſſe Aſmodeu; e nunca taõ ligeiros,
Cauſando em terra, e mar mortes, e danos,
Romperaõ feros ventos deſatados,
Como entaõ os eſpiritos danados.

XXVI.

Naõ aguardaõ ſuberbos impacientes
As ultimas palavras; mas, rompendo
Os ares, as moradas deſcontentes
Deixaraõ, mar, e terra revolvendo:
Por donde quer que paſſaõ inſolentes,
Tudo vaõ arruinando, e desfazendo;
Condenſaõ nuvens, e deſataõ ventos,
Abalando da terra os fundamentos.

XXVII.

Com mar bonança Affonſo navegando,
Eis que o Ceo de improviſo ſe eſcurece,
A luz do Sol ſe turba; e, retumbando
Horríſono rumor, o vento crece.
Logo o mar montes de agua levantando
Dos ventos combatido ſe embravece;
E tanto, que as mais altas excediaõ
As maritimas ſerras, que ſe erguiaõ.

XXVIII.

Os trovoẽs quaſi os pólos abalavaõ,
Ameaçando ruina ao Firmamento;
Os raios huns aos outros ſe alcançavaõ,
Incendiarios do flúido elemento.
Os mares com as nuvens ſe ajuntaraõ
Impellidos de hum impeto violento;
E entre coriſcos tréva, eſtrondo os gritos
Dos triſtes nautas eraõ infinitos.

XXIX.

Via-ſe lá a regiaõ Celeſte chêa
Das ondas, que as Eſtrellas borrifavaõ,
E apparecer no fundo a loura arêa
Nos valles, que entre as ondas ſe formavaõ;
Da morte qualquer peixe ſe recêa
Por donde pouca havia aves voavaõ,
Sobia a nau ás vezes ao Ceo puro,
Outras tantas deſcendo ao centro eſcuro.

XXX.

Turbados de taõ ſubita tormenta
Os pilotos, amaina, amaina gritaõ.
Dar a effeito a turbada chuſma intenta
O que os meſtres gritando ſolicitaõ:
Mas dos ventos a furia turbulenta
Faz com que em vaõ as forças ſe exercitaõ
Dos ſoldados, e déſtros marinheiros,
E dos grumétes em ſobir ligeiros.

XXXI.

Vio-ſe a flor de la mar em grande aperto,
Porque todas levava as vélas dadas,
E a todos (taõ grande era o deſconcerto)
Tinha o temor, e medo as maõs atadas.
Mas com trabalho (em fim) no caſo incerto
Foraõ logo as de gavia derribadas;
A grande depois deſtas amainaraõ,
As outras á fortuna encommendaraõ.

XXXII.

Ficou a galé Fenix ſem baſtardo,
E perto eſteve de ſer mór o dano,
Que em dar ao apíto o Cómitre andou tardo;
E deu a ſalvaçaõ abrir-ſe o panno.
Lima, entre os nautas tímidos galhardo
Seu valor moſtra, e brio ſoberano;
E já ameaçando, já com brando rogo
Fez dar de correr véla á antena logo.

XXXIII.

Foi a véla de gavia da Almiranta
Ao mar, o maſtaréo roto, abrazado
Do fogo horrendo, que aos mortaes eſpanta,
Das nuvens por violencia diſparado:
Jaime a eſte tempo, que ſó em pena tanta
A de amor ſente, o goroupés quebrado,
Aberta a nau, que enveſtem montes de agua,
Braza era o coraçaõ, o peito fragua.

XXXIV.

E acodindo o primeiro ao mór perigo,
Dizia enternecido o varaõ forte:
Que promeſſas, amor, ſaõ as que ſigo,
Se, donde buſco a vida, encontro a morte?
Eu de mim meſmo ſou o mor imigo,
Que aos males corro, que dar póde a ſorte;
E qual o cego, guiado de outro cego,
Enviſto o precipicio, á morte chego.

XXXV.

A Serpente voadora, arrebatada
De hum monte de agua, ás nuvens foi ſobida;
E cahindo de lá precipitada
No profundo ficou quaſi eſcondida.
Logo outra vez ás nuvens levantada
Torna a deſcer com miſera cahida,
E dando entre duas ondas impetuoſas,
Taboas rendeu, e as curvas mais forçoſas.

XXXVI.

Começa logo a entrar pelas junturas
Abertas da galé impetuoſo rio,
Infinitos deſcendo das eſcuras
Nuvens, que vaõ chegando ao extremo fio.
Os laſſos nautas vendo as aberturas,
Os peitos lhes traſpaſſa o medo frio,
Brada o Cómitre, vendo a morte perto,
Que acudaõ ao perigo deſcoberto.

XXXVII.

A dar á bomba alguns logo correraõ,
Tornando o mar ao mar, que livre entrava:
Outros com chumbo em pranchas pertenderaõ
Tapar o que do lenho aberto eſtava.
Os mais, que eſtes officios naõ fizeraõ,
Alijaraõ ao mar quanto ſe achava
Na affligida galé, ſem reſervar-ſe
Riquezas, nem ás armas reſpeitarſe.

XXXVIII.

Porém quanto o Piloto a gritos manda,
E quanto ſe trabalha, nada baſta;
Que o temporal cruel tudo deſmanda,
E ſem proveito o tempo já ſe gaſta.
Eis de horrendo naufragio a hora infanda,
Horrida a morte já a eſperança affaſta;
Ao mar rendida, e vento furibundo
A aberta galé vai a pique, ao fundo.

XXXIX.

XXXIX.

Pedindo auxilio a miseravel gente
Apparece no irado mar nadando,
Com desesperaçaõ no mal prezente,
A morte já esperada dilatando.
Eis logo Fernaõ Peres diligente
A'quella parte acode, ao mar deitando
Lenhos, taboas, barrîs, provando modos,
Com que possa livrar da morte a todos.

XL.

No mesmo tempo igual era o perigo
Em toda a Armada, e todos trabalhados
Davaõ gritos, e vozes, que o inimigo
Vento levava em eccos mal formados:
Qual, vendo a morte, abraça o caro amigo,
Qual procura o pezar de erros passados,
Porque, quando esta vida alli perdesse,
Ir gozar da duravel merecesse.

XLI.

Nesta ancia, neste horror ao dia horrendo
Succedeu noite horrenda, e temeroza,
As nuvens de contino em fogo ardendo,
Cegando a vista a claridade odiosa:
Sahir de seus limites pertendendo
O mar bramindo irado, a luminosa
Regiaõ subir queria das Estrellas,
Como por apagar o lume dellas.

XLII.

XLII.

Iſto vendo Albuquerque, e vendo os ventos
Recrecer da infernal furia incitados,
E os trovoẽs eſpantoſos com violentos
Raios das negras nuvens diſparados,
Tudo ameaçando morte, ouve os lamentos
Triſtes dos companheiros trabalhados,
Humilde aſſi a Deos falla, e pede ajuda,
Que os caſtigos revoga, e os caſos muda.

XLIII.

Immenſo Creador, Pai ſoberano,
Reſtaurador do noſſo bem perdido,
Lá no Ceo do angelico, e do humano
Com ſujeiçaõ eterna obedecido:
Verdadeiro Neptuno, que do Oceáno
Enfrêas a ſuberba, e ſobmettido
A' lei inviolavel, que lhe déſte,
Dos limites naõ paſſa, que puzeſte.

XLIV.

Tu, que da injuria de Faraó livraſte
O povo teu, abrindo o mar profundo,
E do commum caſtigo a Noé guardaſte,
Quando a ruina univerſal do mundo:
Como nos deſamparas? Naõ ſe affaſte
De nós tanta piedade, em que me fundo;
Livraſte o povo teu do mar inſano,
Teu he tambem o povo Luſitano.

XLV.

E ſe he vontade tua que morramos,
Seja aſſi; mas, Senhor, naõ deſta ſorte;
O lugar muda, ſeja onde poſſamos
Exaltar a tua Fé, ſoffrendo a morte:
Na apartada Malaca, aonde vamos,
Por te ſervir, buſcar a gente forte,
Alegre cada qual perderá a vida
Pela ver venturoſa a ti rendida.

XLVI.

O' tres, e quatro vezes venturozos
Os que tanto favor do Ceo tiveſtes,
Que entre as barbaras lanças animoſos,
Perdendo a vida, eternos vos fizeſtes:
Vivem na fama os feitos valorozos,
Com que a patria ditoza engrandeceſtes,
Nós ficamos aqui della apartados,
No mar do eſquecimento ſepultados.

XLVII.

Aſſi gemendo diſſe; e entre tanto
O procelloſo mar mais ſe embravece,
Creſcendo a confuſaõ, creſcendo o pranto
Da miſeravel gente, que perece:
Era tanto o rumor, o eſtrondo tanto
Da fera tempeſtade, que parece
Segunda vez o mundo deſtruirſe,
O Ceo deſencaixarſe, o Inferno abrirſe.

XLVIII.

XLVIII.

Rafael, protector da Lusa Armada,
Mais ligeiro que o leve pensamento,
Co a rogativa, de alta fé animada,
O crystal penetrou do Firmamento:
Lá a Divina Siaõ está fundada,
Obra eterna do eterno Entendimento;
Quadra he a fórma do edificio puro,
E de ouro, e jaspe o torreado muro.

XLIX.

Tem doze portas; em cada huma assiste
Guarda immortal armado de diamante;
Abertas sempre, ou caia a noite triste,
Ou rindo a bella Aurora se levante:
Lá nem se teme imigo, nem resiste;
Tudo he quietaçaõ, e paz triunfante,
Tudo chêo de gloria, e de alegria,
Derivada do Auctor do eterno dia.

L.

Chegou diante da immensa Magestade,
Que he nas pessoas Trina, Huma na essencia,
Onde unidos estaõ numa vontade
Iguaes em tudo Amor, Poder, Sciencia:
Throno occupa de rica variedade,
Donde estaõ em gloriosa competencia
A obra com a materia, sem victoria;
Que iguaes saõ no valor, iguaes na gloria.

LI.

Arco de precioſiſſima eſmeralda
He condigno ornamento ao Throno Auguſto,
E ſerve na Eternidade de grinalda
Ao que dá leis a tudo, Immenſo, e Juſto:
Quatro animaes na ſempre verde fralda
Lhe aſſiſtem, que ſaõ contra o odio injuſto
Do ingrato povo a tantas mercês viſtas,
Do que he leáõ cordeiro Choroniſtas.

LII.

Doze, e doze anciaõs com níveos mantos
Em roda o cercaõ de ouro coroados,
Os quaes, aos pés do Santo alli dos Santos,
Veneraçaõ lhe rendem ajoelhados:
Na ſanta humiliaçaõ, em lédos cantos
Com modo, e tom ſuaviſſimo alternados,
Lhe chamaõ Deos da guerra, Rei benigno
Digno de adoraçaõ, de gloria digno.

LIII.

Proſtrado humilde entre elles o glorioſo
Cuſtodio, a rogativa repreſenta,
Com tacito fallar, conceituoſo,
Com que ao Altiſſimo tudo ſe appreſenta.
A Armada amiga, diſſe, Pai piedozo,
E o Varaõ pio, que eſtender intenta
Voſſa Lei ſanta deſde o Occaſo ao Oriente,
Todo o rigor do mar, e ventos ſente.

LIV.

Convocou Aſmodeu do eſcuro Averno
As catervas ao fogo condenadas,
E com todo o furor, que encerra o Inferno,
O ar moverão, e as aguas ſocegadas.
Tudo, alterado pelo odio eterno,
Saõ móveis ſerras as regioẽs ſalgadas;
Vélas, xarcias, e maſtros rompe o vento,
E tudo he confuſaõ, temor, lamento.

LV.

Teme, e lamenta a gente valoroza;
Que naõ he de temor o esforço izento:
Mas ſente mais, que a morte rigoroſa,
Que tenha eſcuro fim o ſanto intento:
Cada qual deſtes com acçaõ glorioſa
O peito poz por vós já a riſcos cento,
Que, por ver voſſa Fé ſanta eſtendida,
Seu amor offerece á morte a vida.

LVI.

Voſſo ſervo Albuquerque, reprimindo
No peito a dôr intenſa, em vós fiado,
Ao que hum bom Capitaõ deve acodindo,
Ao nauta esforço dá, brio ao ſoldado.
Contritos todos vos eſtaõ pedindo
Remedio, e do furor do Inferno irado
Appellaõ para as Chagas do Cordeiro,
Donde o remedio ſeu manou primeiro.

LVII.

E esse arco de esmeralda, que brilhante
He rico adôrno do sagrado Throno,
Penhor he da clemencia, que triunfante
He daquelle arco do concerto abono.
Do homem sois desdo principio amante:
Estes vos amaõ amorozo dono:
E, porque vossos saõ, saõ perseguidos,
Sejaõ tambem por vossos defendidos.

LVIII.

Sinta hoje esse dragaõ do reino escuro
Sobre o commum castigo outro castigo;
Deixe a tranquillidade, deixe o ar puro,
E a paz aos homens, que naõ tem comsigo:
A masmorra, que fecha ardente muro,
Habite ingrato, de si mesmo imigo;
E, em pena de seu erro, tanta furia
Converta contra si com sua injuria.

LIX.

Assi disse ao Senhor, que o mar enfrêa,
E tudo rege com eterno mando:
E em tanto calaõ os que á Immensa Idéa
Louvores sem cessar estaõ cantando:
Logo as almas ditozas, que recrêa
A visaõ beatifica, rogando
Por Albuquerque cantaõ santos hymnos,
Que alternaõ pelos thronos crystallinos.

LX.

LX.

O ſempiterno amante, que eſperava
Do afflicto Capitaõ ſer invocado,
E na Divina Mente preparava
O ſoccorro ao Varaõ aſſignalado,
Fez ſignal a Miguel (que vendo eſtava
Na amoroza piedade o decretado
Favor) e diſſe, hum glorioſo alento
Derramando por todo o Firmamento:

LXI.

Eu tenho ao forte povo Luſitano
Por decreto ab eterno concedido
O vencimento, em tudo ſoberano,
Do Reino, a meu favor deſconhecido:
O inimigo mortal do tracto humano,
Que ſente ſer-lhe o homem preferido,
A eſtes, que amo tanto, dar procura
No mar agora morte, e ſepultura.

LXII.

Empunha a vencedora eſpada ardente,
Com que o primeiro inſulto caſtigaſte,
Quando a ſuberba da infernal ſerpente,
Perdida a luz, e graça, arruinaſte:
E em favor deſta minha amada gente,
Que ja em paſſados tranſes ajudaſte,
Dos teus acompanhado, deſce logo;
Torne a rebelde eſquadra ao eterno fogo.

LXIII.

LXIII.

Ao porto de Pedir a fróta guia,
Aonde ſerá de todo reparada;
E do medo, e trabalho deſte dia
Terá deſcanço a Eſquadra aſſignalada.
Parte do Empíreo a pura companhia,
Miguel vibrando a fulminante eſpada,
Firme eſcudo embraçado rutilante
De materia mais dura, que diamante.

LXIV.

E penetrando o áſtreo Firmamento
Vio do vorás Saturno a tarda esféra
A do maior fortuna, e a do cruento
Marte, que nos humanos ira géra:
Vê do radiante Sol o claro aſſento,
Que, como o coraçaõ, no meio impéra;
E os dous aſtros, de quem acompanhado
Vai, e o motòr á terra mais chegado.

LXV.

Chega o Celeſte exercito voando;
A quem os inimigos do Ceo vendo
Fogem da luz, que os turba; blasfemando,
O Divino ſoccorro mal dizendo:
Os Celeſtes guerreiros caſtigando
A paſſada inſolencia, os vaõ correndo
Até as triſtes moradas de dôr chêas,
Aonde as almas eſtaõ de gloria alhêas.

LXVI.

Reſplandecente Rafael ſeguia
O ferós Aſmodeu, que acobardado
Daquelle açoute vingador fogia,
Que em caſa de Raquel tinha provado:
Qual ſoe ave nocturna em claro dia
Do paſſaro fogir, que eſtimulado
De hum odio natural a ira executa,
Ferindo-a até a encerrar na eſcura gruta.

LXVII.

Por outra parte os ventos vaõ fogindo,
Temerozos deixando a infauſta guerra,
A natural braveza reprimindo,
Que altéra o mar, aballa, e rompe a terra.
Aſſi humilde as azas ſacodindo
Por debaixo daquella firme ſerra,
Que opprime ſua fereza, ſe tornaraõ
A's Eólias prizoẽs, que quebrantaraõ.

LXVIII.

Logo a negra cortina os raios correm
Do Sol claro, alegrando os mareantes,
Os Paraninfos a humilhar concorrem
Os mares, contra os Ceos noves gigantes:
Com fervente piedade outros ſoccorrem
Os triſtes, e affligidos naufragantes
Da perdida galé, que inda luctavaõ
Co as ondas, e o favor do Ceo clamavaõ.

LXIX.

LXIX.

Livre da morte, e horrivel tempeſtade
A gente, deſtillando agua apparece
Por ſima do convés da nau de Andrade,
Que graças dando ao Ceo, votos offrece:
E bem notando o modo, e brevidade,
Com que a tantos livrára, já conhece
Naõ ſer baſtante a diligencia humana,
Se naõ tivera ajuda ſoberana.

LXX.

Mas os ſeis valorozos companheiros,
Que levados da intrepida braveza,
Deſeſtimando o mar, aventureiros
Partiraõ, por ſe achar na heroica empreza;
No tempo, quando os infernaes guerreiros
Os ventos movem á maior fereza,
A coſta de Bengala atrás deixavaõ,
Bóreas em poppa, e pelo golfo entravaõ.

LXXI.

Deu nelles a diabolica procella,
Sem conceder lugar a que amainaſſem,
Quebrando os remos, e rompendo a véla,
Para que á ſalvaçaõ mêos faltaſſem:
Que do tartáreo bando foi cautella,
Como por conjecturas alcançaſſem
Que o Ceo o vencimento glorioſo
Promettia ao valor do Sá famoſo.

LXXII.

LXXII.

Dar-lhe miſero fim allí ordenaraõ:
Para o que Phlegeton co mar reparte
O ſeu furor, e aos ventos ajuntaraõ
Da interior violencia grande parte:
Os marinheiros tímidos ficaraõ
Cortados de temor, e faltos de arte;
O piloto tambem no tranſe forte,
Já poſto ſe julgou nas maõs da morte.

LXXIII.

Sem governo á través poſto o navio,
Quaſi no ponto extremo de perder-ſe,
Pelo bordo lhe entrou hum groſſo rio
De hum mar, que nelle vêo a desfazer-ſe;
Mas os fortes guerreiros, cujo brio
Naõ póde á força, nem temor renderſe,
Com tal preſſa, e valor logo acodiraõ,
Que á morte, e a todo o Inferno reſiſtiraõ.

LXXIV.

Garcia pegou logo do governo;
Daõ á bomba os dous Mellos, e Coutinho;
E, o mar tornando ao mar, do mais interno
Deſalagaõ o já alagado pinho:
Com Lémos, a pezar do meſmo Inferno,
Villalobos amaina o roto linho;
E, dando parte á antena conveniente,
Navega o lenho ao léme já obediente.

LXXV.

Já que em poppa navega, os marinheiros,
A quem hum frio medo congelado
Tinha o ſangue nas vêas, os primeiros
Correm logo ao trabalho coſtumados:
Porque o exemplo dos fortes Cavalleiros
Os tinha grandemente envergonhado;
E lhes dá ſeu valor tal ſegurança,
Que reſuſcita nelles a eſperança.

LXXVI.

Como ao tartáreo bando vaõ ſahiſſe
Eſte primeiro aſſalto, muda intento,
Traçando com que ao menos nunca viſſe
De Malaca Garcia o aureo aſſento:
E, porque o atrós deſenho ſe cumpriſſe,
Arrebataõ do lenho; e do violento
Furor levado aſſi rompia os mares,
Qual de arco Perſa a frecha rompe os ares.

LXXVII.

Ignorando o fatal curſo paſſaraõ
Por entre a graõ Samatra, e o Cherſoneſſo;
E, coſteando a China, navegaraõ,
Sem do caminho conhecer o exceſſo:
Que, como tanto em pouco tempo andaraõ,
A Palinuro o deſigual progreſſo
Enganara; de modo, que julgavaõ
Que de Bengala o golfo atraveſſavaõ.

LXXVIII.

LXXVIII.

Veſtia lucto o ar já pelo dia
Na maritima tumba ſepultado:
Ex nuvem, que parece em fogo ardia,
Novo horror cauſa ao peito mais ouſado.
Fero Abrego mór guerra ao mar movia
Furibundo, medonho, deſgrenhado;
E do violento impulſo o mar ferido
Fórma gigantes mares offendido.

LXXIX.

As nuvens, que por mil partes ſe abriaõ,
Mil offenſivos raios diſparavaõ,
Que com violento curſo o ar fendiaõ;
Os trovoẽs da terra o ambito abalavaõ.
Os Ceos (ſe crer ſe póde) temeriaõ,
Quando as gigantes ondas lá chegavaõ,
Que intentaſſem, quaes já filhos da terra,
Tambem filhos do mar fazer-lhe guerra.

LXXX.

Aſſi furioſo o vento, o mar furioſo,
Por muitas partes o navio aberto,
Do ſoffrido trabalho tempeſtuoſo
Se acharaõ de outro mór perigo perto:
Que num grande penedo, em que impetuoſo
Quebrava o mar, entaõ de ondas coberto,
Rompeu o fragil lenho perſeguido
Do Inferno, mar, e ventos combatido.

LXXXI.

Despedaçado o misero navio,
Qual colhe hum remo, qual hum banco abraça,
E a Deos pedem favor com peito pio
No transe, que fim misero ameaça.
Estando assi no derradeiro fio,
Em noite horrenda de esperança escaça,
Cada momento o medo mais se augmenta,
E mais da morte o rostro representa.

LXXXII.

Todos da vida já desesperados
Nadavaõ tristes, dilatando a morte;
Mas vezes mil das ondas sepultados,
Já quasi sentem della o transe forte.
Outras vezes ás nuvens levantados
Jogar com elles parecia a sorte,
E para lhes causar maior tormento,
Alargar-lhes da morte o sentimento.

LXXXIII.

Nesta falta de humana confiança
Chegaraõ de Miguel os companheiros,
E do crime tomando alta vingança,
Ferindo vaõ nos infernaes guerreiros:
Humilhaõ logo o mar, nova esperança
Tornando aos naufragantes Cavalleiros;
Que, o Celeste favor sempre invocando,
Com novo alento as ondas vaõ cortando.

LXXXIV.

LXXXIV.

Paſſada a triſte noite em pena tanta,
De roſas coroada a bella Aurora,
Deixando o frio amante, ſe adianta,
Dando luz a Anfitrite, e á bella Flóra.
O Sol logo atrás ella ſe alevanta,
E alegre ſahe do claro alvergue fóra:
Desligadas as nuvens ſe eſconderaõ,
E aos raios matutinos lugar deraõ.

LXXXV.

A luz do novo dia aos naufragantes
Moſtrou a terra, deſejada tanto,
Em tranſes, e fortunas ſemelhantes,
Dando-lhes forças no mortal quebranto.
Cortaõ de novo as ondas eſpumantes,
Com tanto alento, e alvoroço, quanto
Coſtuma ter quem, quando a vê perdida,
Nas maõs da morte torna a achar a vida.

LXXXVI.

Perto da terra, que podiaõ ver-ſe
Quebrar na praia as ondas com braveza,
Depois em branca eſpuma reſolver-ſe
Rebatidas da ſólida firmeza,
Deſcobriraõ hum rio, que a metter-ſe
Vinha no mar com rapida preſteza,
Coroado de verdes arvoredos,
E na barra de aſperrimos rochedos.

LXXXVII.

LXXXVII.

Impedia-lhe a força da corrente
Poder chegar á deſejada arêa :
O que vendo Garcia, com fé ardente
Aſſi fallou com a ſuprema Idéa :
Piedozo Pai, Senhor Omnipotente,
Cujo poder do mar a furia enfrêa,
E tremer faz no centro o duro Inferno,
Das cauſas Cauſa, e Movedor eterno :

LXXXVIII.

De quem por vós trabalha, e vos adora,
Eſquecei culpas como Pai piedozo,
E o furor reprimi undoſo, agora
Das vidas, que ſaõ voſſas, cuidadozo.
E vós, do Sol divino digna Aurora,
Do mar Eſtrella, e porto venturozo,
Dos affligidos nunca em vaõ chamada,
Valei-nos, Mãi do Eſpoſo, e Filha amada.

LXXXIX.

Aſſi diſſe. E foi lá no Olympo ouvido.
Tornou-ſe o mar tranquillo, o vento brando,
Suſpenſo eſteve o rio, e reprimido,
As aguas, que deſciaõ, reprezando.
Coutinho em tanto náufrago affligido,
Mal já o furor das ondas contraſtando,
Chega á praia deſerta, onde ſó havia
Tudo oppoſto aos effeitos de alegria.

XC.

Lémos, e Villalobos, que pegados
Vinhaõ no roto maſtro, á ſecca arêa
Chegaraõ, porém fracos, e canſados,
E quaſi ainda nas maõs da morte fêa:
Os ventres do bebido mar inchados,
A falta do ſentido a viſta enlêa,
E o liquor ſalſo, tornaõ com penoſas
Ancias brotando fontes amargoſas.

XCI.

Chegou o menor Mello a tomar terra,
De quem rios caudaes ſe deſpenhavaõ
Das ondas, que lhe tinhaõ feito guerra,
Que a ſeu pezar bebeu, e ao mar tornavaõ.
Sobre huns juncos deitado os olhos cerra;
Que mal ao ſomno, e apenas ſe entregavaõ;
Quando penas a penas accreſcenta
Sonho, ou viſaõ, que horrivel o atormenta.

XCII.

Pallido, e ſuſpirando lagrimoſo
O caro, e amado irmaõ ſe lhe offerece;
E todo inchado, horrido, e eſpantoſo
Delle manar por tudo agua parece:
Com triſte voz em acto laſtimoſo
Lhe diz: Se o fraternal amor merece,
E como em vida, aſſi liga na morte,
A laſtima te mova minha ſorte.

XCIII.

Acompanhar-te mais neſta jornada
Me nega o Ceo : cortou a Parca dura
A vida a mil trabalhos condemnada,
Que ſem deſcanſo momentanea dura :
Neſta regiaõ da noſſa naõ tratada
Naõ me queiras deixar ſem ſepultura ;
E que terá por ti, minha alma fia,
Os divinos favores algum dia.

XCIV.

Inda o vital alento hoje gozara
Pizando, como os mais, a ſecca arêa,
Se, ao romper do navio, naõ quebrara
Eſta perna, que vês inchada, e fêa :
Vali-me entaõ daquella Eſtrella clara,
Que ao porto guia, aonde a alma ſe recrêa ;
E com fé, e eſperança o tranſe forte,
E tremendo, paſſei da vida á morte.

XCV.

Por abraçar a ſombra o Cavalleiro
Tres vezes magoado eſtende os braços,
E tres vezes em vaõ o ar ligeiro
Divide ao apertar dos vaõs abraços.
Entre tanto o defunto aventureiro
Deixou daquella fórma aérea os laços,
E ao irmaõ deixa na alma laſtimado,
Suſpiros dando, em lagrimas banhado.

XCVI.

XCVI.

Levanta-ſe bradando, e diz: Eſpera,
Toma de mim o braço derradeiro:
Mas ai que já mo nega a Parca féra,
E es dos que o Ceo habitaõ companheiro.
Fez termo a dôr primeira; e conſidera
Ser tudo, o que ſonhara, verdadeiro;
E com pena, e triſteza ſuſpirando,
Pela praia o cadaver vai buſcando.

XCVII.

Garcia em tanto de ſeus braços tenta
A força extrema por chegar á terra
A tempo, que com grita turbulenta
Copia de gente deſce da alta ſerra:
A Diana entre a turba reprezenta,
Quando vai a fazer aos montes guerra,
Huma grande, e formoſa caçadora,
Daquellas ſerras natural ſenhora.

XCVIII.

Veloz com arco, e frecha outra Atalanta
Os montes ſegue, e perſegue fera
As féras, a que em vaõ ligeira planta
(Que ao vento iguala) a natureza dera:
O javalî cerdozo a naõ eſpanta,
O tigre, a onça, o leáõ bravo eſpera
Feroz com todos, animoſa, e forte,
E ſempre vencedora os rende á morte.

XCIX.

Cercavaõ-a bellissimas donzellas,
Que tambem arco, e frecha exercitavaõ;
Porém, posto que todas eraõ bellas,
Em belleza inferiores lhe ficavaõ.
Qual matutina Venus, que ás Estrellas
Abate a clara luz, de que se ornavaõ,
Tal de Titonia as vence a gentileza,
Que (ao parecer) do Sol a luz despreza.

C.

Em aurea rede prezo o aureo cabello,
De tabí azul a roupa recamada,
Com rico fio de ouro em modo bello
De argenteas borboletas semeada:
Qual pintaõ ninfa caçadora em Delo,
Ou na Arcadia de féras povoada,
Pelo monte mover o pé de neve,
Que o vento calça no cothurno breve.

CI.

Nunca Argos, Delo, ou Chipre em si gozaraõ
Fórma de formosura mais perfeita:
As Graças todas nella epitomaraõ
Tudo, o que á humana vista mais deleita:
Descem do monte á praia, onde chegaraõ
Ao tempo, que Garcia nella deita
Hum rio de amargoso mar bebido,
De alento falto, náufrago affligido.

CII.

CII.

De Titonia os monteiros arrogantes
Correndo todos vaõ contra Garcia,
Julgando que ouro, perolas, diamantes
Conſigo do naufragio livraria:
Mas elle, que luctara hum pouco antes
Co a morte meſma, o vil temor deſvia,
E determina de vender mui cara
A vida, que das ondas eſcapara.

CIII.

Hum groſſo, e duro remo, que o ſoſtinha,
E lhe fora nas ondas companheiro,
Aperta; e contra o que primeiro vinha
Intrépido ſe lança aventureiro.
Já tímido o contrario ſe detinha,
Quando chegou o pezo do madeiro;
E, parte da cabeça desbaſtando,
O cérebro ſe moſtra palpitando.

CIV.

Contra os mais impetuoſo logo cerra,
Dos quaes com furia brava foi cercado:
De hum ſó revés eſtende dous em terra,
Outro deixa dos dentes deſarmado:
Tal como aos Filiſteus, fez dura guerra,
Só da queixada o moço Hebreu armado;
Ou, como quando Alcídes impaciente
Os Centauros matou co lenho ardente.

CV.

Brotando ira o guerreiro, o duro effeito
Do remo faz ſentir a quem o braço,
A quem cabeça rompe, a quem o peito
Quebranta, e desfizera hum monte de aço.
Titonia de ira chêa, e de deſpeito
Vendo tanto deſtroço em breve eſpaço,
E dos ſeus o temor, e vil fraqueza,
Acode á reprenſaõ, como á defeza.

CVI.

Entra a tempo que o fero moço do alto
Começava a deſcer hum golpe horrendo:
Mas, chegando da doce viſta o aſſalto,
Pára o lenho, que vinha o ar fendendo:
E movido a reſpeito de ira falto,
O remo pouco a pouco foi deſcendo
Tal como a nau, a quem o vento acalma,
Vélas afrouxa, e fica poſta em calma.

CVII.

Ella tambem ao cortez acto pára,
Da offenſa, do rigor, da ira eſquecida;
E no valor, e gentil ſer repara,
De admiraçaõ, e láſtima movida:
Compaſſiva amor na alma lhe prepara
Huma paixaõ, mal della inda entendida;
E no compaſſo, que elle deſce o remo,
O arco afrouxa, apartando hum de outro extremo,

CVIII.

CVIII.

Abſortos, como em ecſtaſe ficaraõ,
A viſta ſuſpendendo os mais ſentidos,
Por quem em tanto as almas ſe trataraõ,
Mandando penſamentos accendidos:
Logo ardentes ſuſpiros ſe arrancaraõ,
De huma nova amoroza dôr naſcidos;
Já procura o deſejo declarar-ſe,
Já torna por reſpeito a retirar-ſe.

CIX.

Fallar-ſe por tres vezes commetteraõ;
Mas turbaçaõ, que amor traz nos repentes,
Os conceitos na lingua eſcureceraõ,
Se bem na turbaçaõ ficaõ patentes:
O que atalhadas linguas naõ puderaõ,
Suppriraõ mil affectos, e accidentes;
E os olhos, linguas da alma, declaravaõ
As ancias, que nos peitos encerravaõ.

CX.

Neſte tempo chegou á amada arêa
Mileno marinheiro, a quem a ſorte
Entre tantos ſalvou da morte fêa,
Poſto que receozo inda da morte.
A gente eſtranha vendo, ſe recêa;
Porém, conſiderando o paſſo forte,
Que atrás lhe fica, ſe conforta, e anima,
E qualquer grande mal menor eſtima.

CXI.

Na incerteza do caſo taõ eſtreito,
Offerecido a quanto eſtá temendo,
Poz em Titonia os olhos, cujo aſpeito
Real piedade eſtava promettendo:
O temor convertendo já em reſpeito,
Humilde ante ella chega, aſſi dizendo:
Amparai, graõ Senhora, hum affligido,
Do mar, e da fortuna perſeguido;

CXII.

Que eſſa rara belleza, e mageſtade
Bem moſtra ſer dos Deoſes procedida:
E, ſe divina ſois, tende piedade
Lá nos divinos peitos produzida.
Aſſi rogava aquelle, que a vaidade
Gentilica ſeguira toda a vida,
Chegando a Titonia, que naõ muda
Os olhos de Garcia attenta, e muda.

CXIII.

Era de naçaõ Chim, e, naufragando
No Indico mar, de nauta hia ſervindo.
Ella, como de hum ſonho deſpertando,
O vizinho idioma Chim ouvindo,
A'quella parte inclina o roſtro brando,
Novas alteraçoẽs na alma ſentindo;
E com palavras chêas de brandura
O favorece, anima, e o ſegura.

CXIV.

Alegre com ter já taõ certo meio
Para entender o que a alma pertendia,
O naufragio pergunta, e por rodeio
Fortuna, e qualidade de Garcia.
Elle (perdido entaõ todo o receio)
Dando-lhe inteira conta, lhe accendia
Mais o fogo, louvando a fortaleza
Gentis coſtumes, partes, e nobreza.

CXV.

Rendida amante o ouvia: eis maniatados
Lhe trouxeraõ os outros Cavalleiros;
Soffrer naõ poude vêllos maltratados,
Porque eraõ de Garcia companheiros:
Soltar os manda, e foraõ caſtigados
Com aſperas palavras os monteiros;
Que julga amor, e culpa conſidera
A acçaõ, que em outro tempo merecera.

CXVI.

Vendo-ſe os naufragantes, ſe alegraraõ
No que dava lugar a pena grave:
Lagrimas juntamente derramaraõ;
Que o chorar em taes caſos he ſuave.
Os olhos de Titonia os ajudaraõ;
Que ordena amor que já com pranto lave,
E abrande o peito, que lhe tem quebradas
As frechas, com mais arte temperadas.

CXVII.

CXVII.

De alli para hum magnifico edificio,
Que no cume do monte apparecia,
Cuidado a leva de piedozo hoſpicio,
E reparo dos damnos de Garcia.
Delle os olhos naõ tira, dando indicio
Do fogo, que encobrir já naõ podia:
Mas quem o fogo eſconderá no peito,
Que o naõ deſcubra logo o ardente effeito?

CXVIII.

Guiando em tanto a Armada o Ceo amigo,
Chega de graõ Samatra a ver a terra:
Logo entra de Pedir no porto antigo
Ao ſom do eſtrondo, e muſica de guerra.
E porque pelo rio ſem perigo,
Pela eſtreiteza, e baixos que em ſi encerra,
Nunca lenhos taõ groſſos navegaraõ,
Junto da barra ao mar ferro deitaraõ.

CXIX.

Foi na Cidade o Rei logo avizado
Da Portugueza Armada, que o Eſtandarte
Se moſtra ſolto ao vento, matizado
Das Armas, que JESU com Luſo parte:
E apenas tinha o ferro ao mar lançado,
Quando chegaõ do Rei ao Chriſtaõ Marte
Menſajeiros em lancha bem remada,
De ricos paramentos adornada.

CXX.

CXX.

Hum delles, que os mais trataõ com reſpeito,
E auctorizavaõ cãs, e qualidade,
Lhe diz: Salve-te o Ceo, Varaõ perfeito,
Que honra, e gloria te fez de noſſa idade.
Ardel, a que eſte Reino eſtá ſujeito,
Te dedica huma amiga, e ſã vontade,
Que já a teu Rei offerecer mandara,
Quando outro Geral ſeu aqui hoſpedara.

CXXI.

Por tanto, ſe faltarem mantimentos,
Invicto Capitaõ, na tua Armada;
Ou, ſe pelo furor do mar, e ventos
Vem de vélas, ou xarcia deſtroçada,
Pede; que os ſeus naõ ſaõ vaõs comprimentos,
Verdades ſi de huma alma affeiçoada
A' fama das virtudes, que florecem
Em teu Rei, e ás que tanto te engrandecem.

CXXII.

Com roſtro alegre, poſto que ſevero,
Reſponde Affonſo ao menſageiro amigo:
Merecer a teu Rei, ſervindo-o, eſpero
Mercê tanta, e o favor que uza comigo.
E por meu Rei (que grato conſidero
A tanto amor) hoje tambem me obrigo:
Diſtancia naõ fará que eſtreitamente
Naõ ame o Rei do Occaſo ao Rei do Oriente.

CXXIII.

Com estes hum do Luso bando vêo,
Que a mensagem Real acompanhava;
A quem o Rei mandou para ser mêo
De confirmar a paz, que desejava:
Que já naquellas partes, com recêo
Que fosse a forte Armada, se esperava
A tomar em Malaca conta estreita
Da traiçaõ grande a Portuguezes feita.

CXXIV.

Este abraçando os pés ao valorozo
Affonso, que o levanta, lhe dizia,
Com lagrimas, que o gosto generoso
Por seus olhos gozósos dispendia:
Bem parece que o Ceo, Varaõ famoso,
Onde mais necessario sois, vos guia;
E que tem para vós tambem guardadas
As emprezas mais arduas, e arriscadas.

CXXV.

Reconhece Albuquerque a Joaõ Viegas,
Que com elle em Arzilla militara,
E a seu lado nas bellicas refregas
O valor de seu braço eternizara.
O' bom Deos, que no bem nosso te empregas,
Disse. E, tendo-o nos braços, lhe declara
Quanto vêllo com vida, e livre estima
Do caso, que a memoria lhe lastíma.

CXXVI.

CXXVI.

E como ſe ajuntaſſe aos mais cuidados
Os que em Viegas vê, conſiderando
Varios effeitos da alma derivados,
Que o ſentimento eſtaõ repreſentando;
Em quanto os Pagaõs andaõ elevados,
Tanto apparato bellico notando,
Lhe pede conte o tragico ſucceſſo,
E da fortuna cruel o duro exceſſo.

LIVRO III.

ARGUMENTO.

Viegas conta a Affonſo extenſamente
De Malaca, e ſeu Rei traiçaõ, e engano,
Mortes, prizoens, e quanto a Chriſtã gente
Soffreu no cativeiro deshumano.
Como Alaida, que o fogo de amor ſente,
Os perſuade a fugir de tanto danno;
Como ſe tiraõ em mortal perigo;
Como ElRei de Pedir ſe moſtra amigo.

I.

PARA ouvir a Viegas, logo corre
Com alvoroço a Luſitana gente,
Em quanto co a lembrança ella diſcorre
Pelos ſucceſſos, que inda na alma ſente:
E depois que o paſſo alli lhe occorre,
E a memoria lhe fez tudo prezente,
Movendo a compaixaõ, e a ſentimento,
Suſpirando aſſi a voz ſoltou ao vento:

II.

Mandais-me referir, Affonſo invitto,
Aquella triſte, e laſtimoza hiſtoria,
Em que fui tanta parte? Teme o ſpiríto
Entrar na antiga dôr, teme a memoria.
Mas, depois que nos males me exercíto,
Só deſte conſeguir eſpero gloria;
Que, bem que a pena amara reſuſcita,
Obedecer-vos tudo facilita.

III.

Desejozo da gloria companheiro
Já fui de Diogo Lopes de Sequeira ;
Deixei a patria amada aventureiro;
O mar passei, seguindo sua bandeira.
Hoje, que sou infausto mensageiro
De fortuna cruel, a verdadeira
Relaçaõ dos successos lastimozos
Em meus accentos ouvireis queixozos.

IV.

Com viagem prolixa, e trabalhosa,
E inclemencia do tempo, e mar chegámos
A' opulenta Malaca, que famosa
Póde ser por traiçoẽs, que experimentámos:
Nella gente inhumana, e cubiçosa,
Rei, que naõ guarda fé, nem lei, achámos;
Este nos recebeu brando no aspeito,
Se bem Diomédes no fingido peito:

V.

Ou que no coraçaõ odio escondido
Tivesse ao Christaõ nome o Rei tyranno;
Ou, de maus conselheiros persuadido
De novo se inclinasse a nosso danno;
Vimos que, o que mostrava, era fingido,
E de nossa ignorancia o desengano
No dia, para nós fero, e tremendo,
Que inda agora a memoria está temendo.

VI.

VI.

O principal ſogeito no governo
De Mahomet, e privança, era o Bendára,
Magiſtrado ſupremo; mas o Inferno
Cifrado no ſeu peito o Momo achara
A fraude, a ingratidaõ no mais interno,
Inveja, odio, ambiçaõ, que nunca pára,
E a ſuberba na fronte declarada,
Porque naõ póde eſtar diſſimulada.

VII.

Eſte dos Guzarates ſubornado,
E mais naçoẽs, com trato cautelozo,
Naõ faltando tambem o odio herdado
No ſeu pérfido peito cubiçozo,
Poz (cego do intereſſe) ſeu cuidado
Em fazer o cõmercio noſſo odioſo;
E, como ſiga ao mau ſeu ſimilhante,
Foi co tyranno Rei pouco baſtante.

VIII.

Com traças palliadas dilatavaõ
Noſſa partida; de huma, e de outra ſorte
Disfarçando malicias, procuravaõ
Achar occaſiaõ de noſſa morte:
Porém traidores fracos naõ ouzavaõ
O brio experimentar da gente forte,
Que pelas noſſas naus ſe deſcobria,
E o eſpantozo rigor da artelharia.

IX.

Foi do Malaio o ſimulado intento
Que incauto o Capitaõ ſahiſſe a terra,
E, dando-lhe a ſeu ſalvo fim violento,
Abrazar noſſas naus com facil guerra:
Por conſeguir o iniquo penſamento,
Que dentro na alma traidora encerra,
O convida com maſcara de engano,
Qual Thyéſtes a Jove ſoberano.

X.

Para o mortal banquete fabricaraõ
Capas de grande numero de gente,
Cenaculo eſpaçoſo, que adornaraõ
Quantas ſe achaõ delicias no Oriente.
Já ſe chegava o tempo, em que cuidaraõ
O tragico fim noſſo ver prezente;
Para o que eſtavaõ todos avizados,
E nós do occulto damno deſcuidados.

XI.

O fim de todos fora aquelle dia,
Que o convite infiel ſe celebrara,
Se o Ceo, que o bem, e mal do mundo via,
Velando ſobre nós, naõ lho eſtorvara:
Amor o mêo deu, que na alma cria
Hum ardente deſejo, que naõ pára
De procurar o bem da couſa amada,
Os grandes riſcos eſtimando em nada.

XII.

XII.

Foi menſageiro viſto na Cidade
Teixeira Cavalleiro bem diſpoſto,
Em quem floreçe com a flor da idade
Gentileza robuſta em bello roſto:
As graças juvenís, a liberdade
Huma pagã donzella rende, o goſto
De tudo o mais perdendo, e ſe ſuſtenta
Em lembranças, que amor lhe repreſenta.

XIII.

Qual a amante de Minos, paſſa o dia
Nas janellas de huma alta torre, donde
No mar a noſſa Armada deſcobria,
E a nau, que o ſuſpirado bem lhe eſconde.
De alli brandos amores lhe dizia,
E por elle (enganando-ſe) reſponde,
Como ſe lhe tivera deſcoberto
O fogo, que em ſeu peito arde encoberto.

XIV.

Que o tempo breve, e feminino pejo
Só deu lugar ao mal, a que obedece:
Ficou ſecreta amante onde o deſejo
Poſſiveis, e impoſſiveis lhe offerece.
Do trato infernal ſoube neſte enſejo
Roto o ſegredo, e novo mal padece:
Amante temeroza naõ ſocega,
Que, começando a amar, a temer chega.

XV.

O querido mancebo imaginando
No duro tranſe de perder a vida,
O amor, que arde em ſeu peito, conſultando,
No recêo maior fica atrevida.
Hum mêo entre outros muitos approvando,
Já de todo a valer-lhe offerecida,
Pela noite eſperando, naõ deſcança
Para chegar a effeito eſta eſperança.

XVI.

Qual de Paſife a filha, vendo perto
Do perigo a Theſeu, geme, e ſuſpira
Até lhe poder dar remedio certo,
Que da biforme fera opprima a ira;
Tal do certo perigo, inda encoberto,
A livrar tenra amante o amado aſpira;
E como amor do fraco faça forte,
A vida arriſca, deſprezando a morte.

XVII.

Quaſi era a noite entaõ nocturno dia,
Porque a luz dava o Sol a toda a Lua;
Da Chriſtã fróta lanchas ſahir via,
Que ſempre a faz velar pena taõ crua,
Crendo que alguma á praia chegaria:
E, da vontade guiada já naõ ſua,
Porta abre occulta pouco frequentada;
Chega á praia, de amor acompanhada.

XVIII.

XVIII.

Alli parou ſuſpenſa, e duvidoſa
Das noſſas naus á viſta, o mar no mêo:
E, chamando á fortuna rigoroza,
Já padece a que ouſou, novo recêo.
Mas do Ceo providencia milagroſa
Me levou a tiralla deſte enlêo,
Num batel dos que o mar correr mandava
Sequeira, que dos Mouros naõ fiava.

XIX.

Como de Cynthia a luz, entaõ mais pura,
Lhe déſſe a conhecer batel, e gente,
Que da noite rompendo a ſombra eſcura
Deſcia para as portas do Occidente;
Com delicada voz pouco ſegura,
Como quem de atrever-ſe temor ſente,
Com as maõs acenando nos chamava;
A afflicçaõ, que ſentia, a entender dava.

XX.

Eu as acçoẽs, e branda voz notando,
E de entender o caſo deſejozo,
Pôr do batel na praia a proa mando,
E a recolho apreſſado, e receozo:
Na poppa ella ſe aſſenta; e ſuſpirando
Manifeſtou ſeu roſto lagrimoſo
O amor, que por mil riſcos a trouxera
A dar a vida a quem lhe a morte dera.

XXI.

E proseguindo desde o pensamento
Primeiro, que o Rei teve em nosso danno,
Aconselhado pelo fraudulento
Bendára, que a privança fez tyranno;
Parou naquelle fim sanguinolento,
Que em banquete Real, mas inhumano;
Nos esperava, aquelles, a que em sorte
Tocasse ir com Sequeira á certa morte.

XXII.

Depois que a graõ traiçaõ, como lhe ordena
Amor, que a governava, nos aviza,
Manifestando da alma a viva pena,
Que com lagrimas tenras solemniza;
A maõ me aperta, e diz pela serena
Luz, que a primeira esféra rege, e piza;
Que este serviço, que vos tenho feito,
Ao dono relateis, que está em meu peito.

XXIII.

Os signaes vos darei parte por parte;
Do Ceo milagres juntos num supposto:
Nos seus robustos membros vereis Marte,
E brando, e tenro amor no bello rosto.
Que ardentes mil dalli tiros reparte!
Que suave pena daõ, doce desgosto,
E a mim me tem taõ cega, e taõ perdida,
Que arrisco a honra, desestimo a vida.

XXIV.

XXIV.

Eſſe em fim, por quem penas entheſouro,
Alvo, e córado, ao Sol formoſo afronta;
E agora pelas faces da côr do ouro,
Altivo o véllo varonil lhe aponta:
He de rubîs, e perolas theſouro
A bella boca: mas ocioſa conta
Vos dou. Elle a embaixada do Rei voſſo
Trouxe, para meu mal, ao Sultaõ noſſo.

XXV.

E porque já amoroza maravilha
Em mim desfez o feminil recato,
Alaida de Sultaõ Soleimaõ filha
Sou, irmaõ deſte Rei convoſco ingrato:
Do noſſo antigo ſangue a rica ilha
Da Jáoa ſe honra; mas de amor o trato,
Fama, nobreza, e nome hoje atropella,
E meus exceſſos eſte exceſſo cela.

XXVI.

E como aqui cheguei, tambem chegara
Onde idolatrando aſſiſte o penſamento;
E ſerva, como amante, ſer prezara,
Adoçando ſua viſta meu tormento:
Se o temor, que fé tanta deſprezara,
A tanto ouſar naõ fora impedimento,
Na patria (póde ſer) preza a vontade,
Naõ terá para amar-me liberdade.

XXVII.

XXVII.

Mas, pois me foi taõ profpera a ventura,
Que avizar-vos me deixa o occulto danno,
Tornar-me quero em quanto me affegura,
E cobre a capa do nocturno engano,
Que já meia efcondida a bella, e pura
Irmã do Sol, fe banha no Oceâno,
E o Deos do fomno a todos tem rendidos
Agora os laffos, membros, e fentidos.

XXVIII.

Affi diffe; e no fim do peito ardente
Apreffados fufpiros deu aos ventos.
Eu moftrando-me grato, brandamente,
Avaro lhe naõ fui de offerecimentos:
Dos quaes ella moftrando-fe contente,
Mil de novo me fez promettimentos.
E mais naõ dilatando fua partida,
Foi tambem lagrimofa a defpedida.

XXIX.

Defeftimando entaõ todo o perigo,
A fraqueza deixalla ir fó julgando,
Levei dos companheiros tres comigo,
Com que feguindo-a fui, e acompanhando.
As fombras tomei fempre por abrigo,
Por onde ella guiava, atraveffando:
E, deixando-a fegura, nos tornámos,
Aonde efperando os mais por nós deixámos,

XXX.

XXX.

Mando logo ferir cos freixos duros
O liquido cryſtal aos remadores,
Das ondas penetrando aos ſêos puros,
Sobreſaltando os mudos nadadores:
Já chegados á nau, quaõ mal ſeguros
Eraõ do Rei os tratos, e favores,
Ao cuidadozo Capitaõ diſſemos,
De Aláida referindo o amor, e extremos.

XXXI.

Elle, como acontece ao caminhante
Por errado caminho em noite eſcura,
Vendo alto precipicio, e onde errante
A morrer o guiava a ſorte dura;
Tal ſuſpenſo ficou, e vacillante
Em quanto o breve ſobreſalto dura,
Poſto que ſeu valor grande encobria
O temor do perigo, que ſe urdia.

XXXII.

Já das nocivas honras avizado
Naquella mortal ſcena apercebidas,
Antes do infauſto dia aſſinalado
Para tragico fim de noſſas vidas,
Menſageiro mandou induſtriado
Em palavras cortezes, e fingidas,
Com que eſcuzar-ſe póde co tyranno,
E atalhar por entaõ o mortal danno.

XXXIII.

XXXIII.

Affi da morte livre foi Sequeira,
Mercê de amor, e de feu brando affeito.
Porém com mais cautella, que a primeira,
Nova traiçaõ maquína o impio peito:
Gente mandou com moftra lizonjeira,
Que tiveffe comnofco trato eftreito,
Com refrefcos da terra convidando,
Humas coufas vendendo, outras comprando.

XXXIV.

Até que, já chegado o trifte dia,
Que prezente hoje chóro na lembrança;
Em que o Rei enganozo pertendia
O duro fim da pérfida efperança,
O graõ cuidado naõ valeu, que havia,
Nem de tanta vigia a fegurança;
Ou nos cegou entaõ Deos o fentidos,
Póde fer por peccados commettidos.

XXXV.

Decreto era fatal, que naõ faltaraõ
Avizos nas traiçoẽs, que precederaõ,
Bem como quando a Troia naõ baftaraõ
As vozes, que Laócon, e Capis deraõ:
Os defenfivos muros derribaraõ:
E a maquina enganoza recolheraõ
Os feus Cidadaõs mefmos enganados,
Porque eftava ordenado pelos fados.

XXXVI.

XXXVI.

De novo o Capitaõ recado teve
Do ímpio Rei, que receber mandaſſe
De cravo mil quintaes, que em tempo breve
Mandava que em tres partes ſe entregaſſe,
Antes que ás naçoẽs varias, que deteve,
Vindas primeiro alli, que nos chegaſſe
Eſte grande favor, que nos fazia;
Que ouvir queixumes eſcuſar queria.

XXXVII.

Que por lei naõ violada, e por coſtume
Deſpachava conforme a antiguidade,
Pertendendo imitar o diurno lume,
Que dá igualmente a todos claridade.
O Menſageiro o engano poz no cume,
Moſtrando meſtre ſer de falſidade;
Que tanto nelle a fraude ſe encerrava,
Que ao pérfido Sinon atrás deixava.

XXXVIII.

Foi o difficil caſo em votos poſto,
De todos approvado por ſeguro,
Moſtrando muitos de ir a terra goſto;
Que naõ olha a cubiça o mal futuro.
E o meſmo Capitaõ com lédo roſto,
Naõ bem conſiderando o caſo duro,
A Araujo mandou que ſe apreſtaſſe;
E gente ſignalou, que o acompanhaſſe.

N XXXIX.

XXXIX.

Solicitos alguns já trabalhavaõ
Por eſtar bem de tudo apercebidos
Para a ſeguinte Aurora, em que eſperavaõ
Ver fruito de trabalhos taõ compridos:
Otros juntos em roda praticavaõ
Nos pérfidos recados, entendidos
Taõ mal de nós: em fim por varios modos
Alvoroço geral ſe via em todos.

XL.

Alberto ſó, ſciente em caſos varios,
Que eſte julgava com juizo eſperto,
Gritou zelozo: Como temerarios
Correis com preſſa tanta a mal taõ certo?
Atalhai a malicia dos contrarios:
Fogi da perdiçaõ, que tendes perto;
Que naõ pertendem mais que dividir-nos,
E co a fraqueza propria deſtroir-nos.

XLI.

Neceſſidade hum Rei tem de artificio,
Sendo ſeu goſto lei? eu o naõ creio.
Temei o Mauro engano, de que indicio
Temos taõ claro, e com razaõ receio.
Indo aſſi proſeguindo em beneficio
De noſſas vidas, em mau ponto veio
Quem vãmente atalhou as proveitozas
Razoẽs com viz palavras affrontozas.

XLII.

Era eſte hum criminoſo desbocado,
Que em viz façanhas diſpendia a idade,
A roubos, e homicidios inclinado,
Vaſo de ira, furor, temeridade:
E, como da cubiça era levado,
Cuidava, pondo os pés na aurea Cidade,
A graõ ſede fartar, a que ſujeito
Des dos primeiros annos tinha o peito.

XLIII.

Abrindo eſtava as portas do Oriente
Do louro Apollo a bella precurſora,
Quando a Armada com animo innocente
Deixamos: ó cruel, ó infeliz hora!
Chegando á injuſta terra, juntamente
Salta cada hum de nós dos batéis fóra,
Indo com alvoroço (ó triſte ſorte!)
Hùns á dura prizaõ, outros á morte.

XLIV.

Neſte tempo da terra para a Armada
Baloẽs, e Cal'luzes cruzar vimos,
Com gente para o caſo concertada,
Segundo o effeito, que depois ſentimos.
Mas, como o peito leal naõ teme nada,
Ser da gente ordinaria preſumimos,
Que mais contínua a Armada viſitava,
Logo que o Sol naſcendo ſe moſtrava.

XLV.

A gente, que entenderaõ ſer baſtante,
Foi pelas naus da Armada repartida,
Porque a certo ſignal n'um meſmo inſtante
Perdeſſe o Capitaõ, e os mais a vida.
No proprio tempo em terra vigilante
O Bendára com Tropa apercebida
Aguardava o ſignal, tambem preciſo
Para dar em nós-outros d'improviſo.

XLVI.

Tres leguas de Malaca hum promontorio
Se lança pelo mar ao Ceo erguido,
Signal á gente nauta peremptorio,
Que lá, donde o Sol naſce, tem ſahido:
Alli antiga fama faz notorio
Eſtar com duros montes opprimido
Hum dos que contra o Ceo moveraõ guerra,
Suberbo filho da abatida terra.

XLVII.

De trás de cuja altura aperceberaõ
Aquelles dias numeroſa Armada
De navios de remo, que proveraõ
De gente bellicoſa, e arriſcada:
A quem por inviolavel ordem deraõ
Que, ao ſignal de huma peça diſparada,
Em demanda das noſſas naus partiſſem,
Porque n'um tempo em terra, e mar feriſſem.

XLVIII.

XLVIII.

Nós, naõ temendo engano, divididos
Aos tres lugares fomos, que fingiraõ
Ter as prezadas drogas; porque unidos
Nunca ſeu duro intento conſeguiraõ:
E em vaõ o temí já quando mettidos
Nos vi pela Cidade, e quando abriraõ
Hum comprido armazem, que alvoroçar-ſe
Vi muitos, e em catervas ajuntar-ſe.

XLIX.

No fim da grande caza nos moſtraraõ,
Cuido trazido alli para eſte intento,
A flor ardente, e pezos prepararaõ,
Por disfarçar melhor ſeu penſamento:
Com pouca occaſiaõ, que procuraraõ,
Deſcobriraõ ſeu fim ſanguinolento,
E nos deraõ do mal já tarde avizo,
Mil crizes, mil catanas d'improviſo.

L.

Eſte impeto primeiro reſiſtimos
Moſtrando vender caras noſſas vidas,
E até á porta caminho largo abrimos
Pelas oppoſtas armas homicidas:
Brevemente coberta a terra vimos
Do ſangue, que corria das feridas;
E os primeiros, que o crime commetteraõ,
Lugar de arrepender-ſe naõ tiveraõ.

LI.

LI.

O tranſito da porta, a que chegámos,
Eſcolhemos entaõ por ſitio forte,
E alguns ſobre os de dentro nos voltámos,
E tomou por nós delles poſſe a morte:
Já ſeguras as coſtas ſuſtentámos,
A'cuſta de infinito ſangue, a ſorte
Graõ tempo igual no deſigual partido
O valor á fortuna naõ rendido.

LII.

Alli foi a contenda brava, e fera,
Com pertinacia, e mór furor travada:
Por entrar o inimigo perſevera;
Firmes nós outros defendendo a entrada.
Porém em vaõ a reſiſtencia era
Já contra multidaõ tanta indignada,
Que no meſmo lugar, onde hum cahia,
Eſquadra numeroſa ſuccedia:

LIII.

Bem como contra o forte Alcídes, quando
Cortava huma cabeça da Lernêa,
Duas lhe renaſciaõ ululando,
De horrivel viſta, e catadura fêa:
Ou, como as tempeſtuozas ondas, dando
Em aſpero penedo, ou firme arêa,
Que ſe eſtaõ rebatidas desfazendo,
Quando outras, e outras vem já commettendo.

LIV.

LIV.

Gaſtada era do dia a maior parte,
E eſtava inda em ſeu ponto o duro aſſalto,
Porém ſe ſuſtentava o furor Marte
De forças cada qual eſtava falto:
Com as forças tambem faltava a arte,
Quando rumor ouvimos no mais alto
Da caza, cujo teito aberto vimos,
E chover ſobre nos tiros ſentimos.

LV.

Araujo vibrando a eſpada forte,
Dizendo aſſim a morrer nos animava:
Fama immortal, aqui offerece a ſorte,
A quem honroza fama ſó buſcava:
Aqui tambem nos abre paſſo a morte
A' eterna vida, ſe a mortal aggrava;
Morrendo pois por Deos, a Deos tornemos
Eſtas vidas, que delle recebemos.

LVI.

Aſſim dizia; e ſobre nós deſciaõ
Frechas, dardos, e os gritos ſe augmentavaõ;
Os feros inimigos recreſciaõ,
As feridas em nós ſe accreſcentavaõ:
Os braços, a quem forças falleciaõ,
As eſpadas com mais vagar mandavaõ;
E alguns, o nome eterno repetindo,
Se eſtavaõ já da vida deſpedindo.

LVII.

Mortos alguns, e os mais todos feridos,
De ſangue faltos, de canſaço chêos,
Os inimigos bravos, e atrevidos,
Comnoſco entráraõ de temor alhêos.
Ficáraõ com a victoria, nós rendidos,
Cercados de armas, e mortaes recêos;
E a ſentir começámos os rigores
De cruéis inimigos vencedores.

LVIII.

No tempo que o furor, com que em nós deraõ,
Advertidos nos fez de noſſo engano,
Os outros companheiros receberaõ
Nas mais partes o meſmo deſengano:
E até alguns, que em fugida ſe puzeraõ,
Alcançou, por ſer mais ligeiro, o danno:
Outros ao mar chegáraõ, mas cobertos
De pó, ſangue, e ſuor, da vida incertos.

LIX.

De Alberto, que na praia cativaraõ,
Com dez feridas, na prizaõ ſoubémos
Como á ſua viſta os pérfidos uzaraõ
De crueldades, barbaros extremos.
Chegou Serráõ a tempo que o ſalvaraõ
N'um batel noſſo, que, batendo os remos,
Da terra ſe alargava perſeguido
Dos inimigos, de quem foi ſeguido.

LX.

LX.

Neſte ponto, que em terra ſe ouvia
Rumor, e fero eſtrepito de Marte,
E a morte envolta en ſangue apparecia
Da inimiga Cidade em toda a parte;
Naõ menos confuſaõ na Armada havia,
Que os falſos inimigos, que com arte
Aquella manhá tinhaõ nella entrado,
Se haviaõ já por taes bem declarado.

LXI.

Naquelle trabalhoſo ponto eſteve
Sequeira perto de perder a vida;
Porque do Utimoraxa o filho teve
Para o ferir adaga apercebida:
Mas algum puro eſpirito deteve
A dura maõ, e ferro do homicida;
Ou animo faltou, que na empreza alta
Em baixos peitos muitas vezes falta.

LXII.

Era da Jáoa o fero Utimoraxa
Homem, que pelo trato, e mercancia,
Levantando-ſe foi de eſtirpe baxa
Em miſera pobreza, em que vivia:
Hoje rico á ſuberba naõ põem taxa;
Do Rei o favorece a tyrannia,
E acreditado por prudente, e velho,
Hum dos que votaõ he no ſeu concelho.

LXIII.

Hum dos nautas, que na alta gávea eſtava,
Como ferir na praia os noſſos viſſe,
E que nas outras naus já a morte andava;
Traiçaõ, traiçaõ, Senhor, gritando diſſe.
Sequeira o engano fero naõ cuidava;
Mas como as vozes, e o rumor ſentiſſe,
Com deſdem generoſo ſe levanta,
E o cauto inimigo ſobreſalta, e eſpanta.

LXIV.

Conheceraõ ſeu trato deſcoberto
Os Pagãos; e de hum frio temor chêos
Buſcavaõ, imaginando a morte perto,
Da vil fugida os affrontoſos mêos:
Tambem eſcolhem no perigo certo,
No meſmo ponto do valor alhêos,
Os mais nas outras naus, para ſalvar-ſe,
Voar ſem azas, e aos batéis lançar-ſe.

LXV.

Como acontece á plebe junta, quando
Por feſta os naõ domados Touros correm,
Sahe o fero animal, e vaõ gritando,
E, por fugir, aqui, e alli concorrem;
Livre todos a praça em fim deixando,
Das ſeguras guaridas ſe ſoccorrem:
Taes elles das naus ſaltaõ ſem mais guerra,
E os remos batem por chegar a terra.

LXVI.

LXVI.

Livre Sequeira (bem que aſſaz turbado)
Do enganoſo, e atrevido penſamento,
Eis vê da Armada imiga o mar coalhado,
Que a demandar o vinha, em poppa o vento:
Vio que Serrão tambem vinha acoſſado
De imigos Calaluzes, e o violento
Eſtrondo na alterada terra ouvia,
Que mais cada momento, e mais creſcia.

LXVII.

Manda nos batéis logo embarcar gente,
Que ſoccorra a Serrão, e em terra enviſta;
E co valor, que pede o mal prezente,
A' furia, e rigor barbaro reſiſta,
Até ſalvar alguns, que da inſolente
Turba fugindo, pelejando á viſta
Da Armada andavaõ, dilatando a morte,
Ou da prizaõ a miſeravel ſorte.

LXVIII.

E, como no perigo repentino
O coſtumado acôrdo naõ faleſce,
Invocando com fé o favor Divino,
Roſto á fortuna faz, que ſe offerece:
Manda ancoras levar, intento dino
Do heroico peito, que em valor florece;
E contra a numeroſa Armada move,
Porque de ira taõ juſta o rigor prove.



LXIX.

Em breve a tiro de canhaõ chegando,
O eſtrondo começou fero, e tremendo,
Mortes a artilharia vomitando,
Que inviſiveis os ares vaõ rompendo:
Sobem nuvens de fumo, o ar turbando,
E a clara luz do Sol eſcurecendo;
A confuſaõ medonha ſe accreſcenta,
Que alli a do eterno eſcuro reprezenta.

LXX.

Ouvem-ſe mil gemidos laſtimozos
Dos que miſeravelmente pereciaõ,
Dos lenhos os encontros rigoroſos,
Que inveſtindo huns com outros ſe rompiaõ:
Mil Vulcaẽs fulminantes, e eſpantoſos
Por entre o negro fumo appareciaõ,
Bem como quando Juppiter irado
Com feros raios fende o ar turbado.

LXXI.

No rigor duro da batalha o vento
Levanta o fumo, deſcobrindo o eſtrago
Do inimigo, e o Sol ſanguinolento
Vê, e de mortos coberto o immenſo lago:
Succede logo ao Mouro atrevimento
Cobardia, e temor; com juſto pago,
Do conflicto fugindo ſe apartáraõ
Os queſuberbos no conflicto entráraõ.

LXXII.

LXXII.

Daõ fogo logo, mas com vaõ effeito,
Na terra á artilharia muita, e groſſa;
Que pouco lhe valera, ſe reſpeito
Sequeira naõ tivera á prizaõ noſſa:
Refrea-lhe o furor, e ira no peito
Entender que alcançar aos prezos poſſa
Por pacificos meios liberdade;
E a deitar ferro torna ante a Cidade.

LXXIII.

Entaõ já no Occidente a luz Febea
Fim com o dia a tantos males dava,
E em ſeu lugar da noite a ſombra fêa
Por occultar as couſas ſe apreſſava;
E noſſa Armada, de mil magoas chêa,
A perda dos amigos ſó chorava,
E em terra ſoaõ prantos, e gemidos,
Das auſencias eternas procedidos.

LXXIV.

Paſſou a noite: deu avizo a Aurora
Que vinha o novo dia, quando logo
O Capitaõ, que os companheiros chóra,
Manda os vivos pedir com brando rogo.
Mas o Rei, em quem arde ſempre, e mora
De hum odio contumaz o infernal fogo,
Aos rógos, e propoſtas magoadas
Satisfez com eſcuſas concertadas.

LXXV.

LXXV.

Des que alguns dias dispendeu Sequeira
Em recados contínuos, mas sem fruito,
Conforme a resposta ultima á primeira
Ordem, e traças do Bendára astuto:
Da infausta, e iniquissima ribeira
(Bem que em suspiros dando ao Ceo tributo)
Partio, vendo que o tempo em vaõ gastava,
E que a monçaõ de navegar passava.

LXXVI.

Hum Malaio no tempo da partida,
Funesto nuncio da futura guerra,
Traspassada a cabeça de homicida
Frecha, deixou num barco junto a terra:
Este prezo ficou, quando sem vida
Ficaraõ tantos, e na maõ lhe encerra
Letra, que ao Rei injusto declarava
Que em nossas vidas seu remedio estava.

LXXVII.

Deu logo ao vento as vélas: nós ficámos
Com Araujo trinta e seis cativos,
Onde esquiva fortuna experimentámos
No discurso de males excessivos:
Que fomes, que tormentos naõ passámos?
Que injurias de inimigos vingativos,
Carregados de graves prizoẽs duras
Em masmorras asperrimas, e escuras?

LXXVIII.

LXXVIII.

Conſiderai os males, que ſujeito
Em Egypto ſentio de Deos o povo,
E quanto de Aureliano o duro peito
Obrou de Chriſtaõ ſangue eſtrago novo:
E ſabei, que naõ foi menos eſtreito
O tranſe, porque a lagrimas me movo,
E da alma laſtimada inda a memoria
Eſtilla, renovando a triſte hiſtoria.

LXXIX.

Inventaraõ mil traças enganoſas
Para nos apartar do culto ſanto,
Já com brandas promeſſas pouco honrozas,
Já da morte ameaçando o grave eſpanto:
Em fim forças uſando rigoroſas,
A ferina maldade chega a tanto,
Que em alguns, a quem pés, e maõs ataraõ,
Sanguineo rito á força executaraõ.

LXXX.

Mais ávante paſſára o que ſoffremos,
Se neſte tempo nos cruéis auctores
Do rigoroſo mal, que padecemos,
Naõ cauſara a ambiçaõ graves errores:
O Bendára, e o Beguea a taes extremos
De maldade chegaraõ, que traidores
Dar a ſeu Rei a morte pertenderaõ,
E do Reino Tyrannos ſer quizeraõ.

LXXXI.

Mas como o Ceo naõ soffre maus intentos,
Foi a traiçaõ infame descoberta :
O Bendára seus tratos fraudulentos
Pagou co a morte, pena justa, e certa.
Deu fugindo o Beguea véla aos ventos,
Encommendando-se á fortuna incerta,
E co Rei de Pacém vive seguro,
Que lhe foi na fugida asilo, e muro.

LXXXII.

Quem neste começar vira a vingança,
E junta a vossas glorias esta gloria,
Que como auctor do mal, certa esperança
Dera principio tal de alta victoria :
E já mal o culpado Rei descança,
Que tendo a culpa viva na memoria,
Teme a pena, e convoca valedores
Para se assegurar de seus temores.

LXXXIII.

Neste infelice, neste triste estado,
Arrastrando as prizoẽs cheguei hum dia
Ao pé de huma alta torre, onde, assentado
Por descançar, chorei o em que me via.
Dei suspiros, dei ais; e desmandado
Algum dos que a dôr da alma despedia,
Aos ouvidos chegou de quem chorava
Males, que amor na ausencia accrescentava.

LXXXIV.

Ouvi como em reſpoſta ais numeroſos,
Que, ao que julgei, parece que detidos
A ſeu pezar no peito, precurozos
Rompem, deixando os ares acendidos:
E ſuſpiro naõ dei, que mil queixozos
Me naõ feriſſem logo nos ouvidos:
Tal como quando as aves namoradas,
Se reſpondem das plantas apartadas.

LXXXV.

Ardendo fiquei todo no deſejo
De ſaber donde os triſtes ais ſahiraõ;
Mas, poſto em pé ſuſpenſo, nada vejo
Daquillo, que os ouvidos deſcobriraõ:
Fazer em fim dalli auſencia elejo,
Trás comprido eſperar; quando feriraõ
O ar novos ſuſpiros, e fizeraõ
Com que de novo o meus lhe reſponderaõ.

LXXXVI.

Entaõ já mais confuſo, e deſejoſo
De ſaber o que neſte caſo havia,
A' torre dando volta vagarozo,
Com leves paſſos, como cauta eſpia,
Dos ſuſpiros o dono vi formoſo
Honrando huma janella, que cahia
Para a parte do mar, por donde os ventos
Lhe levaraõ co a alma os penſamentos.

LXXXVII.

Era a formosa Alaida, que chorava
(Desesperada amante) alli a memoria
De seu amado ausente, e em vaõ contava
Ao mar, e aos ventos a amoroza historia:
De seus males a amor a culpa dava,
Que longas penas dá por breve gloria,
Gloria, que escassa apenas se offerece,
E logo no melhor desapparece.

LXXXVIII.

Sostinha o braço, e maõ de neve pura
Como firme columna a face bella,
De cujo Ceo em graça, e formosura,
Vertia aljofar huma, e outra Estrella:
Naõ cuido que ficára alma segura
De amor, chegando em tal extremo a vêlla;
E conheci entaõ como a tristeza
Realça muitas vezes a belleza.

LXXXIX.

Causou-lhe minha vista sobresalto
Logo quando me vio; mas, conhecido
Della, com alvoroço deixa o alto,
Fazendo-me hum signal mal entendido.
Cobrei o brio, de que estava falto,
E do peito qualquer temor despido,
Chegando-me a hum postigo, que alli estava,
Que pouco ao parecer se frequentava.

XC.

XC.

Em ſeus principios eſta caſa eſteve
De muniçoẽs, e enxarcias occupada;
Mas, des que mór grandeza o Reino teve,
Foi, donde bate o mar, outra fundada.
Alaida aos altos della vir ſe atreve,
Só por poder chorar, ſem ſer notada,
De impoſſivel amor as penas graves;
Para o que tinha por induſtria chaves.

XCI.

Em breve eſpaço veio a entrada aberta,
E para entrar lá dentro convidar-me;
Eu, já arriſcado na ventura incerta,
Entrei, naõ duvidando aventurar-me.
Tornando ella a cerrar, a maõ me aperta,
Servindo-me de guia até levar-me
Da grande caſa a parte taõ ſecreta,
Que de todo o temor ficou quieta.

XCII.

E como hum triſte bem com outro ſe una,
Eſtivemos hum pouco alli chorando:
Ella males de amor, eu da fortuna;
Alivio em tanta pena aſſi tomando.
Fez termo a dôr: e ella na opportuna
Occaſiaõ varonil valor moſtrando,
A' memoria me trouxe as recebidas
Affrontas, e miſerias padecidas.

XCIII.

Despois que esta tristissima lembrança
No coraçaõ renova a grande magua,
E a grande dôr, taõ falta de esperança,
Tornou de novo a encher meus olhos de agua:
Movida de segura confiança,
E de amor, que lhe accende a viva fragua,
Me persuade, me anima, e me convida
A' doce liberdade co a fugida.

XCIV.

Dizendo-me que a tinha amor disposta
A acompanhar-nos em qualquer ventura,
Resistir á fortuna em contraposta,
Passar o mar, e ver a morte dura;
Na presença esperando ver-se posta
Daquelle, a quem guardava fé taõ pura:
E, sendo ingrato, em premio só queria
Ante os olhos morrer por quem vivia.

XCV.

Que, para se lograr seu pensamento,
Escondidas naquella torre tinha
As armas, que alli via, e bastimento,
Com tudo o mais, que a navegar convinha.
Porque o Ceo o maior impedimento
Facilitava já com a vista minha;
Que tanto no valor nosso fiava,
Que só avizar-nos, para ser, bastava.

XCVI.

XCVI.

Eu, taõ firme proposito louvando,
Por todos me offereço agradecido;
E, o lugar, dia, e hora assinalando,
Com alvoroço della me despido:
Aos companheiros hum, e hum buscando
Persuadi, relatando o referido;
E foraõ largos rogos escusados,
Que fugir tanto mal os fez ousados.

XCVII.

Conformes sobre o modo de partir-nos,
Como em caso commum todos votamos,
E a embarcaçaõ, que havia de servir-nos,
Na praia cada hum por si notamos.
Tambem, porque naõ possa descobrir-nos
Da falta lua as noites aguardamos;
E soubemos das horas, a que andava
A ronda, e que lugares frequentava.

XCVIII.

De tudo á bella Alaida dei avizo
Com devido resguardo ó mesmo dia;
Pouco faltou que naõ perdesse o sizo,
Naõ podendo co a subita alegria.
Com lagrimas mistura o bello riso,
O rosto affeito da alma descobria;
Que, certa na partida, já esperava
Ver aquelle, a quem mais, que a vida, amava.

XCIX.

XCIX.

A noite do concerto já chegada,
As prizoẽs rotas, promptos á partida,
Onze fomos á porta ſignalada,
Onde Alaida eſperava apercebida.
Com Araujo os outros preparada
A lancha haviaõ de ter para a fogida,
Que eu cuidadoſo já notado tinha
Ficar ſó no lugar, que mais convinha.

C.

Em fim da bella amante acompanhados,
Encobertos da amiga noite eſcura,
Das couſas neceſſarias carregados,
Ao mar chegamos: mas (ah ſorte dura!)
Naõ eraõ inda os mais alli chegados,
E a temer começamos a ventura,
Em que ter naõ ſe deve confiança,
Porque he de vidro a mais firme eſperança.

CI.

Suſpenſos neſte eſtado rigoroſo,
Bernardo, émulo entaõ do leve vento,
Anelando chegou triſte, e medroſo,
E quaſi ſem poder tomar alento:
Atrás olhando como receoſo
Daquelles, que imagina em ſeguimento,
Nos diſſe: Que fazeis? fugi coitados
Dos barbaros cruéis de morte armados.

CII.

CII.

Já cos mais companheiros deſditozos,
Prezas as maõs atraz, fica Araujo;
Eu ſó, por mil rodeios perigoſos,
Coberto da nocturna capa, fujo.
E, ſe fugir quereis os rigoroſos
Tormentos, que penetraõ n'alma, cujo
Fim a morte ſerá, ſe nos detemos,
Fazei áquella lancha azas dos remos.

CIII.

Que obrou o medo entaõ, negar naõ poſſo:
A lancha nos parece milagroſa,
Saudavel meio do remedio noſſo
Em hora taõ eſtreita, e trabalhoſa.
Eu, ſem me deter mais, della me apóſſo,
Por ſer qualquer tardança perigoſa:
Tinhamos véla, e remos, e provída
Em breve eſpaço foi para a partida.

CIV.

Dando preſſa o temor, nos embarcamos;
E os remos dando ao mar, o panno ao vento,
A cidade inimiga atraz deixamos,
A preſteza invejando ao penſamento.
Sete diurnos gyros navegamos,
Sem couſa achar contraria a noſſo intento,
Pacém na oitava Aurora deſcobrimos,
E a fortuna tambem contraria vimos.

CV.

Do porto deſpediraõ tres manchúas,
Que travaraõ com noſco eſtreita briga;
Mas, recebendo mil feridas crúas,
Moſtramos quanto a liberdade obriga:
Viraõ elles, tambem com mortes ſuas,
Naõ terem a fortuna por amiga;
E com morte de hum noſſo, que o Ceo goza,
Alcançamos victoria milagroſa.

CVI.

Porém cada hum de nós ſangue perdia,
E eſtavaõ em ventura noſſas vidas:
Vinda a noite, o ſereno, que corria,
Exaſperava as dores das feridas:
Mas, annunciando a Aurora novo dia,
Tendo a eſperança, e forças já perdidas,
Diſpoſtos a morrer, a vida achamos
No amigo porto, em que agora eſtamos.

CVII.

O alento nos tornou perdido o goſto,
Quando ſobre aquella alta rocha vimos
Aquelle padraõ ſanto por nós poſto
No tempo, que outra vez daqui partimos:
O pranto a cada qual banhava o roſto,
E com devota ſalva o ar ferimos,
Adorando com viva confiança
O Divino ſignal de alta eſperança.

CVIII.

Bem o vello arvorado nos moſtrava
Que ainda a paz, que aſſentara com Sequeira
Eſte piedozo Rei, ſe conſervava,
E a reciproca fé guardava inteira:
E naõ nos enganámos; porque eſtava
Em ſeu peito taõ firme, e verdadeira,
Que em ſua obſervaçaõ exemplo he raro,
E em noſſo mal achamos nelle amparo.

CIX.

Agora o valor voſſo me aſſegura
A do Malaio Rei juſta ruina,
Que no mal obſtinado há tanto dura,
E os homẽs contra ſi, e a Deos indina:
A vós Senhor, a vós, a cerviz dura
Domar deſte rebelde o Ceo deſtina.
Aſſi deu fim, e juntamente inſpira
Na commiſeraçaõ affeitos de ira.

LIVRO IV.

ARGUMENTO.

ARdel a visitar a Affonso desce
Dos de Luso, e de Alaida acompanhado:
Albuquerque o festeja, e reconhece
Quanto a taõ grande amor fica obrigado.
Morre o Beguea; rendido se offerece
Geinal do patrio Reino despojado:
Com suspiros Alaida, e sentimento,
De Malaca os Reis conta, e o fundamento.

I.

DOS montes de Samatra o Sol dourava
Os cumes altos, começando o dia,
A seu trabalho o lavrador tornava,
O gado pelos campos se estendia:
Quando, por ver Affonso, se embarcava
Ardel, co a bella Alaida em companhia,
Em lenho, que toldou rico brocado,
Dos melhores do Reino acompanhado.

II.

Trás este, em que o galhardo Rei navega,
Doutros arranca multidaõ confusa,
E tudo festival á Armada chega,
Cos tangêres, que a gente Oriental uza:
Ledo em o festejar tambem se emprega
O illustre Capitaõ co a gente Lusa,
As naus de Tyria côr empavezadas,
Com bella variedade embandeiradas.

III.

E dada a salva alegre, se espantosa,
Ao bargantim, que chega a bordo, desce
A receber Ardel, que co a formosa
Alaida pela maõ se lhe offerece:
Elle com largo exordio a amoroza
Historia, e varonil feito engrandece;
Logo lha entrega, e os onze aventureiros,
Em seus riscos, e casos companheiros.

IV.

Com palavras, que mostraõ d'alma o affeito,
Obrigado se mostra, e agradecido
O capitaõ a mercê tanta, o peito
Da prezente alegria enternecido.
Sobem á grande nau, donde o respeito
Real foi venerado, e applaudido;
Cadeira Affonso occupa, e, ao modo Mouro,
Rica almofada Ardel broslada de ouro.

V.

Albuquerque no grave, e augusto aspeito
O seu alto valor claro mostrava;
A nivea barba lhe cobria o peito,
Que a prudencia, e conselho acreditava.
De grã era o vestido, ao modo feito,
Que Portugal naquelle tempo uzava;
Toga rica do mesmo, soberano
Trajo, que uzava o dictador Romano.

VI.

VI.

Tinha Ardel, que gozava a flôr da idade,
Nús os robuſtos membros bem formados,
Cobria de broslada variedade
Rico panno os lugares reſervados:
No roſto huma agradavel mageſtade,
Os braços de manilhas rodeados,
Nos dedos anneis ricos rutilantes,
Nas orelhas pinjentes de diamantes.

VII.

Trazia-lhe o arco, e frechas hum viſtoſo
E galhardo mancebo á ſua uſança,
Cargo naquellas partes taõ honrozo,
Que anda em quem bebe o bafo da privança:
Admirava a Albuquerque o generoſo
Modo de Ardel, e amiga ſegurança;
E Ardel, em Albuquerque idolatrando,
O eſtava por Divino reſpeitando.

VIII.

E diſſe: Mais, que ſer ſenhôr do mundo,
Fazer eſte ſerviço a teu Rei prézo;
E tanto em ſua amizade hoje me fundo,
Que ter as dos vizinhos Reis deſprézo:
Odio em meu peito concebi profundo
Contra o tyranno da aurea Cherſonezo,
Depois que exercitou ſua tyrannia
(Indigno Rei) na Luſa companhia.

IX.

IX.

Ver-te, varaõ inſigne, deſejava,
E me accendia a fama eſte deſejo,
Que teus feitos heroicos publicava,
E altas virtudes, que em teu peito invejo:
Nada para ditozo me faltava,
Se vira o graõ Manoel como te vejo:
Porém ca mo retrata o penſamento,
E de ouvir ſuas façanhas me contento.

X.

Ao Rei amigo o capitaõ prudente
Aſſi diſſe com alma agradecida:
O' tu piedozo ſó co a Luſa gente,
De tantas tyrannias perſeguida,
Terás paga do Ceo eternamente,
E, para te ſervir, em mim eſta vida:
Terás em Manoel perpetuo amigo,
De todos teus contrarios inimigo.

XI.

E, das partes paſſando, que me invejas,
(Que exaggerar mentindo deve a fama)
As de meu Rei, que ſaõ as que deſejas,
Que he recolher a luz que o Sol derrama,
Para que em breve circulo hoje vejas
A grandeza melhor, que o mundo acclama,
(Poſto que temerario já a ſer venho)
Direi o que alcançar meu curto ingenho.

XII.

XII.

Com ſanto exemplo de Minerva aprende
Leis, que obedece, ſe as promulga Auguſto;
Que nunca ſujeitar-ſe ás leis offende
A grandeza Real do que he Rei juſto:
Em manter em juſtiça, e paz, entende
Seus vaſſallos, e foge do ocio injuſto
Pai amorozo; e mais, que nas cidades,
Nas almas reina, impéra nas vontades.

XIII.

Habitaõ no Real benigno peito
Conſtancia, ſoffrimento, e fortaleza,
E taes ſe vem no venerando aſpeito
A manſidaõ, brandura, e gentileza.
Se erros caſtiga, he com piedozo affeito,
Liberal premia, a temperança préza,
Naõ ſentem nunca ſeus ditozos povos
Injuſtas oppreſſoẽs, tributos novos.

XIV.

Por elle a ſanta Aſtréa deſce á terra,
Que alegre, e bella no ſeu Throno a vemos;
Donde a fraude, e violencia ſe deſterra,
E a razaõ, e igualdade conhecemos:
E, ſe na paz he tal, tambem na guerra
He magnanimo, he forte: e bem devemos
Por hum Rei, que taõ brando, e juſto impéra,
As vidas arriſcar á morte féra.

XV.

XV.

Por extremos, e meios naõ cuidados,
O poz o justo Ceo no Regio assento,
Que tinha a seu bom zelo já guardados
Troféos opímos de victorias cento.
Proseguio com successos signalados
Do santo Infante Henrique o pio intento,
Dobrando aquelle inculto, e grande cabo,
Occulto a Ptolomeu, Pomponio, e Estrabo.

XVI.

Estendendo a Fé santa, mil perigos
Os seus venceraõ, e mil casos duros,
Escurecendo a fama dos Antigos,
Consagrando-se aos seculos futuros:
De lá vencendo em fim está os imigos,
Co grande nome; e abate os altos muros
Ajudado dos Ceos; e em mar, e terra
Tem fechadas na maõ a paz, e guerra.

XVII.

E, para te dizer em breve summa
O que impossivel he parte por parte,
Do Douro, e Téjo venerado he Numa,
E do Indo, e Ganjes acclamado he Marte:
Que em sua virtude he bem que se presuma,
O ser vencedor sempre este estandarte
De mil riscos, e transes perigosos,
Rotos tantos imigos poderozos.

XVIIII.

Deu fim. E o Rei pagáõ mais engrandece,
E inveja as partes do graõ Rei do Occaſo.
Affonſo á bella Alaida ſe offerece,
E as graças rende do amorozo caſo.
Os hoſpedes abraça, e com elles creſce
O gozo, e feſta no andante vaſo.
Admirava-ſe Ardel de quanto via,
Elevado na Luſa bizarria.

XIX.

A Albuquerque naõ menos o admirava
Do barbaro galhardo a alta bondade;
E moſtrar-ſe-lhe grato deſejava
No que déſſe lugar a brevidade.
Taça rica lhe deu, que retratava
Ao natural de Ulyſſes a cidade,
Deſde o ſublime alcaçar, e altos muros,
Até onde os pés lhe lavaõ criſtaes puros.

XX.

Moſtrava o lavor douto dous potentes
Exercitos, que a eſtavaõ debellando;
Hum de eſtrangeiras valoroſas gentes,
Outro de hum invicto Luſo memorando:
Logo aſſaltos, façanhas excellentes,
Em que ſe eſtaõ huns aos outros emulando:
No fim de tudo a glorioſa entrada,
E, desfeito o Agareno, libertada.

XXI.

Do ouro fino, que o Sol no caudalozo
E claro Téjo cria entre as arêas,
Ou que a ſeu leito trás, quando furioſo
Da madre terra rompe as aureas vêas,
Hum vaſo, em que entalhou fabro famoſo
Das Tagides formoſas as choreas:
O prato com ſeu preço enriquecia;
E Ardel materia, e obra engrandecia.

XXII.

Deu-lhe hum prezado alfanje Damaſquino,
Delle mais eſtimado, que hum theſouro,
Dizendo: Eſte ganhei ao alcaide Ancino,
Em duello rendendo ao forte Mouro.
De mim ſerá eſtimado dom Divino,
Querido mais que quanta ha prata, e ouro
(Diſſe Ardel) e prometto-te empregallo,
E em nome de teu Rei exercitallo.

XXIII.

Tras iſto com ſolemne juramento
De novo a paz a confirmar tornaraõ;
E logo com geral contentamento
Os applauſos, e vivas começaraõ.
Fez ſignal de Miſſeno o inſtrumento
A's de mais naus, que eſte acto celebraraõ
Com muſicas, e bailes de alegria,
E eſtrondo feſtival de artilharia.

XXIV.

XXIV.

Este acto solemnissimo acabado,
Solemne foi tambem a despedida,
Hum e outro julgando-se obrigado
Ao amor, que durou por toda a vida.
Foi Ardel de Albuquerque acompanhado
Do rio grande espaço; e na partida
Segunda vez de novo as maõs se deraõ,
E recíproco amor se prometteraõ.

XXV.

E como liberal desejo encerra
O Rei, em quanto se repara a armada,
Com quanto cria o mar, produz a terra,
Era todos os dias visitada.
Naõ ficou fera na intricada serra,
No campo animal de Ele, e na salgada
Regiaõ nadador, em planta fruto,
Que aos de Luso naõ fosse dar tributo.

XXVI.

Assi descança o povo trabalhado,
E affeitos liberaes o Rei ostenta:
Mas naõ descança Affonso; que o cuidado
O desvela do pezo, que sustenta.
E já que vio de todo restaurado
O dano recebido na tormenta,
Despedido do Rei, dar manda as vélas;
Rompem as naus o mar, e as ondas nellas.

XXVII.

Do naõ viſto canal novo roteiro
Os ſabios nautas ſignalavaõ, quando
Huma vela, gritou hum marinheiro,
Lá terra terra ſe nos vai furtando.
Logo daquella empreza o alto guerreiro
Aires Pereira a gloria deſejando,
No batel a ſeguio com dez ouzados,
De arnezes fortes, e valor armados.

XXVIII.

Bem como o aláõ caſtiço o lobo vendo
Pelo monte ſe lança, e generoſo
Chega onde o bruto fero revolvendo
Os dentes bate horrendo, e corajozo:
Tal o invicto Pereira, o mar rompendo
No lenho bem remado, impetuoſo
Chega ao imigo, que ferós o eſpera,
E o recebe ferós co a eſpada fera.

XXIX.

O ferro, por ferir hum, e outro, aperta,
E da victoria a palma ter pertende:
Brama o Pagáõ: e neſta ſorte incerta
Os ſeus anima, e forte ſe defende.
Voaõ tiros, qual erra, qual acerta:
Tal vez hum ſe repara, tal offende,
E com ira, e furor, que infunde Marte,
Hora da força uzavaõ, hora da arte.

XXX.

Tinha-ſe largo tempo combatido,
Sem que ſe conheceſſe melhoria;
Pereira em muitas partes já ferido,
E dos mais no batel ſangue corria.
Tinhaõ da parte adverſa alguns cahido;
Rendendo inteira palma á morte fria;
E o barbaro caudilho taõ terrivel,
Que o puderaõ julgar por invencivel.

XXXI.

Pereira, envergonhado da tardança,
A força apura: e todo envolto em ira
Hum freixo groſſo, que brandio por lança,
Ao peito do valente imigo tira:
Paſſou por alto, e o Mouro ſe abalança;
Que entaõ já ſó a vingar a ſua morte aſpira:
No batel ſalta; que a quem move a furia
Naõ teme a morte, nem eſtima injuria.

XXXII.

Todos nelle as eſpadas empregavaõ,
E a todos admirava hum monſtro horrendo;
Porque enxutas, e limpas as tiravaõ,
Das feridas o ſangue naõ correndo.
Os ſeus em tanto naõ ſe deſcuidavaõ,
Pedras, frechas, e dardos diſpendendo:
Repara-ſe Pereira, e de eſtocada
No peito irado lhe eſcondeu a eſpada.

XXXIII.

XXXIII.

Qual acoſſado o javalí furioſo
Por lanças rompe, e co monteiro cerra;
Tal o ferós imigo monſtruoſo
Os mais deſpreza, e dá a Pereira guerra:
O acicalado ferro luminoſo
Toma a duas mãos; e co furor, que encerra,
Hum fendente lhe tira; mas ligeiro
Se aparta, e cerra o Portuguez guerreiro.

XXXIV.

Pereira, nas ſuas forças confiado,
Co Agareno ſe abraça; e de tal ſorte
Nos braços o apertou no ar levantado,
Que o eſpirito renderlhe fez a morte.
O corpulento Antheu aſſi apertado,
Nos braços acabou de Hercules forte,
Porque forças da mãi naõ recebeſſe,
E as recebidas ultimas perdeſſe.

XXXV.

Do corpo deſpedida a alma indignada
Pela porta deſceu da pena, e pranto
A'quella eſcura, e miſera morada,
Que até no penſamento cauſa eſpanto.
Dos valentes ſoldados foi entrada
A defendida embarcaçaõ em tanto,
E cativos alguns dos defenſores,
Deſpois de obras em armas ſuperiores.

XXXVI.

Alcançada a victoria, extincta a ira,
Saber o cavalleiro deſejava
Quem fora o forte barbaro, em quem vira
Tanto valor, que morto inda invejava:
Feridas mil lhe vê; e mais ſe admira
De que nenhuma ſangue derramava:
Em fim pergunta o que lhe cauſa eſpanto,
A hum velho, que lhas lava com ſeu pranto.

XXXVII.

Força (diſſe elle) de cruel deſtino,
Em vaõ com varios meios reſiſtida,
Foi guiando a eſſa morte de contino
Eſſe, que a voſſas maõs perdeu a vida.
Querer fugir ao fado he deſatino;
E ſaõ mui poucos os que tem unida
A' razaõ a vontade; e entre cento
Domina os aſtros hum co entendimento.

XXXVIII.

Seu bom progenitor no rigoroſo
Ponto antes de expirar a mim o entrega:
Eſtimei o penhor pouco ditozo,
Porque a minha deſdita o bem lhe nega.
Servo, ſe bem no amor pai cuidadoſo,
Fiz quanto a diligencia humana chega,
Por elle a varias partes navegando,
Oraculos, e Magos conſultando.

XXXIX.

De hum monte de Ceilaõ na excelſa alteza,
Deſde antigas idades venerada,
Onde hum penedo na horrida aſpereza
Conſerva de hum varaõ ſanto a pégada,
De ſciencia rico, amante da pobreza,
O adivinho Larnaõ teve morada:
Buſcallo fui; que amor he todo exceſſos
Por ſaber deſte o fim, vida, e ſucceſſos.

XL.

Já que a meu rôgo levantou figura,
Deixou incerta aſſi minha eſperança;
Com valor grande ſeu ſecreto dura:
Dará reinando a ſeu maior vingança.
Mas corta aſtro infeliz eſta ventura;
Sua vida eſtará poſta em balança:
Mas, ſe lhe for contraria em tudo a ſorte,
Eterna fama o livrará da morte.

XLI.

Dalli paſſei lá donde o grande rio
Mecon em gruta eſcura reſpondia:
Propuz-lhe meu deſejo, ou deſvario;
E tal repoſta aſſi me deſconfia:
Cortará ao forte moço o vital fio
Hum, que virá lá donde acaba o dia.
Eu doudo entaõ, co a dor de amor levado,
Quiz eſtorvar o que ordenava o fado.

XLII.

XLII.

No mais inculto da fragoza ſerra
Da Jáoa animal fero, e raro habita,
Que virtude num oſſo tanto encerra,
Que, rémora do ſangue, o da agua imita:
Fiz-lhe até o alcançar, e aos montes guerra;
Que amor todo o trabalho facilita,
Cuidando aſſegurar co elle a vida,
De mim guardada em vaõ, delle offerecida.

XLIII.

A eſquerda coſta do animal precioſo,
Abrindo-o vivo, lhe arranquei do peito;
Della a manilha fiz, que o valorozo
Braço rodêa, e tem o ſangue eſtreito:
Felice caçador, mas deſditozo
Em conſeguir de meu intento o effeito;
Que á minha diligencia que lhe importa
Fechar o ſangue, aberta á morte a porta?

XLIV.

Deitou ferro em Malaca o Luſo bando
E o vates de Mecon trouxe á lembrança:
Temí, fero homicida imaginando;
E anticipar-me quis, cego á vingança:
Tanto pedindo fiz, e aconſelhando,
Que em parte conſegui minha eſperança,
Com mortes, e prizoẽs de alguns dos voſſos,
Que cuſtaraõ tambem muitos dos noſſos.

XLV.

E, para que melhor do caſo informe,
Sabei que foi o graõ Nahóda Beguea
Eſſe, que a morte fez tanto disforme,
E em fórma vendo eſtais horrida, e fea:
Se fora o fado a ſeu valor conforme,
Malaca, que inda delle ſe recea,
Sua fora; atalhando immenſo dano,
Livrára a amada patria de hum tyranno.

XLVI.

Que eſſe infelice, a quem eſtrella dura
Ordenou males de remedio fóra,
Deſcendia do Rei de Sincapúra,
Morto pelo traidor Paramiſora.
Por reinar juſtamente ſe aventura
O peito illuſtre, em quem o valor mora,
E devia vingar ſeu aſcendente
No do traidor tyranno deſcendente.

XLVII.

Mas como para o effeito do graõ caſo
Era forçozo dar a muitos parte,
(Qual ſe derrama ás vezes, ſe de hum vaſo
Algum licor por outros ſe reparte)
Se derrama o ſegredo antes do prazo
Já concertado com induſtria, e arte:
Em fim, minha eſperança deſtruida,
Huns perdemos a patria, outros a vida.

XLVIII.

XLVIII.

Deixou hontem Pacém neſte navio
De mim o varaõ forte aconſelhado,
Dando com má fortuna ao vento frio
Vèlas, fugindo de Albuquerque irado:
Torcia a parca o derradeiro fio;
E, quanto fiz por contraſtar o fado,
Foi apreſſallo mais; que, ſe porfia,
A huns cruel arraſta, a outros guia.

XLIX.

Criei deſde o infelice naſcimento
O que frio cadaver eſtais vendo.
Porém aqui, ſenhor, o ſentimento
Eſtá da hiſtoria o fio interrompendo.
Nega o apreſſado ſoluçar o alento,
E dos olhos dous rios ſaem correndo:
Naõ o eſtranheis; que do eſperado fruito
Já naõ me fica mais, que ſentir muito.

L.

Aſſi dizendo, caudaloza vêa
De ſoluços, e lagrimas derrama:
E como a vida o miſero recea,
A morte pede, e pela morte chama.
Mas Pereira façanha julga fea
Dar a morte a quem já ſó morrer ama:
E do braço tirar manda a manilha,
Do ſangue rémora, e alta maravilha,

LI.

Tal como nos jardins ſuccede, quando
O ſecreto regiſto o cultor move,
A reprezada linfa ſae pullando,
E livre da prizaõ no tanque chove:
Tal o ſangue detido rebentando
Cauſa eſpanto; e já a laſtima commove
No inſtante, que do braço fóra eſteve
A attractiva força, que o deteve.

LII.

Deixa o ſangue o cadaver num momento:
E Pereira admirado, e ſatisfeito,
Ferir cos remos manda o ſalſó argento
Por contar a Albuquerque o eſtranho feito.
Preſentou-lhe a manilha (alto portento
Por ſeu maravilhoſo, e raro effeito)
E aquelles poucos barbaros cativos,
Que dentre as mortes eſcaparaõ vivos.

LIII.

Eſtima o capitaõ o dom precioſo,
E a morte ſente do traidor Beguea,
Que a fama deſdourou de valorozo
Levado da ambiçaõ, que mal ſe enfrea:
Mas julga por agouro venturozo
Começar o caſtigo á traiçaõ fea,
Em hum dos principaes auctores della;
E que naveguem manda a toda a véla.

LIV.

LIV.

Da Polvoreira a viſta, já que entrava
A dourar orizontes encobertos,
O Planeta maior, que matizava
De roſicler no Ceo longes, e pertos:
Do nauta, que da gavea vigiava,
Foraõ dous grandes juncos deſcobertos,
Sobre os quaes arribar coube por ſorte
Ao valente Alpoém, e ao Lima forte.

LV.

Amaina logo hum delles, naõ querendo
A furia experimentar da artilharia:
Mas, defender-ſe o outro pertendendo,
Moſtra da gente deu, que em ſi trazia.
Innumeraveis tiros diſpendendo,
Groſſa nuvem de fumo o ar cobria,
Com que tudo começa a eſcurecer-ſe,
A derramar-ſe o ſangue, a morte a ver-ſe.

LVI.

Por conſeguir o bellicoſo intento
Força, e manha os de Luſo exercitaraõ,
Procurando ganhar o balravento,
Que os do guerreiro junco ſuſtentaraõ:
De todo em tanto no humido apozento
De Phebo os claros raios ſe encerraraõ,
E poz por entaõ tregua a noute eſcura
Ao rigor da contenda aſpera, e dura.

LVII.



LVII.

Seguido o junco foi de toda a armada
O discurso da noute ; e começando
De Daphne o amador nova jornada,
A matutina luz tudo alegrando ,
O magnanimo Affonso, aparelhada
A gente para o caso, disparando
No lenho imigo os raios de Vulcano,
Executa igualmente assombro, e dano.

LVIII.

Da artilharia dada a carga horrenda ,
Abalrôa travando a Christaã gente
Com a Pagaã asperrima contenda,
Obrando o ferro , e fogo juntamente:
A defender exhorta , e a que offenda
Do junco o capitaõ déstro , e valente ,
A cada qual dos seus sempre diante,
No mór perigo intrepido , e constante.

LIX.

Porém , vendo-se entrar , a confiança
Perdida , usou do barbaro costume
Dos Jáos , pondo-se fogo ; fera usança
Daquelles, a quem falta o santo lume.
De modo a voraz flamma se abalança,
Que tudo em cinza transformar presume,
Forçando a que Albuquerque se apartasse,
Porque na flor do mar naõ se ateasse.

LX.

Elles no meſmo ponto, que ſe acharaõ
Do Portuguez valor deſapreſſados,
Em apagar o fogo ſe empregaraõ,
Já do temor da morte aconſelhados:
No meio do trabalho repararaõ
Na Ciuz, Quinas, Caſtellos matizados,
Da Luſa Real bandeira; e conheceraõ
Com quem batalha por ſeu mal tiveraõ.

LXI.

Da reſiſtencia o barbaro valente,
Bem que tarde, ſe moſtra pezarozo;
E manda o muito, que o ſucceſſo ſente,
Manifeſtar ao contendor famoſo:
Porém que de varaõ taõ excellente
Se promettia já perdaõ piedozo;
Pois do paſſado a culpa conſiſtia
Em naõ ſaber de quem ſe defendia.

LXII.

Seguio o menſageiro, e a bordo veio:
Sobe ao convés, ante Albuquerque chega
E diſſe: O Ceo te guarde, eſpanto, e freio
De toda a Aſia, que em tuas maõs ſe entrega:
Já, vendo-te, parece alcanço o meio
Para o deſcanço, que a fortuna nega:
E, ſe fores comigo hoje piedozo,
Serás mais, que a fortuna, poderozo.

LXIII.

LXIII.

Que tanto contra mim, ſenhor, tem feito,
Que a poder mais chegar naõ imagino,
Sendo, qual rocha oppoſta ao mar, objeito
De males, que em mim ferem de contino.
Levanta-ſe Albuquerque; e o grave aſpeito,
E valor viſto, julga de honra dino;
E com palavras cheas de eſperança
Lhe dá conſigo aſſento, e ſegurança.

LXIV.

O valente Pagáõ mais animado
Do piedozo, e brando tratamento,
O diſcurſo proſegue começado,
Com affeitos de novo ſentimento.
Por herança, ſenhor, fiquei ſentado
(Dizia) de Pacèm no Regio aſſento;
Mas ſeguro ninguem vive de enganos,
E a confiança vã prova mais danos.

LXV.

He meu nome Geinal, do Rei temido
De Pacém filho reſpeitado em quanto
Das eſtrellas me vi favorecido,
Ou de quem fez eſſe eſtrellado manto.
Hoje, por deſventuras conhecido,
Aos Reis exemplo ſou, ao mundo eſpanto;
E me laſtíma ſempre que á memoria
He forçoſo trazer a triſte hiſtoria.

LXVI.

LXVI.

O cetro ſuſtentar já naõ podendo
O meu progenitor por larga idade,
E eu, filho da velhice, annos naõ tendo
Quaes de tal pezo pede a authoridade;
Fez hum Governador, naõ antevendo
Ser a ambiçaõ a Syrte de Lealdade:
Tido era eſte por juſto, e por prudente,
Porque fingir ſabia facilmente.

LXVII.

Morto Agricaõ pai meu, em tituria
Lhe fiquei com o Reino encomendado:
Fui crecendo; e ao paſſo que eu crecia,
Punha em me ſugeitar maior cuidado:
Porém com tanta aſtucia procedia,
Que nunqua intento ſeu foi alcançado,
Até que amor, principio de meus danos,
Lugar, e favor deu a ſeus enganos.

LXVIII.

A formoſura engrandecia a fama
De Argiana alta Infanta de Malaca,
E juntamente amor a viva chamma
Em mim accendia; que taõ mal ſe aplaca.
Senti tudo, o que ſente quem bem ama;
Que contra amor toda a defenſa he fraca,
E, ſem entender como, num inſtante
Fui por fé, do naõ viſto objeito, amante.

LXIX.

E como o peito amando naõ focega,
Por momentos crefcendo em mim o defejo
Da bella vifta, que a diftancia nega,
Partirme á vella disfarçado elejo.
Levado em fim daquella paixaõ céga,
Do penfamento a ligeireza invejo,
Deixando no governo effe tyranno,
Que como Rei impéra por meu dano.

LXX.

Paffei o mar, aventurei a vida,
Tomei porto em Malaca em ponto forte,
Que lá me tinha o fado apercebida
Defdo berço infeliz já viva morte:
Chegando nos principios á medida
De meu defejo, fe moftrou a fórte,
Que tal vez ao que em feu favor confia,
Por apparentes bens aos males guia.

LXXI.

Favorecido fui da Infanta bella:
Mas ai de mim, que foi para mais magoa,
Pois lhe dava outro dono minha eftrella,
E a mim fempre brotar dos olhos agoa:
Dada a Acem Rei de Paõ foi, que por ella
Tambem de amor fentia a ardente fragoa,
E por mais venturofo, e por parente,
Alcançou bem taõ grande facilmente.

LXXII.

LXXII.

Eu quando meu mal ſoube, amor culpando,
Diſſe, e fiz com a dôr mil deſvarios;
Logo a perda do bem conſiderando,
Foraõ os olhos meus correntes rios.
Qual o vencido touro, que bramando,
Os montes inquieta, e valles frios,
E por entre as devezas eſcondido
Apparecer naõ ouza de corrido;

LXXIII.

Tal eu, mil vaõs queixumes dando ao vento,
Dos que me acompanhavaõ me eſcondia,
E em ſolidaõ, ſuſpiros, e lamentos
A vida por inſtantes conſumia:
Ao paſſo deſtes graves ſentimentos
Hum conhecido freneſi creſcia,
Com que as vozes, e gritos ſe aumentavaõ,
E nos olhos as lagrimas faltavaõ.

LXXIV.

Chegou-me o ſentimento em fim a eſtado,
Que alheio de mim meſmo, me embarcaraõ
Aquelles, de quem fui acompanhado,
Cruéis, porque morrer me naõ deixaraõ:
Mas os males no malafortunado
Nunca para acabar ſe começaraõ:
Pelo que entendo naõ cortou a morte
O vital fio em hum tranſe taõ forte.

LXXV.

A' viſta de Pacém já o mar cortava,
Eis chega em lenho leve á noſſa proa
Livante meu fiel, que me buſcava,
Com aviſo da perda da coroa:
Diz que tyranno Rei ſe appellidava
O traidor Aridano; e como voa
A triſte nova, chega a meus ouvidos,
E a confuza alheaçaõ de meus ſentidos.

LXXVI.

E como grandes males de repente
O ſangue alteraõ, e o animo arrebataõ,
Succede ſer antidoto ao doente,
Tal como os goſtos repentinos mataõ:
De meu enfermo cizo o accidente
Aquellas triſtes novas desbarataõ,
Aſſi que a nova dôr me torna o cizo,
Que outra dôr me tirará de improviſo.

LXXVII.

Pois como em mim tornaſſe o ſentimento,
Vós, ſenhor, o julgai, quanto obraria
Com tantas cauſas, que alli o penſamento
A' memoria entaõ juntas me trazia:
Dos meus aconſelhado num momento
Da cidade fugi, que apparecia,
E tomei porto ao pé de huma alta ſerra,
Acomodado ſitio para a guerra.

LXXVIII.

Ajuntarſe comigo alli vieraõ
Muitos, que ſe obrigaraõ da lealdade;
E de armas, ouro, e prata me proveraõ,
As obras igualando co a vontade.
As vidas dar por mim offereceraõ;
Heroica prova, que na adverſidade
De vaſſallos, que tinhaõ obrigados,
Se viraõ muitos Reis deſemparados.

LXXIX.

De todo o Reino tendo já comigo
Dez mil, que em tempo breve ſe ajuntaraõ,
Deſci, donde as eſquadras do inimigo,
E as minhas duramente ſe encontraraõ:
Com ira, qual ſe fora de odio antigo,
Ferindo, e dando mortes, ſe travaraõ
Amigos, e parentes; civil guerra,
Abbreviado inferno cá na terra.

LXXX.

Igual hum grande eſpaço eſteve Marte,
Como indeterminado na victoria;
Mas, paſſada do dia a maior parte,
Do inimigo a ventage foi notoria.
Venceo a multidaõ, o esforço, e arte,
Perdi á batalha, e do vencer a gloria,
Tornando-me da ſerra ao mais ſuperno,
Dous mil dos meus deixando em ſono eterno.

LXXXI.

LXXXI.

Saõs os feridos, a tentar a ſorte
Segunda vez deſci, e fui vencido;
Mas já para contar dos meus a morte
Vos canſará diſcurſo taõ comprido.
Só vos affirmo, que do tranſe forte
Naõ fugi, que entre os meus fiquei ferido,
E a noite me livrou da morte dura,
Que mais do uſado ſobreveo eſcura.

LXXXII.

Como pude de alguns acompanhado,
Que de mim junto achei bons companheiros
Nas fortunas, que tem por mim paſſado,
E nos riſcos por mim ſempre or primeiros,
Pela ſerra me entrei, e fui curado
Por valles eſcondido, e por outeiros,
Até que lugar tive de embarcar-me,
E de meu proprio Reino deſterrar-me.

LXXXIII.

Atéqui de ir a Jáoa intento tinha,
Em dous Reis poderoſos meus parentes
Poſta a vã eſperança, vã por minha,
De eſtorvos ſempre cheia differentes:
Mas já vejo que a vós Deos me encaminha,
Em quem tenha eſperanças mais urgentes;
Que obra digna ſerá de voſſo peito
O aggravo desfazer, que me tem feito.

LXXXIV.

LXXXIV.

Largo campo aqui tem o valor voſſo;
E fareis de virtude heroica prova:
Se me reſtituis, dizer bem poſſo
Que o Ceo empreza, que he taõ juſta, approva.
E vos prometto, ſe por vós me apoſſo
Do Eſtado, que perdi, que ſempre nova
Obrigaçaõ confeſſe, tendo a vida
A voſſo Rei, e a vós offerecida.

LXXXV.

Pagarei em ſinal de vaſſallajem
Parcas a voſſo Rei, e ſuas armadas,
Quando pela largueza da viagem
A meu porto chegarem deſtroçadas:
Amigavel teraõ certa hoſpedagem
Até ſer de ſeus danos reparadas,
E ſerei companheiro em dar caſtigo
Ao Rei Malayo de meu dano amigo.

LXXXVI.

E ſe por differença da lei noſſa
De vós meu rogo honeſto ſe deſpreza,
A lei me valha da piedade voſſa;
Que naõ he bem, ſenhor, que fique léza:
Com vencer, e triunfar (quando ſer poſſa)
O nome de piedozo igual ſe préza,
Inimigos dos reinos depuzeſtes,
Diga-ſe que aos amigos reinos déſtes.

LXXXVII.

LXXXVII.

Disse. E calando por reposta espera
De sorte, que em silencio inda rogava.
Tambem Affonso cala, e considera
Caso, que tanto a lástima obrigava.
Porém considerando o muito que era
Forçosa aquella empreza, que o levava,
O effeito lhe negou, naõ a esperança;
E assi lhe deu escusa, e confiança:

LXXXVIII.

Se o caso, que nos traz taõ longe, fora
De sorte, que tardança consentira,
Esta armada, que o Ceo faz vencedora,
Em favor vosso logo o mundo vira:
Porém já sabereis, pois corre agora
A fama, a compaixaõ movendo, e ira,
As mortes, e prizoẽs, que com engano
Usou da cruel Malaca o Rey tyranno.

LXXXIX.

Aos nossos companheiros lá cativos
He forçoso acudir (que estaõ passando
Inventados tormentos excessivos)
O soccorro, que vedes, aguardando:
Mas, se permitte o Ceo que os veja vivos,
E dê castigo ao caso miserando,
Vivei na fé, que empenho confiado,
Que vos poremos no perdido Estado.

XC.

XC.

Neſta promeſſa fez ſeu fundamento
O Principe pagáõ, agradecido
Do benigno, e amigavel tratamento,
Que eſperança lhe dá do promettido:
E figurando já no penſamento
Ver-ſe recuperado no perdido,
Para melhor de todo aſſegurar-ſe,
Do capitaõ naõ quiz mais apartar-ſe.

XCI.

As fortes naus em tanto o mar rompendo,
Os baixos de Capacia atrás deixaraõ,
Do canal os perigos commettendo,
De quem tantas hiſtorias fabularaõ:
Eis que nuvens a Aurora enriquecendo
Vinha, quando a ver terra começaraõ
Os nautas, e co a luz, que derramava,
A opulenta Malaca ſe moſtrava.

XCII.

Jaz Malaca, cidade das famoſas,
Num campo plano junto ao mar, batida
Brandamente das agoas caudaloſas
De hum rio pelo meio dividida:
De caſas de Pomona deleitoſas
Da parte do Sertaõ emnobrecida;
Muros naõ fabricou, porque os deſpreza
Dos naturaes a indomita braveza.

XCIII.

Tem para donde ſahe o Sol ardente
Na contracoſta o mar de ilhas coalhado:
Divide-a pela parte do Occidente
Do graõ Samatra o Bósforo dourado,
De Quedá o Reino, e o de Siaõ potente,
Que ſenhor fora do Malayo eſtado,
Para onde reſplandece Cynoſura,
Para o auſtro Sábaõ, e Cingápura.

XCIV.

Naquelle tempo a luz Phebéa entrara
Na caſa, que o celeſte Cancro habita,
Quando aquelle, que a terra cultivara,
De ſeu trabalho o premio ſolicíta:
Sóbe o povo, que tanto mar cortara,
Rompendo os ares com alegre grita
Por ver, ainda que longe, a mageſtade,
Grandeza, e compoſtura da cidade.

XCV.

O Sol, que alegre começava o dia,
As cúpulas das torres lhe dourava;
O mar, que brandamente a combatia,
Dos edificios baſes prateva.
Admirado Albuquerque do que via,
Quem de tudo o informaſſe deſejava,
Quando Alaida chorando vê lembranças
De incertos bens, de incertas eſperanças.

XCVI.

XCVI.

Nó penſamento eſtá repreſentando
Lembranças, e ſaudades amoroſas,
As partes, que habitara contemplando,
Quando ella as frequentava venturoſas:
O capitaõ a atalha perguntando
Pelas couſas do Reino mais famoſas,
A ſucceſſaõ dos Reis, a antiguidade,
Fundaçaõ, e coſtumes da cidade.

XCVII.

Iſto entendendo logo a Luſa gente,
Que Neptuno profeſſa, e ſegue Marte,
Para ſe achar ao que dirá preſente,
Se foi chegando de huma, e de outra parte:
Tal, como as plantas, quando docemente
Soltava ao vento a branda voz com arte,
Tocando a lyra de ouro o Thracio amante,
Que abrio cantando as portas de diamante:

XCVIII.

Ella nos bellos olhos reprimindo
As lagrimas, que em perolas cahiaõ,
Bem que ainda ſeu pezar, no geſto lindo,
Entre as roſas orvalho parecia,
Lhe reſpondeo: Senhor, quando ſeguindo
Penſamentos, que na alma naõ cabiaõ,
Perdi a patria minha, o Ceo quizera
Que a lembrança tambem della perdera.

XCIX.

Porém do injusto Rei a tyrannia,
Do meu progenitor a injusta morte
Se estaõ representando cada dia
Na memoria, em meu mal tenás, e forte:
E quando o aggravo della me desvia,
Me torna a vêlla minha triste sorte;
Posto que, em vosso amparo venturosa,
Já naõ devo da sorte estar queixosa.

C.

Mas ao que desejais satisfazendo,
Tradiçoẽs ha, que, vindo perseguido
O Jao Paramissora, o mar rompendo,
De Sanguecinga foi bem recebido:
E que, a santa hospedaje este offendendo,
Da amizade o travado nó rompido,
Dera ao hospede amigo a morte dura,
Fazendo-se senhor de Cingapura.

CI.

Dalli correndo o mar pirata feito,
As liquidas campinas infestava,
De sorte, que por elle aquelle estreito
Já peregrino lenho naõ cortava.
Chegou deste aleivoso horrendo feito
A fama, que assombrando o divulgava,
Voando ao Rei de Siaõ co a nova féra,
Que sogro do defunto, e senhor era.

CII.

CII.

Pedindo-lhe vingança o ſentimento,
Muitas vezes mandou ſobre o homicida;
Porém (contraria a ſorte ao penſamento)
Deixaraõ ſempre os ſeus na empreza a vida:
Naõ fizeraõ mudar o iroſo intento
As perdas, e eſperança mal cumprida;
Com ſeu poder deſceo por mar, e terra,
A ferro, e fogo começando a guerra.

CIII.

Naõ ouſando eſperar ao Rei irado
Largou Paramiſſora a Cingapura,
E de tres mil dos ſeus acompanhado
O querer foi ſeguindo da ventura.
Donde o Muar ſombrio no ſalgado
Nereu confunde ſua corrente pura
Chegando, pareceo-lhe a terra boa,
E de eſtacadas fortes a coroa.

CIV.

Com elle vinha a infeſtante gente,
Que roubando até entaõ no mar vivia;
Celátea ſe chamava; era valente
Em tudo, que intereſſe promettia:
Neceſſidade, que no mal contente,
Fez, que delles quizeſſe a companhia:
Porém, vendo-ſe menos poderoſo,
Andava de ſuas manhas temeroſo.

CV.

CV.

Pello que, em brando modo despedidos,
Lhes ordenou que povoaçaõ fizessem
Mais a baixo; porém que sempre unidos
Nos casos necessarios estivessem.
Vaõ da necessidade constrangidos
Buscar sitio seguro, em que vivessem;
E no lugar, que vedes, estiveraõ,
E á sua povoaçaõ principio deraõ.

CVI.

Tendo cos naturaes guerra, ha quem diga
Que, imitando aos Romanos arriscados,
De outro roubo amoroso a paz se siga,
Das filhas, das esposas obrigados:
Viveraõ annos em conforme liga
Os Celites ao mar acostumados,
O seu antigo officio exercitavaõ,
Os naturaes da terra a cultivavaõ.

CVII.

Veio esta gente a tanto crescimento,
Que a povoaçaõ estreita reprovaraõ;
E, deixando-a deserta, em outro assento
(Cujo nome he Bintaõ) edificaraõ:
Delle tomando o Ceo este instrumento,
Que assi o presumo, a convidar mandaraõ
Paramissora, com que os governasse,
Para que a graõ Malaca se fundasse.

CVIII.

CVIII.

Deixou Paramiſſora o ſitio eſtreito,
Que habitara forçado; e a Bintaõ veio,
Donde paſſou a vida, ſem do peito
Perder do Siame Rei nunca o receio:
Mas, co tempo eſquecido o eſtranho feito,
Hum filho ſeu, que foi de medo alheio,
Xaquemdarxa o guerreiro ſe chamava,
Que, decrepito o pai, já governava,

CIX.

Por ſe ajudar do mar, em que a eſperança
Punha de vir a ter hum grande Eſtado,
Principio deu com nova confiança
Ao povo, que hoje o Ceo tem proſperado:
E como ſempre tinha na lembrança
Seu velho pai da Jáoa deſterrado,
Por nome a eſte lugar *Malaca* applica,
Que *deſterro* na Jáoa ſignifica.

CX.

Logo os Celátes Jáos, e os que a cultura
A' terra daõ, Malayos ſe chamaraõ;
E em ſeguir todos huma ſó ventura
Por alta ordem dos Ceos ſe conformaraõ,
Com geral alegria, e com fé pura,
Por Rei o Xaquemdarxa appellidaraõ:
Eſtes ſaõ de Malaca os povoadores,
Eſte o primeiro Rei, dos Reis melhores.

CXI.

E como neste tempo á terra desse
Tributo o Siame Rei, que inda temia,
Ordenou grossa armada, que corresse
O mar, como num tempo o pai fazia;
Toda a nau obrigando a que viesse
Commutaçaõ fazer de mercancia
A' cidade, que foi assi crescendo,
E se foi Cingapura desfazendo.

CXII.

Moveo-lhe o novo Rei dos Siames guerra,
Que teve fim, pagando-lhe tributo,
Dando-lhe legoas cento mais de terra;
Naõ culta entaõ, hoje de grande fruito.
Mortal, pouco depois, os olhos cerra,
E Malaca deixou em pranto, e luto,
Bemque já engrandecida, e populosa,
Por opulenta, forte, e poderosa.

CXIII.

O primeiro foi este, que, deixado
O Gentilico rito, a Lei aceita
Daquelle, que lá em Meca venerado
No ar sustenta, e guarda tumba estreita.
Por morte deste Rei dos seus chorado,
Succede Modafaida em Reino, e feita;
E naõ foi menos, que seu pai, famoso
Nas armas, e conselho valoroso.

CXIV.

CXIV.

Desembainhando logo a fera espada;
Paõ, Campar conquistou, e Dandargire;
E neste mar trazendo grossa armada,
Reputaçaõ, riqueza, e fama adquire.
E vendo a sua cidade sublimada,
Como hum animo grande a mais aspire,
De Malaca Sultaõ se intitulava,
Que o Regio nome quasi desprezava.

CXV.

Morto o graõ Modafaida, o Regio mando
A seu filho passou Sultaõ Matusa,
Duro aos contrarios, aos amigos brando,
Bem digno de o cantar eterna musa.
Morreo de largos annos: e ficando
A gente sua em justa dôr confusa,
Succedeo-lhe Aladim filho mais velho;
Foi de rara virtude, alto conselho.

CXVI.

Paz continua gozando em seu governo,
Ajuntou copiosissimo thesouro,
E Malaca chegou ao mais superno
Estado de grandeza em gente, e ouro.
Quiz este (por ganhar renome eterno)
A casa visitar, que adora o Mouro;
Para o que naus armou devoto tanto,
Que nella presuppunha acabar santo.

CXVII.

Porém, como os humanos fundamentos
Saõ vaõs, quando o contrario ordena a ſorte,
Os do prudente Rei pios intentos
Atalhou, e desfez num ponto a morte.
Sultaõ Aladim morto, penſamentos
De ambiçaõ (que entre os homens he taõ forte)
Cauſaraõ diviſoẽs o meſmo dia,
E venceo co poder a tyrannia.

CXVIII.

Dous filhos de Aladim, ſenhor, ficaraõ:
Del Rei de Campar neto era o mais velho,
Chamado Soleymaõ, a quem faltaraõ
Os homens, naõ valor, nem bom conſelho.
Ao menor os Malayos ſe ajuntaraõ
(O' de humanos reſpeitos claro eſpelho)
Só porque era ſobrinho do Bendara;
Que ſempre o mundo o poderozo ampara.

CXIX.

Era o Bendara rico, e poderozo,
Co melhor de Malaca em ſangue atado;
E tanto pôde, e fez, que victoriozo,
O ſobrinho por Rei foi levantado.
Reinando pois Mahamet, mas receoſo
Como tyranno, em nada aſſegurado,
Naõ deſcanſou até que fratricida
A mim ſem pai, ao irmaõ deixou ſem vida.

CXX.

CXX.

Fiquei em ſeu poder de tenra idade;
Fui em prizaõ, poſſo dizer, criada;
Creſci, creſcendo o odio, e a vontade,
Para ſeu dano ſempre apparelhada;
Que quando me diſpuz á liberdade
Da Luſa gente intrepida, e arriſcada,
Foi tanto em odio ſeu, e por vingança,
Quanto por dar principio a huma eſperança.

CXXI.

E atrás naõ tornarei, a morte vendo,
Como em dano reſulte a eſte homicida,
Aliviando, e naõ ſatisfazendo
A dôr, até lhe ver perder a vida.
Voſſo valor me eſtá já promettendo
Ver ſedo eſta eſperança bem cumprida;
E o Ceo, que as injuſtiças aborrece,
As cauſas, que ſaõ juſtas, favorece.

CXXII.

Aſſi deu fim á hiſtoria, e naõ ao pranto,
Que os ſuſpiros de novo acompanharaõ:
Deſtros miniſtros de Vulcano em tanto
Os imitados raios diſpararaõ:
Engroſſa o fumo, e com ſeu rouco canto
As ſonoras trombetas incitaraõ
Os bellicoſos animos á guerra,
Dando ſalva de paz á excelſa terra.

CXXIII.

Durou por largo eſpaço o eſtrondo horrendo,
Bem que de paz, medonho, e eſpantozo,
Bramando os éccos longe reſpondendo,
Som fazião confuſo, e temerozo.
Parou a ignea procella, e desfazendo
Se foi logo o vapor caliginoſo,
Deſcobrindo-ſe toda a forte armada,
De tremulas bandeiras adornada.

CXXIV.

Pavezadas de Tyria côr cobriaõ
Das grandes naus graõ parte dos coſtados,
Que com arte ſutil offereciaõ,
Eſcudos com diviſas matizados:
Por tóldas, e convés appareciaõ
Os Portuguezes fortes, e arriſcados,
Veſtidos de mil cores differentes,
Moſtrando-ſe luſtrozos, e valentes.

CXXV.

Em tanto por Malaca o Rei tyranno
Diſcorre cuidadozo; e em toda a parte
Contra o poder, que teme, Luſitano
A defenſa provê, gente reparte:
Mil, e mil inſtrumentos de Vulcano
Para a parte do mar planta com arte
Sobre groſſas, e baſtas eſtacadas.
Com largo terrapleno fabricadas.

CXXVI.

CXXVI.

Abdalá o acompanha, que ſeguira
A forte armada, que Malaca altera,
E chegara antes della; porque a ira
Infernal ligeireza ao lenho dera:
Ouvindo el Rei o avizo, fogo eſpira;
Mas logo que o perigo conſidera,
Aos Reis vizinhos com tençaõ ſizuda
Menſageiros deſpacha, e pede ajuda.

CXXVII.

O Principe Aladim, unico herdeiro
Daquelle grande imperio, entre a nobreza
Malaya ſe offerece, e aventureiro
El Rei de Pam, que ſer amante preza:
Anima ao Rei o Principe guerreiro,
Que indomito, e ferós tudo deſpreza:
E ſoando em toda a parte a guerra irada,
O Rei ſubio a ver a Luſa armada.

CXXVIII.

Sóbe á torre, que Alaida frequentava,
Que dos ſeus paſſos ſobre o mar cahia;
E quanto alegre a fróta ſe moſtrava,
Tanto ſeu coraçaõ ſe entriſtecia:
Que já frio temor repreſentava
O caſtigo da culpa á fantazia;
E para que da armada o informaſſe,
Mandou que algum dos prezos ſe chamaſſe.

CXXIX.

Trouxeraõ-lhe Araujo; o qual uſando
Ante el Rei o devido acatamento,
Seguro, e confiado entrou moſtrando
Do valorozo peito o altivo intento.
Com roſto alegre o Rei diſſimulando
O temor, que lhe occupa o penſamento,
O chamou junto a ſi, porque podeſſe
Ver a armada, e razaõ della lhe déſſe,

CXXX.

Dizendo: Tù, que deves já por uſo
Conhecer deſſas naus toda a diviſa,
Deſſas, que, porque as préza o povo Luſo,
As eſtimo, dos capitaẽs me aviſa:
De quem he aquella, que de hum mar confuſo
Rodeado hum penhaſco ſe autoriza,
Brotando das entranhas eſcondidas
De vivo fogo flammas accendidas?

CXXXI.

Senhor, lhe reſpondeo, ſe naõ me engano,
Aquelle he o moço Jaime, a quem a ſorte
Sogeito fez ao amorozo engano,
Que entrada acha tambem no peito forte:
Mas poſto que de amor padeça o dano,
He de inimigos duro aſſombro, e morte;
E aſſi moſtra esforçado, quanto ardente
Neſſa diviſa o que ſeu peito ſente.

CXXXII.

CXXXII.

Lá naquella galé grande, e ligeira,
Que deitou neſte ponto ancora ao fundo,
Veio baſtoẽs ſanguineos na bandeira,
Alli o valor, e aſſombro vem do mundo.
Dom Joaõ de Lima he aquelle, na primeira
Idade, naõ ſe lhe acha outro ſegundo,
Salvo hum Coutinho, igual com elle em annos,
Em ſangue illuſtre, e feitos ſoberanos.

CXXXIII.

A bellicoſa tuba cá do Oriente
Ouvindo, deſprezou logo o ſocego;
E o mar paſſou com hum deſejo ardente
De fazer ſó na fama heroico emprego.
Fama cobiça o coraçaõ valente,
Naõ ouro, premio vil de animo cégo,
Por quem ſem razaõ tantos degeneraõ,
Que do mais pelo menos ſe eſqueceraõ.

CXXXIV.

Aquella grande nau, lá donde o vento
Eſtende tremolando hum eſtendarte,
Encerra em ſi o ſem par merecimento
Do noſſo Luſitano Chriſtaõ Marte.
Poſto que a fama com ſuas linguas cento
Só em feitos ſeus ſe occupe, dirá parte,
Que he (por mais que ella tudo facilita)
Materia para a fama inda infinita.

CXXXV.

CXXXV.

O Rei, que nelle ſó tinha o ſentido
Perguntou a Araujo deſta ſorte:
Quem he eſſe Albuquerque, que atrevido
Rompe o mar, deſprezando a vida, e a morte?
Eſſe, que eſtás pintando taõ temido,
De taõ alto valor, peito taõ forte,
Favorecido da fortuna tanto,
Que as remotas naçoẽs enche de eſpanto?

CXXXVI.

Que emprezas altas, feitos arriſcados,
Que alcançadas victorias o engrandecem,
De ti ſaber deſejo; que guardados
Feitos taes na memoria ſer merecem.
Poſto (diſſe Araujo) que os paſſados
Trabalhos a memoria me eſcurecem,
E que eſtou já culpando em mim meu erro,
Inda quando tivera a voz de ferro;

CXXXVII.

Temerario ſerei, dizer ouſando
Deſte heroe o trabalho illuſtre, e duro,
Como os que de ſi muito confiando,
Moveraõ guerra contra o Olimpo puro;
Deſcer como Theſeu, onde penando
As ſombras vio, me fora mais ſeguro,
Porém vós me mandais, que eu naõ me atrevo;
E por vós arriſcar-me a tudo devo.

CXXXVIII.

CXXXVIII.

Agora ó Muſa, tu, que favoreces
Intentos altos, teu favor invoco:
Tu, que rudos ingenhos ennobreces,
Val-me na heroica hiſtoria, que hoje toco:
Porque, ſe co a luz tua me faleces,
A temer o ſucceſſo me provoco
Do que com temeraria ouzadia
Quiz o carro reger, que fórma o dia.

CXXXIX.

Da-me ſacro favor; que todo o peito
Favorecido a muito mais ſe atreve.
Naõ perca, Muſa, naõ por meu defeito,
Valor, que a fama ſempre exaltar deve.
Calavaõ todos: e, por mais reſpeito,
Araujo hum pouco cuidando eſteve,
Como quem do paſſado faz memoria;
E deu principio aſſi á heroica hiſtoria.

LIVRO V.

ARGUMENTO.

Narra Araujo a ascendencia clara
A Mahomet de Albuquerque generoso :
As preclaras victorias , que alcançara ,
Que de grande lhe daõ o nome glorioso :
Como o Persico fino debellara :
Da conquista de Goa o fim glorioso.
Fica assombrado , e timido o tyranno ;
Mas o coraçaõ duro por seu dano.

I.

DEspois do Ilion suberbo derribado
Pello fatal cavallo , e Grega manha ,
Seguindo Ulysses o rigor do fado ,
Rompeo o estreito mar , que o Calpe banha :
E andando peregrino desterrado ,
Edificou no fim da illustre Hespanha ,
Que he cabeça de Europa , a graõ Lisboa ,
Da nossa Lusitania alta Coroa.

II.

Nella teve ditozo nascimento
De ascendencia Real o Heroe famoso ,
Que na primeira idade o pensamento
Mostrou logo de gloria cobiçoso.
Antes do quarto lustro o patrio assento
Deixou , correndo á guerra , desejoso
De mostrar o valor , a que era estreito
(Bem que espaçoso) o campo de seu peito.

III.

Logo entaõ os guerreiros Africanos
Sentiraõ quanto Marte lhe he propicio;
E conservaõ os campos Tingitanos
De seu alto valor o heroico indicio.
Passados em Arzilla os verdes annos,
No bellico louvavel exercicio,
Foi estimado de Joaõ Segundo,
Que illustre assombro entaõ era do mundo.

IV.

Porém em breves dias o Rei fórte,
Cujas memorias o Universo acclama,
Pagou o costumado censo á morte,
Se bem eterna vida lhe dá a fama.
No Reino succedeo por alta fórte
O grande Emmanoel, que hoje derrama
(Emulando as acçoẽs de seus maiores)
De valor, e prudencia resplandores.

V.

Estava a India entaõ em duvidoso
Estado, pella guerra que movia
O Çamorim com animo invejoso
A' Christaã gente, que em Cochim vivia.
O bom Rei, que dos seus he cuidadoso,
Para o soccorro armada apercebia:
As dignas partes de Albuquerque nota,
E o fez caudilho da guerreira frota.

VI.

VI.

Ficava outra no porto forte armada,
Que poſta vergadalto brevemente
De municoẽs, e de armas carregada,
Apoſentou galharda, e forte gente.
Della, com eſperança bem fundada,
Franciſco d'Albuquerque o graõ tridente
Levou, as azas dando aos groſſos pinhos,
Que abrem voando os liquidos caminhos.

VII.

E ſendo o invicto Affonſo o que primeiro
A's ondas ſe entregara, e freſco vento,
Por temporaes adverſos derradeiro
Chegou a ver de Phebo o naſçimento:
Já o primo forte achou, que do guerreiro
Çamorim abatera o ouzado intento
Rompendo os bravos Naires, que na terra,
E mar nos tinhaõ feito injuſta guerra.

VIII.

O bom Mabeodará já entaõ reinava
(Exemplo verdadeiro de amizade)
A quem o Çamorim fero odiava,
Mais forças a ambiçaõ dando á maldade:
E como o odio a ira lhe incitava,
E a ambiçaõ de continuo o perſuade,
Mais o irritava a perda, mais o dano,
Sem dar nunca lugar ao deſengano.

IX.

IX.

Tinhaőſe em Repelim fortificado
Os que daquella róta ſe ſalvaraő;
E com ſoccorro o campo reforçado,
A' ſegunda contenda ſe animaraő.
Mas como, ſe Redil de manſo gado
Hyrcanos tigres bravos aſſaltaraő,
Os fortes Albuquerques conſidero,
E tal o eſtrago ſanguinoſo, e fero.

X.

Bem como quando ſubita crecente,
Que o inverno cauſa, campos allagando,
Valles inunda, e a força da corrente
A terra rompe, plantas arrancando:
Tal reſiſtida a Luſitana gente
Rompe com furia, Naires derribando,
A quem tomando daquella ilha os portos,
Ficaraő ſeus Caimais prezos, e mortos.

XI.

Deu nova confiança eſta victoria
Ao Rei, que do ſucceſſo já temia,
E a ganhada por nós bellica gloria
Com lagrimas de goſto engrandecia.
Deſte feito ſerá eterna a memoria,
Invenciveis guerreiros (lhes dizia)
E o que em meu Reino houver, vos offereço,
Porque ſer hoje Rei por vós, conheço.

XII.

Deſte modo ſe moſtra agradecido
A'quelles, que por elle tanto obrarão,
E que ver o ſeu nome engrandecido,
Só premio de ſuas obras eſtimarão:
E ao grato Rei por elles foi pedido
Hum ſitio dos que junto ao mar ganharão,
Onde huma caſa forte edificaſſem,
Em que ſeguramente deſcançaſſem.

XIII.

Que o grande Emmanoel, já confiado
Na irmandade, e na fé, com que o amava,
De lá do fim da terra ſeparado,
Pedir por elles iſto lhe mandava.
Conſiderando o Rei que o ſeu Eſtado
Melhor daquelle modo aſſegurava,
Ajuda, e ſitio dá para que poſſa
Levantar fortaleza a gente noſſa.

XIV.

Abrem da Indiana terra o Ceo interno,
Que fruito rende grata a ſua eſperança,
Quando auſpicio, que faz tremer o inferno,
Lhe dá nova, e ſegura confiança:
A ſacra Ara, em que o Cordeiro eterno
Sacrificado foi, quando em balança
A juſtiça, e piedade os homens virão,
Os que o aliceſſe abrirão, deſcobrirão.

XV.

XV.

A Cruz ſanta preſumo que enterrada
Foi quando o cego Malabar perdia
A lei da Graça por Thomé plantada,
E colhia ſeu fruito a idolatria.
Junto com ella eſtava rica eſpada,
Guarnecida com fina pedraria:
Adora o Chriſtaõ bando o ſinal ſanto,
E os peitos fere com devoto pranto.

XVI.

Rodrigo, varaõ juſto, que milita
Seguindo a inſignia do Guſmaõ divino,
Elevado no Ceo, diſſe: O' infinita
Bondade, e de trabalhos premio dino!
Feſtejai, Luſitanos, voſſa dita:
A Cruz ſanta declara alto deſtino;
Por vós ſerá a Divina Fé eſtendida,
E com valor immenſo defendida.

XVII.

Affonſo em tanto o Marcial auſpicio
Des que o Divino adora, conſidera,
E diſſe: O Ceo prepare hum pio hoſpicio
A' lei da Graça entre eſta gente fera:
Que, ſe o Ceo merecermos ter propicio,
A guerra deſeſtimo, que me eſpera;
Que guerra pronoſtica aquella eſpada,
Se a Cruz a lei da graça propagada.

XVIII.

XVIII.

Aſſi diſſe. E os valentes Portuguezes
Tornaraõ ao trabalho cuidadoſos,
Os muros levantando em poucos mezes,
Que por Pacheco ſaõ hoje famoſos.
Tu, que amas o valor, he bem que prezes
Eſte, que fez a tantos invejoſos,
E ſe izentou do tempo de tal ſorte,
Que poder naõ terá ſobre elle a morte.

XIX.

Eſta força, ſenhor, foi a primeira,
Que edificou nas praias do Oriente,
Em paga da conſtancia verdadeira
Trás tanto encontro a Luſitana gente.
No mais alto arvorada a Real bandeira,
Junto o povo fiel devotamente,
Celebrou-ſe aquelle alto Sacrificio,
Em que Deos ſe nos moſtra mais propicio.

XX.

Feitas as ceremonias religioſas,
Do Rei, e companheiro deſpedido,
Rompendo Affonſo as agoas fluctuoſas
Chega a Coulaõ, e foi bem recebido;
Que, poſto que com cartas cauteloſas
Do Camorim o Rei foi perſuadido
Que lhe fizeſſe guerra, nada obraraõ;
E a pezar ſeu as pazes ſe juraraõ.

XXI.

E qual de Eſon o filho valoroſo,
Que fez do Phrygio ariete a conquiſta,
Offerecido ao caſo perigoſo,
Que em fim com o favor de amor conquiſta,
Do mar vencida a furia, co precioſo
Vellocino tornou á chara viſta
Do pai; tal Albuquerque á patria torna,
E já de louro a illuſtre fronte adorna.

XXII.

De aromaticas drógas carregadas
As grandes naus tornou á foz do Téjo,
Donde lhe foraõ de Manuel premiadas
Obras, que ſe igualaraõ co deſejo:
E tornando a mandar novas armadas
O pio Rei, em venturoſo enſejo,
Por companheiro de outro heroe valente
Tornar o manda aos berços do Oriente.

XXIII.

Paſſa o ceruleo pégo acompanhando
(Obediente a ſeu Rei) ao varaõ forte,
Illuſtre, e por idade venerando
Aquelle Cunha aſſombro de Mavorte:
No humido caminho trabalhando
Contra elles a fortuna, o tempo, a morte
Por muitas vezes ante os olhos viraõ,
E os males, que offerece o mar, ſentiraõ.

XXIV.

XXIV.

Paſſado o procelloſo lago, a terra
Os hoſpedou com feros inimigos,
Com as armas nas maõs promptos á guerra,
Que promettia mil mortaes perigos.
Porém elles, moſtrando quanto erra
O que deſpreza têllos por amigos,
Cidades abrazando, desfizeraõ
Reinos, e tributarios Reis fizeraõ.

XXV.

Foi o rigor primeiro executado
Na delicioſa Angoxa ao fogo dada,
Porque Oxeque, de vã ſoberba armado,
A paz naõ quiz de tantos deſejada:
Roto o Agareno povo acobardado,
Dava-lhe alcance a gente bautizada;
Dous alli, eſpoſo, e eſpoſa, aos mais ſeguiaõ,
Moſtrando que de amar-ſe ſó viviaõ.

XXVI.

Do curto paſſo da querida eſpoſa
Naõ ſe adianta o Sarraceno amante:
Mas donde reina amor, que rigoroſa
Morte ha, que dê temor, nem mal que eſpante?
A gente fugitiva, e temeroſa
Seguia, ao meſmo Marte ſemelhante,
O invicto Jorge da Silveira, vidas
Tirando, dando a Pluto almas perdidas.

XXVII.

Delle encontrada por ditoſa ſorte
A namorada copia, qual no monte
Se offerece á defenſa da conſorte,
Salvage touro de arrugada fronte:
Tal firme o amante, offerecido á morte,
Salve-te, diſſe, amiga; ſó ſe conte
Que executa o inimigo em mim ſua furia;
E o Ceo eſtorve que te faça injuria.

XXVIII.

Ella reſponde: Mal partir-me poſſo
Sem ti, que es alma, que eſte peito animas:
Do bem, faltando tu, me deſapóſſo,
Que em ti conſiſte, ſe teu bem me eſtimas.
Naõ dividirá a morte eſte amor noſſo,
Se a vida por ſalvar-me deſeſtimas:
Morramos juntos, ſeja iguál a ſorte;
Que vida me ſerá contigo a morte.

XXIX.

Dizendo aſſi, nos delicados braços
Aperta o do amor ſeu querido objeito,
Qual ter coſtuma entre amoroſos laços
A vide amante o frondoſo ôlmo eſtreito:
Ou, qual com tenaciſſimos abraços
Do firme arrimo penetrando o peito,
Labyrintos tecendo a hera prende
O tronco, por quem ſóbe, e de quem pende.

XXX.

XXX.

Os extremos de amor, e alta firmeza
Vio Silveira; e com alma compaſſiva,
Felice amante, diſſe, a vida preza,
Para que tanto amor eterno viva:
Buſca piedoſo abrigo na aſpereza
Da ſerra, em quanto for a ſorte eſquiva:
Nunca permitta o Ceo (perdoe Marte)
Que taõ eſtreito amor por mim ſe aparte.

XXXI.

Vou (reſponde o pagáõ,) porém rendido,
Varaõ forte, em quem vejo alta bondade;
E a piedade, que uſaſte agradecido,
O Ceo uſe contigo de piedade:
E ſe algum tempo menos affligido
Permittir que eu te veja, eſta vontade,
Que em meu peito por ti cativa fica,
De agradecido affeito verás rica.

XXXII.

O meu nome he Golife, Alexandria
A patria, em toda a parte nomeada;
Alli arder vejo os bens, que poſſuia;
Aqui por ti ſalvo a prenda mais amada:
Com ella verei lédo a luz do dia,
A riqueza me fica mais prezada;
E, pois te moſtras com amor piedoſo,
Do mundo o amor te faça o mais ditoſo.

XXXIII.

XXXIII.

Affi fe defpedirað : e entre tanto
Deixado o alcance, a gente já fe empréga
Nos defpojos ; e o fogo, com efpanto
Dos pagaős triftes, quafi ás nuvẽs chega :
Deixando Angoxa envolta em fogo, e pranto,
De novo ao campo de Safir fe entrega
A vencedora armada ; e brando o vento
Refpirava nas vellas frefco alento.

XXXIV.

Semelhante rigor experimentarað
De Lamo os imprudentes moradores,
E os de Brava, que enganos vaős ufarað,
Até provar os ferros cortadores :
Guerra acclamando, a fanta paz negarað
Provocados a bellicos furores,
Adquirindo foberbos com feu dano,
Pofto que tarde e em vaő, o defengano.

XXXV.

Rica era Lamo, Angoxa deliciofa,
Que feu campo fe moftra ao cultor grato ;
Habitadas de gente bellicofa,
Na oftentaçaő foberba, e no apparato.
Era Brava cidade populofa,
De grandes edificios nobre ornato,
Groffa pello comercio de Sofalla,
De Anfiaő, de Cambaya, e de Bengala.

XXXVI.

XXXVI.

Abrazadas Angoxa, Lamo, e Brava,
Marte em Socotorá ferós tiveraõ
Com os Fartaquins fortes, gente brava,
Que nem á meſma morte ſe renderaõ:
Pella fama, que ſó ſe reſpeitava,
Invenciveis a vida dar quizeraõ,
Arrogantes chamando, e bellicoſos
Os partidos honeſtos, pouco honroſos.

XXXVII.

Era Socotorá ilha habitada
De Chriſtaõ povo, desd' o tempo quando
Thomé, em Divino fogo a alma abrazada,
Alli chegou, hum Deos, e Homem prégando:
Dos Fartaquins pouco antes conquiſtada,
A miſeravel gente mal tratando,
Uſavaõ dos rigores inhumanos,
Que uſar coſtumaõ barbaros Tyrannos.

XXXVIII.

Poſta em noſſo poder a fortaleza
Com morte dos valentes defenſores,
E por nos levantada a mais grandeza
Com groſſos muros, torres ſuperiores;
Recolheraõ-ſe á nautica eſtreiteza,
Triunfando os dous inſignes vencedores,
Deixando nella capitaõ valente,
Com muitas muniçoẽs, e déſtra gente.

XXXIX.

Acabada eſta empreza, do guerreiro
Se deſpede, o profundo pégo abrindo
O illuſtre, e valoroſo companheiro,
Buſcando as praias de entre o Ganges, e Indo.
E Affonſo, a quem tocava outro roteiro,
De novo novos mares inquirindo,
Chegou rendendo tudo onde a memoria
Conſerva de Albuquerque a heroica hiſtoria.

XL.

Pello Perſico ſeio entra imitando
O furibundo raio diſparado
Da alta nuvem, rompendo, e abrazando,
Contra a mór reſiſtencia mais irado:
Grandes ruinas, que atrás vai deixando,
Veſtigios do rigor executando,
Publicando eſtaraõ milhares de annos
O preço de ſeus feitos ſoberanos.

XLI.

Naõ vio dos celebrados nas hiſtorias
Nenhum de mais valor a luz do dia,
Na execuçaõ, diſcurſo, e nas victorias,
Nelle o Grego Melchiades ſe via;
E com Ceſar, em tantas Marciáes glorias,
Vim, *vi*, *venci* tambem dizer podia:
Compete com David no ſofrimento,
E vence as ſemrazoẽs co entendimento.

XLII.

XLII.

Rendeo-ſe ao nome Luſitano logo
Antes de vir ás armas Calajate:
E foi com rigor poſta a ſangue, e fogo,
Pena de ſua ſoberba Curiate.
De paz tratava com humilde rogo,
Naõ querendo rigor provar, Maſcate;
Mas dous mil Benjabares, que lhe entraraõ;
Por ſeu mal, de ſocorro, os alteraraõ.

XLIII.

Pellos Maſcates declarada guerra,
Ordenou Albuquerque dar-lhe aſſalto;
E poſta a Luſitana gente em terra,
Ganhou á eſcala viſta o muro alto.
Ouſado a ganha, e com tal furia cerra
O eſquadraõ forte, que de valor falto
Deixa a cidade o Benjabar fogindo;
E ſem ordem os ſeus o vaõ ſeguindo.

XLIV.

Seguindo foi o alcance dando morte,
Sem ſexo reſervar, perdoar idade:
E depois, recolhida a gente forte,
No recheo ſe entrega da cidade:
Entraõ correndo, como os guia a ſorte,
Os ſoldados as caſas, a vontade
Cobiçoſa fartando nas riquezas,
Que muros altos rompe, e fortalezas.

XLV.

Despojada Mascate, em fogo ardendo,
Remate de castigos, e rigores,
Chorosos des de hum monte o incendio vendo
Seus mal aconselhados moradores,
Levantaõ ferro os nautas, estendendo
Ao vento as vellas grandes, e menores,
O porto a armada deixa, e em breve chega
Onde o alto esforço em novo Marte emprega.

XLVI.

Chega sobre Orfaçaõ: e confiados
Seus vezinhos na grande fortaleza,
Soberba ostentaçaõ fazem de ousados,
E mostras daõ de indomita braveza:
Porém logo, melhor aconselhados,
Provar naõ querem a ira Portugueza;
E valor respeitando no contrario,
Tributo lhe offerecem voluntario.

XLVII.

Deixa Orfaçaõ; e á forte Soar chega,
Onde, justificada a gente Lusa,
Trato, e paz offerece: e a paz lhe nega
O Agareno esquadraõ, que as armas usa.
Já gastado era o dia; e mal socega
Affonso a noite: e dando luz confusa
A Aurora, naõ aguarda que o Sol saia:
Parte iracundo a cometer a praia.

XLVIII.

XLVIII.

De barbaras catervas occupada
Eſtava toda, promptas á defenſa;
Porém por força a deixaõ deſpejada,
Melhor ſofrendo afronta, já que a offenſa.
Segue a victoria a gente bautizada
Até á porta, onde a furia immenſa,
Cos imigos envolta, entrar procura;
Mas acha nella reſiſtencia dura.

XLIX.

Alli feridas dando, e recebendo,
A bellica contenda ſe renova,
A entrada os Sarracenos defendendo,
Que vencer cada qual dos noſſos prova:
Albuquerque impaciente reprendendo
Eſta pouca tardança, heroica prova
Faz de ſeu graõ valor; embraça o eſcudo,
E, cometendo á porta, rompe tudo.

L.

Como em Adraſtia o filho de Philippe
Paſſa contra o poder de Aſia corrente
Granica, rompe (ſem que participe
Primeiro algum da gloria) a imiga gente;
Seguem-os os mais; e porque ſe anticipe
Cada qual a ferir forte, e prudente,
Aſſi como com a eſpada vai cortando,
Os vai em vozes altas animando.

LI.

Até fóra da villa vaõ ferindo
Nos inimigos postos em fugida;
O bellico furor naõ consentindo
Que a nenhum delles se conceda a vida.
Deixando o alcançe, a furia reprimindo
A vencedora gente recolhida,
Foi como as mais a villa saqueada,
E por ultimo dano ao fogo dada.

LII.

Fez final, des que foi tudo embaraçado,
A peça, a quem *de leva* o Luso chama:
Abrem vistosos o licor salgado
Os fortes lenhos que mais Tetis ama:
O cabo de Masinde já dobrado,
Cada estrella a radiante luz derrama,
Os reflexos as ondas illustravaõ,
E hum maritimo Céo quasi formavaõ.

LIII.

Fugia a noite, vinha a manhã clara
As cousas distinguindo, e illustrando,
Quando a opulenta Ormuz, Queixome, e Lara
Se descobrem, a gente alvoroçando.
Do porto imigo á vista se prepara
A nautica turba, e as vellas vai tomando;
Surgindo, ancoras deita brevemente;
Péga na molle arêa o ferreo dente.

LIV.

LIV.

Deu com medonho eſtrondo a artelharia
Salva á cidade, mais que alegre horrenda:
Dá fim o medonho eſtrondo, e morre o dia,
E a noite ſuccedeo negra, e tremenda.
Dobraõ logo huns, e outros a vigia,
Porque ſubito aſſalto naõ ſe emprenda,
Que naõ ſeja eſperado, e prevenido,
Antes de imaginado acomettido.

LV.

Tinha da terra, e mar General feito
Ceifadim, que reinava em pouca idade,
A Cogeatar, a quem ferve no peito
Contra Chriſtaõs herdada inimizade:
Valor oſtenta (pouco ao povo aceito)
Por tyranna privança, que a vontade
Real com tanto extremo ſogeitava,
Que ſuberbo abſoluto governava.

LVI.

Eſtava já no porto apercebida,
Eſperando Albuquerque, groſſa armada;
Que por força, ou vontade era detida
Toda a nau, já mercante, já artilhada.
Aquella, que ſe achava mal provida,
Era do neceſſario logo armada,
Repartindo-lhe gente mais guerreira,
Aſſi da natural, como eſtrangeira.

LVII.

LVII.

Co a nova luz Affonſo ao Rei da terra
Convida com a paz, trato offerece,
Moſtrando-lhe tambem que para a guerra
Poder naõ falta, nem valor falece:
Mas elle os meios ſaudaveis erra,
E aquella ſó vontade deſconhece;
Vario reſponde, a concluſaõ dilata,
E de apreſtos de Marte em tanto trata.

LVIII.

Na praia a gente innumeravel era,
Veſtida ao modo ſeu de varias côres,
Tal, como quando alegre a primavera
Valles, e montes veſte de herva, e flores:
Nas armas fere o Sol, e reverbera;
Nitrir ſe ouvem cavalos, ſoar tambores,
As ſonoras trombetas o ar rompiaõ,
Confuſas vozes tudo confundiaõ.

LIX.

Qual da alta poppa os ſeus animaria
Do imigo á viſta o grande Octaviano,
Quando a fatal batalha dar queria,
Em que deu cauſa amor a tanto dano;
O pio Affonſo, que no Ceo confia,
E em ſeu nome o poder deſpreza humano,
Aos poucos ſeus, que mais que a copia eſtima,
A deſigual batalha ouſado anima.

LX.

LX.

Notado tinha tudo vigilante,
Sem perder ponto; no trabalho duro;
E com peito no bem, e mal conſtante,
Aſſi lhes diſſe, e ſe moſtrou ſeguro:
Naçaõ invicta, que buſcando errante
Aquella, que dá vida no futuro,
A morte deſprezais, indo invenciveis
Facilitando os caſos impoſſiveis;

LXI.

Em parte eſtamos, onde nos importa
A reſoluçaõ mais, que naõ conſelho:
Fama immortal aqui nos abre a porta,
Vencendo tanto bellico aparelho:
Voſſo valor minha eſperança exhorta,
Que he cada qual de vós hum claro eſpelho,
Em que ſe devem ver os valoroſos,
Que ſó buſcaõ renome de famoſos.

LXII.

Eſta armada, que agora nos encerra,
E nos moleſta em modo de cercados,
Rompella pede a honra: acabe a guerra
O que naõ podem rogos deſprezados.
Conheça o bravo Cogeatar que erra,
E o Rei, que ſegue intentos enganados
Em deſprezar a paz, que offerecemos,
E em vir comvoſco a Marciaes extremos.

LXIII.

Temor naõ cauſe tanta imiga gente :
Poſta onde ſó he ſegura a confiança ,
Aprendendo em David quanto Deos ſente
Que ſe ponha nos homẽs a eſperança :
E exemplo he grande Gedeaõ , valente
Deu com numero eleito ao Ceo vingança ;
E Xerxes vio na multidaõ contada
A confiança vã deſenganada.

LXIV.

Aſſi diſſe Albuquerque reſoluto.
E ſendo o grave caſo praticado ,
Por evitar a Ormuz o infauſto luto ,
O Rei de novo foi co a paz rogado :
Mas ſendo perda da tardança o fruto ,
Rompeo-ſe a guerra , porque o Ceo irado
Tinha elegido já aquelle inſtrumento
Para vingar ſeu largo ſofrimento.

LXV.

O filho de Latona rubicundo
Vinha de novo dando luz ao dia ,
Quando, com novo aſſombro do profundo,
Manda Affonſo dar fogo á artelharia :
Começa horrendo eſtrondo , e furibundo ;
Arruinar-ſe o univerſo parecia ;
E com o Marcial ſanguineo eſtrago
Perde a cerulea côr o ſalſo lago.

LXVI.

LXVI.

Como quando no inverno turbulento
Se antepoem negra nuvem de repente
A' clara luz do Sol, furioſo o vento,
Lançando raios Jupiter potente,
Confuſo eſpanto occupa o penſamento
Da temeroſa mal ſegura gente,
Os relampagos vendo fulminoſos,
Trovoẽs ouvindo horrendos, e eſpantozos;

LXVII.

Tal a ſulfurea nuvem vai creſcendo,
Tudo confunde, envolve, e eſcurece;
Só o fuzilar do vivo fogo ardendo
Por entre a eſcuridaõ negra apparece.
Da Marcial trovoada o ruido horrendo
Atemoriza a gente, que perece;
Aos ares manda gritos, e gemidos,
Horrivel confuſaõ enche os ouvidos.

LXVIII.

Por entre fogo, e fumo de ira armados
Provocaõ a furor Bellona, e Marte:
Já vai ao fundo, abertos os coſtados,
Dos inimigos lenhos grande parte.
Entregues ao vil medo acobardados,
Já valor falta nos contrarios, e arte;
Deixaõ muitos as naus, e ao mar ſe lançaõ,
E, por fugir da morte, a morte alcançaõ.

LXIX.

No meio do maior perigo andava
Correndo a armada num paráo ligeiro
O Cogeatar, e aos ſeus bravo animava,
Já, mais que capitaõ, aventureiro:
Mas notando quaõ pouco aproveitava
Moſtrar-ſe contra a ſorte bom guerreiro,
Do temor occupado, deixa a guerra,
Os remos bater manda, e tomar terra.

LXX.

Dos vencedores fortes foi ſeguido;
Mas o fumo cauſou que foſſe tarde:
Foge elle do valor, de ſi eſquecido,
E em terra ſalta tímido, e cobarde:
Creſce entre tanto o eſtrago, e com temido
Eſtrondo nos fundidos metaes arde
O fogo, eſtando o caſo já de ſorte,
Que tudo era furor, tudo era morte.

LXXI.

Rôta a armada inimiga, com horrendo
Clamor a Cidade entraõ, logo dando
Edificios ao fogo, que creſcendo
O excelſo de outros vai aniquilando.
O Rey o naõ cuidado eſtrago vendo,
As mortes, e o temor dos ſeus notando,
E tanto em breve eſpaço entregue ao fogo,
A ſuberba converte em brando rogo.

LXXII.

LXXII.

Manda arvorar de paz branca bandeira
Sobre a torre mais alta da Cidade :
O capitaõ, que a vê, manda a guerreira
Ira ceſſar, e bellica crueldade.
Pára o Marcial furor, e da maneira,
Que apparecem (paſſada a tempeſtade)
Os campos, que deixara deſtruidos,
Os cultivados fruitos conſumidos;

LXXIII.

Tal aquella potente, e grande armada,
Pouco havia ſuberba, e numeroſa,
Desfeita ſe offerece, e deſtroçada,
Viſta até aos imigos laſtimoſa :
Neſte tempo huma lancha bem remada
Rompe a undoſa campanha ſanguinoſa,
Chega onde o vencedor inſigne a eſpera,
Já ſuſpenſo o rigor, que concebera.

LXXIV.

A ſeus pés ſe poſtraraõ dous Perſianos,
Do Rei Embaixadores já rendido,
Pedindo-lhe piedade, e fim dos danos
Do triſte povo, e Reino deſtruido.
Conſiderando Affonſo os poucos annos
Do afflicto Rei, que roga arrependido,
Já compaſſivo ſente o pueril pranto,
E que lhe cuſte o deſengano tanto.

LXXV.

Precederaõ em fim recados varios,
E a defejada paz foi concedida,
Rei, e Reino ficando tributarios,
Perpetua obediencia promettida.
Mas entendei, fenhor, que de contrarios
Tantos, e taes, victoria taõ comprida
Naõ fe alcançára, fem a foberana
Força Divina, de quem pende a humana.

LXXVI.

Nos imigos cadavares fe achavaõ
As offenfivas frechas encravadas,
Que (retrógrado o curfo) fe viravaõ
Contra os mefmos, de quem eraõ lançadas.
Alli Divinas forças peleijavaõ
(O' rara maravilha!) porque ufadas
Hoje naõ faõ taes armas entre a gente
De noffa Europa em partes do Occidente.

LXXVII.

Em favor de Pelayo já em Auceva
Semelhante milagre Deos ufara,
Que, para que ninguem aos feus fe atreva,
De Baal os profetas abrazara.
Em gloria tanta, porque fempre deva
Tremer o homem, vendo que naõ pára
A fatal roda, Affonfo vio que alcança
O mal ao bem com pouca fegurança.

LXVIII.

LXXVIII.

Que alguns dos capitaẽs, ou que canſados
Andaſſem já da guerra trabalhoſa,
Ou por odio ſecreto, ou por cuidados,
Que cauſa natureza cobiçoſa,
O reſpeito perdido, amotinados
Dando materia á fama pouco honroza,
Deixallo muitas vezes intentaraõ,
E a nauta, e militar gente alteraraõ.

LXXIX.

Noticia o Cogeatar, e o Rei tiveraõ
Do diſcorde, e aleivoſo preſuppoſto;
E ſacodir o jugo pertenderaõ,
Que a força na cerviz lhe tinha poſto:
Porém prevalecer nunca puderaõ;
Que Albuquerque á fortuna firme o roſto,
Inda que ſeu poder vê dividido,
Invencivel ſuſtenta o já adquirido.

LXXX.

Mas dizer os receios, e cuidados,
Penas, deſaſocegos, e ſoſpeitas,
Quanto ſentio, ſoffreo aos ſeus, levados
De paixoẽs proprias, pouco a Deos aceitas,
He materia infinita. Os conjurados,
Tantas eſcurecendo acçoẽs eleitas,
O deixaraõ, ingratos á lealdade,
Poſto nas maõs da mór neceſſidade.

LXXXI.

LXXXI.

Fogem : mas ſegue a guerra o varaõ fórte,
Com poucos, porém bons de altos reſpeitos,
Em quem nunca terá poder a morte,
Que os fazem immortaes ſeus grandes feitos.
Em tanto a inveja, e odio, a que por ſórte
Os muito valoroſos ſaõ ſogeitos,
Eſtavaõ ſeu valor aniquilando,
Seu nome com vãs culpas desluſtrando.

LXXXII.

Em fim traz mil triunfos, e victorias,
Seguindo ſeu coſtume o tempo vario,
Há de perſeguiçoẽs largas hiſtorias,
Em que foi ſeu valor bem neceſſario :
De exemplos deixa ao mundo altas memorias
Sendo no ſoffrimento Belizario,
Mas novo Job de Deos favorecido,
Hoje he ſeu nome mais engrandecido.

LXXXIII.

Porque de Manoel eſte famoſo,
Eſtimado por fórte, e por prudente,
De ſeus hombros confia o pezo honrozo
Do conquiſtado Imperio do Oriente.
Calecut o ſentio, onde eſpantoſo
Eſtrago o fez na Maura, e Naira gente,
Deixando a graõ cidade deſpojada
De riqueza infinita, e ao fogo dada.

LXXXIV.

LXXXIV.

Mas a todos foi triſte eſta victoria,
Que alli o Marichal Coutinho fórte,
E Corrêa deixando larga hiſtoria,
Invictos rendem mortal vida á morte:
Eterna deſtes durará a memoria
No univerſo, e com mais ditoza ſórte
Na celeſte Siaõ gozaõ ſegura
Poſſe daquelle bem, que ſempre dura.

LXXXV.

A fórte, e bellicoſa ilha de Goa,
Que cuſtou ao Sabayo tanta gente,
Por toda a parte a fama já pregôa
Como a ganhara o capitaõ valente.
Ferós o Hidalcaõ veio em peſſoa
Com poder admirando de repente;
Mas achou reſiſtencia taõ famoſa,
Que foi á de Albuquerque perda honroſa.

LXXXVI.

Neſte tempo a monçaõ, que os portos cerra
Em toda aquella coſta, começava
Arêas removendo, mar, e terra,
Com violencia o inverno já ameaçava.
E porque o máo ſucceſſo deſta guerra,
E o inimigo poder, que á viſta eſtava,
Perſuadia a deixar o porto, a armada
Sair quiz; mas já a barra achou cerrada.

LXXXVII.

LXXXVII.

Quanto ſeu braço obrou, quanto o conſelho,
Deſpois mettido no cerrado rio,
Guarda a memoria para claro eſpelho
Dos que ſeguem de Marte o honrozo brio:
De armas, e gente, bellico aparelho
Tinha o fero Hidalcaõ; e medo frio
O coraçaõ ſuberbo lhe cobria,
Quando a braveza de Albuquerque via.

LXXXVIII.

Alli morreraõ muitos, que o caminho
Seguiraõ, que vai ter ao fim glorioſo:
Chora o Téjo, e Mondego, e Douro, e o Minho
Ainda o ſeu Noronha generoſo;
Seguio (fugindo do paterno ninho)
De Albuquerque o eſtandarte bellicoſo,
Materia dando ao mundo o braço fórte
De alta eſperança, que atalhou a morte.

LXXXIX.

Tornando a outra monçaõ, logo que abriraõ
Arêas removendo os ventos frios
(Que por ſima da terra entaõ reſpiraõ)
As entupídas barras aos navios;
Sahe Albuquerque, bem que nalma o firaõ
Mil triſtes ſentimentos dos deſvios,
Que para conſeguir a empreza teve,
Que no principio taõ ganhada eſteve.

XC.

XC.

Mas já, ſenhor, ſabeis como, imitando
A Ceſar, e Alexandre na preſteza,
A tornou a ganhar, della deitando
Dos Canarins, e Rumes a braveza:
E que muros, e torres levantando,
Fabríca inexpugnavel fortaleza;
E, deixando preſidio conveniente,
Virá buſcar á Portugueza gente.

XCI.

Deu fim aſſi Aravio á heroica hiſtoria
Dos feitos de Albuquerque, a noite em tanto
Do claro dia conſeguio victoria;
E cobrindo o hemisferio o negro manto.
O Rei ſe recolheo, e na memoria,
Levava retratado valor tanto,
Occupando o temor o peito duro,
Preſagio ao coraçaõ do mal futuro.

LIVRO VI.

ARGUMENTO.

DEsce Asmodeu á horrida morada,
Que o suberbo Luzbel penando habita;
Novas lhe dá da Lusitana armada,
Com que ao Infernal dragaõ a ira irrita:
Sua indomita esquadra mais amada
Lhe dá, com que Malaca á guerra incita;
Etol a contradiz, padece affronta:
Seus sonhados amores Jaime conta.

I.

NO horror da escura noite, quando mudo
Calçando feltros leve, e diligente,
Anda o silencio emmudecendo tudo,
E senhorea o sono brandamente:
O espirito ingrato, que no saõ descuido
A primeira enganou copia innocente,
E perseguido de Deos o amigo tanto,
Que de paciencia foi piedoso espanto;

II.

No porto de Malaca a armada vendo,
Pella gruta infernal desceo bramando,
Novo furor nas almas accendendo,
Os rebeldes espiritos turbando:
E naõ parou o fero monstro horrendo,
A escuridaõ eterna penetrando
Té lá donde Luzbel em throno ardente
Suberbo pena, e impera impaciente.

III.

Diz-lhe troando: O' da perpetua morte
Rei potente, do Olympo já ornamento,
A quem foi quéda o esforço, e em menos ſórte
Pôs o que era do Ceo por naſcimento:
Vós, cuja frequentada, e grande Corte
Tem Reis agrilhoados cento a cento;
E triunfando de altiſſimos Monarcas,
Igualais as tyaras co as abarcas:

IV.

Vós, cujo poder alto naõ ſe encerra
Nalguns confins; que termos naõ conſente
O penſamento ouſado a fazer guerra
(Ah naõ feliz) ao meſmo Omnipotente:
Vós, que fazeis o mar irar-ſe, e a terra
Tremer; vós, que em ſeu dano armais a gente;
O Sol toldais, e ao fero vento os ferros
Rompeis, e encheis de peſte o mundo, e de erros:

V.

Ouvi a triſte nova, e mais tremenda,
Que chegou a eſte throno ſoberano.
Em vaõ ao vaõ poder meu ſe encommenda
A deſtruiçaõ do ouſado Luſitano.
Força maior deſde hoje he bem que ſe emprenda
Vingar afronta minha, e noſſo dano:
Ancorada em Malaca cauſa eſpanto
A armada, que no mar perſegui tanto.

VI.

VI.

Naõ foi deſcuido meu; que ſabe o inferno,
Que tirei deſtes negros apoſentos
A' regiaõ clara eſquadras; e no interno
Lá da Eolia a prizaõ rompi aos ventos,
Sobi alterado o mar quaſi ao ſuperno,
E quaſi traſtornei os elementos,
Quando vi o Ceo a meu valor oppoſto,
E naõ ha com Miguel pôr roſto a roſto.

VII.

Ouvindo iſto Luzbel, deu hum bramido
Com a dôr grande, horrendo, e penetrante,
Aquelle eſtrondo horrivel, e temido
(Do trovaõ turbulento ſemelhante)
Tudo tremeo, julgou-ſe por perdido
Em Acheronte o velho navegante,
Porque as ondas ardentes ſe alteraraõ,
E livres pella antiga barca entraraõ.

VIII.

Bateo o Buytre as azas eſpantado:
Que do mizero Ticio ſe apaſcenta
E Siziphо ſoltou do hombro canſado
O pezo, que ſubir em vaõ intenta:
Por pouco houvera Tantalo goſtado
Da agoa, que fugitiva o atormenta:
Porque co abalo ſubito creſceraõ
Ondas, que os beiços quaſi humedeceraõ.

IX.

IX.

Aquelles, que a ruina do penedo
Sempre temendo, aguardaõ por momentos,
Cuidaraõ ſer entaõ o ultimo medo,
Aquelle ar cego enchendo de lamentos.
Calou Phlegias; e donde eſtava quedo
Theſeu ſe levantou, ferio os ventos,
O Cerbero com latidos triplicados,
Que ſoáraõ nos confins mais apartados.

X.

Em pé o Rei das trévas, mór que Athlante,
Move as cabeças ſete horrivelmente,
E vibra a cauda, com que o terço errante
Arrebatou do Ceo mais reluzente:
Os mui violentos braços ao Levante,
Ao Auſtro, a Caliſto eſtende, e ao Ponente,
Com que num ponto Reinos mil revolve,
E em males a eſtendida terra envolve.

XI.

Por grande eſpaço horrivel, e ſuberbo,
Fogo, e fumo exhalou á dôr ſogeito;
E apenas reſpeitando ao ſacro Verbo,
Blasfemias mil ſoltou do ingrato peito.
Vivirá (diſſe o eſpirito protervo)
Meu valor, que naõ póde ſer desfeito,
Por mais que me perſiga vingativo
Aquelle, por quem vim ao fogo vivo.

XII.

XII.

Se a forte lança, que empunhei valente,
Quando ó primeiro intento foi rompida,
Armas conservo, com que a humana gente
Cada dia a meus pés veio rendida:
Naõ se alegre Miguel; que o Reino ardente
Encerra esquadra, que se foi vencida
Nos Ceos, na terra alcança inda victorias,
Que eternizar faraõ minhas memorias.

XIII.

Que tornes della acompanhado quero
A ver a luz Solar, dessa que espanto
Maior no abysmo causa; e certo espero
Que vencerás com elle orgulho tanto.
Despedido Asmodeu suberbo, e fero,
O Reino penetrou de pena, e pranto,
Atravessando o tormentoso rio,
Cuja corrente he fogo, e gelo frio.

XIV.

Lá donde voluntario se desterra
O dia, e occupa a noite eterno assento,
Jaz nas entranhas concavas da terra
O thescuro da pena, e do tormento:
De fóra o prazer abre a porta, e a cerra
Por dentro a contumacia a chaves cento,
Onde a milhoẽs contino os mortaes descem,
E as esperanças de tornar perecem.

XV.

XV.

Os confins, e arrabaldes deleitoſos
Neſte encuberto rio ſe terminaõ;
Que, porque o goſto tira aos criminoſos,
Da privaçaõ do goſto o dominaõ:
De entorno cerca os campos temeroſos,
Que Deos mal diz, e os Santos abominaõ,
O rio he dos eſtimulos chamado,
Sempre em firme onda moſtra o mal paſſado.

XVI.

Brota disforme parto ſua clareza
Negro licor, que em lago ſe entorpece,
E gera inconſolavel á triſteza,
Que aſſi (da morte amante) ſe aborrece:
Longe rebenta em rio, e com braveza
Correndo, horrivel ſom faz que o enſurdece,
Dos vicios rodêa a caſa, que cercada
De couſas vãs tem ſempre livre a entrada.

XVII.

Eſte infame edificio, chaos ardente,
O lugar he do abyſmo o mais profundo,
Onde ſupplicio eterno mais ſe ſente,
Immunda habitaçaõ de povo immundo:
E na deſordem da perdida gente,
Que o appetite adorou, ſervio o mundo,
Ordem ha nos caſtigos, e rigores,
Que as grandes culpas tem penas maiores.

XVIII.

XVIII.

Tem cada vicio carcere deputado,
E cada carcere propria pena; e em todo
O Divino caſtigo executado,
Qual foi da varia vida errado o modo.
Mas quaſi todo o centro he povoado
Do Venéreo rebanho envolto em lodo,
Que o rio, que de fogo ſe derrama,
Caſtiga em flamma eterna a breve flamma.

XIX.

Alli, onde hum tempo Minos preſidia,
Timon eſtá dos homens inimigo,
Monſtruoſo Athenienſe, que fogia
O trato humano, cruel tambem comſigo:
Bruto entre brutos ſó fero vivia,
De tragicos, e infandos fins amigo,
Em tudo vaſo de ira, e de aſpereza,
Deſprezador da humana natureza.

XX.

No mais baixo, onde mais o rigor crece,
Os vaõs hereſiarchas ſaõ punidos;
Arrio grita, Mafoma ſe infurece,
E os mais, nas opiniões ſó divididos.
O ſacrilego Judas ſe offerece
Entre elles, e os em vaõ arrependidos,
Que com dôr grande a culpa conheceraõ,
Mas a eſperança de perdaõ perderaõ.

XXI.

Os Simoniacos com perpetuo grito
Pertencer á sua classe alli allegavaõ,
Vendedor do Divino, e do Infinito;
E delle com graõ furia derriçavaõ:
Tambem demandaõ o malvado afflicto,
E arrastallo á sua gruta porfiavaõ
Os que de latrocinios cá viviaõ,
E, vendendo a justiça, as leis torciaõ.

XXII.

Junto as tropas de Caco, e Simaõ Mago,
Em sangue envoltos vaõ os parricidas
Dos que lhe deraõ ser, de irmaõs estrago,
E os assassinos de innocentes vidas.
Aposenta a Tifeu sulfúreo lago,
Que confusoẽs exhala mal nascidas,
Com os mais, que (sacrilegos) intento
Tiveraõ de escalar o Firmamento.

XXIII.

E como sempre aos miseros danados
A desesperaçaõ mais os irrita,
E, á privaçaõ da graça condenados,
A culpa naõ conhecem, que os incita:
Vio Asmodeu a muitos, que levados
Do natural, que nelles ainda habita,
O mal (se já com as obras naõ podendo)
Co a danada vontade commettendo.

XXIV.

XXIV.

Mydas, e Polymneſtor ſe offendiaõ
Com numero infinito deſte bando;
Os theſouros, que em vivo fogo ardiaõ,
Com avarentas maõs inda ajuntando.
Sardanapálo, e Nero lá ſeguiaõ
Com Tiberio, e Caligula o nefando
Vicio, que exercitaraõ cá na vida,
Taõ vergonhoſamente deſpendida.

XXV.

Xerxes com hum irozo deſatino
Inda lá caſtigar o mar mandava:
E de Mezencio o peito diamantino
Ardendo em ira mais ſe exaſperava.
E como o mal da inveja he lá taõ fino,
Alli a impaciente dor atormentava
Hum numero infinito de invejoſos,
A quem o bem alheio faz queixoſos.

XXVI.

Com eſtes eſtiveraõ, tempos antes
A' inſaciavel ſede condenados,
Os vís ambicioſos infeſtantes,
Que viveraõ em ancias, e cuidados:
Mas hoje os tem cem guardas vigilantes
Debaixo de cem chaves encerrados,
Que moſtra (ao que parece) o Rey do Eſcuro
De hum ambicioſo naõ eſtar ſeguro.

XXVII.

Gallieno remiſſo, e negligente
Tem hum leito de abrolhos por encoſto;
E, para que deſperte, ſempre ardente
Metal fundido lhe burrifa o roſto.
Se alguma hora podera ſer contente,
Materia alli Aſmodeu tinha de goſto;
Porém, breve detença naõ ſofrendo,
Ao clauſtro principal paſſou correndo.

XXVIII.

Tem a Suberba lá o primeiro aſſento
Com grande oſtentaçaõ de mageſtade;
Mas ſempre acompanhada do tormento
Da pezada inchaçaõ, e gravidade.
Encerra-ſe a Avareza em apoſento
Eſcuro; uſa conſigo de impiedade,
Vilmente idolatrando na riqueza,
E padecendo ſempre a mór pobreza.

XXIX.

Laſciva a Impudicicia ſe paſſeia;
Favores finge, traja varias cores;
A quem ſeguindo vaõ com pompa feia
Affeitos triſtes, multidaõ de dores.
A Ira, que inda contra o Ceo guerrea,
Eſtá ſempre ameaçando com rigores:
Aſſiſte-lhe a Diſcordia, torva a viſta;
Que até das companheiras he malquiſta.

XXX.

XXX.

A Gula, com glotonico apparato
Sentada á meza eſtá groſſa, e impedida:
Apoplexia lhe miniſtra o prato,
E a torpe embriaguez ſerve a bebida.
Lá num canto ſe dá miſero trato
A vil Inveja, magra, e carcomida,
Sem goſto, nem proveito ſó vivia,
Do Odio viſitada cada dia.

XXXI.

Jaz a Preguiça no portal deitada
Co deſcuido, co Ocio, co a Ignorancia,
Muitas vezes dos outros he pizada;
Naõ ſe altera porém, nem deixa a eſtancia.
A Fraude, e Ingratidaõ lá tem morada,
A neſcia preſumpçaõ, douda arrogancia,
Tambem foi a ambiçaõ lá habitadora;
Mas em todo o univerſo impera agora.

XXXII.

Exhalando Aſmodeu furor, convoca
A monſtruoſa eſquadra para o feito,
Que tanto ao iracundo inferno toca
Em defenſa do Reino taõ ſogeito.
Mas a laſcivia, que animos provoca,
Com a preguiça, e gula a molle effeito;
Por entaõ as naõ quiz naquella empreza,
Na qual queria acçoens de fortaleza.

XXXIII.

Guiando a turba feia em males certa,
Bramando sahe da lôbrega morada,
Abrindo a porta para entrar aberta,
Porém para sahir sempre cerrada.
Por toda a parte, que a passar acerta,
A serena regiaõ fica turbada,
Deserto o campo de seu fruito, e flores;
Entra em Malaca, e faz danos maiores.

XXXIV.

Tiveraõ toda a noite desvellado
Ao pagaõ Rei contrarios pensamentos,
Hora á guerra, hora á paz determinado,
Sem tomar conclusaõ em seus intentos;
E, já de tanto vacillar cansado,
O sono confundindo os fundamentos
Destes cuidados, trégoas assentaraõ
Os sentidos, e ao sono se entregaraõ.

XXXV.

Quando, tremer fazendo o Regio teito,
Entra Asmodeu dos seus acompanhado:
Chegando, a ira applica, e a fraude ao peito,
Do odio, e da avareza já occupado:
Correo veneno ao coraçaõ direito,
Cheio de confusaõ, pena, e cuidado;
E na materia já disposta prende;
A fraude o furor cobre, a ira o accende.

XXXVI.

Opprobrio julga vil, e afronta ſua,
Que Albuquerque com tal deſigualdade
Ouſe pedir que os prezos reſtitua,
E por temor ſervil torça a vontade.
A paixaõ a tomar vingança crua
(Seja força, ou treiçaõ) o perſuade;
Arde no peito o irozo penſamento,
Mas prova a executar ſem riſco o intento.

XXXVII.

Qual o faminto lobo, que eſcondido
Lá donde eſpeſſa brenha he mais cerrada,
Que o gado vê na rede recolhido,
Dos valentes rafeiros rodeada,
Naõ ſocega inquieto co ſentido
Em aſſaltar a tímida manada;
Tal o tyranno Rei ſó tempo eſpera,
E fogo em tanto exhala a viſta fera.

XXXVIII.

Dalli, lá donde o Principe inquieto
Co bellico alvoroço mal ſocega,
Paſſa o Anjo rebelde; e o mais ſecreto
Lhe enche de ira, ſuberba, e paixaõ cega:
Turbado, furioſo acorda, e indiſcreto,
De modo, que a ſi meſmo paz ſe nega;
Naõ derramar já ſangue Chriſtaõ ſente
Irozo, apaixonado, e impaciente.

XXXIX.

XXXIX.

Era o Principe moço, valoroſo,
De grandes forças, corpo de gigante,
De emprender feitos altos deſejoſo,
Ouſado nos perigos, e conſtante.
Tambem no grao maior preſumptuoſo,
Altivo, temerario, e arrogante,
Aſmodeu, que lhe alcança a natureza,
Applica lhe os affeitos da braveza.

XL.

A todos os mais, logo que ſabia
Terem na abominavel treiçaõ parte,
A grave culpa trouxe á fantaſia,
Engrandecendo-a com induſtria, e arte.
Elles, temendo a pena, em vindo o dia
O povo alteraõ, e appellidaõ Marte:
Aſſi que, amanhecendo, em toda a terra
Abominando a paz, pregoaõ guerra.

XLI.

Mas poſto que ao deſejo do tyranno
Sopro, e materia a furia miniſtraſſe,
Quiz ver ſe ordia o Chriſtaõ dano
De modo, que em ventura naõ ficaſſe.
E como em tudo meſtre era de engano,
Pareceu-lhe mandar quem bem notaſſe
Debaixo de amigavel fingimento,
Da armada a força, de Albuquerque o intento.

XLII.

XLII.

Era Tuaóbandaó mouro valente,
E ſagaz, neſte tempo ao Rei aceito,
Para o importante caſo conveniente,
No fingir ſabio, cautelozo o peito.
Com elle ſe aconſelha, e largamente
Da alma pratica o mais ſecreto effeito:
Depois ao capitaó egregio o envia,
Fingindo Embaixador, dobrada eſpia.

XLIII.

De alguns nobres do Reino acompanhado
Partio da terra o Mouro cautelozo,
Por ir mais naquelle acto authorizado,
E menos a Albuquerque ſoſpeitoſo.
A' capitaina ſóbe confiado;
E quando chega ante o varaó famoſo,
Como o barbaro povo de Agar uſa,
Corpo, e cabeça inclina, os braços cruza.

XLIV.

Em pé o capitaó co tratamento,
Que ſempre uſava em actos ſemelhantes,
Mandou-lhe em coxins ricos dar aſſento;
Elle o aſſento occupou, que tinha de antes.
Os capitaẽs, de Luſo alto ornamento,
Raios do claro Affonſo rutilantes,
Occupavaó, em torno delle armados,
Aſſentos ricamente alcatifados.

XLV.

E qual pintava a cega Idolatria
Seus deoſes vaõs no claro Olympo, quando
Jupiter grave entre elles preſidia
Importantes negocios decretando:
Cada qual delles Nume parecia;
E o capitaõ preclaro, e venerando
Na grave mageſtade, que moſtrava,
Dos deoſes o maior repreſentava.

XLVI.

Delles em guarda de huma, e outra parte
A gente militar brava, e luſtroſa,
Com as armas nas maõs, poſta com arte,
Se moſtrava galante, e bellicoſa.
Sentados, diſſe o Mouro: Chriſtaõ, Marte,
Proſpere o Ceo tua fama, que glorioſa,
Teus feitos, e victorias relatando,
Univerſal eſpanto vai cauſando.

XLVII.

Lá, donde Hercules pôs limite ao mundo,
Até cá, donde o Sol primeiro aquenta,
Teu ſingular valor, já ſem ſegundo,
Da ſeca Inveja as magoas acreſcenta:
Neptuno te ama, e no ſeu mar profundo
De que igualmente imperes ſe contenta;
E Mahomet, que eſte Imperio ſenhorêa,
Eſcutando teus feitos ſe recrêa;

XLVIII.

XLVIII.

Que, como he valoroſo, o valor ama,
Que odio cauſa nos tímidos, e inveja;
E co teu Rei, que eſtima já por fama,
Amizade perpetua ter deſeja.
Riquezas liberal o Ceo derrama
Neſte ſeu Reino; e folgará que veja
Entrar na foz do Téjo carregada,
Teu Rei, de todas ellas eſta armada.

XLIX.

Por tanto pedir pódes confiado
Quanto dar póde o mar, e a terra cria
Des donde tem ſeu berço o Sol dourado,
Até lá donde vai dar tumba ao dia:
O metal, mais que todos deſejado,
Toda a ſorte de aroma, e eſpeciaria,
O rubi, e a ſafira rutilante,
Aljofar groſſo, rigido diamante.

L.

Albuquerque, ás palavras derramadas
Do cauteloſo Mouro reſpondendo,
Aſſi diſſe: Naõ drogas eſtimadas,
Aromas, ouro de teu Rei pertendo;
Nem por perlas, no fundo mar geradas,
Rubis, diamantes, vim o mar rompendo,
Poſto que agradecido eſtimo honrar-me
Teu Rei, e com promeſſas obrigar-me.

LI.

Aquelles Portuguezes , que ficaraõ
Neſſa Malaca pello grave exceſſo,
Quando o rigor da morte alguns provaraõ,
De hum noſſo capitaõ triſte ſucceſſo
Das praias Indianas me apartaraõ,
Eſtes venho buſcar; e a teu Rei peço
Que mos entregue: e delle aſſi o eſpero;
Deſpois ſe tratará do que mais quero.

LII.

Naõ diſſe mais: e com ſevero aſpeito
Seguro ſe moſtrou, e confiado,
Cauſando ao Mouro no ſecreto peito
Grande perturbaçaõ, novo cuidado:
E deſpedido, pouco ſatisfeito
De quanto ouvio, e vio, todo aſſombrado
Tornou, e ao velho Rei conta o que vira,
E a repoſta, que todo o accende em ira.

LIII.

Porém deſta paixaõ, que tanto o altéra,
Paſſada a furia do impeto primeiro,
Politico diſcorre, e conſidera
No inimigo o poder, peito guerreiro.
Teme; mas tanto naõ, que a tençaõ fera
Modere: e com o cauto conſelheiro
Traças pratíca, com que o entretenhaõ,
Porque lugar de aperceber-ſe tenhaõ.

LIV.

LIV.

Cada qual adelgaça o entendimento,
E paſſa a noite, e o dia imaginando;
E deſpois hum, e outro penſamento
Com madura prudencia praticando:
Entre muitos eſcolhem novo intento,
Com que, ſegunda vez o mar cortando,
Ao capitaõ o aſtuto Mouro torna,
A quem dizendo aſſi ſua fraude adorna:

LV.

O graõ Sultaõ Mahomet, que ter deſeja
Contigo, e com teu Rei larga amizade,
Porque baſtante a eſtorvar naõ ſeja
Soſpeita alguma falta de verdade:
E para que tambem o mundo o veja
(Se acaſo offende o mundo ſua bondade)
Inculpavel contigo ſe deſculpa;
Ou dá ſatisfaçaõ, pois naõ há culpa.

LVI.

Que naquelle ſucceſſo, em que em fim pára,
O que hoje (pode ſer) teu peito irrita,
Eſtá da parte de meu Rei taõ clara
Sua innocencia, que o Ceo puro imita.
A morte do ſeu perfido Bendara,
Que foi do dano author, iſto acredita;
Que já deves ſaber, que foi provado
O ſeu delicto, á morte condenado.

LVII.

LVII.

Aquelles Portuguezes, que do infando
Succeſſo em terra miſeros ficaraõ,
Hum tratamento nelle ſempre brando
Com obras de piedoſo pai acharaõ.
Delles eſta verdade ouvirás, quando
Os vires, que por vezes confeſſaraõ;
E, porque mais ſe eſtendaõ ſeus louvores,
Ricos tos mandará de ſeus favores.

LVIII.

O capitaõ (que bem lhe deſcobria
O veneno no peito) aſſi reſponde:
Nunca me perſuadi que ſoffreria
Teu Rei couſa, que a Rei naõ correſponde.
De hum coraçaõ nú de honra, e valia
Se póde colligir que engano eſconde;
Naõ de taõ graõ ſenhor: e já informado
Venho; e ſei que o Bendara foi culpado.

LIX.

E ſendo aſſi que foi a culpa ſua,
Que em parte ſatisfez, perdendo a vida,
Razaõ he que a meu Rei ſe reſtitua,
No que era ſeu, a perda recebida.
E naõ tratando mais de obra taõ crua,
O Sultaõ deſta armada apercebida
(Pello vir a buſcar) pague o diſpendio,
A guerra a cauſa tire, a lenha ao incendio.

LX.

LX.

Como isto faça, e como a bautizada
Gente me entregue, que em Malaca mora,
Servir de mim se póde, e desta armada,
De tantos inimigos vencedora:
E atrás naõ tornarei, por arriscada
Que seja a empreza, e de esperança fóra:
Nem em nome de hum Deos só poderozo,
Ha caso para mim difficultozo.

LXI.

Mostras do peito valoroso dando,
Assi disse o Varaõ forte, e prudente.
Attento o Mouro o ouvio, se bem ficando
Da resoluçaõ nobre descontente:
Porém como fagás dissimulando
Com falsas mostras o pezar, que sente,
Se despede, o mar passa, toma terra,
Imaginando na esperada guerra.

LXII.

Turbado, e triste ante o tyranno chega;
Que, ouvindo-o, se infiou mais perturbado;
E com affeitos de ira, á razaõ cega,
Taes razoẽs solta do furor levado:
A suberba lugar á prudencia nega
A este vaõ arrogante, confiado
Na boa fortuna, que atégora teve,
Assi em meu Reino a por-me leis se atreve?

LXIII.

LXIII.

Mas, se me naõ mentir minha esperança....
Aqui parou; que o mais ficou no peito,
Atalhando a duvidosa confiança,
Na consciencia, a força do defeito.
E como o pensamento naõ descansa,
Juntamente a temor, e ira sogeito,
Entre affeitos contrarios vacillava,
Hora ira, hora temor o senhoreava.

LXIV.

Tal, como quando exhalaçaõ da terra
Com Celeste influencia se levanta,
A quem escura nuvem prende, e encerra
Violenta causa de violencia tanta,
Pelejaõ quente, e frio, e nesta guerra
Accezo o fogo, que os mortaes espanta,
Com tanto extremo a furia vai crescendo,
Que a nuvem rasga com estrondo horrendo;

LXV.

Tal daquelle alterado peito a ira
Ardendo rompe, os ares abrazando;
Brama furioso o Rei, triste suspira,
Beber o Christaõ sangue desejando.
Pella vista o infernal fogo respira,
Que na alma lhe accendeo do abysmo o bando:
E assi nelle era tudo ira, e braveza,
Contumacia, ambiçaõ, odio, avareza.

LXVI.

LXVI.

Com eſte infernal impeto convoca
Aſſi ſeus naturaes, como eſtrangeiros,
Aos quaes quaſi com lagrimas provoca
A ſer da infauſta guerra companheiros:
A vós, diſſe, varoẽs inſignes, toca
(Pois o nome prezais de cavalleiros)
Suſtentar eſte Reino: e minha afronta
Corre, amigos, tambem por voſſa conta.

LXVII.

Deſta coſſária gente, conhecida
Por ſeus inſultos, a ſuberba armada
Vedes em voſſo porto já ſurgida,
E para noſſo dano aparelhada.
E, porque a cauſa diſto he taõ ſabida,
A naõ refiro; porém he fundada
Em razaõ que juſto he da vida prive:
Quem de roubos tyrannamente vive.

LXVIII.

Se infeſta o mar, ſe faz na terra ſaltos,
He couſa em toda a parte aſſás notoria.
Naõ valeraõ a Ormuz os muros altos;
Tambem lamenta Goa a triſte hiſtoria;
E todos elles, de reſpeito faltos,
Piraticos inſultos tem por gloria:
Correm roubando o mar; e, ſe puderem,
O meſmo, e mais uſar convoſco querem.

LXIX.

A tençaõ ſua ſe vos moſtra clara
No deſprezo, com que ouve meus recados
O pirata ſuberbo; e bem declara
Nas repoſtas o fim de ſeus cuidados:
E Bandam vos dirá como prepara
Noſſo dano por termos nunca uſados,
Com que ſuberbas leis diſpoem, condena,
E já a ſeu modo minha afronta ordena.

LXX.

Aſſi dizendo do enganozo peito
Suſpiros deſpedia cento a cento:
Cauſou em todos compaſſivo affeito
Aquelle acreditado ſentimento.
Bandam, que intereſſado, e por reſpeito,
Animava do Rei o penſamento,
Foi proſeguindo, o que paſſou contando
Com Albuquerque, em parte accreſcentando.

LXXI.

Mas ao fim naõ chegou; porque indignado
O Principe Aladim, moço valente,
Com o roſto de cólera banhado,
Em pé ſe levantou fero, impaciente.
Inda, pai, e ſenhor (lhe diſſe) o herdado
Valor da Jaoa, e da Celátea gente
Em teus vaſſallos vive, e em ti agora
Vive tambem o graõ Paramiſſora.

LXXII.

LXXII.

E eu, que de filho teu me prézo tanto,
A naõ degenerar tambem me obrigo,
Antes eſpero ſer do luto, e pranto
De tantos vingador, fatal caſtigo.
Naõ amedrente naõ, nem cauſe eſpanto,
Sem lhe provar as forças, o inimigo:
Nem ſe diga de nós que nos aſſombra
A fama vã, e do inimigo a ſombra.

LXXIII.

Principio em armas eſte Eſtado teve,
Que ſeus termos deſpois tanto eſtenderaõ:
Das armas, graõ ſenhor, uſar ſe deve,
Que tanta gloria a teus paſſados deraõ.
Conheça, invicto Rei, quem ſe te atreve,
(Como já os feros Syames conheceraõ)
Que produz de Malaca a nobre terra
Gente imiga do ocio, e que ama a guerra.

LXXIV.

Aſſi fallou o barbaro arrogante,
Ou a furia infernal nelle fallava.
Logo Hacem Rei de Paõ, fero o ſemblante,
Que agradar ao tyranno deſejava,
Por ſe moſtrar valente, quanto amante
Da Infanta, cujas vodas aguardava,
Diſſe o que naõ cumprio taõ facilmente;
Que mil vezes amor promette, e mente.

LXXV.

Eu, soberano Rei, a quem vós déstes,
Levantando-me ao Ceo, titulo honroso
De filho, o dia, que me engrandecestes
Com riquezas de amor, e bens de esposo:
Esta vida, e meu Reino, que fizestes
Com a bella Argiana venturoso,
Para que desponhais, vos offereço:
Mandai; que por meu Rei vos reconheço.

LXXVI.

Tenha exemplar castigo o livre intento
Desse pirata, só com fracos forte:
Seja este, por maior atrevimento,
O derradeiro com sua justa morte.
Assi disse em favor do pensamento
Do triste Rei, a quem guiava a sorte,
Ou Divina justiça, a merecidos
Castigos dos insultos commettidos.

LXXVII.

Neste cònselho varios assistiraõ,
Arabios, Guzarates, Malabares,
Pegús, Bengalas, Jaos, que persuadiraõ
A guerra, por paixoẽs particulares;
Que já em passadas occasioẽs sentiraõ
(Sulcando com suas naus da India os mares
Muitas vezes) o ferro Lusitano,
Que origem seu rancor teve em seu dano.

LXXVIII.

LXXVIII.

Mas aquelles, a quem os largos annos,
Valor diminuindo, o ſangue esfriaõ,
Perſuadiaõ a paz; e os graves danos,
Que a guerra traz conſigo, referiaõ.
Os feitos engrandecem Luſitanos;
Entre elles hum, que todos entendiaõ
Que o diſpor das Eſtrellas alcançava,
Perda do Reino ao Rei pronoſticava.

LXXIX.

Era a ſua patria Meliapor; ſeguia
Como os ſeus naturaes o Chriſtaõ rito;
Nomeava-ſe Etol; a mercancia
Hum tempo o teve habitador no Egypto.
Inſigne em Memphis foi na Aſtrologia,
Aprendendo tambem do mago Clito
Verſos, que os infernaes miniſtros ligaõ,
E contra o natural obrar obrigaõ.

LXXX.

Chegando a armada, levantou figuras;
E os aſtros todos nellas ameaçavaõ
Incendios, perdas, roubos, deſventuras,
E daquelle alto Imperio o fim moſtravaõ.
Vendo eſtas couſas, poſto que futuras,
Contra os que a tençaõ bellica approvavaõ,
Com razoẽs brandas já ſe tinha oppoſto;
Mas livre entaõ fallou, ſevero o roſto.

LXXXI.

LXXXI.

Naõ ſei (lhes diſſe) em que eſtribais ſeguros,
Ou porque vos moſtrais taõ confiados.
Vedes por eſta gente os Rumes duros
Tantas vezes fugir desbaratados;
Aſſoladas as forças, e altos muros
De Ormuz, os Reis da India ſujugados;
E vedes quantas vidas vos cuſtaraõ
Os que em Malaca para mal ficaraõ.

LXXXII.

Pois como vaõs daquella groſſa armada
As forças deſprezais, e do prudente
Capitaõ o valor, e ter fundada
Sua cauſa em razaõ taõ evidente?
Deixai a preſumpçaõ vã enganada;
E naõ buſqueis razaõ, que he ſó apparente:
Que ſe a guerra ſe rompe, claro o digo,
Tereis a terra, e o Ceo por inimigo.

LXXXIII.

Vereis eſta cidade (que hoje vemos
Taõ rica, taõ ſuberba, e populoſa)
Entrada a ferro, e fogo; e ſentiremos
O dominio da gente bellicoſa.
Irás tu, Rei, fugindo, mil extremos
De miſerias ſoffrendo, a poderoſa
Mageſtade perdida, e Regio mando,
No deſterro; huns temendo, outros rogando.

LXXXIV.

LXXXIV.

Mais proſeguir quizera. Porém ſendo,
Por Chriſtaõ conhecido, ſoſpeitoſo,
Irado o cego Rei gritou dizendo:
Prendaõ eſte propheta mentirozo.
Cumpriraõ todos com eſtrondo horrendo
O tyranno mandado rigoroſo;
E como os malfeitores afrontado
Foi á dura prizaõ dali levado.

LXXXV.

Socegado o alvoroço, o Rei ſevero
Por animar aos ſeus, inda iracundo,
Pois, diſſe, ao Ceo he clara, moſtrar quero
Juſtificada minha cauſa ao mundo.
Poder Malaca alcança; e ſedo eſpero
Soccorros grandes, em que tambem fundo
Minha eſperança. E, declarada a guerra,
Os mais deſpede, e com Tuaõ ſe encerra.

LXXXVI.

Em tanto que em Malaca ſe entendia
Em juntas, e apparatos bellicoſos,
Juntos na Chriſtã frota eſtando hum dia
Andrade, Lima, Jayme, e os mais famoſos:
Suſpendida a braveza, e valentia,
Vindo a tratar de caſos amoroſos,
Senhores (diſſe Jayme) em toda a parte
Reina amor, e ſeu fogo ſente Marte.

LXXXVII.

LXXXVII.

Tal he (reſpondeo Lima) e bem o vemos
Em vós, que Marte ſois a amor ſogeito;
Porém ſó que arde amor em vós ſabemos,
Mas naõ a cauſa do amoroſo effeito.
E ſe a amizade eſtreita, que nós temos,
Obriga, naõ havendo algum reſpeito,
Que a ſer ſecreto amante vos condena,
A cauſa nos contai de voſſa pena.

LXXXVIII.

No meu caſo (diſſe elle) vaõ, e triſte,
Porque lhe devo ſer huma vaidade,
Eu ſou a parte, e o todo; e ſó conſiſte
Em que de hum vaõ amor ſigo a impiedade.
A romper o ſegredo me reſiſte
Minha reputaçaõ, que em noſſa idade
Será fabula ao mundo mui cuidado,
E ſerei eu por doudo reputado.

LXXXIX.

Mas, porque hoje vejais que facilita
Muito a amizade, agora contar quero
Aquella hiſtoria na memoria eſcrita,
A que ver fim ditoſo deſeſpero.
Hum ſonho eſcutareis, que neceſſita
A padecer aggravos de amor fero;
E, ſendo eu contra amor duro diamante,
Baſtou hum ſonho ſó a fazer-me amante.

XC.

XC.

Naõ tendo o quarto luſtro inda cumprido,
Huma noite (oxalá que fora eterna)
Tendo-me o brando ſono já vencido,
E ligada a razaõ, que nos governa;
A bella imagem no interior ſentido
Se me moſtrou; e a parte mais interna
Do coraçaõ, que nunca amor ſentira,
Sentio do amor no meſmo inſtante a ira.

XCI.

Pintar do bello objeito cada parte
Fora trabalho em vaõ, fora infinito,
Que atrás ficára todo engenho, e arte,
E fora neceſſario hum alto eſpirito:
Naõ he mais bella aquella, por quem Marte
De ciumes tem o Deos do fogo afflito;
Nos ſeus formoſos olhos amor mora,
Nas faces bellas amanhece a Aurora.

XCII.

Por grande eſpaço eſtive contemplando
Cos olhos dalma a grande formoſura;
E dava lenha ao fogo, que abrazando
Tomava dalma já poſſe ſegura:
Ella tambem me eſtava moſtras dando
De amor no ſuave modo, e na brandura,
Com que em mim punha os olhos; e moſtrava
Que junta palma a palma deſejava.

XCIII.

Eu, que tambem neſſe deſejo ardia,
Dizer-lhe procurava minha pena:
Porém naõ ſei que força mo impedia;
Da eſtrella deve ſer, que me condena.
Com aquella ancia ardente, que ſentia
Em meu coraçaõ diſſe: Quem ordena
Tam ſem razaõ, que o fruto amado veja,
E com Tantalo igual na pena ſeja?

XCIV.

Entre a eſpiga, e a maõ, que muro ha em meio,
Se naõ he o rigor de minha ſorte,
Que á dita minha poem limite, e freio,
E indicios claros dá de minha morte?
Paſſei a noite no ſonhado enleio,
Temendo, e deſejando (ai ponto fórte!)
Aquelle, em que acordei, nunca acordara,
Ou nada do paſſado me lembrara.

XCV.

Já entaõ era alto dia, que ſaudozo
Do meu paſſado bem, paſſei chorando,
E, dando aſſi mais força ao amoroſo
Veneno, muitos outros fui paſſando.
Vede ſe haverá caſo rigoroſo,
Que ao meu ſe iguale, ſempre ſuſpirando
Pello que naõ tem ſer; nem ſe concede
Mal grande, que em rigor á morte excede.

XCVI.

XCVI.

Comò da vida ao extremo me chegaſſe
Eſte mal incapaz de medicina,
Porque o remedio em parte naõ faltaſſe,
Que a tudo piedoſo o Ceo o deſtina;
Ordenou que por fama conſultaſſe
Hum varaõ douto, que a entender enſina
Dos planetas o certo movimento,
E quaes aſtros daõ luz no Firmamento.

XCVII.

Eſte imitando aquelle antigo orago,
Que lá num tempo em Delphos reſpondia,
Aſſi me diſſe: Paſſa o ſalſo lago,
E o berço buſca donde naſce o dia,
Alcançarás entre mortal eſtrago
Eſſe bem, que te priva de alegria.
Naõ diſſe mais, deixando-me a eſperança
Taõ incerta, que falta a confiança.

XCVIII.

Mas como naõ ouveſſe em mim ſocego,
Animado a ſeguir eſta incerteza,
A' duvidoſa fé do mar me entrego,
Donde provei dos ventos a braveza.
A toda a parte, donde agora chego,
Seguindo o ingrato amor, ſigo a aſpereza
De Marte ſanguinoſo, e furibundo,
O bem buſcando, que naõ ha no mundo.

XCIX.

E naõ desistirei (a qualquer sorte
Offerecido desta empreza dura)
Até que a Parca o vital fio corte,
Ou veja a suspirada formosura:
E perigo naõ ha, nem pena forte,
Que eu tema já; porque des que a ventura
Me fez a padecer males sogeito,
Tudo, o que ha de rigor, se acha em meu peito.

C.

Seguirei fantasias, que passaraõ
Tanto mar, com taõ poucas seguranças,
E tanto do descanso me apartaraõ,
Que já nem delle tenho as esperanças:
Fortuna em fim, e amor se conjuraraõ
A que a vida sustente só em lembranças
De aquelle bem, que foi taõ limitado,
Que naõ chegou a mais que ser sonhado.

CI.

A' compaixaõ movidos, e admirados
Estavaõ a amorosa historia ouvindo
Os fortes cavaleiros, quando brados
Ouviraõ a rebate, o ar ferindo.
Levantaraõ-se logo alvoroçados,
E viraõ como vinha o mar cobrindo
Huma armada de remo apparatosa,
Dando mostra soberba, e bellicosa.

CII.

CII.

E do Cretenſe labyrintho eſcuro
As voltas imitando fabricadas,
Em vaõ as fuſtas no elemento puro
Formaõ gyros, e voltas intricadas.
Depois em bandos, qual no campo duro,
Africanos ginetes nas travadas
Eſcaramuças, commettendo tiraõ,
E hora eſtes, hora aquelles ſe retiraõ;

CIII.

Entre ſi com gentil ordem travaraõ
Huma batalha (ao parecer) ferida,
Na qual bem a naval arte moſtraraõ
Com exercicio de annos aprendida.
Des que de Nero, aſſi repreſentaraõ,
E de Claudio as Naumachias, foi ſeguida
Dos mais a capitania para a terra,
Com grande eſtrondo, e muſica de guerra.

CIV.

Aquella, e outras muitas vezes deraõ,
Sem effeito nenhum, moſtra os Malayos,
Que aſſombrar ardiloſos pertenderaõ
Os de Luſo com bellicos enſaios:
Porém foi obra, e tempo que perderaõ,
E geraraõ de novo ardentes raios
De ira no peito de Albuquerque forte,
Que em Malaca choveraõ fogo, e morte.

LI-

LIVRO VII.

ARGUMENTO.

Alta victoria a Affonſo Etol promette,
E com Souſa a buſcar Garcia parte:
Queima as naus Guzarates, e accommette
Malaca Affonſo com propicio Marte:
Timido o Rei os prezos lhe remette,
E de paz arvorar manda eſtendarte:
Etol co cavalleiro, a que acompanha,
Levaõ Glaura infeliz de huma montanha.

I.

NEſte tempo des da alta poppa via
O forte capitaõ fazer em terra
Tranqueiras, e plantar artelharia
Com varias outras prevençoens de guerra:
Já de alcançar os prezos deſconfia,
E teme algum engano dos que encerra
Todo o Agareno peito; e no tyranno
Conſidera hum artifice de engano.

II.

Como pois dilataſſe eſte conceito
Com largo diſcorrer no entendimento,
Deſconfiança entrou no illuſtre peito,
A ira provocando o ſentimento:
E porque naõ ſe offenda ſeu reſpeito,
E culpa venha a ſer o ſoffrimento,
Que armem com grande preſſa batéis manda
Leaõ, Pereira, Andrade com Miranda.

III.

III.

Nos quatro armados lenhos aos valentes
Varoens reconhecer manda a cidade,
E notar os lugares convenientes,
Por donde a entrar com mais ſeguridade:
Ferem logo cos remos diligentes
O mar os remadores; e, a vontade
Do capitaõ prudente executando,
Tudo os quatro Guerreiros vaõ notando.

IV.

Manda tambem o Rei ſahir do rio
Armada, que o mar cobre, a commettellos.
Porém naõ perde Affonſo o heroico brio,
E manda os mais batéis a ſoccorrellos:
Cauſa nos inimigos medo frio
Tanta reſoluçaõ, e com ſó vêllos,
Vindo a voga arrancada, volta deraõ,
E no rio outra vez ſe recolheraõ.

V.

Tuaõ Bandaõ a bordo com recado
Compoſto de diſculpas amanhece;
Que Albuquerque naõ quiz ouvir canſado
Dos enganos, que nelle já conhece:
E lhe mandou dizer que em todo eſtado,
Quando a fortuna ſóbe, e quando dece,
Sempre palavra o Portuguez mantinha,
E hum roſto, hum Rei, hum Deos ſómente tinha.

VI.

VI.

Encheu Malaca de medroſo enleio
A ſevera reſpoſta inopinada,
Duvidando do fim, ſe falta hum meio,
Na guerra já de todo declarada:
Só no Rei ſe conhece entre o receio
Irado o coraçaõ, a alma obſtinada:
Faz juntas, roga, manda, perſuade,
E tudo he confuzaõ, e variedade.

VII.

Albuquerque tambem entanto eſtava
Fluctuando num pégo de cuidados:
Era alta noite já, e inda naõ dava
Repouſo aos laſſos membros trabalhados:
E quando o ſomno os olhos lhe occupava
Dos continos diſvelos aggravados,
Do caſtello de poppa vozes deraõ,
Que da noite o ſilencio interromperaõ.

VIII.

Bradaraõ os que eſtavaõ de vigia,
Quando a bordo hum batel chegar ſentiraõ,
E quando pela enxarcia já ſobia,
Por quem de novo as vozes repetiraõ;
Dezejaõ ſaber todos quem ſeria
O que ouſou tanto: e ſobre o convés viraõ
Hum velho, cuja barba chega ao peito,
Da cor da neve, venerando o aſpeito.

IX.

Formando em tôrno delle a gente hum muro,
Pedio que ao capitaõ forte o levaſſem,
Dar procurando entre o nocturno eſcuro
Moſtras, que de fiel o acreditaſſem:
Mas naõ baſtou moſtrar-ſe taõ ſeguro,
Para que delle mal naõ ſuſpeitaſſem
Alguns, a quem occorre alli á memoria
De Sinon, e de Troia a triſte hiſtoria.

X.

Trazem-lhe para entrar em fim licença
Lá donde o capitaõ mal repouzava.
Entra; e, ſaudando-o, diſſe: Gloria immenſa
O Ceo, varaõ inſigne, te prepara:
De teu trabalho vejo a recompenſa;
Comtigo a occaſiaõ tens cara a cara,
A dourada guedelha te offerece,
E teus intentos altos favorece.

XI.

Quem es tu? (diſſe Affonſo) e com que intento
Eſſe bem prognoſticas, e me animas?
Serei, inda que humilde, hum inſtrumento
(Lhe reſpondeo) com que o tyranno opprimas.
Merecer teu favor, ſervindo, intento;
E ſe, qual hera, a forte muro arrimas
A teu alto valor minha humildade,
Subirei grato á mór felicidade.

XII.

Mas, para que naõ fiques duvidoso,
O' magnanimo Affonso, em Christo adoro.
Nasci na parte, onde Thomé glorioso
Morreo por Christo; e em Malaca moro:
Fui ao tyranno fero suspeitoso,
Porque livre fallei, e porque ao coro
Dos falsos conselheiros contradisse,
E verdades lá pouco aceitas disse.

XIII.

Contra mim o Rei cruel em ira accezo,
Por elle á prizaõ dura fui mandado,
Onde senti do ferro o duro pezo,
No conceito de todos condenado:
Porém naõ soffri muito ver-me prezo;
E em teu nome, de tudo respeitado,
Rompi as prizoens; e venho a que me mandes;
Que te espero fazer serviços grandes.

XIV.

Que, inda que te pareça fraco velho,
Força o desejo dá, a razaõ, o aggravo:
Servirei pelo menos de conselho,
Irmaõ no amor, na sogeiçaõ escravo.
E se de alto valor es claro espelho,
Arte, e sciencia alcanço, que a Timavo
Igualo na observancia das estrellas,
E a Atlante em conhecer o curso dellas.

XV.

Com arte alterar poſſo os elementos,
Mover a terra, atraz tornar os rios,
Turbar o mar, mudar num ponto os ventos,
Vivo fogo accender nos gélos frios:
Mas iſto, em quanto aos actos taõ violentos
Naõ cortar o Motor ſupremo os fios;
Que ſem licença ſua conſidera
Que contra Job Sataõ nada pudera.

XVI.

E naõ julgues que, qual o falſo Mago,
De Pedro contendor, deſta arte uſo;
Que entre Pagaõs a Chriſto n'alma trago;
E delles aborreço o torpe abuſo:
De Malaca alcancei o triſte eſtrago;
Moſtraõ-no os Aſtros Jupiter confuſo,
Désfalecido, e triſte em ponto forte
Nos dous de Hélena irmaõs caſa da morte.

XVII.

Porém, para iſto ſer, convem primeiro
Que hum guerreiro, que vive em branda calma
De amor, ſe vá buſcar onde eſtrangeiro
Em molle ocio padece afrontas d'alma:
Tendo comtigo o forte cavalleiro,
De Malaca terás inteira palma,
Que o Ceo, que altas victorias te deſtina,
Aſſi o eſtabelece, e determina.

XVIII.

XVIII.

Abrindo vinha o mar eſte famoſo,
Por ſer nos danos de Malaca parte;
E ſeguindo o eſtandarte bellicoſo,
Da milicia aprender comtigo a arte:
Mas violencia infernal o tempeſtuoſo
Dia o levou á mais remota parte,
Com ſinco valoroſos companheiros,
Que ſaõ entre os famoſos dos primeiros.

XIX.

Eſte, cujo valor ſe eſtende a tanto,
Aqui trarei, com que dos teus famoſos
Hum me acompanhe, a quem naõ cauſem eſpanto
Caſos, que poſſa haver difficultoſos.
Eſcutavaõ-no muitos, e entretanto
Alguns dos circumſtantes invejoſos
Deſte encarecimento honroſo eſtavaõ;
Outros ver o guerreiro deſejavaõ.

XX.

Tambem o capitaõ a alma ſuſpenſa
Na mente o que eſcutava, referia.
E reſpondeo: Se o juſto Ceo diſpenſa
Que extinga de Malaca a tyrannia,
Do meſmo Ceo terás a recompenſa;
E que a terás de mim na terra, fia;
Serás do Luſitano povo honrado,
Sempre favorecido, e reſpeitado.

XXI.

XXI.

Mas no tocante ao cavalleiro forte,
Que pedes, que haja muitos naõ duvido
Já desejosos que lhe toque a sorte,
Por mostrar o valor na alma escondido:
Porém quanto me a mim primeiro importe
segurallo, discorre no sentido;
Pois que me importa dar de todos conta;
E, dando-a má, que sentirei de afronta?

XXII.

Dom Joaõ de Sousa moço valoroso,
A quem mais o desejo o risco accende,
Assi lhe diz: Seja eu, varaõ famoso,
Esse, a quem esta empreza se encommende:
Naõ ha no mundo caso perigoso,
Quando do Ceo a causa se defende;
E do risco maior desta aventura
Esta segura espada me assegura.

XXIII.

Coutinho juntamente a empreza pede
Com outros muitos, todos dos famosos:
Mas constante Albuquerque a nega, e impede,
Deixando-os descontentes, e queixosos:
Em tanto que elle considera, e mede
Mil successos no caso perigosos,
Sousa, que da licença duvidára,
Chamando a Etol no seu batél saltára.

XXIV.

XXIV.

O Sabio o ſegue envolto em nevoa eſcura,
Que invizivel o faz aos circumſtantes,
Até que, dando á véla, o ar ſe apura,
E conhecem no barco os navegantes:
Por grande eſpaço o eſpanto em muitos dura
Do ſucceſſo, e de ver que as eſpumantes
Ondas o fatal lenho dividia
Taõ ligeiro, que a viſta deſmentia.

XXV.

Parte o Guerreiro forte: os mais ficaraõ
Sentidos, e invejos os da partida:
Outros, mal ſuſpeitando, imaginaraõ
Ser eſta a derradeira deſpedida.
O ſentimento, e cólera abrazaraõ
O peito ao capitaõ; mas, reſiſtida
A paixaõ, dá eſperança da jornada,
Poſto que a julga fabula ſonhada.

XXVI.

De novo o Sol com lúcido retôrno
As reliquias da noite deſterrava,
E com alegre, e radiante adôrno
As couſas já diſtinctas illuſtrava:
Da armada o boſque no humido contorno
(Se naõ naval Cidade) já dourava,
A conſelho co diurno raio chama
Affonſo, e corre da aventura a fama.

XXVII.

XXVII.

Acodem logo os capitaens valentes,
De acabar caſos grandes deſejoſos:
E o capitaõ lhes diſſe: Obedientes
A voſſo Rei e a Deos, varoens famoſos;
Vós aſſombro fatal de Mauras gentes,
Que alcançaſtes triunfos mil glorioſos,
Já a razaõ grita que principio demos
A obra, porque tanto mar rompemos.

XXVIII.

Até agora eſperei chegaſſe o dia
Que a palavra Real, e fé guardaſſe
Noſſo inimigo, e, como promettia,
Os prezos companheiros nos mandaſſe.
Mas, viſta a falta ſua, já ſe via
Perder reputaçaõ, ſe mais tardaſſe
Em lhe dar o caſtigo merecido,
Tanto ao peito obſtinado em vaõ detido.

XXIX.

Aſſim Albuquerque anima, e perſuade:
Mas alevantando a voz Jorge Botelho,
Acreditado por valor, e idade,
Eſcutai, diſſe, o parecer de hum velho.
Antes que aſſalto demos á Cidade,
Que ſe queimem os lenhos aconſelho
Guzarates; porque he certo o perigo,
Se nas coſtas deixamos o inimigo.

XXX.

XXXI.

Deſpois que delles poſſe ao fogo démos,
Para ſe conſeguir do intento o effeito,
Se commoda a maré, e lugar tivermos,
Logo poremos á Cidade o peito;
Que, poſto o caſo nos Mavorcios termos,
Que a cheguemos he bem ao mais eſtreito,
E, de rigor executando extremos,
Quando deſcance o Sol deſcançaremos.

XXXII.

De excellente varaõ, voto excellente,
Diſſe Affonſo, e dos mais foi approvado;
E, armados os batéis com deſtra gente,
Foi no ſeguinte dia executado.
Dava já novas a Aurora no Oriente
Da vinda de Titaõ, quando o eſperado
Signal a tuba deu, que os roſtos muda;
Grita a gente até entaõ attenta, e muda.

XXXIII.

Arrancaõ todos com clamor horrendo
Ferindo os ares, e cos remos duros
As ondas alteradas revolvendo,
Eſpuma levantando, e cryſtaes puros.
Gritaõ tambem os inimigos, vendo
De improviſo o rebate mal ſeguros,
Nas concavas cavernas repetiaõ
Mil écos tudo, e tudo confundiaõ.

XXXIV.

Qual ſoe tocando a fogo noite alta,
Que em caza cada qual ter imagina
Correr a gente, que da cama ſalta,
Até que á parte, que ſe abraza, atina:
Tal no mar, e na terra ſobreſalta
O eſtrondo, e a vozeria repentina:
Os de Luſo entretanto o mar cortavaõ,
E por chegar os remos apreſſavaõ.

XXXV.

Chegados á diſtancia, que podia
Fazer emprego, e effeito rigoroſo
Nas inimigas naus a artilharia,
Fogo ao ſalitre daõ, que arde eſpantoſo:
Nos ardentes pelouros morte fria
Se envolve, e logo ſe ouve hum laſtimoſo
Som confuſo de gritos, e gemidos
Dos que morrendo eſtaõ, e dos feridos.

XXXVI.

Bravos os inimigos reſponderaõ,
Tambem a artilharia diſparando,
E, chegando a bordar, os receberaõ
Pedras, fundas, e dardos mil tirando.
Cubertos dos eſcudos remetteraõ
Os fortes Portuguezes; e pegando
Em varias partes fogo, num momento
Sobem chammas, e fumo pelo vento.

XXXVII.

XXXVII.

Entrou o medo, confuſaõ, e eſpanto
Nos Guzarates miſeros, cercados
De fogo, e fumo, hum laſtimſo pranto
Aos ares levantando acobardados:
Vendo ſeu fim alguns em rigor tanto,
De outro remedio já deſeſperados,
Saltaõ por entre as chammas accendidas,
Procurando no mar ſalvar as vidas.

XXXVIII.

Mas já tambem no mar a imiga ſorte
Lhes tinha apparelhada morte dura;
Acabaõ nelle ás mãos da gente forte,
Que a ferina treiçaõ vingar procura:
Preza os imigos já da juſta morte,
Daõ-lhes o mar, e fogo ſepultura:
Movem contra a Cidade os vencedores,
Querendo excutar novos rigores.

XXXIX.

Bem como o bravo touro, magoado
Do farpaõ duro, ſegue ao que o feria,
E apenas morto deixa o moço ouzado,
Quando outro logo ſegue ardendo em ira:
Tal Affonſo iracundo, e indinado
Traz de hum caſtigo a dar já outro aſpira;
Com a Cidade belicoſo cerra,
Fazendo a ferro, e fogo dura guerra.

XL.

Em seu ser o maior influxo estava,
E aos edificios, em que o mar batia,
Desde os batéis co fogo se alcançava,
Que em balcoens, e janellas se accendia:
O sopro Boreal, que respirava,
A' chamma forças dava, que sobia,
Ameaçando ao Ceo pontas vibrantes,
Imitadoras vans dos vaõs Gigantes.

XLI.

O fórte Lima foi o que primeiro
Huma casa accendeo com maõ ousada,
Descendo sobre o invicto cavalleiro
Tiros, que a pagan turba arroja irada:
Teixeira, por amor aventureiro,
O fogo numa nau, e noutra a espada,
Com pezar do inimigo, e vilipendio,
Fez noutra casa riguroso incendio.

XLII.

Abreu, Silva, Miranda, hum, e outro Andrade
A foz do estreito rio atravessaraõ;
E, de tiros formando tempestade,
Sahida á armada barbara estorvaraõ:
Os mais, correndo ao longo da Cidade,
Mil ao fogo edificios entregaraõ;
Entre os primeiros vai Jorge Botelho,
Em larga idade de valor espelho.

XLIII.

Coutinho, cujo peito generoſo
Aos maiores perigos ſe inclinava,
Com alguns ſalta em terra, e eſpantoſo,
Parece que arruinar tudo ameaçava:
Huma graõ caſa vê, que numeroſo
Eſquadraõ de inimigos amparava:
Iroſo raio os accommette, e offende,
E o ſuberbo edificio em fogo accende.

XLIV.

Eſtavaõ neſta caſa apercebidos
Das armadas Reaes os baſtimentos,
Enxarcias, muniçoens, com os fundidos
Por Vulcano Mavorcios inſtrumentos:
Creſceo a voraz chamma; e, recolhidos
Os fórtes Portuguezes, pelos ventos
Voa a caſa em pedaços dividida,
Pelo furor da polvora accendida.

XLV.

Os miſeros Malayos, quando viraõ
Taõ eſpantoſa, e ſubita ruina,
Todos de hum medo frio ſe cobriraõ,
Solicitando o que o vil medo enſina.
El Rei de Paõ, e Principe acodiraõ
A'quelle eſtrondo horrivel, e com dina
Reprenſaõ os animaõ a que virem,
E á vingança do grave eſtrago aſpirem.

XLVI.

XLVI.

Pôde a vergonha tanto, e Real reſpeito,
Que tornaõ animoſos á defenſa;
E com mil tiros de mortal effeito
Fazem á Portugueza gente offenſa.
Mas como o fogo já de teito a teito
Vai correndo veloz com furia immenſa,
A que parte acodiſſem naõ ſabiaõ;
Que tudo envolto em morte, e chammas viaõ.

XLVII.

Em tanta confuſaõ, em dano tanto,
Tenros meninos, tímidas donzellas,
Imbelles velhos com interno eſpanto,
E gritos altos ferem a eſtrellas:
E correndo á Meſquita em triſte pranto,
Envoltas rogativas, querélas,
Mil votos liberaes offereceraõ,
Que, ſendo a deoſes vaõs, nada valeraõ.

XLVIII.

A derribada Troia quando ardia,
E a Roma ao natural repreſentava,
O incendio fero, e a turba, que temia,
Chega lá donde o Rei turbado eſtava.
Entre o povo confuſo Damur hia,
Que por Santo Malaca venerava;
Porque devoto Peregrino fora
A tumba viſitar, que o Mouro adora.

XLIX.

XLIX.

Vendo eſte o Rei turbado, aſſi o reprende:
Naõ te doem, diſſe, de Malaca os danos?
Que mais teu duro coraçaõ pertende,
Que ver do Ceo taõ claros deſenganos?
Barbaro fogo eſta Cidade accende,
Que aſſombro foi do mundo tantos annos:
O Ceo o quer aſſi, que naõ houvera
Quem contra ſeu Decreto ſe atrevera.

L.

Naõ ſoffre o Ceo que tenhas por cativos
Homens, a que fizeſte guerra injuſta:
A danos te aventuras exceſſivos,
Além dos muitos, que a teu Reino cuſta.
Abranda, ó Rei, os peitos vingativos;
Da-lhes os que daõ cauſa á guerra juſta;
Que naõ ſerá julgado por fraqueza,
Pois vencer paixaõ propria he fortaleza.

LI.

Eſtas palavras, ou neceſſidade,
Que a tudo obriga, ao duro Rei mudaraõ
O peito, e diſpuzeraõ a vontade,
Que diſpor fortes caſos naõ baſtaraõ.
Dar manda logo aos prezos liberdade,
Que delle póde ſer naõ alcançaraõ,
Se o eſperado ſoccorro lhe chegara
Antes que a guerra Affonſo começara.

LII.

LII.

Em tanto em bellicosa competencia
Commettiaõ façanhas espantosas
Os de Luso, e já toda a resistencia
Era vaã contra as forças victoriosas:
Crescendo hia das chammas a violencia,
As torres consumindo mais famosas;
Por entre o fogo, e fumo andava a morte,
Ministra da ira de Albuquerque forte.

LIII.

Andava o capitaõ destro, e valente
Pelo mar discorrendo a toda a parte,
Solicito acodindo, e diligente
Co valor grande acompanhando a arte.
E em quanto á forte, e victoriosa gente
Favor Neptuno dá, Vulcano, e Marte,
Eis vem sahir de males taõ esquivos,
Como triunfando, livres os cativos.

LIV.

Qual nas Albanias serras leaõ iroso,
De quem fora o monteiro perseguido,
Que os filhos lhe levava, e temeroso
Soltára, por se ver delle seguido:
Vendo-os livres, se esquece generoso
Da dor, que tanto o tinha embravecido,
Alegrar-se com elles só procura,
E do monteiro tímido naõ cura;

LV.

Tal o varaõ inſigne ante ſi vendo
Os que em lugar de filhos eſtimava,
A concebida cólera perdendo,
De ſe alegrar com elles ſó tratava:
Das armas ceſſar manda o eſtrondo horrendo,
Em ſignal de alegria, que gozava;
E, por honra dos hoſpedes, o dia
Em feſtas paſſa ao ſom da artelharia.

LVI.

Rompia o fatal lenho o mar em tanto
Com a velocidade, que acontece
Cortar a pomba o ar co negro manto;
Tambem a noite em tanto ſe offerece.
O forte Souſa, que ignorava quanto
Veloz corre, no Ceo, que ſe ennobrece
Com taõ raros milagres luzes bellas,
O concerto contempla, e curſo dellas.

LVII.

O ſabio companheiro, iſto notando
Da poppa, onde aſſentado no governo
Do batél aſſiſtia, deſejando
Intertello, ſoltou a voz do interno:
Dos aſtros, que contemplas, ignorando
Quarto trabalho do arquitecto eterno,
Conta a gentilidade vans hiſtorias,
E lhes applica fabuloſas glorias.

LVIII.

Lá pinta os heroes Gregos, lá ao Romano,
Que á Patria poz o jugo, dá apoſento,
Tanto ao mundo cegou aquelle engano,
Do que padece no Tartáreo aſſento:
Mas ſe lugar taõ alto dar-ſe a humano
Valor devera, o graõ merecimento
Dos voſſos Luſitanos já tivera
De todo hoje occupada a eterna esféra.

LIX.

Que lá o primeiro Affonſo, lá o ſegundo,
E o grande Sancho luz eterna deraõ,
E os claros deſcendentes, que no mundo
Em virtude, e valor reſplandeceraõ:
Mas deixando paſſado, inda o profundo
Oriental mar, que voſſas naus romperaõ,
Eſte que agora abrimos, veraõ glorias
Dos Portuguezes, que honraraõ hiſtorias.

LX.

Iſto ouvindo o valente cavalleiro,
Deſejando ſaber couſas futuras,
Conta-me, diſſe, ó ſabio companheiro,
Deſſes heroes as altas aventuras:
Do por vir, valoroſo aventureiro,
Te direi o que ſó por conjecturas
Sciencia alcançar póde, inveſtigando
O que os aſtros eſtaõ prognoſticando.

LXI.

LXI.

Quando hum Sequeira em armas excellente
Governar o Indiano ſenhorio,
Infeſtará ſeus mares inſolente
Melique Az feroz ſenhor de Dio.
O que ha de quebrantar forte, e prudente
Suberba tanta com heroico brio;
E quatro lenhos em naval peleja,
Diogo Fernandes ſe dirá de Béja.

LXII.

Reformará o imigo a rota armada,
E vingativo com poder dobrado
Ouſará commetter nova jornada,
Onde o rebaterá o Luſo ouſado:
Mas a morte cruel accelerada,
Com raio de huma eſpera diſparado,
Romperá o peito, quando o braço forte
Mais deſpreze o poder da meſma morte.

LXIII.

Porém occupará o lugar honroſo,
E ao morto capitaõ dará vingança
Dom Jorge de Menezes, que famoſo
Será, em quanto no mundo houver lembrança.
O barbaro Caudilho já medrozo,
Perdido o valor, falto de eſperança,
Deixará com fugida vergonhoſa
Entregue ao fogo a armada numeroſa.

LXIV.

A estes seguiráõ varios conflictos
Entre a gente Cambaia, e Lusitana,
Até que, apoz de males infinitos,
Se entregue Dio á força mais que humana:
Alli escureceráõ altos espiritos
A illustre fama Grega, e a Romana,
Começando num Cunha illustre, e forte,
Que abaterá o poder ao tempo, e á morte.

LXV.

Este fabricará a graõ fortaleza,
Onde fará durar sua memoria
Manoel de Sousa, que o viver despreza,
Por exaltar a Portugueza gloria:
Já cantar ouço em Musa Portugueza
De Antonio da Silveira heroica historia,
E parece que o vejo rebatendo
Os féros Turcos, Dio defendendo.

LXVI.

Insignes duas Matronas lá contemplo,
Adquirindo renome alto, e preclaro,
Huma de amor, e fortaleza exemplo;
Outra piedade ostenta, e valor raro:
Estas illustraráõ da Fama o templo,
E daraõ vida aos marmores de Paro;
E do Empyreo seraõ luzes mais bellas,
Que essas que vemos lúcidas estrellas.

LXVII.

LXVII.

Seguirá a nobre Veiga o claro eſpoſo
Entre os perigos, e furor da guerra;
E ſerás Vaſconcellos venturoſo,
Seguindo dous Anjos cá na terra:
A famoſa Anna em acto valoroſo
Moſtrará quanto valor, e amor encerra,
Verá o ferido filho já acabando,
E ao perigo eſtará outro animando.

LXVIII.

Eternizará alli ſua memoria
Lopo de Souſa, célebre Coutinho,
Por quem adquiriráõ perpetua gloria
O Téjo, Guadiana, o Douro, e Minho:
Será admirando aſſumpto da alta hiſtoria,
Luz aos que ſeguem immortal caminho
Fernando Penteado, e ſuas façanhas
Eterna inveja das naçoens eſtranhas.

LXIX.

Alta dará tambem materia á Fama
Dom Joaõ Maſcarenhas, cujo brio
Oppoſto a Rumecaõ, já Marte o acclama
Heroico defenſor da illuſtre Dio:
Dom Fernando de Caſtro de entre a chamma
Atrás fará tornar o Turco frio:
E os tres Irmaõs Almeidas faraõ tanto,
Que daraõ aos por vir inveja, e eſpanto.

LXX.

De hum Antonio Galvaõ, que heroe valente
Passará além dos limites humanos,
Memorias duraráõ em quanto ardente
O planeta maior dourar os annos:
Romperá de oito Reys a immensa gente
Com cento e vinte raios Lusitanos,
Alaga o sangue imigo a terra, e logo
De Tidore a Cidade abraza o fogo.

LXXI.

De Ataide a prudencia, e valentia,
Que, acodindo a Chaul, Goa defende;
E do graõ Mascarenhas a valia,
Que do Nizamaluco o furor rende:
Bem apparada penna inda algum dia
Os feitos, que por hora mal comprende
Observaçaõ confusa, com profundo
Ingenho escreverá, alegrando o mundo.

LXXII.

Viraõ os Irmaõs Sás da foz do Douro;
Porque do alto valor, que nelles mora,
O Turco trema, o duro Persa, e Mouro,
E quantos vem primeiro a luz da Aurora:
A fama, que amaráõ, naõ prata, e ouro,
A seus feitos dará tuba sonora,
Deixando mil valentes invejosos,
E muitos de imitallos desejosos.

LXXIII.

LXXIII.

Sebaſtiaõ de Sá na forte Dio
Ao fero Rume moſtrará os quilates
De ſeu alto valor, e heroico brio,
Que temeraõ o Ganges, o Indo, e Eufrates.
E lá no Mauritano ſenhorio
(Cruel fortuna quanta gloria abates!)
Moſtrará que temor nelle naõ cabe,
E que invicto voltar atrás naõ ſabe.

LXXIV.

Pantaleaõ de Sá naõ menos forte
Ormuz ſoccorrerá no mór perigo;
Na Cafraria foge delle a morte,
E em Pondá roto o exercito inimigo,
Verá Salſete em duvidoſa ſorte,
Que he mais de gloria, que da vida amigo,
E contará illuſtre, e eterna hiſtoria,
Que ſeu raro valor deu a victoria.

LXXV.

Se viras de Dom Paulo, illuſtre Lima,
As que naõ ſei dizer façanhas claras,
As que a fama por unicas ſublima,
Novo Marte por ellas o acclamáras:
Ou por naõ ter ſegundo amor eſtima,
Dever o mundo a ſeu valor julgáras,
Eſte ſerá, ſe naõ remunerado,
Applaudido de todos, e invejado.

LXXVI.

LXXVI.

Tambem lá Tristaõ Vaz da Veiga invicto
Soccorrerá de Ormuz a fortaleza,
Rompendo por hum numero infinito
De armados lenhos com feroz braveza.
Manoel de Sousa em desigual conflicto
Lhe ficará entre a barbara fereza:
A ajudallo o famoso Veiga torna,
E da victoria aos dous o Cauro adorna.

LXXVII.

Virá hum Sampayo, só da fama amigo,
A quem Neptuno entregará o tridente:
O' quanto ao mar dará sangue inimigo?
Quanto inimigo lenho ao fogo ardente?
E se me perguntais, porque naõ digo
As acçoẽs de varaõ taõ excellente,
Direi que, para entrar na menor parte,
Já naõ alcança o ingenho, falta a arte.

LXXVIII.

De Fernando Ximenes a piedade
Tambem azas dará, linguas á fama,
O fraternal amor, alta bondade,
Que louva o mesmo Ceo, e o mundo acclama;
Quando naufragio infando a crueldade
No mais brando, e mais pio peito inflamma.
Tu, pello amado irmaõ só dás a vida,
Por Deos, que o zelo préza, defendida.

LXXIX.

LXXIX.

Mas do valor de hum Sá, da graõ fortuna
Dará o Indico mar eterno indicio,
E ſerá de Ceilaõ forte coluna,
No tempo, que irá toda em precipicio.
Eſte, os Ceos querem, que as virtudes una
Excercendo feliz o heroico officio:
E ſe veraõ no illuſtre Conſtantino
Em ſer humano aſſomos de Divino.

LXXX.

Depois que eſte com obras admiraveis,
Sendo de Aſia terror, de Europa gloria,
De palmas, e tropheos innumeraveis
Enriquecer o templo da Memoria;
Terá motivos Luſo lamentaveis
De heroica ſi, mas laſtimoſa hiſtoria,
Que ao mundo deixará ſua illuſtre morte,
Com que a gozar irá da melhor ſorte.

LXXXI.

Durará eterna fama, eterna inveja
No Indico mar de Antonio de Saldanha:
Quem immortalizar-ſe ſó deſeja,
Imite ſeu valor, conſelho, e manha.
Caſo naõ haverá adonde elteja
Honrado riſco, ou immortal façanha,
Que intrepido, e terrivel naõ commetta
A mira na glorioſa, e immortal méta.

LXXXII.

Lourenço Pirez, e Carvalho invejo,
Que o clariſſimo avô repreſentando,
Por tres vezes cahir ao mar o vejo,
Co ſangue illuſtre as ondas eſmaltando:
E tres vezes ſobir onde o deſejo
De honra o fará claro, como quando
Vai ſahindo o planeta rubicundo
Do mar ſalgado por dar luz ao mundo.

LXXXIII.

Com raios de façanhas reſplandece
Raio de vivo fogo nos effeitos,
E a fama dos antigos eſcurece,
Que naõ foraõ do tempo ás leis ſujeitos:
Eſta eternas memorias offerece
A ſeu raro valor, heroicos feitos,
Com que aſſombrando os inimigos fortes,
Oppoſto á morte multiplica mortes.

LXXXIV.

Mas entre as glorias, a que tenho inveja,
Motivo já de pena me laſtima,
O Téjo chora, quando o Ceo feſteja.
Maſcarenhas, que a vida deſeſtima.
Porém, ſe honradamente ſe deſeja,
Se em fim a honra á meſma morte anima,
Com razaõ dos honrados invejada
Será de Dom Joaõ a morte honrada.

LXXXV.

LXXXV.

O animo, conſtancia, e fortaleza
Daraõ no Parſeo ſeu eterno eſpanto,
De Ruy Freire magnanimo, que preza
Buſcar a fama com trabalho tanto.
Dos Perſas, Anglos, Belgas a braveza
Quebrantado eſtará, e humilde, em quanto
Armado reſplandece, o mar ſogeita
Eſte, cujo valor Marte reſpeita.

LXXXVI.

Obras diraõ que admiro juntamente,
Quanto a preſença de hum Botelho importe,
Contra as naçoẽs rebeldes raio ardente,
Do Imperio Oriental eſcudo forte.
Chore a India o Nuno eternamente
Ver, que em ſeu dano ordena irada a morte,
Porque de ti por vezes foi vencida,
Que o teu meſmo valor te roube a vida.

LXXXVII.

De mais heroes o ſabio lhe tratara,
Ornato, e reſplandor do mar do Oriente,
Se delicada voz naõ atalhara,
Que rompeo pellos ares triſtemente.
Altera-ſe o guerreiro, que julgára
Ser o grito de quem deſditas ſente;
E perguntar querendo ao companheiro,
Ouvem ſegundo grito, ouvem terceiro.

LXXXVIII.

Ouvem logo mais vozes, e gemidos,
Que o silencio da noite interrompiaõ,
E entrando ao coraçaõ pellos ouvidos,
Mais se chegavaõ, mais, e mais feriaõ.
Applica o sabio attentos os sentidos
A' parte donde (ao parcer) sahiaõ:
Por entre a confuzaõ, que o mundo cobre,
Terra em penhascos altos se descobre.

LXXXIX.

Ao guerreiro a mostrou, que com affeito
Piedoso o rogou que ver quizesse
Quem com gritos feria o excelso teito,
Que a obrigaçaõ pedia lhe valesse.
Etol naõ menos compassivo o peito,
Onde de seu furor o mar se esquece,
O lenho guia, e com piedoso salto
A causa buscar vaõ do sobresalto.

XC.

Foraõ-lhe as vozes lastimosas guia,
E a luz, que a irmã do Sol ao mundo dava,
(Que sem nuvens no Ceo resplandecia)
Quem triste as despedia, lhe mostrava.
Os de amor laços bellos offendia
Offendida belleza, que abrandava
Com lagrimas o monte, e as Estrellas
Feriaõ suas magoas, e querélas.

XCI.

XCI.

Torna, dizia, ſerás mais piedoſo,
Naõ uſando comigo de piedade,
Executa o mandado rigoroſo;
Se he, que intentas guardar fidelidade,
Com razaõ teu ſenhor verás queixoſo,
E eu com razaõ te accuſo de impiedade:
Mas que ſejas, ordena o fado duro,
Cruel comigo, e a teu ſenhor perjuro.

XCII.

Aſſi chorava, quando ſalteada
Se vio de Etol, e do guerreiro forte:
Vence a natural força, e acobardada
Todo o mal teme, ſó naõ teme a morte.
Mas, ſendo pellos dous aſſegurada,
Pára, já offerecida a qualquer ſorte:
Brandamente a conſolaõ ella em tanto;
De novo torna ao laſtimoſo pranto.

XCIII.

Souſa ſe lhe offerece, e juntamente
De ſeu lamento a cauſa lhe pergunta.
Amo já aborrecida, adoro auſente
(Diſſe ella co a eſperança hoje defunta,
E quantas ha no inferno, penas ſente
Meu peito, contra mim tudo ſe ajunta;
Que tanto a ſer cruel a ſorte chega,
Que me dá males, e morrer me nega.

XCIV.

Naci nobre em Siaõ, naceu comigo
Amor, que foi creſcendo com a idade,
Que deſdo infeliz berço amei o imigo,
Que idolatrando adora eſta vontade;
E tambem tenro infante, quando amigo
Me era o Ceo, me rendeo a liberdade
Eſſe, que de matar-me tem deſejo,
Por quem vivi, por quem morrer deſejo.

XCV.

A idade pueril juntos gozamos,
Bem que annos juvenís depois negaraõ
Para ver-nos, quaes traças naõ achamos,
Depois, que os pais crueis nos apartaraõ:
Quaes ſobreſaltos, e ancias naõ provamos,
Quando dar-me por dono outro intentaraõ?
Até que amor, e fé puderaõ tanto,
Que o laço nos ligou de Himeneo ſanto.

XCVI.

Em tanto bem Batraõ (que aſſi ſe chama
Meu conſorte enganoſo, ou enganado)
Por valer a Malaca, e ganhar fama,
Paſſou o campo azul de naus arado.
Fiquei qual fica auſente quem bem ama,
Quando (naõ tinha cuido o mar paſſado)
Servo, que por fiel ſempre foi tido,
Tornou de parte do cruel querido.

XCVII.

XCVII.

Na carta, que o menſaje acreditava,
Morte á auſencia chamava, e me dizia
(Fingindo) que moſtraſſe quanto o amava,
Paſſando o mar, ſe vida lhe queria:
Eu, que ſó vello ſempre deſejava,
(Julgai que goſto o meu entaõ ſeria)
Vamos (diſſe) lá donde a vida tenho:
E incauta os pés metti em falſo lenho.

XCVIII.

Eraõ os nautas de regiaõ eſtranha;
E quem em mim levaſſem, naõ ſabiaõ;
Que foi entendo cauteloſa manha:
Porque dizer de mim naõ ſaberiaõ.
Tomaraõ terra ao pé deſta montanha,
Adonde féras ſó bramar ſe ouviaõ;
Havia em todo o mais ſilencio mudo,
E cobria a nocturna ſombra tudo.

XCIX.

Com engano me fez ſaltar em terra,
Já apartados da praia, e do navio:
Do peito o duro intento deſencerra,
Tirando a eſpada com furioſo brio,
Dizendo: Bem que julgue indigna guerra,
E troncar ſinta de tua vida o fio,
Perdoa Glaura; mandado he rigoroſo
De meu ſenhor, e teu marido iroſo.

C.

C.

Eu quasi morta , misera tremendo ,
A causa perguntei de minha morte.
Naõ sei , me respondeo. E o braço horrendo
Contra fraco poder levanta forte ;
A vida aborrecida aborrecendo ,
O peito descobri , e disse : Córte
A dura espada o collo , passe o peito
Em toda a sorte só a Batraõ sogeito.

CI.

Por elle , naõ por mim , amava a vida ;
E pois elle a aborrece , eu a aborreço ;
Laço de amor a tem com elle unida ,
Sua he , como sua lha offereço :
Que foi sua sentença obedecida
Com gosto , lhe dirás ; ver que padeço
Por gosto seu , e que elle assi o ordena ,
Doce a morte fará , suave a pena.

CII.

E a teu senhor , e meu affirma , quando
Ante elle tornes , que de mim offendido
Nunca foi ; e seu gosto idolatrando ,
Morta o amarei , se lá for permittido.
Assi disse ; o mortal golpe aguardando ,
Injusto tanto , quanto obedecido ,
Quando o que já a ferir-me se applicava
Vi que o ferro da maõ cahir deixava.

CIII.

E com alma piedoza, e compaſſiva
Diſſe: Naõ ſoffre o peito que te offenda,
Nem eſtá em minha maõ deixar-te viva;
De mim tua innocencia te defenda.
Naõ me he menos, que a ti, a ſorte eſquiva:
Porque o dia, que meu ſenhor entenda
Que mais piedozo fui, que verdadeiro,
Será de minha vida o derradeiro,

CIV.

Pois dar-te a morte o Ceo o naõ permitta;
Que tambem te reſpeito por ſenhora:
Mas ſer aos dous fiel ſe facilita,
Se a lei guardares, que te der agora:
A perpetuo deſterro neceſſita;
Mas pode o Ceo diſpôr que inda algum hora,
Claras as couſas, vos vejais unidos,
E me ſejais os dous agradecidos.

CV.

Só que a vida conſerves, de ti quero,
Occulta, ou peregrina, porque chegue
Só de tua morte a fama aó eſpoſo fero,
Em quanto a opiniaõ errada ſegue.
Aſſi diſſe: mas eu, que naõ eſpero
Já da vida algum bem, que o ferro empregue
Em mim lhe peço, e aquella cortezia,
Que eſtimaçaõ merece, me offendia.

CVI.

Affi pedia a morte, e affi a negava
Quem dar á trifte vida fim devera:
Eu por a dar áquelle, que o mandava,
Elle indigna julgando a tençaõ fera:
E como já determinado eftava
Que eu delle a vida aceite, naõ efpera;
Só me deixa, dizendo-me ao deixar-me,
Podes naõ te occultar, eu defterrar-me.

CVII.

Até á praia o fegui; mas qual o vento
Partio voando no infiel navio:
Lagrimas de meus olhos cento a cento
Ao mar mandaraõ caudalozo rio.
Com gritos penetrei o firmamento,
Mil vaõs queixumes dando ao vento frio
Ao tempo, que chegaftes onde agora
Males minha alma fem remedio chora.

CVIII.

Os aftros contemplando Etol em tanto,
Que a efcutava, lhe diffe: As luzes bellas
Enxuga, illuftre Glaura, que a teu pranto
Fim ditozo promettem as Eftrellas.
Ir comnofco te importa, deixa tanto
Inutil fufpirar, e vãs querellas.
Vem, Malaca verás em tempo breve,
Que ao penfamento imita o lenho leve,

CIX.

CIX.

Senhora, lhe diſſe Souſa: e fia
Que, quando os aſtros faltem, eſta eſpada
Naõ faltará, e te fará num dia
Juntamente inculpavel, e vingada.
Ella, que a Etol ouvio, que a levaria
Ao aureo aſſento, diſſe, confiada
Na promeſſa, que he o mais do nobre peito,
Vos ſigo, e ao valor voſſo me ſogeito.

CX.

Embarcaõ os tres logo, e pella amara
Lagôa o baxel voa, no orizonte
Em tanto de Heperion a filha chara
Já deſcobria a rubicunda fronte.
Vendo Souſa a luz bella, diſſe, a clara
Eſpoſa de Titon ſahe lá defronte,
As Eſtrellas do Ceo deſapparecem,
Em mar, e terra as couſas ſe conhecem.

CXI.

Mas dize-me; que coſta vendo eſtamos;
Que bem de ti, que alcanças tudo entendo?
Quanto (Etol lhe reſponde) navegamos,
Nota em que a graõ Cambaya eſtamos vendo:
Ilhas mil para a parte Auſtral deixamos,
E para donde o Sol ſe vem erguendo,
Que aſſi occupaõ o Neptunino aſſento,
Como as Eſtrellas o alto firmamento.

CXII.

Atrás fica, onde faz a terra ponta,
A populòſa hum tempo Cingapúra;
Creſceo Malaca com ſeu dano, e afronta,
Que tambem hoje eſtá pouco ſegura.
A tudo toma o tempo eſtreita conta,
E péza nas balanças da ventura,
Que, ſobindo, e baixando ſem firmeza,
De todo eſtado moſtraõ a incerteza.

CXIII.

Paõ, e Patáne com Ligor ſe eſtende
Na coſta, que dalli corre a Caliſto,
E os mais lugares, que Siaõ comprende,
Até onde o Menaõ vês com Thetis miſto:
Sahe do Lago Chiamai, e a terra fende
De varios Reinos, e Provincias viſto,
Tambem ſeus dous irmaõs, por quem florecem
Os Pegús, e os Bengallas ſe enriquecem.

CXIV.

Daqui perto a Mecon atrás deixamos;
Tem, como o Nilo, inundaçoẽs creſcidas,
As cauſas dellas nunca as alcançamos,
Que ainda as tem para nós Deos eſcondidas:
Do Campa a coſta agora navegamos,
Das plantas adornada, enriquecidas
Do odor ſuave, que entre os bons ſe eſtima,
Que o coraçaõ conforta, alegra, anima.

CXV.

CXV.

Eis da China começa aqui a grandeza ;
Que, com ſer tanta, ſe cercou de muro :
De ſer filho do Sol ſeu Rei ſe preza,
O fundamento diſſo naõ apuro :
Mas em guardar juſtiça, e inteireza,
Em ſer em ſeu governo recto, e puro,
Em caſtigar o mal, e o bem premiar-ſe,
Bem de filho do Sol pode prezar-ſe.

CXVI.

E já lá Cancij á maõ eſquerda fica,
E Cauchinchina mais para o Ponente;
E temos ao Levante a grande, e rica
Ilha Liconia em ouro florecente.
Olha a grande Cantáõ, que já edifica
Onde dar nobre hoſpicio a voſſa gente;
Que já no revolver dos aſtros vejo
Render tributo o Betampina ao Téjo.

CXVII.

Se em dizer as grandezas me occupara
Deſte opulento Imperio, conſidera
Que tres vezes o Sol ſe nos moſtrara,
E no ocaſo outras tantas ſe eſcondera,
E naõ lhe dera fim. O' gente rara,
Se o ſenhor de bens tantos conhecera!
Porém, pois o maior dos bens lhe falta,
Na abundancia maior de tudo he falta,

CXVIII.

CXVIII.

Mas virá tempo, que eſta nevoa eſcura
O piedozo, e Divino Sol desfaça;
E a mercê tanta grata com fé pura,
E com Divino culto ſatisfaça;
E o Japaõ, onde ha tanto tempo dura
A cega Idolatria, a Lei da Graça
Receba inculta terra cultivada,
E co ſangue de Martyres regada.

LI-

LIVRO VIII.

ARGUMENTO.

De Titonia ao alcaçar Sousa chega
Com Etol, donde encontraõ Mello triste;
Garcia namorado: mas entrega
As redeas á razaõ, a amor resiste.
Chora bella Titonia de amor cega,
E ausente de adoralla naõ desiste
Até que a alma, em purpura vestida,
Lha arranca quem sem ella naõ quer vida.

I.

ASsi vaticinando Etol dizia.
E o lenho pello liquido elemento
Resvalando ligeiro discorria,
Imitador do leve pensamento;
E atrás deixando a China, quando o dia
Declinava, acalmou o amigo vento,
Que força dava ao panno do navio;
E se acharaõ na foz de hum fresco rio.

II.

E posto que na entrada pedregosos
Rochedos se levantaõ, dentro ficaõ
Amenos valles, campos saudosos,
Que a cultivar seus naturaes se applicaõ:
Alli angelins, e sandalos cheirosos
Theatros verdes saõ, onde publicaõ
Ciumes alguma vez, outras amores
As aves com suavissimos clamores.

III.

III.

A regiaõ (disse o Mago) já chegamos,
Que os nossos cavalleiros nos encerra,
E convém que depressa os pés movamos,
Até chegar ao cume dessa serra:
E porque a parte ignoras, que pizamos,
Saberás que esta rica, e fertil terra
Tem a bella Titonia por senhora,
Que se faz acclamar filha da Aurora.

IV.

E preza-se de ter por ascendentes
A Jupiter, Electra, e Laomedonte,
E a Titon, que amorosos accidentes
Na Aurora accende lá no Idalio monte.
Gerou este a Menon, que entre os parentes
Por Troya a vida deu, e Eurymedonte,
Que lá naõ foi, por ser de pouca idade,
E a mãi depois da guerra o dissuade.

V.

Elle chorando o fraternal successo
Nestes montes, que saõ limite, e muro,
Entre a China, e Catay, o triste excesso
Da mãi imita num silencio escuro.
Depois seus descendentes no progresso
De armas o Reino estendem, e co duro
Exercicio das armas sobjugaraõ
Além do Brema, e Cambalu fundaraõ.

VI.

VI.

Logrou o Reino varios ſucceſſores
Deſta illuſtre aſcendencia ; e reina agora
Titonia, que ſó os aſperos rigores
Deſtes montes amava caçadora :
Aborrecendo o amor dignos amores
De ſeus iguaes fugia; mas já chora,
E ſentirá de amor penas immenſas,
Que vinga amor num ponto annos de offenſas,

VII.

Tirou de hum lio em quanto aſſi dizia
(Conforme ao Catayo uſo) dous veſtidos,
Que para aquelle effeito já trazia,
Com ſabia prevenſaõ apercebidos.
Eſtes cubramos (diſſe) que ſeria
Certo o perigo, ſendo conhecidos
Da Titonica gente, que cioſa
Vigia amante, e teme receoſa.

VIII.

E a Glaura diſſe : Aqui ficais ſegura :
Bem da falta de ſono reſtaurar-vos
Podeis; que antes, que fuja a ſombra eſcura,
Tornaremos, ſenhora, a acompanhar-vos.
Ella lhe reſpondeo : Queira a ventura,
Ou queira o Ceo, que póde ſó guardar-vos;
Que eu, como já cheguei ao mór eſtremo,
Tendo perdido tudo, nada temo.

IX.

Aſſi dizendo o Sabio, o barco atava
A' torcida raiz de hum tronco antigo,
E por hum valle aſſima, que lhes dava
Com baſtas ramas encuberto abrigo,
Subiraõ, quando já no Ocaſo entrava
Da bella Leucóthoe o claro amigo,
A quem a eſcura noite ſuccedendo
Envolveo tudo no ſeu manto horrendo.

X.

Deſapparecem logo os Orizontes,
Nas Eſtrellas reluz a luz alhêa,
Por verdes campos, e ſilveſtres montes,
A penas o ſilencio ſe menêa:
Sómente murmurar ſe ouvem as fontes,
Porém ſem dano alhêo: ſenhorêa
O ſono aos animaes, pondo aos humanos
Em doce eſquecimento bens, e danos.

XI.

Nas folhas reſpirando o freſco vento,
O mormúro das agoas ajudava;
E Philomena com ſuave accento
A Favonio, e ás Linfas ſe queixava:
A hera pellos troncos laços cento,
Sobindo té o mais alto, fabricava;
As parras com os alamos frondoſos
Mil ſe davaõ abraços amoroſos.

XII.

Encontravaõ pela aſpera ſobida,
Que amena fez da natureza a arte,
Hora o bruto feroz, em que homicida
Quiz ſer do bello Adonis cioſo Marte:
Hora o fugaz, a quem cuſtou a vida
Ver nua a Diana na eſcondida parte,
Com outros animaes inferiores,
Da eſpeſſura do boſque habitadores.

XIII.

No mais alto, cercado de arvoredo,
Viraõ precipitar liquida prata,
Branda ſangria de aſpero rochedo,
Que pello valle abaixo ſe deſata:
Aſſentaraõ-ſe ao pé do alto penedo,
Depois que a freſca limpha a ſede mata,
Por deſcanſar, e em tanto o brando vento
Trazia, roubado ás flores, ſuave alento.

XIV.

Já que hum eſpaço breve deſcanſaraõ,
Pouco do ameno ſitio inda apartados,
Com a luz das Eſtrellas divizaraõ
Em torres altas capitéis dourados:
Entaõ de novo o modo praticaraõ,
Que aviaõ de guardar depois de entrados
Na caza, que em grandeza, e lavor rara
O antigo Erimedonte edificara.

XV.

Parte do ardente eſtio era habitada
Da formoſa Titonia, que o reſpeito
De ſer de caſſa a terra povoada,
Aquelle ſitio fez aos Reis aceito.
Em fim Catais fingidos á portada
Os dous chegaraõ do ſoberbo teito,
Em cujo ſaguaõ Regio hum lume ardia,
Que contra a noite conſervava o dia.

XVI.

Cem monteiros de guarda alli aſſiſtiaõ,
Com elles ás paredes arrimadas
Cem fortes haſtes, que reſplandeciaõ
Com pontas por Vulcano fabricadas:
Nas portas co eſplendor claro ſe viaõ
Amoroſas hiſtorias entalhadas
Entre a Aurora, e Titon, no monte Ida
Da formoſura juvenil vencida.

XVII.

Da Frygia Troia ao pé do monte eſtava
A machina ſoberba: o claro Xanto
Os Apollineos muros rodeava,
Rompe Simois do campo o verde manto:
Titaõ as féras perſeguir moſtrava,
E a fuga dellas por temor, e eſpanto,
Por entre os arvoredos, e eſpeſſura
O primor, e viveza da eſcultura.

XVIII.

Reprefenta outra parte o marchetado
De ouro, aljofar, eftrellas, prata fina
Carro da Aurora, e nelle a amante, e amado,
A cujo ardente amor cega fe inclina,
Defcuidada de fi, perde o cuidado
De abrir a porta ao dia, e fó imagina
Como melhor fegure a amada prenda,
De feu receo, e amor doce contenda.

XIX.

Quatro cavallos pello leve vento
Candidos, e purpureos da Alva amante
O carro conduzindo, lá no affento
Aureo defcanfaõ no ultimo Levante.
Aquelle dia, e dizem que outros cento,
Vifto naõ foi o auriga rutilante,
Que, como a Aurora as portas naõ lhe abria,
Por entre nuvens arrojava o dia.

XX.

Des do faguaõ o Mago, e Scufa entraraõ
Num patio de fuberba architectura,
E no fim delle o invicto Mello acharaõ
Do charo irmaõ fentindo a morte dura:
Cujo illuftre cadaver entregaraõ
A tarde antecedente á fepultura,
Pofto que inculta, rara, e fumptuofa
Obra da natureza artificiofa.

XXI.

XXI.

No coraçaõ do aſpero rochedo,
Em que bate continuo o mar furioſo,
E com boca de ſerras, e arvoredo
Beija a Amphytrite o rio caudaloſo,
Repreſenta pyramide hum penedo
Alto, e por natureza cavernozo;
Ou por obra do tempo, que bem baſta
Para abrir pedras quem memorias gaſta.

XXII.

A eſte fizeraõ funeral erario
Do defunto valor, a quem ſó a morte
Vencer pôde, ajudada do contrario
Deſtino, mais que ferreas armas forte:
E abriraõ no fiel depoſitario
Eſte epitaphio, recontando a ſorte,
Contraria do guerreiro ſoberano,
No Catayo idioma, e Luſitano,

XXIII.

Eſte penhaſco, ó peregrino, encerra
O Luſitano Mello, a que era eſtreito,
Para tanto valor, o mar, e a terra,
Das cem lingoas da fama digno obgeito.
Deixou a patria amada pela guerra,
A riſcos, e trabalhos pôs o peito,
Deu-lhe o Catayo mar a morte dura,
Eſte remoto ſitio a ſepultura.

XXIV.

XXIV.

No mais alto, aonde faz a rocha ponta,
Puzeraõ o ſinal, onde o Cordeiro
Divino ſatisfez a errada conta,
Que deu a ſeu Creador o homem primeiro.
Agora o caſo aos paſſageiros conta
Navegando á ſua viſta o marinheiro,
E do caminho, de lugar diſtante,
Ao companheiro amoſtra o caminhante.

XXV.

Em tanto que eſtas funebres memorias
Ao triſte cavalleiro magoavaõ,
Lá dentro aos que entretem mundanas glorias
Muſicos inſtrumentos diſcantavaõ:
Ao ſom delles, de amor altas victorias
Quatro acordadas vozes celebravaõ;
Era da bella Cytheréa o canto,
Que amou de Myrrha o bello filho tanto.

XXVI.

Cantaraõ depois diſto Galatéa
Entre os braços de Acis reclinada,
E que Delia o Ceo deixa, e ſe recrea
Do ſeu paſtor prezando ver-ſe amada:
Como a Bóreas o amor a furia enfrea,
E a Jupiter mitiga a chamma irada,
Accende o graõ tridente, e como dentro
Plutaõ ſujeita no tartareo centro.

XXVII.

XXVII.

Das vozes a brandura, o tom ſuave
Os mais rebeldes peitos moveria;
Porém de Mello o ſentimento grave
Fazer tregoas co a dor naõ conſentia:
Os goſtos foge, e faz que mais ſe aggrave
A pena, que já na alma naõ cabia.
Souſa advertido entaõ do companheiro,
Aſſi reprende o triſte cavalleiro:

XXVIII.

Naõ remedea o ſentir o mal paſſado:
Chora o tempo, que perdes ocioſo;
Que deſte differente era o cuidado,
Com que climas paſſaſte, e o mar furioſo.
Quem es tu, reſpondeo Mello indignado,
Que ſem razaõ reprendes rigoroſo,
Que ſinta do perdido irmaõ a ſorte,
Quando ſó que ſentir me deixou a morte?

XXIX.

Com eſte grave mal ſinto, e aborreço
Juntamente a forçoſa ocioſidade;
E dá mais força á pena, que eu padeço,
Ver que uſar já naõ poſſo da vontade.
Souſa lhe reſpondeo: Eu me offereço
A por-te a ti, e aos mais em liberdade
Onde o forte Albuquerque vos aguarda,
Que em dar principio á guerra por vós tarda.

XXX.

XXX.

Por conſelho, invictos cavalleiros,
De hum varaõ, que o porvir já comprehende,
Até ſe acompanhar de taes guerreiros,
De Malaca o caſtigo ſe ſuſpende:
Aviza, ó Mello illuſtre, os companheiros,
De quem o valor Luſo ſó depende,
Albuquerque vos chama, eu por vós venho,
Embarcaçaõ ſegura, e breve tenho.

XXXI.

Levou com alvoroço entre ſeus braços
Mello o guerreiro delle conhecido,
E duplicara os amigaveis laços,
Mas do prudente Mago foi detido:
Deixai para outro tempo eſſes abraços,
Naõ ſeja noſſo intento pervertido
(Diſſe) e o tempo que voa, aproveitemos,
Que, paſſado huma vez, mal cobraremos.

XXXII.

Aſſi he (diſſe Mello) mas o goſto
De hum bem naõ eſperado o peito altera,
E ſó o que em ver-vos ſintó, meu deſgoſto
Irremediavel mitigar podera;
Porém, para que voſſo preſuppoſto
Conſiga o effeito, que Albuquerque eſpera,
Darei áquelles companheiros conta
Na delicia da caza, que os afronta.

XXXIII.

Aqui nella achareis de amor efcravo
Garcia, idolatrando hum brando objeito,
Fazendo áquelle heroico intento aggravo,
Que concebido tinha o nobre peito.
Porém naõ porque tanto o cazo aggravo,
Prefumais della incontinente effeito,
Que atégora Titonia, quanto amante,
Foi guarda a feu decoro vigilante.

XXXIV.

Com laço de Hymeneo atar-fe intenta
No que atégora moftra, e ja o fizera,
Mas as leis differentes o que affenta
Amor, alteraõ, e affi tempo efperaõ:
Mas como a lei de amor he lei violenta,
Que nunca incovenientes confidera,
Naõ fei, naõ vindo vós, no que parara,
E fe o cafto dezejo fe trocara.

XXXV.

Que pofto que em Garcia penfamento
Naõ vi, que o cafto, e puro amor offenda;
Ou que refpeito opprima o atrevimento;
Ou razaõ, o appetite vença, e prenda:
Naõ fou eu de arrifcar o entendimento
A erros, que incapazes faõ de emenda
Depois de commettidos, pois fabemos
Que amor naõ pára até chegar a extremos.

XXXVI.

XXXVI.

Aſſi dizendo, entrou lá dentro a donde
Em aprazìveis jogos deſpendiaõ
As horas, em que a ſombra o mundo eſconde,
Que em ſilencio o ligeiro pai ſeguiaõ:
Com a cea, que em tudo correſponde
A' grandeza Real, já entaõ cobriaõ
As ſumptuoſas mezas os criados,
De antigos Meſtresſallas governados.

XXXVII.

Excedia da caza o illuſtre ornato,
E dos aparadores a riqueza,
A fragrancia, do Ceo quaſi retrato,
E do trato politico a eſtranheza;
Era igual em magnifico apparato
No modo, no concerto, na grandeza
Ao graõ banquete das hiſtorias digno
Da bella Egypcia ao vencedor Latino.

XXXVIII.

Sentaraõ-ſe Catais, e Luſitanos,
E no lugar mais alto a deſcendente
Da Aurora, cujos olhos ſoberanos
Docemente inſpiravaõ fogo ardente:
E ſe da liberdade eraõ tyrannos,
Garcia diga o que no peito ſente;
Nem tinha ardor menor ella no peito,
Que ſe accendia vendo o amado objeito.

XXXIX.

Ficou Mello, ou que fosse industria, ou sorte,
Assentado entre Lemos, e Coutinho,
E o que passara, lhes contou, co forte
Sousa, e a causa de seu grão caminho;
E porseguio: Honroso intento he o Norte,
Que seguimos, deixando o patrio ninho,
Este nos leve lá, donde nos chama
A honrosa empreza, e nos convida a fama.

XL.

Entendeo Villalobos, que defronte
Ficava, o caso, e disse: Quem duvida
Partir-se, antes que este ocio mais afronte
O credito, por quem se arrisca a vida?
Isto confirmaõ todos, e na fronte
De qualquer delles fora conhecida
A tençaõ, se Titonia bem notara,
E os sentidos amor lhe naõ cegara.

XLI.

Aquella cea esplendida acabada,
Se encheo de licor puro (que recrea
Confortando) huma taça coroada
Das flores, com que a Aurora a fronte arrea:
Nas maõs a toma a bella namorada,
Que de si mesma por amar-se alhea;
E, conforme ao gentilico costume,
Assi a Aurora invocou, e o diurno lume:

XLII.

XLII.

Diva, que o mundo alegras precurſora
Do lume eterno, que dá luz ao mundo,
Favorece os intentos, clara Aurora,
Em que minha eſperança alegre fundo;
E tu, a quem devota Delo adora,
Claro da noite imigo alto, e jucundo,
Se inda Daphne te cuſta, penſamentos
Ampara, e favorece meus intentos.

XLIII.

Diſſe, e logo á doce, e formoſa boca
O rico vazo, e nectar puro applica;
E depois que o licor ſaborozo toca,
Deixando a taça de mil graças rica,
A paſſou a Garcia, a quem provoca
A amoroſos furores, que publica
Hum deſuſado modo de inquietar-ſe;
Porque naõ póde o amor diſſimular-ſe.

XLIV.

Tambem para os mais hoſpedes trouxeraõ
Coroadas taças do licor precioſo.
Satisfeitos dalli alguns ſe ergueraõ
Por dar-ſe ao ſono, dom dos Ceos ſabroſo.
Recolheo-ſe Titonia, e naõ perderaõ
Tempo os guerreiros, que onde cuidadoſo
Souſa eſperava, e o ſabio companheiro,
Encaminhaõ o amante cavalleiro.

XLV.

Sahe-lhe ao encontro o valoroſo Souſa;
Induſtriado do prudente Mago
Diſſe: Apparecer, e ver o Sol ouſa
Quem padece na fama tanto eſtrago?
Como teu bravo coraçaõ repouza
Em ocio afeminado, quando lago
De ſangue já Malaca ſer devera
Por teu valor, que o Luſo bando eſpera.

XLVI.

A' reprenſaõ confuſo, e já alterado
O cavalleiro reſponder queria;
Mas proſeguindo Souſa, o venerado
Sinal da rendempçaõ lhe deſcobria:
Dizendo: O illuſtre intento aqui ha parado,
Que com fé tanta o largo mar cobria
Deſte ſinal Divino taõ devoto,
Que era morrer por elle o menor voto.

XLVII.

Tu, que te promettias fazer tanto,
Que nos Reinos da Aurora ſe adoraſſe
A Divina Ara do Cordeiro ſanto,
E que templo até o Chim lhe edificaſſe,
Em voluntario pouco honroſo encanto
Naõ ſentes que ligeiro o tempo paſſe?
Vaõ teu deſejo idolatrando adora
Na que ſe faz chamar filha da Aurora.

XLVIII.

XLVIII.

De Chriſto prometteſte ſer guerreiro,
Naõ de amor, que em ti poem nodoa taõ fêa.
Acorda, namorado cavalleiro,
Do ſono, que de teu valor te alhêa:
Reſuſcite o deſejo, que primeiro
Ardeo neſſa alma entaõ de fé taõ chêa;
Vem donde Affonſo cuidadoſo aguarda,
E o Ceo victorias mil para ti guarda.

XLIX.

Viſta a Cruz ſanta do guerreiro amante,
Do reprehenſor ſe humilha aos pés choroſo,
Quanto o ver-ſe accuzado de inconſtante;
Confuzo o deixa, triſte, e vergonhoſo.
Callou hum pouco; mas paſſando avante
Sentimentos daquelle erro amoroſo,
Em gemidos rompeo, e gritos dera,
Se o lugar, em que eſtava, o concedera.

L.

Qual desfazer coſtuma o Sol a noite,
Que o frio congelou do largo inverno,
Tal da Cruz ſanta aquella viſta breve
Em pranto lhe desfez o mais interno;
E diſſe: Como erguer olhos ſe atreve
A vós, chave do bem, que dura eterno,
Aquelle, a que taõ facilmente inclina
Mais a belleza humana, que a Divina?

LI.

LI.

Como farei, preciofo lenho, emmenda,
Que a incomparavel culpa em parte iguale?
Como farei que laftimado a entenda
Sómente o coraçaõ, e ao mundo a cale?
Que façanha obrar poffo, que defenda
Que livre em meu defeito o mundo fale?
O' fe logo daqui fugir podera,
Que da culpa fugi tambem differa!

LII.

Contrito affi chorou, quando animado
De Soufa foi, com lhe dizer adonde
O navio fatal deixara atado,
Que a feu veloz defejo correfponde.
O que elle ouvindo, diffe envergonhado:
A partida apreffai, de mim difponde,
Naõ perdem tempo, partem logo: ai quanto
Fica a Titonia fentimento, e pranto!

LIII.

Por porta occulta, que talvez deixava
Hora o cuidado, hora o defcuido aberta,
Fogem, e mal em tanto repoufava
Titonia, mal dormindo, e mal defperta:
Andar junto de hum rio entaõ fonhava,
E correr pella efteril, e deferta
Arêa em vaõ; porque beber queria,
E como a Tantalo, a agoa lhe fogia.

LIV.

LIV.

A grande pena o coraçaõ no peito
Lhe eſtreita aſſi, que deſpertou gritando;
A voz retumba no dourado teito,
A gente em ſono envolta deſpertando:
Cérca a familia feminil o leito,
De tanto grito a cauſa perguntando.
Ella ſuſpira, e diz: Graõ mal me aguarda,
Que em ſonhos já me afflige, e me acobarda,

LV.

Naõ tarda o mal, que ao ponto dous Monteiros
Dos que a emprazar a caça madrugaraõ,
A fogida dos inclytos guerreiros
A' bella, e triſte amante revelaraõ.
Julga Titonia os ſonhos verdadeiros,
Dos olhos fontes vivas lhe brotaraõ;
E como na alma o dardo de amor ſente,
Da infauſta cama ſalta impaciente.

LVI.

Gritando mêa deſcalça, e mal veſtida,
Após o ingrato amado ſahe correndo,
Sem reparar, da grande dor vencida,
No credito, que arriſca, e vai perdendo.
Já neſte tempo a Aurora, deſpedida
Do amante eſpoſo, vinha apparecendo:
Parou ella entre a gente, que a ſeguia,
E aſſi ſe queixa á que abre porta ao dia.

LVII.

Rubicunda Deidade, a quem adoro,
Clara do claro dia precurſora,
Naõ conſintas que offendaõ teu decoro
Em mim, que mãi te chamo, bella Aurora.
Ah naõ ſe diga que te vejo, e choro,
E que me deixas em triſteza agora,
Que o mundo alegras, ſendo a confiança,
Que em ti puz vã, e vã minha eſperança.

LVIII.

E ſe o chamar-me deſcendente tua,
Naõ ſaõ do mundo fabulas ſonhadas,
Hoje ſe moſtre impede a tençaõ crua,
Que deixa minhas ancias enganadas.
Aſſi o Ceo vida a Memnon reſtitua
Pelas lagrimas bellas derramadas
De teus olhos, que enxuga a luz do dia,
A quem já as minhas fazem companhia.

LIX.

Naõ diſſe mais; que a preſſa, e grande pena
A mais larga oraçaõ lugar naõ davaõ.
O monte deſce em quanto a luz ſerena
Com canticos as aves ſaudavaõ.
A' praia chega, e nella amor lhe ordena
A execuçaõ dos males, que a eſperavaõ.
Dar vê ao navio á véla. Ai fera viſta,
Quem haverá, que a tanta dor reſiſta?

LX.

Já entaõ vinha ſahindo o graõ planeta:
Dormindo eſtava o mar, dormia o vento;
E qual ſahe pellos ares veloz ſetta,
Rompia o lenho o liquido elemento.
Conhece os fugitivos, e indiſcreta
Rendida, quanto a amor, a ſeu tormento,
Diſſe gritando: Foges, inimigo?
Mas do Ceo mais ligeiro he o caſtigo.

LXI.

Deoſes, cujo poder he immenſo, e eterno,
Do cryſtallino aſſento moradores,
E os que tendes do mar largo o governo,
E quantos ſois na terra habitadores;
E vós, que lá imperais no eſcuro averno,
E punís dos ingratos os rigores;
Se juſtos ſois, á pena, que me alcança,
Guardai juſtiça, concedei vingança.

LXII.

A ti, Némeſis vingadora, invoco,
E a vós negras irmãs, miniſtra de ira;
Que bem cuido que a laſtima provoco
Inda a meſma impiedade, que odio inſpira:
Deſte, por quem em pena a gloria troco,
Açoute viperino o peito fira,
E perſeguido ſeja como Oreſtes,
Odio meſmo, a humanos, e a Celeſtes.

LXIII.

Oᶜ Thetis, bella mãi da bella Aurora,
Tu que es (ſe a antiga fama naõ me mente)
Da caza de Titon progenitora,
Doe-te de tua affligida deſcendente:
O humido povo, que em teu Reino mora,
Contra o perfido incita; o graõ tridente
Empregue nelle o digno teu conſorte,
Poſto que indigno de taõ nobre morte.

LXIV.

Fique entre a vaſa, e limos ſepultado,
De Malaca naõ chegue a ver a terra;
E quando vêlla lhe conceda o fado,
A traiçaõ morra na primeira guerra.
Mas ai, que digo? amor he ſó o culpado,
Que cego infante ſempre os golpes erra;
Do peito me roubou a liberdade,
E ao perjuro deixou livre a vontade.

LXV.

Mas triſte, que deidade o favorece;
E contra mim por elle ſe conjura?
O mar tranquillo, e brando ſe offerece,
Prezos os ventos na maſmorra eſcura;
E o navio traidor deſapparece.
Ah Deoſes inimigos! ſorte dura!
Naõ vos moſtreis em tudo rigoroſos,
Dai-me a morte, ſereis tambem piedoſos.

LXVI.

LXVI.

Neſte tempo vencendo a dor penoſa
O eſpirito, que infunde aos membros vida,
Perdeo a bella face a cor da roſa;
E cahira, a naõ ſer dos ſeus ſoſtida.
Cercou-a a turba feminil choroſa,
Imaginando em todo ter perdida
A natural ſenhora; e gritos davaõ,
Que em valles, e cavernas retumbavaõ.

LXVII.

Chegou da linda (quanto triſte amante)
A vida quaſi ao derradeiro fio:
Uſaõ remedios mil, nenhum baſtante
Para curar de amor o deſvario.
Era o mal ao da morte ſemelhante,
Banha o pallido roſto hum ſuor frio;
A luz ſe turba de huma, e de outra eſtrella,
Mas neſte eſtremo por eſtremo bella.

LXVIII.

Aſſi o vital eſpirito ſuſpenſo,
Ao nobre alcaçar em braços o levaraõ,
E com magoa, e com dor, pezar immenſo
Mais activos remedios lhe applicaraõ.
Em tanto aquelle ſentimento intenſo,
Por quem as vitaes vias ſe cerraraõ,
Fez termo; e recebendo alento o peito,
Ferio com gritos o eſtrellado teito.

LXIX.

LXIX.

Do mortal parocismo em si tornada,
Se alegraõ todos: ella soluçando
Os olhos baixos, como envergonhada,
E no amoroso excesso imaginando.
Ora amor sente, ora a paixaõ mostrada,
E o caso com razaõ considerando
A desesperaçaõ lhe accende a ira,
Já por vingança, já de amor sospira.

LXX.

O dia todo passa entregue ao pranto,
Tambem chorosa a noite naõ socega:
E lhe ordena o mesmo amor em tanto
Fim, mas fim triste, ao mal, a que se entrega.
Na grande Corea, do Japaõ espanto,
A quem a paz há largos annos nega,
Reinava Joculano aos seus accito,
E a formosa Titonia no seu peito.

LXXI.

Desejoso de ver, e de mostrar-se
Nos jogos, que celebra bellicosos
Cataio, aos Deoses vaõs, em que ajuntar-se
Os guerreiros costumaõ mais famosos,
O mar passou; e quando a assinalar-se
Se apercebe entre tantos valorosos,
Delle triunfa amor; que em toda a parte,
Ostenta mais poder Amor, que Marte.

LXXII.

LXXII.

A clara filha da luzente Aurora
A ver a feſtas a hum balcaõ ſahia,
Qual a formoſa mãi na alegre hora,
Que o mundo alegra, dando paço ao dia.
A formoſura eſtranha o Rei adora,
Admirado, e contente do que via,
Todo o ſuſpende hum amoroſo encanto,
E a amada liberdade perde em tanto.

LXXIII.

De amor prezo, ſem alma, levantado,
Se tornou aſſiſtir ao Real governo;
Donde, poſto que naõ deſeſperado,
Tudo o mais era hum amoroſo inferno:
A' boa, ou má fortuna apparelhado,
Fazer procura ſeu amor eterno,
Declarando quanto ama, e quanto ſente
Co as finezas, que uſar póde hum auſente.

LXXIV.

Intenta tudo, quanto amor enſina,
Por ter da eſquiva amada o bem de eſpoſo:
Mas dura eſtrella, que a rigor a inclina,
Ao paſſo, que era amante, o fez odioſo:
Felice em ſeu deſprezo, outro imagina,
Que vive, quem bem ama, receoſo,
Hum, e outro cuidado o inquietava,
E em amoroſas iras ſe abrazava.

LXXV.

LXXV.

Neſtas ancias chegou de vôo a fama
Da ſuſpirada ingrata, exaggerando
O mal fundado amor, o quanto a flamma
Dos ciumes, e amor creſce abrazando:
Iniquiſſimo o amor mil vezes chama,
E a que deſeſperado eſtá adorando
Geme, ſuſpira, chora, e naõ deſcanſa,
Todo envolto em deſejos de vingança.

LXXVI.

Já condenando o longo ſoffrimento,
Paſſa o mar com trezentos eſcolhidos,
E dando panno ao favoravel vento,
Ao Catái porto chegaõ deſmentidos.
Dalli ſobem ao celebre apoſento
Todo revolto em choros, e gemidos:
Era entaõ alta noite, e de repente
Entraõ ferindo a deſcuidada gente.

LXXVII.

Confuſas vozes com eſtrondo horrendo
Nas bóbedas, e teitos retumbavaõ:
Defendiaõ-ſe alguns; outros temendo,
Onde chorava a triſte amante entravaõ:
Ella o rumor ouvindo, e fogir vendo
Os que guardar a vida procuravaõ,
De hum dardo lança maõ, e generoſa
Corre aonde a confuſaõ era eſpantoſa.

LXXVIII.

LXXVIII.

Bradando vinha o amante Juculano
Aos ſeus , que a amada ingrata reſpeitaſſem,
E áquelle , que era cauſa de ſeu dano,
Ou prender , ou dar morte procuraſſem :
Quando deſtino cruel, ao bem tyranno,
Quiz , entaõ mais cruel, que ſe encontraſſem
Num corredor eſcuro, donde a vida
Troncou incauto , delle mais querida.

LXXIX.

Com o dardo ella paſſa o eſcudo forte
Do Principe infeliz , que a fera eſpada
No peito lhe eſcondeo, envolta em morte,
Lá donde era de amor doce morada :
Cahe a infelice como o quer a ſorte ,
E aſſi diſſe , esforçando a voz canſada :
Sejas bem vinda, ó morte hoje piedoſa,
Fim deſejado a vida taõ penoſa.

LXXX.

Fere no coraçaõ do amante irado
A delicada voz , e logo teme
A deſgraça maior acobardado ,
De ſua má fortuna , e triſte geme.
Correm com luzes hum , e outro ſoldado:
Seu dano reconhece ; e vendo-o , treme
O coraçaõ feroz no peito ardente ,
Que já males da morte , e de amor ſente.

LXXXI.

Brotar o ſangue vê do aberto peito,
E nelle tinta a rigoroſa eſpada,
Por terra derribado o aureo teito,
A luz dos bellos olhos eclypſada:
Vê ſeu mal infinito, o bem desfeito,
Morta a eſperança, a dor eternizada:
E aſſi os queixumes derramou ao vento,
Que lhe ditava o grave ſentimento.

LXXXII.

Poſſivel he que o juſto Ceo permitta
Que injuſto amor, e injuſta ſorte unidos
Promulguem dura lei com ſangue eſcrita,
Contra fracos mortaes indurecidos?
Monſtro infeliz de amor, e de deſdita,
Em quem erros, ſem culpa commettidos,
Pedindo aos Ceos eſtaõ maior vingança,
Que haver perdido a vida, e a eſperança.

LXXXIII.

Os funeſtos veſtigios do ferino
Rigor, que me movia, triſte vejo,
E naõ me mata a dor? duro deſtino!
Vingança de mim meſmo ter deſejo.
Olhos, que mais crueis inda imagino,
Que a dura maõ, que taõ incauto rejo,
Enxutos vós, ſem luz huma, e outra eſtrella,
A maõ a chaga fez, vós podeis vêlla?

LXXXIV.

LXXXIV.

O' belleza divina, hoje eclypſada
Por eſta dura maõ inadvertida,
Quem como de mim ſois morta adorada,
Podera com morrer dar-vos a vida.
Tu ſacrilega maõ accelerada,
Para do bem maior ſer homicida,
Emprega em mim tua furia, volta o ferro
Contra eſte peito origem de teu erro.

LXXXV.

Mas coſtumada ao feito atroz, receo
Rebelde a eſte ferás, por ſer piedoſo.
Oh naõ ſeja aſſi, naõ, ſe o caſo fêo
A morte me naõ faz tambem odioſo.
E tu, gentil eſpirito, bem crêo
Que agora me ferás mais rigoroſo:
Aceita eſte de mim ultimo officio,
Se por vingança naõ, por ſacrificio.

LXXXVI.

Aſſi dizendo, ſobre o ferro duro
Se lança, antes que ſer poſſa eſtorvado:
Entra no amante peito o fado eſcuro,
E cahe mortal ſobre o objeito amado.
De altos clamores o Celeſte muro
Triſte, e piedoſamente penetrado,
Cobre as Eſtrellas, e começa o dia,
O ſucceſſo chorando a Aurora fria.

LIVRO IX.

ARGUMENTO.

Dá mostra o campo imigo ao Rei tyranno,
Que delle a Tuam Bandaõ o sceptro entrega:
Tambem trata do assalto o soberano
Capitaõ, que hum instante naõ socega,
Apparelhava-se a Malaca o danno,
Quando com os guerreiros Etol chega,
Amantes de Bellona, honra de Marte,
Com quem Affonso alegre armas reparte.

I.

EM militar estrondo se envolvia
Malaca em tanto, e prevençoẽs de guerra,
Satisfaçaõ Affonso pertendia,
E a santa Fé prantar na infida terra.
Mahomet (que a avareza, e tyrannia,
E furor infernal no peito encerra)
Da razaõ de Albuquerque fórma offensa,
E trata da vingança, e da defensa.

II.

Experto Capitaõ, Rei cuidadoso,
Com estacada altissima repara
Quanto de Tetis banha o fluxo undoso,
Terraplanada, e muniçoẽs prepara.
E aquelle dia quando o Sol formoso
Se mostrava, seguindo a manhã clara,
Sobre elefante de Ceilaõ se mostra
Ao campo militar, que lhe dá mostra.

III.

III.

Servia ao bruto forte de ornamento
O despojo de hum tigre matizado
Em bella proporçaõ de manchas cento,
Com franjas de metal mais estimado.
Mahomet inda feroz, inda violento,
Como na idade mais florida, armado
Vinha daquelle fino arnez, que usava
Quando contra os Siames militava.

IV.

Divina musa, tu me inspira agora
Os Principes, e Reis, que armas tomaraõ
Nas apartadas Regioẽs da Aurora,
Que em favor de Malaca se ajuntaraõ.
Tu, contra o esquecimento guardadora
Das cousas, sabes quantos lá se acharaõ
Varoẽs fortes, e o numero da gente;
Abre-me o archivo de tua sacra mente.

V.

Entraraõ os Malayos os primeiros
No bellico theatro arido espaço,
Já mais, que namorados, cavalleiros,
Por bizarria vagaroso o passo:
Eraõ os Capitaẽs quatro guerreiros,
Com os quaes o valor naõ era escaço;
A quem o uso fez mestres da guerra,
Já no mar militando, já na terra.

VI.

VI.

Oito vezes ſeiſcentos governava
Indoraſpis, maritimo Almirante
Da milicia feroz; que o mar cortava
Em corſo do eſtrangeiro navegante:
Traz elle Baturel trez mil guiava,
Eſquadraõ entre todos importante,
Que o ſalitre exercita furibundo,
Com que infeſtado tem Germania o mundo.

VII.

Roſtacaõ a terceira eſquadra adeſtra
De copia mais, que as duas, numoroſa;
Porém gente nas armas menos deſtra,
Que a forçoſa occaſiaõ fez bellicoſa.
Neceſſidade, que he de tudo meſtra,
Dos officios civís á perigoſa
Guerra os paſſou, e della a diſciplina
Em defenſa da amada patria enſina.

VIII.

Logo após eſtes Aguazel ſeguiraõ
Fileiras mil dos que ſe exercitaraõ
Na cultura do campo em que viviaõ,
E do rumor da guerra naõ curavaõ;
Primores militares naõ ſabiaõ,
Mas das fundas, e dardos, de que uſavaõ
Contra as féras da ſerra em ſua defenſa,
Armados vinhaõ á Mavorcia offenſa.

IX.

IX.

Ao Principe Aladim ſegue a nobreza
Malaya generoſa, e bem armada;
Tudo arrogante (ao parecer) deſpreza,
Tudo moſtra ameaçar ſua viſta irada.
Tres mil o eſquadraõ formaõ, na aſpereza
Das armas gente toda exercitada,
Inclinados aos bellicos furores,
E já de varios tranſes vencedores.

X.

Impenetraveis armas a eſte bravo
Os membros robuſtiſſimos cobriaõ,
Forjadas por aquelle graõ Timavo,
De quem os vaõs eſpiritos tremiaõ:
E bem que armar-ſe tinha por aggravo,
A ſeu valor, de ornato lhe ſerviaõ,
Dizendo naõ eſtar ſeu forte peito
A' força de nenhum mortal ſujeito.

XI.

Após eſtes os feros Jaos paſſaraõ,
No exercicio das armas excellentes,
Que por feitos heroicos alcançaraõ
Immortal appellido de valentes:
Eſcudo, lança, arco, e frecha uſaraõ
Irozos, vingativos, impacientes:
Tuaõ Colaſcar, e Utimurajá os guiaõ,
Que da arte militar pouco ſabiaõ.

XII.

XII.

Eraõ eſtes dous Jaos favorecidos
Del Rei, e da fortuna poderozos;
E pelo trato mercantil ſobidos
A lugares, e titulos honrozos:
E aquelles, que os ſeguiaõ, eſcolhidos,
Neſta guerra, ſe ouſados, naõ ditozos:
Oito mil ſaõ de animo ferozes,
Promptos a commetter caſos atrozes.

XIII.

A Malano dous mil Bernéos ſeguiaõ,
E após elle a Cambir, Lequios quinhentos,
Que os perigos de Marte naõ fogiaõ,
Inda tratando de mercantís intentos:
Dous mil Arús, que fama ſó queriaõ,
Deſenrolaraõ a bandeira aos ventos,
De Táyde os guia, Capitaõ egregio,
Que em Arú depois teve o ſceptro Regio.

XIV.

Irmaõ era de el Rey; elle o mandara
Em favor do Malayo ſeu vizinho,
Poſto que a bella Infanta lhe negara,
Abrindo a inimizades o caminho.
El Rei de Paõ, que bem tanto alcançara,
Do ciume ſentindo o duro eſpinho,
Nelle o competidor odioſo vendo
O ſegue, e paſſa o campo em ira ardendo.

XV.

Seguiaõ-no oitocentos tiradores
De ervada frecha, e mil, que lança usavaõ;
Mas pouco achados em marciaes furores,
Porque tempos havia paz gozavaõ:
Quatro mil de Patáne moradores
Num esquadraõ galhardos se mostravaõ,
Seguindo o raro em forças Ariavo,
Em sangue humilde si, mas forte, e bravo.

XVI.

Batraõ rege os nascidos nas ribeiras,
Por donde do Menon as limfas correm;
Mil e quinhentas saõ cujas as fileiras,
Vivem da guerra, e na guerra morrem:
Desenrolado tinhaõ já as bandeiras
Contra o Malayo Rey, que hoje soccorrem,
Julgando que ficavaõ superiores,
De seus contrarios sendo valedores.

XVII.

A caudilha Carol mil Camboyanos
Soldados destros, luz do mar, e terra,
Mestre por exercicio, e largos annos,
He das astucias, que a milicia encerra.
Aragois oitocentos Mindaranos
Disciplinados na continua guerra,
Que fazem aos vizinhos de Manilha,
Que o Sul habitaõ da Luconia ilha.

XVIII.

Paſſa com mil Ligores Aranteyo
Galhardo, e bello, quanto em armas forte
Del Rei de Ceilaõ, que era negro, e feio;
Alcifira o pario, adverſa a ſorte:
Como alvo, e louro o vio, teve receio
De nota infame, e de infame morte;
E dando o ſeu lugar a Infante indino,
A' morte entregar manda ao Real menino.

XIX.

Mas Tigranes a laſtima movido,
Lhe ſalva a vida, mais que a mãi piedozo,
E a Ligor o mandou ao conhecido
Mirém, em guerra, e paz varaõ famoſo:
Das graças naturaes favorecido
Foi creſcendo, e nas armas valorozo,
Ganhando eſtimaçaõ no Real conceito,
Foi Capitaõ deſte ſoccorro eleito.

XX.

Novecentos Pegús, que as aguas puras
Bebem do Martabaõ, paſſaraõ logo;
Eraſpe he o Capitaõ, couraças duras
Veſtindo, uzaõ tambem de armas de fogo:
A eſtes ſeguem com largas veſtiduras,
Quaſi forçados de hum tyranno rogo,
Os que na foz do Ganges rico habitaõ,
Que na maritima arte ſe exercitaõ.

XXI.

De Guzarate os barbaros cultores,
Inimigos mortaes do povo Luſo,
Guia Abdelá, e de Dio os moradores,
Que ſeguem do Agareno o torpe abuſo.
Quatro mil Coraçones, e Mogores,
Que o bellico exercicio tem por uſo,
Seguem a Solimaõ ſoberbo, e forte,
Que, deſprezando o Ceo, naõ teme a morte.

XXII.

Já Solimaõ ſe tinha em Goa achado;
Quando Albuquerque a entrara a vez primeira,
Donde heroico valor tinha moſtrado
Em defenſa da Canarim bandeira.
Depois, do natural furor levado,
Seguindo o ardor da inclinaçaõ guerreira
(Que aos taes a couſas bellicoſas chama)
A Malaca o levou da guerra a fama.

XXIII.

Era do Turco fero, o arnez ſoberbo
A pelle de hum monſtruozo Crocodillo,
De que o deſpio, ſendo em conflicto acerbo
Delle aſſaltado junto ao patrio Nilo:
O dano eſteve do animal protervo
Das ſimuladas lagrimas no eſtilo;
E donde qualquer outro a morte achara,
Armas, e gloria ſeu valor ganhara.

XXIV.

XXIV.

Paſſada a militar moſtra, o ſevero
Rey, ao ſagaz Bandaõ, que da privança
Gozava o bafo, chama; e diſſe: Quero
De meu Reino em ti pòr hoje a eſperança;
De teu valor, e boa fortuna eſpero
Vitoria; e razaõ me dá confiança:
Toma o baſtáõ, e nelle o ſceptro entrego:
Manda: faze na fama illuſtre emprego.

XXV.

Gaſtou o tempo as forças: mas, ſe a idade,
Em que aos Siames reſiſte, gozara,
Tal te eſtimo, que com igual vontade,
Sogeito a teu governo militara.
O Pagáõ ante a Regia Mageſtade,
Que a taõ alto lugar o levantara,
Com grata adoraçaõ, poſto que indina,
Por tres vezes cabeça, e corpo inclina.

XXVI.

Com teu graõ nome, que ſerá infinito,
Eternizas, ſenhor, minha memoria.
Toma da invicta maõ baſtáõ invitto,
Felice agouro da inclyta victoria;
Que tua virtude no maior conflitto
Me infundirá valor, cauſará gloria:
E neſta alta fortuna ſó me peza
Que he de hum pirata vil pequena empreza.

XXVII.

XXVII.

Oxalá, Rei potente, me mandaras
Desfpregar teus pendoẽs lá donde o Téjo
Páreas paga a Neptuno de agoas claras,
Porque de ouro as pagasse a teu desejo:
Ou, como Eurysteo a Alcídes, me empregaras;
Que inda por ti arriscar-me a mais desejo:
Mas será ensaio para quando mandes
Acabar em teu nome feitos grandes.

XXVIII.

Assi dizendo, o medo, que encobria,
Disfarça com esforço o cauto Mouro,
Que ao seguro semblante desmentia
O coraçaõ presago a triste agouro.
Já neste ponto no Zenith ardia
Ferindo a terra o Sol com frecha de ouro:
Ferós Bandaõ pelo arenoso campo
Co sceptro militar recolhe o campo.

XXIX.

Mas primeiro com vivas, e alarido
Da gente Marcial (que idolatrava
Na vontade do Rei) foi recebido,
A cujo applauso grato se mostrava.
O campo na cidade recolhido,
Albuquerque no mar se preparava
Com fé, com esperança intento alto
Para dar á cidade hum forte assalto.

XXX.

XXX.

Deſda alta poppa o Capitaõ de Chriſto
Paſſar a moſtra bellicoza vira
Do idolatra, e Agareno povo miſto,
Que á defenſa da patria terra aſpira:
Porém ter o ſoberbo campo viſto,
Em lugar do temor, lhe augmenta ira,
E aos poucos ſeus, que mais que muito valem,
Lembra que a copia com valor igualem.

XXXI.

Bem como ouſado da guerreira poppa
Da nau primeira os ſeus animaria
Jaſáõ cabeça do melhor de Europa,
Que o fatal véllo conquiſtar queria;
O forte Affonſo, que da imiga tropa
Confiado no Ceo pouco temia,
Moſtrando-lhe a riquiſſima cidade,
Aos ſeus fallando, anima, e perſuade.

XXXII.

Cavalleiros de Chriſto, que, do Téjo
A ſanta Fé levando além do Ganges,
Terror ſois, antes do Marcial enſejo
Deſſas, que viſtes, barbaras falanges;
A cuja gloria pendurados vejo
Malayos criſes, Arabes alfanges
Pela attonita fama na tomada
Deſta do Sol peninſula dourada:

XXXIII.

XXXIII.

He chegado, amigos companheiros;
O tempo, que já tanto defejaftes,
Por quem deixando a patria, aventureiros,
Tantos climas, por tanto mar paffaftes:
E pofto que como inclytos guerreiros
Emprezas taõ difficeis acabaftes,
Para o credito noffo efta he a forçoza,
E propria voffa, por difficultoza.

XXXIV.

Ufados a efcalar fois altos muros,
E co as armas abrir largas eftradas
Por Malabares, Perfas, Rumes duros,
Naçoẽs fempre a vencer acoftumadas:
E fendo affi, mal eftaráõ feguros
Detrás de mal tecidas eftacadas
Os vaõs Malayos, nem feus valedores,
De voffos braços, fempre vencedores.

XXXV.

Dizendo affi, com repentina grita
A gente fe levanta alvoroçada,
Vendo hum navio, que no curfo imita
A frecha do arco Perfa difparada.
Chega o lenho fatal com infinita
Admiraçaõ da gente baptizada;
E nelle aquelles defejados tanto,
Que gozo caufaõ, que fe iguala ao efpanto.

XXXVI.

XXXVI.

Subiraõ, e o convés atraveſſaraõ,
Os parabẽs, e applauſo recebendo;
E, donde o Capitaõ eſtava, entraraõ,
Por entaõ o conſelho interrompendo;
Reciprocos abraços começaraõ,
A feſtejada vinda engrandecendo:
Affonſo a recebellos ſe levanta,
E Garcia a ſaudallos ſe adianta.

XXXVII.

O Ceo, por quem trabalhas, teu deſejo
Aceite (diſſe) e ao ſucceſſo o iguale;
E co a dita de Ceſar, que em ti vejo,
Tudo venças, e a fama de ti fale.
Triunfo te apparelhe o patrio Téjo,
E para ornato teu ar puro exhale
Perlas de nova Aurora em rico orvalho
Em gratificaçaõ de teu trabalho.

XXXVIII.

Paſſei na Aſia por acompanhar-te,
A teu nome, e valor affeiçoado:
Quiz fortuna eſtorvar-me, e áquella parte
Mais remota do mundo fui levado:
Vem com o meſmo intento de buſcar-te
De Povolide hum Mello ſinalado,
E deixou Lémos o paterno ninho,
O forte Villalobos, e Coutinho.

XXXIX.

O Capitaõ os braços offerece
Aos guerreiros; e a Etol comfigo eftreita,
E com dignos abraços lhe agradece
Trazer em fua ajuda a copia eleita.
Etol lhe diffe: O Ceo, que favorece
A jufta empreza, teu defejo aceita;
E fe o paffado modo inda me culpa,
Ache minha tençaõ em ti defculpa.

XL.

Vi teu prudente zelo impedimento
A neceffaria obra, o fegurar-te
Impoffivel; e quiz meu penfamento,
Por te fervir melhor, defcontentar-te:
Tambem, fenhor, de Soufa o heroico intento
Efcuza a culpa, que houve de fua parte:
E fe merece a culpa caftigada,
Merece a obra fer gratificada.

XLI.

Affi diffe. E Albuquerque alegre, e grave
A todos louva, a todos engrandece,
Sabendo que o louvor fempre he fuave
A quem por obras claras o merece:
E feguio: Porque o fangue, e fogo lave
A culpa abominavel, que efcurece
Efte Reino, a que o Sol dá luz primeiro;
Mas em vaõ, pois lhe falta o verdadeiro.

XLII.

XLII.

E pois razaõ anima, o Ceo dá ajuda,
A Cidade ámanhã commetter quero:
Dia he do Santo, que guerreiro ajuda,
A patria Heſpanda, e ſeu favor eſpero.
Cada qual ao romper da Aurora acuda
Apercebido para o aſſalto fero;
E ſinal vos dará a tuba ſonora,
Deſpertando co ronco ſom a Aurora.

XLIII.

Lima, Coutinho, Jaime, e Paiva aſſaltem
Eſta parte com fera arremettida,
E de ſeu graõ valor o ouro eſmaltem,
Caminho abrindo aos mais pera a ſobida.
Eu (porque ajudas aos imigos faltem
Da que tem fundo o rio dividida)
Procurarei ganhar com duro aſſalto
A ponte, aonde no fim faremos alto.

XLIV.

E vós, aventureiros valoroſos,
Que o Ceo propicio manda em noſſa ajuda,
Pois eſtimais os riſcos perigoſos,
Cada qual ao maior perigo acuda.
Acodireis aos caſos duvidoſos:
E porque nelles o ſucceſſo muda
A's vezes o conſelho, iſto tratamos;
O Ceo lá nos enſine o que façamos.

XLV.

Dizendo assi, de Glaura, que segura
Naõ esperava bem, nem mal temia,
Reparou na affligida formosura,
Que ecclypsar a tristeza naõ podia.
O que notando Etol, a alta ventura,
Raro amor, firme fé lhe referia,
E quanto na afflicçaõ, que a atormentava,
De sua ajuda, e favor necessitava.

XLVI.

Compassivo Albuquerque, e admirado
De tanta fé, taõ mal correspondida,
Sua palavra empenhou, que em todo estado
Delle seria ajudada, e defendida:
E deu ordem que fosse com cuidado
Devido respeitada, e recolhida;
E quantos a amorosa historia ouviraõ,
Dor, e commiseraçaõ na alma sentiraõ.

XLVII.

Assi deu fim o Capitaõ prudente
Ao discurso, que todos approvaraõ;
E, por aperceber armas, e gente,
Alvoroçados ás suas naus tornaraõ.
Entretanto nas ondas do Occidente
De Phebo os claros raios se encerraraõ;
A mais da gente ao sono olhos entrega,
O Capitaõ o sono aos olhos nega.

XLVIII.

XLVIII.

Manda ante ſi trazer finas eſpadas,
Seguros capacetes, fortes peitos,
Firmes eſcudos, armas, que ganhadas
Tinha na guerra com heroicos feitos:
E aos cavalleiros, como deſtinadas
Já pelo Ceo, a fim de altos effeitos,
As repartio alegre, encarecendo
O goſto de lhas dar, aſſi dizendo:

XLIX.

Deſtas armas, que foraõ já defenſa
De mortaes inimigos da Fé noſſa,
Cubertos vingareis a injuſta offenſa;
Ellas azas ſeraõ da fama voſſa:
Que, dando ao dano juſta recompenſa,
Fio que as illuſtreis quanto ſer poſſa,
E que em Malaca com felice ſorte
Fareis illuſtre engano ao tempo, e á morte.

L.

Queira (diſſe Garcia) o Ceo, que ſeja
Par o effeito ao deſejo, que em nós arde,
Para que o mundo vencedor te veja
Do fero imigo arrependido tarde.
Voava o tempo em tanto, que deſeja
Gaſtar as couſas, e fugia cobarde
Do claro dia a noite, e já as Eſtrellas
Buſcavaõ de Nereu as filhas bellas.

LI.

LI.

Toca a ſonora tuba deſpertando
A gente militar, que a armada encerra.
Eis ſe vem os batéis logo ajuntando,
Arma toca Malaca prompta a guerra.
Devoto o Capitaõ pio invocando
A Rainha do Ceo, gloria da terra,
E de Heſpanha o patraõ, manda animoſo
Com os freixos raſgar o pégo undoſo.

LII.

Eis que hum ſubito grito ſe levanta
O marco abalo, e grave pezo geme,
E nas vizinhas praias ſe quebranta,
A terra, ao parecer, co eſtrondo treme.
Lima co a ſua eſquadra ſe adianta,
Que, de gloria ambicioſo, nada teme:
Por ſima dos reparos apparecem,
E á defenſa os Malayos ſe offerecem.

LIII.

O velho Rey, que mal ſoſter podia
O grave pezo da comprida idade,
De armas cuberto, aqui, e alli acodia,
E com ſua viſta anima, e perſuade.
Chega-ſe a tiro em fim da artilharia,
Cuja horriſſona fera tempeſtade
Começou deſtroindo, e arruinando,
Groſſa nuvem de fumo o Sol turbando.

LIV.

LIV.

Diſparaõ de mais perto os moſqueteiros;
Mil, e mil voaõ parcas rigoroſas;
A luz do Sol encobrem os arqueiros
Com multidaõ de frechas venenoſas:
Seus almazẽs deſpedem os béſteiros;
Já ſe ouvem ais, e vozes laſtimoſas,
Em huma, e outra parte ſangue corre
Por donde a morte pallida diſcorre.

LV.

Por entre frechas, balas, fogo ardente,
Inſtrumentos belligeros de morte,
Em terra ſalta a Luſitana gente,
E em ſobir as tranqueiras prova a ſorte.
Naõ foi a Pagã turba negligente
Em reſiſtir: alli Indoraſpis forte
Roſtacaõ, e Arantheo ſe antepozeraõ,
E provas altas de valor fizeraõ.

LVI.

Dobraõ-ſe os gritos, e eſpantoſo eſtrondo,
Chegando-ſe a ferir já de mais perto,
Huns pela patria amada a vida pondo,
Outros por Chriſto, gloria, e premio certo.
Sobia Alberto o groſſo eſcudo oppondo
A golpes mil, eis que de braço incerto
Chegou vibrando rigoroſo dardo,
Que abrio no peito o coraçaõ galhardo.

LVII.

LVII.

Deixara os ferteis campos do Mondego,
Filho unico dos pais, que procuraraõ
Da guerra dissuadillo, que o socego
Nega, que ter com elle desejaraõ:
Mas apartallo do briozo emprego
As lagrimas piedosas naõ bastaraõ;
Cahe elle em fim aos pés do invicto Lima,
A ditosa alma dando á causa prima.

LVIII.

Velozo, que era deste companheiro,
Em competencia honrosa igual sobia;
Trabalhando por ser alli o primeiro
No louvor naõ soffrendo companhia:
Mas bala ardente ao forte aventureiro
Num momento entregou á morte fria,
Da altiva fronte ao cérebro passando;
Os honrados intentos atalhando.

LIX.

Cahe Guilherme a par deste, atravessado
Da lança de Indoraspis, desde o peito
Esquerdo á destra espadoa; mas vingado,
Já passou de entre a vida, e morte o estreito;
Que Lima, destas mortes magoado,
Contra a tranqueira corre ao brabo effeito:
Indoraspis se oppoz, que mal cuidava
Que do seu fatal fio o fim chegava.

LX.

LX.

Qual ſolto pardo, que com ſalto horrendo
Formidavel ſe lança, vendo a prêa,
As contrapoſtas armas naõ temendo,
Lima ſaltou deſda molhada arêa.
Poz-lhe a lança Indoraſpis, pertendendo
Rebatello: mas, como em rocha alhêa
De mudança, a quebrou; e ardendo em ira,
O guerreiro a vencer em tanto aſpira.

LXI.

Co fero mouro cerra, e a limpa eſpada
No peito lhe eſcondeo: ella homicida
Da prizaõ deſatando a alma indignada,
Co ſangue lha arrancou pela ferida.
Sobe após Lima a gente baptizada,
E fora dos Pagaõs certa a fugida:
Morto ſeu Capitaõ, ſe naõ chegara
Roſtacaõ, que os reprende, anima, ampara.

LXII.

Donde tímidos is? com que eſperança
Taõ livre entrada dais ao fero imigo?
Pois quem ſois eſqueceis, tende lembrança
Que dais, ſe eſte fogís, em mór perigo:
Tomai do morto Capitaõ vingança,
E á defenſa tornai do Reino antigo,
Que já voſſos paſſados conquiſtaraõ,
E á cuſta de ſeu ſangue ſuſtentaraõ.

LXIII.

Assi dizendo o barbaro arrogante
Contra o bom Lima remetteo furioso.
Mas qual no mez de Maio touro amante
Contra o competidor corre cioso,
Tal Lima corre intrepido, e constante
Ao duro encontro do inimigo iroso:
A força, por vencer, hum, e outro apura,
E executar a cólera procura.

LXIV.

No mesmo tempo tinhaõ já sobido
Andrade, Paiva, Sousa, e procurava
Jaime sobir, mas era resistido
De Aranteo, que em valor se lhe igualava.
Tinha o forte Pagáõ melhor partido,
Porque do sitio forte se ajudava;
Porém valor naõ val, nem sitio forte
Contra poderes da inimiga sorte.

LXV.

Para ferir a destra irada erguia,
Quando, fendendo setta aguda o vento,
Lha préga na haste, que até alli regia,
Já naõ defensa, mas impedimento:
Elle mais naõ podendo se desvia,
Sendo muito maior o sentimento
De se apartar forçado da defensa,
Que a grave dòr da recebida offensa.

LXVI.

LXVI.

Retirado Aranteo, ſóbe Teixeira
Com morte de Emirem, e Belugano.
Naõ ſuccede aſſi a Mendo, da tranqueira
Precipitado a maõs de Cariolano.
Alli em ſeu ſangue envolto a derradeira
Hora paſſou da vida Feliciano;
Crava a Bernardo hum pé na ſolta arêa
Hum dardo, que ſeu leve curſo enfrêa.

LXVII.

Teixeira, que ſe vê na tranqueira alta
Com morte dos valentes defenſores,
Entre o Agareno bando feroz ſalta,
Seguindo amor nos bellicos rigores,
Já co ſangue inimigo a terra eſmalta
Aſpirando a façanhas ſuperiores:
Quiz reſiſtir-lhe Eurillo, e brevemente
Seu engano conhece, e o dano ſente.

LXVIII.

Em tanto os fortes Souſa, Paiva, Andrade
Vaõ ferindo em honrada competencia
Nos Jáos, que com igual ferocidade
Procuravaõ fazer-lhes reſiſtencia:
Porém Tuaõ Colaſcar, a quem já a idade
Negava ardor, e forças, da violencia
Marcial o perigo, em que ſe vira,
Temendo pouco a pouco ſe retira.

LXIX.

Os tres fortes guerreiros conhecendo
A fraqueza, com impeto apertaraő:
E soffrer furia tanta naő podendo
Os feros Jáos, as costas lhes mostraraő.
Levantaő os de Luso hum grito horrendo
Seguindo os que invenciveis reputaraő,
Com rigor huns ferindo, outros matando,
Nova côr em seu sangue ao ferro dando.

LXX.

Já tambem Rostacaő se retirava
Dos golpes duros do valente Lima,
Que, vendo os seus fogir, só procurava
Salvar a vida, que até o fim se estima:
Porém o forte imigo o naő largava,
Imitando o falcaő ligeiro em sima
Da garça, que, esgrimindo o bico forte,
Defende a vida, ou dilata a morte.

LXXI.

Ganhada esta tranqueira com terrivel
Assalto, provas altas arriscadas,
Deixando em tudo atrás tanto o possivel,
Que causaő hoje espanto imaginadas,
Segue a gente, que o Ceo fez invencivel,
As barbaras catervas derramadas
Pelas ruas, que em sangue vaő tingindo,
Hora o rosto mostrando, hora fugindo.

LXXII.

LXXII.

Os ares rompem gritos mil em tanto
Que a Cidade Albuquerque entrar procura
Pela outra parte, donde horror, e eſpanto,
De fumo, e pó envolve nuvem eſcura.
Creſce a braveza nos de fóra tanto,
Quanto mais era a reſiſtencia dura.
Tuaõ Bandaõ anima os defenſores,
O valoroſo Affonſo os offenſores.

LXXIII.

Em groſſa chuva frechas, e ruinas
De ſima das tranqueiras altas deſcem,
Contra as quaes, traz mil provas peregrinas,
Seguro teito cos eſcudos tecem:
Logo arrimando eſcadas, obraõ dignas
Façanhas, que incriveis ſe offerecem;
Cada qual o primeiro ſer pertende,
E ſobir, deſprezando a morte, emprende.

LXXIV.

Do eſcudo bem cuberto Adari anima
Os deſtros, e atrevidos Malabares,
Que, em quanto cada Luſo a eſcada arrima,
Turbaõ, tirando ao inimigo, os ares:
A multidaõ de frechas aos de ſima
Obrar naõ deixa, dando aos ſingulares
Guerreiros mais lugar para a ſobida
Muito mais perigoſa, que temida.

LXXV.

LXXV.

Porém Carol, Ragois com Ariavo
Fazem com feros golpes respeitar-se,
E sobre todos o suberbo, e bravo
Solimaõ procurava aventajar-se.
Garcia, que da fama ao eterno gavo
Aspira, vendo o tempo de mostrar-se,
A' tranqueira, que lhe era impedimento,
Generoso se chega, se violento.

LXXVI.

As maõs robustas deita ás estacadas,
E traz graõ parte dellas em ruina:
Teme o Malayo, vendo-as derribadas,
E vencedor o Luso se imagina.
Em tanto o Sá famoso, desprezadas,
As inimigas armas, determina,
Rompendo pelos barbaros guerreiros,
Abrir largo caminho aos companheiros.

LXXVII.

Mas qual nas officinas de Vulcano
A safra cercaõ os ministros duros,
Quando para o Tonante soberano
Os raios formaõ de elementos puros,
Tal elles, por chegar ao extremo dano,
Aquelle, de que estaõ mal seguros,
Bravos, quando iracundos o cercaraõ,
E nelle golpes mil reciprocaraõ.

LXXVIII.

LXXVIII.

Elle, qual já nos Callidonios montes
Das inimigas armas naõ curava,
O monſtruoſo javalí, que as fontes,
Caminhos, campos, valles infeſtava,
Dos inimigos as altivas frontes,
E contrapoſtas armas deſprezava,
Já deſtes ſe repara, áquelles tira
Segundo o move o caſo, ou leva a ira.

LXXIX.

Tirou-lhe com a maſſa, ſemelhante
A' do Thebano, Ariavo hum golpe fêo,
Que bem a derribar fora baſtante
O robuſto do Ceo ſeguro eſtêo:
Porém o cavalleiro vigilante
Se deſvia; e ficou Carol no mêo,
Que alli lhe tinha limitado a ſorte
O fim da vida em dezeſtrada morte.

LXXX.

Do golpe horrendo em partes mil desfeito
Faz com ſangue o Pagáõ a terra impura,
Ao tempo que Garcia abrio no peito
Do ſuberbo Ariavo fonte eſcura:
Paſſado o golpe, que trocado o effeito
Teve do intento, já que a maſſa dura
Tornava a levantar, a aguda eſpada
Sahida abrio á vida, á morte entrada.

LXXXI.

Cahe o feroz, pela cruel ferida
Sanguinolento rio derramando:
E o fero Solimaõ, a eſpada erguida,
Sobre Garcia vai, fogo brotando;
Baixava o ferro agudo, que homicida
Fora do forte incauto, ſe, imitando
O deſtro Mello a Clito, naõ chegara,
Que no ſeguro eſcudo lho repara.

LXXXII.

Sobira após Garcia o forte Mello;
E aſſi reparar pôde o claro amigo,
Travando ferociſſimo duello
Com o ſuberbo quanto forte imigo:
Cuidou o Sarraceno desfazello,
Eſtreitando-o nos braços; mas antigo
Carvalho naõ eſtá, nem ſobro duro,
Como o guerreiro ſe moſtrou ſeguro.

LXXXIII.

Hum breve eſpaço forcejando andaraõ
As forças apurando, por render-ſe,
Até que mais iroſos ſe largaraõ,
Por tornar co as eſpadas a offender-ſe:
Porém outros ſucceſſos eſtorvaraõ
O tornar por entaõ a combater-ſe,
Entrando com graõ furia os que ſobiaõ,
A quem mal os Malayos reſiſtiaõ.

LXXXIV.

LXXXIV.

Corre Mello nos barbaros ferindo ;
Por onde paſſa mata, tronca, fende;
E o bravo Solimaõ, ſó reſiſtindo
A' Chriſtã multidaõ deter pertende:
Decepa hum braço a Artur, e dividindo
A cabeça a Lionel, em terra o eſtende;
Mas, carregando tantos, foi forçoſo
Seguir os ſeus, porém mais vagaroſo.

LXXXV.

Tal dos monteiros duros acoſſado
O Leaõ generoſo ſe retira ,
Porque a viſta da morte ao esforçado,
Poſto que dê temor , valor naõ tira :
Em tanto com Detayde embaraçado
O forte Affonſo eſteve , e dalli inſpira
Valor nos ſeus co a viſta , e claros feitos ,
E temor frio nos Malayos peitos.

LXXXVI.

Com o Lequio Cambir Leaõ ſe afronta,
E Caſtelbranco co Bornéo Malano,
Que entaõ cerrava a irrevocavel conta
Dos breves dias do vital engano :
Por junto ao paladar a aguda ponta
Entra, e o paſſo lhe abre ao eterno dano;
Sahe roſicler fervente em groſſa vêa ,
E cahe de bruços na ſanguinea arêa.

LXXXVII.

Eſte ao partir-ſe da querida eſpoſa
O tornar victorioſo lhe aſſegura;
Porém ella affligida, e lagrimoza
Naõ fia de eſperanças na ventura:
Parte elle em fim deixando-a receoſa;
E quanto o ama mais, menos ſegura;
Que o coraçaõ preſago adivinhava
Do amado eſpoſo a perda, que chorava.

LXXXVIII.

No meſmo ponto entrou pela outra parte
Da ponte Baturel com nova gente,
E Bandaõ com hum raro esforço, e arte
Voltava, junto hum eſquadraõ valente:
Vê Affonſo o perigo, e manda parte
Da Luſitana eſquadra em continente
Com Pereira, e Abreu, porque deitaſſem
Da ponte a Baturel, e a aſſeguraſſem.

LXXXIX.

Elles, de aſſinalar-ſe deſejoſos,
Como dous feros raios fulminantes
Abrem pelos inimigos, que furioſos
Vitoria ſe promettem de arrogantes.
Eraſpecos Pegús pouco ditoſos
Soccorre a Baturel; mas ſemelhantes
Foraõ alli os dous na mortal ſorte,
Bem que em varias feridas varia a morte.

XC.

XC.

A boca Batùrel gritando abria,
Culpando, e reprendendo ſeus ſoldados,
Quando a lança, que em morte ſe envolvia
De Abreu, por ella entrou, troncando os brados.
Cahe o feroz, rendido á morte fria;
Os olhos retorcendo inda indignados,
Dar-lhe vingança Eraſpe bem quizera,
Mas de Pereira o atalha a eſpada fera.

XCI.

Deſce a talhante eſpada, e dividida
Deixa a fronte ſoberba, e chega aos dentes;
Cahe o barbaro forte já ſem vida,
E a rebelde alma nas regioẽs ardentes.
Mortos os Capitaẽs, logo perdida
A braveza dos mais pouco valentes,
Salvar ſómente as vidas procuravaõ,
E ao rio por mais preſſa alguns ſaltavaõ.

XCII.

Cos Guzarates Abdelá ſoccorre,
E aos que fugindo vaõ, o medo enfrêa,
Aos golpes inimigos quaſi torre
Excelſa, e firme, de mudança alhêa:
O valente Noutel por ella morre,
E entrega a Antonio, e Lopo á morte fêa,
Quando hum bote de lança o faz terceiro
De Anibal, e Sertorio companheiro.

XCIII.

Fica adonde a luz perde dor intenſa,
Os ſentidos confuſos, e turbados;
Retiraõ-no os ſeus, e em ſua defenſa
Se moſtraõ offenſores denodados:
Os de Luſo, que já nem daõ licença
Para fugir, os vaõ ſeguindo ouſados
Pelas ruas, que Marte poz de ſorte,
Que já as inunda o ſangue, e occupa a morte.

XCIV.

Coutinho neſte tempo ſe afrontava
Com Batraõ, e na briga perigoſa
Mal ferido o Pagáõ mais ſe indignava,
E mais furia miniſtra a dextra iroſa:
Porém Bandaõ, que a pelejar tornava,
Remetteo por ſeu mal; que a rigoroſa
Eſpada, que a Batraõ feria o peito,
Mais rigoroſa nelle fez o effeito.

XCV.

Paſſa o fio ſubtil pela garganta,
E do alento vital corta o caminho,
Cahe elle em fim, qual decepada planta,
E deixa a alma ſuberba o antigo ninho.
Clamor barbaro logo ſe levanta
Chovendo tiros mil ſobre Coutinho;
E muitos, a quem furia tanta alcança,
Foraõ do morto General vingança.

XCVI.

Mas Botelho, Alpoem, Silva, Caldeira,
Peſſoa, Caſtelbranco rebateraõ
As Malayas fileiras de maneira,
Que em deſordem cobarde ſe puzeraõ:
Em tanto Solimaõ a ira primeira
Invencivel ſuſtenta: naõ puderaõ
Os encontros fazer de tanto imigo,
Que naõ ſe opponha intrepido ao perigo.

XCVII.

Naõ ſe repara o barbaro, ſó trata
De ferir a infinitos dando morte;
Ao valente Gaſtaõ de hum golpe mata,
Que ouſado quiz provar com elle a ſorte:
A Macedo após eſte a alma deſata,
Paſſando-lhe de ponta hum peito forte,
Que em Milaõ ſábio artifice forjara,
E em planetarias horas temperara.

XCVIII.

Com furia tanta a eſpada atroz rodêa,
Que ſe faz reſpeitar dos que o ſeguiaõ,
E já a vergonha aos ſeus o medo enfrêa,
Tornando a ſoccorrello os que fugiaõ:
Gritando elle, os anima, e ſe recrêa
Nos de Luſo matando, que perdiaõ
O campo. Oh quantas vidas acabara,
Se o Ceo alli a Garcia naõ guiara!

XCIX.

XCIX.

Vinha o famoſo Sá, de ſangue alhêo
O valor, como as armas, matizando,
Aos que irado ſeguia horrendo, e fêo,
A quem o ſegue heroico exemplo dando:
Os inimigos com igual recêo
Delle fogiaõ, qual coſtuma o bando
Das leves pombas, da aguia caudaloſa,
Que ligeiras as perſegue, e rigoroſa.

C.

Conhece o Turco fero o varaõ forte;
Todos por elle deixa, e ſó deſeja
Nelle vingar do grande Ariavo a morte,
E ſuberbo o chamou aſſi á peleja:
Já me naõ poderá tirar a ſorte
Que o mundo a minhas maõs morrer te veja:
Eſpera, ou foge; que, de qualquer arte,
De mim naõ poderás hoje eſcapar-te.

CI.

A's vãs palavras, que levava o vento,
Naõ reſponde o guerreiro valoroſo,
Mas do eſcudo cuberto ao mais violento
Encontro corre intrepido, eſpantoſo:
Com duros golpes o furioſo intento
Cada qual delles executa iroſo,
Hora uſaõ de arte, hora os leva a furia,
Tratando ſempre de fazer-ſe injuria.

CII.

CII.

Hum altabaixo horrendo o Pagáõ tira,
Que o Chriſtaõ cavalleiro lhe rebate,
E de ponta reſponde, pondo a mira
Lá donde o coraçaõ pulſando bate:
Deu-lhe o Pagáõ o eſcudo; e cégo de ira,
Cuidando rematar o cruel combate,
Outra ponta lhe tira, mas errada
Paſſou por entre o corpo, e o braço a eſpada.

CIII.

Chegaraõ a ajuntar peito com peito:
Já do furioſo encontro a gloria fiaõ
Aos fortes braços, já do laço eſtreito
A ferir-ſe de novo ſe deſviaõ:
Mas a tanto furor tirou o effeito
Bellicoza ambiçaõ dos que corriaõ
Por offender tambem ao Pagáõ forte,
Parte querendo em vaõ na grande morte.

CIV.

Garcia o naõ conſente, e iroſo grita
Que ſó com elle o deixem, e o ajudara
(Tanto ver tantos contra hum, o irrita)
Se imputar-ſe-lhe a culpa naõ cuidara:
Mas no rigor, que o imigo neceſſita,
Se golpe tira algum, de outro o repara,
Nem o Pagáõ, que o cortez acto entende,
Já lhe tira, nem delle ſe defende.

CV.

CV.

Viegas, Araujo, e os companheiros,
Dos paſſados aggravos incitados,
Em tudo queriaõ ſer ſempre os primeiros
Vingativos, ferozes, e indignados.
Reforçado eſquadraõ de Jáos guerreiros,
(Até entaõ a vencer acoſtumados)
Ao encontro lhe ſahio; porém já a ſorte
Huns guiava á vitoria, outros á morte.

CVI.

Feroz o encontro foi, dura a porfia,
E eſtar moſtrava o caſo duvidoſo
Até que dos de Luſo a alta valia
Pelo eſquadraõ rompeo dos Jáos famoſos:
Naõ que perdeſſe o Jáo a valentia
Hum ponto do antigo ſer brioſo,
Que das lanças paſſados caminhavaõ,
E morrendo vingar-ſe procuravaõ.

CVII.

No meſmo tempo Lima, que invencivel
Os imigos levava de corrida,
Achou diante o Principe terrivel
Com a gente mais brava, e mais luzida.
Salva-ſe Roſtacaõ contra o poſſivel,
Que já nas maõs da morte tinha a vida:
A batalha mais fera ſe renova,
Fazendo cada qual heroica prova.

CVIII.

El Rei de Paõ, com quem naõ foi avaro
Amor, ferio tambem na Chriſtã gente
A tempo, que chegou o em valor raro
Geinal, de naõ vir antes deſcontente:
Naõ lhe ſoffreo o eſpirito preclaro
Eſtar da guerra vendo a guerra auſente,
Sentido de que Affonſo ſe eſcuzaſſe,
E ſeguillo na gloria naõ deixaſſe.

CIX.

Elle, o competidor odioſo vendo,
O ſangue ſe lhe altera, a furia creſce,
Move contra elle em fim bravo, e tremendo
Qual o raio, que da alta nuvem deſce:
Virando o Rei áquelle eſtrondo horrendo,
Repentino temor em ſi conhece;
Mas logo, de ſi meſmo envergonhado,
O inimigo feroz eſpera ouſado.

CX.

A ferir-ſe começaõ com braveza;
Mas fez-ſe conhecer em breve eſpaço
De Geinal o valor, força, e deſtreza:
E el Rei de Paõ ſe vio no extremo paſſo.
Acodiraõ-lhe os ſeus neſta eſtreiteza,
Tendo já feito atrás hum, e outro paſſo:
Chamando-o vai Geinal, e o vai ſeguindo,
Pelos imigos larga eſtrada abrindo.

CXI.

Naõ fujas, diſſe; que o fugir da morte
He vaõ, ſe ao fatal limite chegaſte;
Se, para me tirar a vida, forte
Pois o melhor da vida me tiraſte:
Naõ deſmereças por cobarde a ſorte
Ditoſa, que eu perdi, e tu alcançaſte:
Mas foge; que, pois tens ditoſa eſtrella,
Conſerva a vida para gozar della.

CXII.

Taes palavras Geinal ao vento dava,
Porque o Rei aſſombrado as naõ ouvia;
E de ſe pôr em ſalvo ſó tratava,
Vencido já o valor da covardia.
Aladim, que de nada ſe aſſombrava,
Bravo os ſeus animava, e reprendia;
Corta hum braço a Rodrigo; e a Mathias
Anticipou o fim dos vitaes dias.

CXIII.

Porém Dom Joaõ de Souſa, que matança
Igual fazendo vinha nos Malayos,
Os olhos nelle pondo, ſe abalança,
E tal, ſe acaſo dous ardentes raios,
Dos que coſtumaõ dar ao Ceo vingança,
Nos ares ſe encoſtaſſem, que deſmaios
Mortaes aos mortaes cauſaõ, tal iroſos
Violentos ſe encontraõ, e eſpantoſos.

CXIV.

CXIV.

Pezados golpes com furor ſe tiraõ,
E com igual deſtreza ſe reparaõ;
Nunca taes dous de Cadmo os campos viraõ,
Nem os donde Aſia, e Europa trabalharaõ:
Logo de ambas as partes acodiraõ,
E de modo huns, e outros ſe ajuntaraõ,
Que lhes foi neceſſario dividir-ſe,
E atrás tornaraõ por poder ferir-ſe.

CXV.

Porém naõ torna atrás o heroico Luſo;
Antes perſegue mais o imigo bando
No já ſem ordem eſquadraõ confuſo,
Hum numero infinito derribando:
Tal, como os lavradores tem por uſo,
A ſeu tempo as ſearas ir cegando,
Ou no monte cortar a eſpeſſa brenha,
Por dar deſpois ao fogo a ſeca lenha;

CXVI.

Aſſi derribaõ na Agarena turba,
Que a vil fugida por remedio eſcolhe.
Brama iroſo Aladim, e a viſta turba
A cólera, e o furor, que a alma recolhe:
Geme, grita, ameaça, e naõ perturba
Do medo a ſombra o coraçaõ, nem tolhe
A fortuna, que irada ſe lhe moſtra,
Dar de heroico valor heroica moſtra.

CXVII.

Detrás de todos por efcudo fica;
Hora offender procura, hora repara;
Naõ foge, naõ, que a feu valor implica;
Mas cos feus fe retira, a quem ampara:
Porém em vaõ aqui, e alli fe applica;
E fem dúvida a vida alli deixara,
Se entaõ Deitayde, e el Rey naõ foccorreraõ,
Que dos de Lufo a furia detiveraõ.

CXVIII.

Sobre hum grande elefante guarnecido
De rico arrêo de ouro, e feda, obrado
Lá na rica Ceilaõ, tinha fubido
O velho Rei de forte arnez armado.
A pé Detayde o fegue, do luzido
Efquadraõ dos Darús acompanhado:
Dous elefantes diante delles vinhaõ,
Que dous caftellos fobre fi foftinhaõ.

CXIX.

Tres, a quem chamaõ Naires domadores,
As adeftradas féras lhe regiaõ;
E das máquinas deftros tiradores
Dardos, e ervadas frechas defpediaõ.
Horrendos gritos, bellicos clamores
Rompendo os ares até o Ceo fobiaõ:
Chegaõ pois a ferir, mas brevemente
Vitoria confeguio a Chriftã gente.

CXX.

CXX.

Em quanto faz Geinal a Aladim roſto,
Paiva, Miranda, Lima, Jaime, Andrade
Commettem com heroico preſuppoſto
Dos fortes brutos a ferocidade.
Foi o ferro nos dous primeiros poſto,
Que com a natural bravoſidade,
E das feridas grande ſentimento,
Bramidos deraõ ao turbado vento.

CXXI.

Os Naires, a que hum tempo obedeceraõ,
Nas trombas retorcidas abraçaraõ;
E logo co furor, que conceberaõ,
Meios mortos de ſi longe os deitaraõ:
Com iſto contra os ſeus a volta deraõ,
Mataõ muitos, e os mais deſordenaraõ
Derribando a Detayde mal ferido,
Que quaſi falto eſteve de ſentido.

CXXII.

Chegava co eſquadraõ Gazel campeſtre
Naquelle inſtante, e claras moſtras dava,
Guiando a agraria turba, que era meſtre
Do cargo militar, que exercitava:
Mas dos brutos a multidaõ pedeſtre,
Quando chuvas de ſeixos derramava
Sobre o eſquadraõ de Leſo, atropellando
A Gazel, tudo foraõ deſtroçando.

CXXIII.

CXXIII.

Seguem os Lusitanos feridores
Os rotos esquadroẽs desordenados,
E Detayde, e Gazel ante os melhores,
Detellos intentavaõ denodados;
Mas davaõ-lhe tal pressa os vencedores,
Que naõ tinha lugar mostrar-se ousados,
Até que resistir mais naõ puderaõ,
E co tropel confuso as costas deraõ.

CXXIV.

El Rei por se guardar do impeto horrendo
Dos animaes, que bravos volta davaõ,
Entrou por outra rua, naõ sabendo
Que Lémos, e Coutinho lha occupavaõ:
Serráõ, e Villalobos, pertendendo
Ajuntar-se com Lima, entaõ chegavaõ;
Ao valente animal cada hum se lança,
Pondo-lhe Lémos o primeiro a lança.

CXXV.

Mas como cousas grandes já por sorte,
Ou por costume, mais, que o mundo, antigo
Custaõ muito (se naõ lhe custa a morte,
Como a Eleazar) vê-se em mortal perigo
Huma tirada frecha do arco forte
Do Rei, posto que velho, duro imigo,
Ervado o ferro, pelas armas se entra,
E no peito feroz se reconcentra.

CXXVI.

CXXVI.

Aſſalta-o logo hum ſentimento intenſo,
Que mais, e mais cada momento crece;
E ſeu valor naõ chega a eſtar ſuſpenſo,
A força pouco, e pouco desfalece:
E chegara a pagar o commum cenſo,
Que o tempo cobra, que deſapparece,
Se logo hum Eſculapio Luſitano
Remedio naõ achara ao mortal dano.

CXXVII.

Magoado o elefante das feridas,
Bramando volta aos outros imitando,
De caminho tirando muitas vidas
Dos muitos, que paſſava, atropellando:
Solimaõ traz os ſeus, já ſuſpendidas
As vãs barbatas, ſe hia retirando
Canſado, polvoroſo, horrendo, e fêo,
E com ſede cruel do ſangue alhêo.

CXXVIII.

Caldeira o ſegue, e ſem igual preſteza
O moço Andrade deſejando a gloria
De render do Pagáõ a fortaleza,
Digna façanha de immortal hiſtoria:
Garcia o naõ ſeguio, porque deſpreza
Acompanhado de outros a vitoria;
Das maõs eſcapa em fim da morte irada,
Por naõ ſer a fatal hora chegada.

CXXIX.

CXXIX.

No tempo, que do encontro ſe apartaraõ
Os de Malaca feros defenſores,
Na deſtinada ponte ſe juntaraõ
Os de injuſtos aggravos vingadores:
Agradece-lhes Affonſo quanto obraraõ
Com eſtreitos abraços, e louvores,
Sabendo quanto eſtima o peito illuſtre
Louvores juſtos, e da fama o luſtre.

CXXX.

Chega Geinal; e conhecendo quanto
Com prova heroica ſer fiel moſtrara,
Aſſi lhe diſſe: O' da Aſia illuſtre eſpanto,
Digno de que Alexandre te invejara;
Para ſempre ſerá com valor tanto
A fama liberal, ſe a ſorte avara;
E ſe ajudar o Ceo meu penſamento,
Verte-hás felice no perdido aſſento.

CXXXI.

Oxalá (reſpondeo) com meu deſejo
As forças ſe igualaraõ, porque viras
Quanto ſervir-te, e a teu Rei deſejo,
E por mim alcançaras o que aſpiras:
Para eſte effeito Achilles ſer invejo;
Mas o valor, que tu nos teus inſpiras,
Que já me anima, e o coraçaõ exalta,
He baſtante a ſupprir o que em mim falta.

CXXXII.

CXXXII.

A gente recolhida, aquelle poſto
Fortificar o Capitaõ pertende
Em quanto a occaſiaõ lhe moſtra o roſto,
Que, largada da maõ, tarde ſe prende:
Solicito no ſábio preſuppoſto,
Em levantando tranqueiras logo entende,
E nellas plantar manda a artilharia,
Que dos imigos fora pouco havia.

CXXXIII.

Porém para o trabalho conſidera
Canſada, e mal ferida a mais da gente,
E do Sol affligida que entaõ era
Emulo ao mundo do elemento ardente:
E bem que o ſitio ſuſtentar quizera,
E ver que deixa o conquiſtado ſente,
Com deliberaçaõ grave, e ſizuda,
E parecer dos ſeus, conſelho muda.

CXXXIV.

Em tanto das janellas, e terrados,
Que para aquella parte reſpondiaõ,
Mil frechas, mil pelouros deſmandados
Sobre a gente Chriſtã mortes choviaõ:
Mas, chamando Albuquerque aos esforçados
Lima, e Caldeira, áquelles que regiaõ,
Lhes mandou que de fogo as maõs armaſſem,
E que as vizinhas caſas abrazaſſem.

CXXXV.

Manda tambem o Malavar valente
Que com os ſeus aduſtos tiradores
Impida o aſſomarſe a imiga gente
A's partes, que lhe ficaõ ſuperiores.
Da empreza o forte barbaro contente
Os ſeus incita a bellicos furores:
Mil, e mil frechas logo os ares calaõ,
Troços de breados cabos fogo exhalaõ.

CXXXVI.

Daõ ao mandato effeito: péga o fogo
Na diſpoſta materia: com tremenda
Furia vibrantes pontas ſobem logo
Aos ares, e de fumo nuvem horrenda:
Grita a miſera gente; porém rogo
Naõ admitte a voraz chamma, contenda
Com as nuvens horriſona travando,
As esféras mais altas ameaçando.

CXXXVII.

Eolo neſte ponto deſatava
Da formoſa Orithia o bravo amante,
Com que o incendio cruel mais ſe esforçava,
Com horrivel eſtrondo crepitante.
Contra o fogo remedios mil buſcava
A Pagã gente, mas nenhum baſtante,
Que co vento de caſa em caſa prende,
E, conſumindo aqui, já lá ſe accende.

CXXXVIII.

CXXXVIII.

Edificio, em grandeza, e valor raro,
Sobre ſecretas rodas ſe movia;
Finge a materia o marmore de Paro,
Illuſtre co metal, que Arabia cria.
Nelle, ſe lhe naõ fora o fado avaro,
Da Infante as bodas celebrar queria
O Rei, e com alegre variedade
Carro triunfante dar viſta á Cidade.

CXXXIX.

A' nupcial caſa, de delicias chêa,
Tambem ſe atreve o vingativo lume,
E na materia rica aſſi ſe atêa,
Que em leve fumo, e cinza em fim a reſume:
Della a meſquita, onde com torpe, e fêa
Adoraçaõ, e barbaro coſtume,
Ao vil Mafoma honrava a gente cega,
A flamma ardente em conſumir ſe emprega.

CXL.

A' meſquita eſquadraõ confuſo acode,
E procura atalhar o fogo. Em tanto
Vendo o prudente Affonſo que naõ pode
Canſada a gente com trabalho tanto;
Porque o intento ao poſſivel ſe accommode,
Em quanto o incendio dura, e crece o pranto,
A artilharia embarcar manda ganhada,
E a que em terra ficou deixa encravada.

CXLI.

O efquadraõ militar logo começa
A ir, e vir, defpojos embarcando,
Como no eftio com fervente preffa
Multidaõ de formigas, faqueando
De trigo as eiras, montes atraveffa
Por entre ervas, e efpinhos, fuftentando
Na boca o graõ pezado, até encerrallo,
E na eftreita caverna enthefourallo.

CXLII.

As barbaras catervas offendidas,
Quando tanto defpojo embarcar viraõ;
A dar, e receber novas feridas
Bramando vingativos acodiraõ.
Torna de novo a morte a troncar vidas:
Aqui appellidaõ Marte, alli fufpiraõ;
Em fim effeitos crus de dura guerra
No mar oftentaõ, porém mais na terra.

CXLIII.

Rios correm do fangue derramado;
Que, nas ondas entrando, em fanguinofa
Mudaõ a cor cerúlea: de ira armado
Se vê o mefmo furor, vifta efpantofa!
Mas já fim dava ao dia o Sol dourado
Do grande Oceano vifitando a efpofa:
Torna-fe ás naus a baptizada gente;
A Agarena o elemento apaga ardente.

LI-

LIVRO X.

ARGUMENTO.

O fogo de Malaca apagar manda
Mahomed; e de novo a fortifica.
Batraõ com branda escusa a Glaura abranda,
Que em sua companhia alegre fica.
As contrarias estancias Etol anda
Com Garcia, a quem mostra a casa rica
Das effigies dos heroes valorosos,
E do encoberto os casos milagrosos.

I.

CErrada a noite, as cerúleas agoas
Do aureo Bosforo arder todas parecem,
Como talvez com as Trinacrias fragoas
As do Thyrreno aos olhos se offerecem:
Crecendo prantos, augmentando magoas
As chammas consumindo tudo, crecem;
Na triste confusaõ eraõ os gritos
Hum grito só, e todos infinitos.

II.

Durou o fero incendio grande parte
Daquella infausta noite hórrida, e triste:
E já que com trabalho, engenho, e arte
O voraz elemento se resiste,
O velho Rei, com quem o Inferno parte
Quanto de odio, e de raiva nelle assiste,
Do povo escuta o pranto lastimoso,
Porém naõ compassivo, mas iroso.

III.

III.

A nova Aurora aguarda desvelado;
E, já que inda escaça a luz raiava,
Do Regio teito sahe, aonde turbado
Com multidaõ de mortos encontrava.
Contempla o fero estrago magoado,
E a vingança impaciente desejava;
Mas, em quanto fazer naõ pode offensa,
Se reporta, e só trata da defensa.

IV.

Dá sepultura aos mortos: e, acabadas
Estas mostras piedosas, diligente
Refazer manda as rôtas estacadas,
Para o novo trabalho anima a gente.
Outras de novo foraõ levantadas
Onde lhe pareceo mais conveniente,
Plantando nellas grossa artilharia
De seis mil peças, que em Malaca havia.

V.

Manda minar de confeiçaõ sulfuria
As ruas principaes, donde já fora
O dia dantes da batalha a furia,
Cujo successo n'alma irosa chora;
Que, receoso de segunda injuria,
Em tudo quanto póde se melhora.
E como brote (ordena) a praia abrolhos,
Perigo certo, que esconde aos olhos.

VI.

Fortificado liberal diſpende
Cos ſoldados (forçando a natureza)
Graõ ſomma de ouro ; que em ſeu dano aprende
Que aventura a perder tudo a avareza,
Grande parte do bom ſucceſſo pende
Da gratificaçaõ , da fortaleza ;
E com novo valor arriſca o peito
O que vê ſeu trabalho ſatisfeito.

VII.

Já entaõ muitos daquelles, que eſta guerra
Lhe aconſelharaõ , della o diſſuadiaõ,
E pôr ſegunda vez a patria terra
Em perigo taõ aſpero temiaõ :
Mas como elle no peito iroſo encerra
Tanta parte do Inferno , naõ cabiaõ ,
Nem achavaõ entrada os deſenganos,
Que lhe moſtravaõ os futuros danos.

VIII.

E mais de furor cego , que diſcreto ,
Os ſeus ſequazes a conſelho chama ;
E com a raiva , que lhe infunde Aletho ,
Todo em ira , dizendo aſſi, ſe inflamma :
Trocou fortuna inſtavel o quieto
Eſtado meu , e injuſta hoje derrama ,
Em lugar de benevolos favores,
Guerra , fogo , ira , roubos , e furores.

IX.

IX.

E poſto que o contrario rebatido
Recebeo perda, novo aſſalto ordena.
O Ceo me vingue da razaõ movido,
Que inſultos pune, e ſemrazoẽs condena.
Naõ temo eu o pirata; e do atrevido
Intento ſeu terei mui pouca pena,
Quando vos vir diſpoſtos á defenſa,
E a vingar promptos taõ injuſta offenſa.

X.

A todos eſte grave danó alcança
Pelas mortes de irmaõs, filhos, amigos;
Cujo ſangue pedindo eſtá vingança,
Obrigando a ſoffrer novos perigos.
Naõ ſe conheça em nós deſconfiança;
Que ſe hontem rio fortuna aos inimigos,
Dar-lhes póde á manhã que chorar tanto,
Que ſó com a morte lhes enxugue o pranto.

XI.

Maior poder, que noſſo imigo, temos;
E hoje eſtamos melhor fortificados:
Se do antigo valor naõ carecemos,
A vitoria eſperamos confiados.
Porém, porque os conſelhos nos extremos
Caſos ſempre ſer devem eſtimados,
Da prudencia, que em todos conſidero,
O parecer, ó amigos, ouvir quero.

XII.

XII.

Aſſi o Rei diſſe. E tal como ſuccede
Dos Medicos cercado algum doente,
A quem dos votos o variar impede
O remedio efficaz do mal, que ſente:
Ou como quando os limites excede
Do furor a fortuna, nauta gente
Entre os gritos, perder, e medo frio,
O tino do governo do navio:

XIII.

Taes no votar diverſos apreſſaraõ
Deſte Imperio opulento a graõ ruina
Os que na junta com el Rei ſe acharaõ,
A quem juſto caſtigo o Ceo deſtina.
Alguns que ſe pediſſe a paz votaraõ;
Outros julgaraõ ſer fraqueza indina
Naõ ſómente o pedilla, ou procuralla;
Mas, rogados com ella, inda aceitalla.

XIV.

Mas o Jáo Colaſcar, que do paſſado
Perigo inda o temor nelle reinava,
Fingindo-ſe zeloſo acobardado,
Que ſe compraſſe a paz aconſelhava.
O Principe Aladim, da ira levado,
O proſeguir-ſe a guerra ſuſtentava;
Solimaõ o ajudava; e furibundo,
Aſſi dizendo, ameaçava o mundo:

XV.

Contra ſucceſſos máos o peito forte,
E de valor armado prevalece;
Que trocar o valor coſtuma a ſorte,
Se a fortuna aos ouſados favorece.
Temor da infamia, naő temor da morte,
No peito generoſo ſe conhece:
E ſe todos a guerra aconſelhaſtes,
Como hoje reprovais o que approvaſtes?

XVI.

Naő deixes, Rei invicto, aconſelhar-te
De quem do fim honroſo ſe deſvia,
E falto do valor tenta apartar-te
Do meio, que ſaudavel ſó ſeria.
Quem ſentir o contrario, em toda parte
Lhe farei confeſſar que he cobardia.
E fallo livre, ſem temor de nada,
Porque, o que a lingua diz, obra eſta eſpada.

XVII.

Aſſi deu fim colerico, e eſpantoſo.
E o Principe o exaltou dizendo: Fale
Sempre a fama de ti, varaő famoſo,
E co merito teu ſua tuba iguale.
Confuſo Colaſcar a eſte afrontoſo
Modo, naő ſabe ſe reſponda, ou cale;
E ſó diſſe: Deixai, corra ſem frêo;
Que pouco cuſta aventurar o alhêo.

XVIII.

XVIII.

Naõ quiz fallando mais aventurar-ſe;
Porém corrido, e pouco ſatisfeito,
Hum firme penſamento de vingar-ſe
Naquelle inſtante concebeo ſeu peito.
Logo todos os mais por congraçar-ſe,
E naõ aventurarem ſeu reſpeito,
Com os que ſempre a guerra perſuadiraõ,
Que a guerra proſeguiſſem concluiraõ.

XIX.

El Rei de Paõ, medroſo do paſſado,
Naõ ſe achou neſta junta já preſente;
Que, nelle o antigo amor desbaratado,
Era neve o que fora fogo ardente.
Naõ lhe cabe no peito acobardado
O coraçaõ: em fim, deixando a gente,
Finge ir buſcar ſoccorro novo; e tarda
Em quanto a nova do ſucceſſo aguarda.

XX.

Ceſſa a diſcorde junta; e no mar ſoa
Bellica tuba num paráo ligeiro,
Que na praia inimiga poz a proa,
E armado occupa intrepido guerreiro:
E em alta voz, que igual co a fama voa,
A' batalha provoca aventureiro
Ao Caudilho Batraõ da gente Siame,
De Glaura eſpoſo infeliz, naõ infame.

XXI.

Era do tempo na purpúrea hora,
Em que aljofar derrama infante o dia,
Ouvindo o ſom horrivel, tambem chora
Perolas Glaura de maior valia:
Das conchas bellas, que invejava a Aurora,
As derramava a pena que ſentia;
Que, poſta entre temores, e eſperança,
Os ſobreſaltos hum ao outro alcança.

XXII.

Moſtrar prometteo Souſa em eſtacada
Glaura innocente: e enganado o eſpoſo,
Teme ella, amando, a Luſitana eſpada,
E o braço do guerreiro valoroſo.
Porém, do ſábio Etol aſſegurada
Que veria no caſo fim ditoſo
Sem dano do conſorte, a fé a trazia
Ao que mais deſejava, e mais temia.

XXIII.

Piza a arêa ante as barbaras bandeiras
Com Glaura, a quem o trajo o ſer deſmente:
Coroa o povo barbaro as tranqueiras;
Convézes, toldas, xarcias a fiel gente.
Batraõ em tanto deixa ſuas fileiras
Com negro arnez, moſtrando o que a alma ſente;
E pella praia move o paſſo tardo,
Naõ ſei qual mais, ſe triſte, ſe galhardo.

XXIV.

XXIV.

Chegado onde o guerreiro Luſitano
Airoſo tanto, quanto forte o eſpera,
Aſſi lhe diſſe: O' tu, que por teu dano
Feroz me chamas a batalha fera,
Deſſe furor, de teu viver tyranno,
De ti primeiro a cauſa ouvir quizera,
Por ter a opiniaõ juſtificada,
Que governa a razaõ melhor a eſpada.

XXV.

A razaõ, que de minha parte tenho,
(Lhe tornou Souſa) a acobardar-te baſta.
A vingar o innocente ſangue venho,
Da infeliz Glaura, quanto infeliz caſta.
Naõ digas mais: da vida, que ſoſtenho
Indigno ſou, o bem de mim ſe affaſta
(Diſſe o Pagáõ) bem minha morte vejo,
Tudo me accuſa, e ſó morrer deſejo.

XXVI.

Enganado (ai de mim) fui homicida
Do bem maior, que entaõ gozava a terra.
Dá-me attençaõ hum pouco; e logo a vida,
Que aborreço, do peito deſencerra:
Foi minha eſpoſa; antes de o ſer, querida
Do enganoſo Mulias, que, neſta guerra
Mortalmente ferido, á minha offenſa
Deu, dando a vida, acerba recompenſa.

XXVII.

Partimos de Siaõ por dar ajuda
Ao Rei Malaio; mas contrario vento
Nos levou a Ligor, onde ſe muda
Todo o meu bem paſſado em mór tormento.
Alli cioſa paixaõ, nunca ſizuda,
De todo me cegou o entendimento,
Dando principio a minha viva morte;
E ſuccedeo o caſo deſta ſorte.

XXVIII.

Dado ferro em Ligor, ao Rei amigo
Viſitar fui dos meus acompanhado:
Foi entre os mais o disfarçado imigo,
Já para o fero engano apparelhado;
Que, tornados ao mar todos comigo,
Entre tantos deitar, ſem ſer notado,
Pôde hum libello infame, que me conta
Meu grave dano, minha injuſta afronta.

XXIX.

Deſpois que ſó na poppa me deixaraõ,
O papel vi de inferno, e morte chêo:
Curioſo o quiz ler; antes cegaraõ
Meus olhos, naõ choraraõ mal taõ fêo.
Foi cada letra hum raio, e me abrazaraõ
O mais guardado dalma: inda o recêo
De ſeu rigor parece que em mim vive,
Naõ avendo já bem, de que me prive.

XXX.

XXX.

Feras viboras eraõ juntamente,
Que a fama a veneraçaõ enganoſas
De minha eſpoſa caſta, e innocente,
Imputando-lhe infamias vergonhoſas.
Moſtra penar o cauteloſo auſente,
Deſejando tornar ás amoroſas
Horas, que em laço, no meu mal tecido,
Gozava do favor ſó a mim devido.

XXXI.

Entre as firmas, que eſtavaõ accuſando
A Glaura, vi meu nome: infernal ira
O coraçaõ me abraza, mil entrando
Furores nalma, donde amor ſentira.
Fiquei por grande eſpaço vacillando;
Já me leva o furor, já me retira
O amor; até que, falto de eſperança,
De minha offenſa em mim tomei vingança:

XXXII.

Em mim; que nella me tirei a vida,
Por cuja auſencia em dôr eterna peno.
Aſſi meu bem perdi; aſſi perdida
Delle a eſperança, aos males me condeno.
Quem o enganoſo author deſte homicida
Papel foſſe (por mais que faço, e ordeno)
Nunca o pude alcançar; até que a ſorte
O vêo a deſcobrir com juſta morte.

XXXIII.

XXXIII.

Hontem, o peito cautelofo aberto,
Já mortal a meus pés cahio o imigo
Muliás, que inda, já da morte certo,
Naõ temeo o do Ceo jufto caftigo.
Defcobrindo mortal odio encoberto,
Declarou quanto foi cruel comigo,
E com Glaura, que já co as plantas bellas,
Martyr de meu furor piza as Eftrellas.

XXXIV.

A dôr da inveja, e ver-fe defprezado
De minha efpofa, e ver-me venturofo;
Diffe lhe convertera o amor paffado
No mortal odio, que me faz queixofo;
E que traçara, por fe ver vingado,
Que eu mefmo, que ella amando fez ditofo,
A vida lhe tiraffe mais amada.
Confeguio a vingança defejada.

XXXV.

Eu, ouvindo o difcurfo de meu danno,
Ira, raiva, furor no peito ardia,
Ancias mortaes, tormento deshumano,
Tudo, quanto há no Inferno, em mi fentia.
Ao que de minha gloria foi tyranno,
A vida quiz tirar, que já perdia;
Mas, quando o furor jufto fe abalança,
Anticipaõ-fe os fados á vingança.

XXXVI.

XXXVI.

Ouvido tens a deſeſtrada hiſtoria ;
Caſtiga agora em mim minha deſdita,
A culpa naõ , que da perdida gloria
Só tenho a pena , que ſerá infinita.
Certa , ó forte varaõ , tens a vitoria,
De tua parte a razaõ ta facilita ,
E da inculpavel Glaura a injuſta offenſa
Prezas me tem as maõs para a defenſa.

XXXVII.

Aſſi dizia , e compaſſivo em tanto
O eſcutava o guerreiro generoſo ;
E Glaura , que deter naõ pode o pranto ,
Em ſoluços deſcobre amor queixoſo :
Corre o avaro véo com mudo eſpanto
A vêr ; e reconhece o triſte eſpoſo ;
E bem que inda naõ crê o bem que via ,
Amante abraçar corre o que naõ cria.

XXXVIII.

Glaura ſe afaſta , e diz : Detem-te ingrato ,
Que me naõ traz aqui tençaõ de amar-te ,
Zelo de honra ſi , e deſmentir o trato ,
Que uſaſte com quem já ſoube adorar-te.
Em tanto copioſiſſimo apparato
De lagrimas oſtenta , e igual reparte
Aos bellos olhos da alma o ſentimento ,
E ao confuſo Batraõ gloria , e tormento.

XXXIX.

Mas vence a gloria, e contra o iroſo aſpeito
Se arma de ſuave eſcuſa, e rogo brando,
Que esforça o ſentimento, e doce effeito,
Que da alma eſtá ſuſpiros arrancando:
Tanto ſe eſcuſa, e roga em fim, que o peito,
Da que render-ſe eſtava deſejando,
Commovido ſe moſtra, e aos fortes braços
Communica reciprocos abraços.

XL.

Aſſi tenro menino, que, offendido
Do caſtigo, choroſo eſtá apartado,
E deſeja, e não quer tornar, ſentindo
Já da tenra, e amoroſa mãi rogado;
Até que, do materno amor vencido,
Soluçando ſe chega ao deſejado
Afago da mãi, que eſtreitamente o abraça,
Elle ao peito ſe applica, e o collo enlaça.

XLI.

Deſpois que breve alivio ás almas deraõ
Os amoroſos laços, dos compridos
Tormentos, que igualmente padeceraõ,
A Souſa graças daõ agradecidos:
Poſto que os bons, Batraõ lhe diz, fizeraõ
O bem ſó por ſer bom, e os recebidos
Favores pagará ſempre a memoria,
Ajuntando a tuas glorias eſta gloria;

XLII.

XLII.

Em quanto receber o peito alento
Tua ſerá eſta vida : e ſe a fé dada
Naõ impedira o grato penſamento,
Fora do bando Luſo hoje eſta eſpada.
Porém ley de primor, grilhaõ violento,
A vontade, que tens taõ obrigada,
Obrar naõ deixa quanto obrar eſpera
Paſſada eſta occaſiaõ, que o Oriente altéra.

XLIII.

A gloria do ſucceſſo, eſſa vontade
Paga ſaõ a meu deſejo venturoſo,
Pois vi monſtros de amor, rara igualdade,
De quem o mais feliz viva envejoſo.
Aſſi reſpondeo Souſa; e de amizade
Perpetua ſe daõ laços : Com ſaudoſo,
E cortez ſentimento ſe deſpedem,
Hum torna ao mar, os dous o campo medem.

XLIV.

Com pranto Alaida a ſorte venturoſa
De Glaura ſolemniza, e aſſi deſcanſa,
E ſe moſtra de ſeu amor queixoſo,
Que vaõ ſeguindo vai vaã eſperança :
Ditoſa tu mil vezes, e ditoſa
A pena, que taõ grande gloria alcança :
Soffrendo males alto amor moſtraſte,
E nas azas da fama o levantaſte.

XLV.

E mil vezes eu trifte fem ventura,
Que huma incerteza, hum impoffivel figo,
A' vifta fempre tendo a morte dura,
De hum perigo paffando a outro perigo:
O' fe, quando fahi da fepultura
Materna, fora tanto o fado amigo,
Que o leite, que mamei da nutriz chara,
Veneno fora, e a morte me entregara!

XLVI.

Do amado pai o fim cruel naõ vira
Pella fera ambiçaõ do irmaõ tyranno;
As ancias, os tormentos naõ fentira
De amor, fegunda origem de meu dano:
Nem quando terra, e Ceo fó trataõ de ira,
E furor infernal incita o humano,
Teftemunha infeliz a fer viera
Da ruina, que a amada patria efpera.

XLVII.

Como os rios ao mar, os males correm
A meu peito, dos males centro trifte:
Como os ventos fogindo, os bens difcorrem;
Que fó em fogir de mim feu fer confifte:
Inveja grande tenho a quantos morrem;
Culpo a vida, que a tanto mal refifte:
Mas vive a pena n'alma, que me canfo,
Pois nem poffo na morte achar defcanfo.

XLVIII.

XLVIII.

Naõ me eſcondem meu bem torreados muros,
Nem mo negaõ ſó montes levantados,
No mêo me tem poſto os fados duros
Immenſos mares, Reinos apartados:
Seguem meus vaõs cuidados, mal ſeguros,
Eſperanças de bens ſó imaginados.
O' vaidade, que adora o penſamento!
O' ſuave alheaçaõ do entendimento!

XLIX.

Se para mim ouvera inda alguma hora
Poder contar as penas, que padeço,
Ao bello objecto, que minha alma adora,
E por ſenhor auſente reconheço,
Todo o paſſado mal gloria me fora.
Iſto, piedoſos Ceos, humilde peço;
Fareis alegre minha triſte ſorte,
Será ſuave á ſua viſta a morte.

L.

Naõ perde tempo o invicto Affonſo em tanto;
E qual o luctador, que já provara
As forças do contrario, que com tanto
Trabalho a vez primeira derribara;
Mil tretas conſidera, e, com eſpanto
Dos circunſtantes, bravo ſe prepara
Para o ſegundo encontro, em que já a gloria
Gozar eſpera da ultima vitoria.

LI.

LI.

Tal mil eſtrategemas imagina,
E diſcorre co grave penſamento
Quaes podem ſer, conforme a diſciplina
Militar, do contrario ardís, e intento.
E, por prevenir tudo, determina
Mandar quem no valor, e entendimento,
E na aſtucia primeiro Ulyſſes ſeja,
Para que tudo inquira, e tudo veja.

LII.

Quem eſte haja de ſer imaginando,
Em quem taő nobres partes concorreſſem,
De Etol ſe lembra: e bem conſiderando
A fé, ſciencia, e valor, que o enriquecem,
O chamou ante ſi. Diſſe: Obrando
Em favor noſſo, os quatro, que florecem
Hoje no mundo em armas, nos trouxeſte,
Com Deos (ſe a mim obrigaſte) mereceſte.

LIII.

Logo a Cidade a eſcala viſta entrámos,
Que perto eſteve entaő de ſer ganhada:
E ſe della ſenhores naő ficámos,
Seria por naő ſer a hora chegada:
De aſſaltalla ſegunda vez tratamos;
Mas como hoje eſtará fortificada,
Saber importa, porque á ſua fraqueza
Appliquemos a noſſa fortaleza.

LIV.

Trataõ de ſua defenſa : e naõ duvido
Que toda a ſorte de Marcial engano
Tenhaõ com nova aſtucia apercebido,
Onde menos ſe tema, em noſſo dano.
Porém tu, que do Ceo foſte elegido
Para inſtrumento, e mêo ſoberano
Do graõ caſtigo, que a Malaca eſpera,
Has de eſtorvar o effeito á tençaõ fera.

LV.

Tu com a ſciencia tua entrar ſeguro
Entre os imigos podes, e trazer-me
A informaçaõ de tudo, que procuro,
Porque guardar-me ſaiba, e atrever-me.
Etol lhe reſpondeo : No Reino eſcuro
Entrara, a ſer poſſivel ; que meter-me
Naõ eſtimo por ti no mór perigo,
Des que teu eſtandarte, e goſto ſigo.

LVI.

Logo que a negra noite o manto eſtenda,
E varios caſos, qual coſtuma, encubra,
Penetrarei Malaca até que entenda
Quantos enganos, e cautellas cubra.
E para que bem tudo comprehenda,
E, viſtos os perigos, tos deſcubra,
Fingir-me ſaberei de toda a ſorte,
E daquella naçaõ, que mais importe.

LVII.

LVII.

Aſſi lhe diſſe. E quando a tenebroſa
Filha do antigo chaos, acompanhada
Do grave horror, e confuſaõ medroſa,
Sono infunde na gente trabalhada,
Apertando a Garcia a valoroſa
Dextra, lhe diſſe: Para ti guardada
Tem o fatal deſtino alta ventura:
Meus paſſos ſegue, a ſorte te aſſegura.

LVIII.

Vamos (o valoroſo Sá reſponde)
E, ſe queres, vejamos donde nace
Até donde canſado o Sol ſe eſconde;
Ou manda-me, que o lago Eſtygio paſſe.
Partem com iſto; e tomaõ terra adonde
Naõ podeſſem ſer viſtos, nem ſe achaſſe
Couſa, que ſer podeſſe impedimento
Para ſe conſeguir o fim do intento.

LIX.

Primeiro mudaõ de armas, e veſtidos;
E de modo ficaraõ disfarçados,
Que dos amigos, inda que advertidos,
Foraõ por Guzarates reputados.
Aſſi do eſcuro horror favorecidos,
Por lugares, de Etol já frequentados,
Lá pella parte do ſertaõ entraraõ,
E a Cidade até o mar atraveſſaraõ.

LX.

LX.

Com as imigas tropas ſe miſturaõ,
E de huma em outra eſtancia vaõ paſſando:
Os ſecretos enganos ver procuraõ,
Etol ſempre inquirindo, e perguntando.
Vém quaõ pouco os Malayos ſe aſſeguraõ,
Dos ſeus bens a Cidade deſpejando,
Quaes a formiga com induſtria, e arte
Mudar ſoem os celeiros a outra parte.

LXI.

Viraõ das ruas as ſecretas minas,
E na praia os abrolhos encobertos,
De eſperas, baſiliſcos, colebrinas
Graõ copia, e de outros bellicos concertos:
Das abrazadas caſas as ruinas,
E das riquezas os gudoẽs deſertos;
E a ponte viraõ taõ fortificada,
Que moſtrava negar a tudo entrada.

LXII.

Os bravos Coraçones, e Mogores,
E os Guzarates em ſua guarda viraõ:
Porque, como eraõ tidos por melhores,
O perigo maior lhe repartiraõ.
Viſta Malaca, e os muitos valedores,
Que em vaõ, e por ſeu dano lhe acodiraõ,
Com aquelles ſahiraõ, que tiravaõ
Riqueza, que dos montes confiavaõ.

LXIII.

Já fora, diſſe Etol, caminho breve
Convem fazer a parte que ſe occulta,
Segue-me alegre, que a quem bem ſe atreve,
Nunca o Ceo couſas grandes difficulta.
Dizendo aſſi, moveo o paſſo leve
Por via eſtreita, e quanto eſtreita occulta;
E naõ parou, nem deu de nada indicio
Até chegar a hum célebre edificio.

LXIV.

Moſtrava (poſto que era a noite eſcura)
Ser de marmore branco a alta portada,
De rara, ou nunca viſta architectura,
Por artifice douto fabricada:
Abrio-ſe da graõ porta a cerradura,
Dando a copia famoſa livre entrada,
Começando hum eſtrondo, que arruinar-ſe
O mundo parecia, o Ceo raſgar-ſe.

LXV.

Vellava nuvem negra a face bella
Da clara irmã do Sol, que entaõ ſahia;
Mil trovoẽs retumbavaõ entre aquella
Tréva, que com os raios ſe accendia.
Paſſada a tempeſtade, cada Eſtrella
Torna a dar luz de novo á noite fria;
E os dous ſe acharaõ do edificio em parte,
Onde iguaes eraõ a materia, e arte.

LXVI.

Neſta quadra primeira, ſobre a porta,
Por donde ſe entra a mais ſublime aſſento,
De huma grande matrona a viſta exhorta
A levantar o nobre penſamento.
Pintada tem aos pés a inveja morta,
E adornaõ as paredes do apoſento
Troféos, eſtatuas, e carros, que aos famoſos
Conduziraõ triunfando victorioſos.

LXVII.

Eſta, a quem templo daõ, julgaõ deidade,
Que tudo eſcuta, e vê, tudo publica;
E ao mundo vêo na primeira idade;
Sonora tuba á loquaz boca applica:
Abre-ſe ao ſom a porta; e a mageſtade
De outra caſa ſe vê, em que entraõ, rica
De glorias, onde ſe naõ teme a ſorte,
Nem tem lugar o tempo, nem a morte.

LXVIII.

Bella deidade entaõ em fórma humana
(Que de candor veſtida, e louro eterno
Coroada a cabeça ſoberana)
Nos Ceos aſſiſte, atormentando o Inferno,
Os recebe, dizendo alegre, e ufana:
Salve, digno varaõ lá do ſuperno
Aſſento, para ti por mim guardado,
Aqui de longos annos eſperado.

LXIX.

Logo destas duas casas sumptuosas
A' terceira os conduz de mór grandeza,
Em que ardiaõ mil pedras luminosas,
Que mostravaõ do teito a graõ riqueza;
Ornavaõ-se as paredes de famosas
Pinturas, a quem dava tal viveza
Da arte o primor, que Apelles se enganara,
E as figuras heroes vivos julgara.

LXX.

Ao cavalleiro as mostra; e assi, movendo
A douta lingua, disse: Nas idades
Antigas o por vir Pateanus vendo,
Effigies fez dos que estimou deidades:
Deixou a todos temeroso, e horrendo
Por nevoas grossas, feras tempestades,
Este lugar, e aos dous só concedido
Hoje ver o que nelle está escondido.

LXXI.

Alguns destes, que ves, goza hoje o mundo;
Outros seráõ, correndo o curso de annos,
Que nestas partes com valor profundo,
Haõ de passar os limites humanos.
Desse, que ves, primeiro sem segundo,
Sempre invicto, castigo de tyrannos,
Segues o gloriosissimo estandarte,
Esse he Albuquerque, esse o Luso Marte.

LXXII.

LXXII.

Eſte o jugo porá á cerviz altiva,
Que em tantos annos pôr Siaõ naõ pode;
E aqui ſua memoria eſtará viva,
Já corra o tempo, já a fortuna rode.
Teme, ó Malaca, a deſtra vingativa,
Que o açoute irado ſobre ti ſacode:
Porém, ſe agora fores caſtigada,
Deſta gente ſerás tambem guardada.

LXXIII.

Olha o bom Ruy de Brito Patalino,
Que ſerá della o defenſor primeiro,
E Andrade, que eſſe tanque Neptunino
Co ſangue tingirá do Jáo guerreiro:
Irá delle fogindo peregrino
Patequirir no trance derradeiro;
E fogirá tambem desbaratado
Da Jaoa o Rei ſoberbo acobardado.

LXXIV.

Eſſe, que eſtá moſtrando o roſto iroſo,
De hum grave engano ao parecer ſentido,
He Jorge de Albuquerque, taõ famoſo,
Que naõ poderá ſer nunca eſquecido:
Eſſoutro, mais valente, que ditoſo,
(Se he, julgar pelos aſtros permittido)
Lograrà pouco tempo eſte governo,
Delle cobrando a morte o cenſo eterno,

LXXV.

LXXV.

Do bom Jorge de Brito porá a morte
Eſte Eſtado em grandiſſima aventura;
Tanto he cega a paixaõ, a ambiçaõ forte,
Que ſua ruina, e deſtruiçaõ procura:
Porém no grave mal, da meſma ſorte,
Que o ſanto lume na tormenta dura
Apparece aos afflictos marinheiros,
Lhes acodiráõ aquelles dous guerreiros.

LXXVI.

Dom Aleixo he aquelle de Menezes,
Hum Coſta illuſtre he eſſoutro, cuja hiſtoria
Timbre, e primor ſerá de Portuguezes,
Digna do eterno archivo da memoria:
Defenderá Malaca, mil revezes
Da fortuna ſoffrendo por mais gloria,
Jáos rebatendo, e Mandariis valentes,
Cos poucos ſeus famintos, e doentes.

LXXVII.

Olha Manoel Falcaõ, olha Duarte
De Mello ſobre a imiga fortaleza,
E Diogo Pacheco horror de Marte,
Que, morto o bom Falcaõ, conſegue a empreza:
Morre Falcaõ, mas naõ aquella parte,
Que immortal dotou Deos de mór nobreza;
Dalli aquella illuſtre, e ditoſa alma
Irá triunfar nos Ceos com juſta palma.

LXXVIII.

LXXVIII.

Eis em ti paſſa o pezo do governo
Affonſo Lopes da inclyta Cidade,
Sentindo-ſe acabar de hum mal interno,
Que em flor o roubara á voſſa idade:
Acquirirás aqui renome eterno,
Inſigne vencedor da adverſidade,
Contino cerco, e fomes padecendo,
A' viſta o fero imigo ſempre tendo.

LXXIX.

Por aſperezas taes te farás digno
Do governo Oriental mais ſoberano;
E nelle, com aſſomos de divino,
Saberás exercer imperio humano:
Supremo aqui te ves; mas o deſtino,
Nunca aos mortaes igual, que alli inhumano,
Quando atrever-ſe contra ti duvida,
De ti ſe atreve á parte mais querida.

LXXX.

Parte vejo deſſa alma generoſa
Em ſolidaõ, e eſtremo deſamparo,
Vozes mandar ao Ceo, em vaõ queixoſa,
De obſtinaçaõ fatal exemplo raro.
Diſpoem teu peito a prova rigoroſa,
Claro varaõ; que Alcídes aſſi claro
No trabalho ſe fez, e ao claro aſſento,
Naõ por goſtos ſobio, mas por tormento.

LXXXI.

LXXXI.

Esse, que está Bellona coroando
Dos despojos de Daphne, he descendente
Do graõ Dom Fafes Luz; a que imitando,
De Reino em Reino vai, de gente em gente.
Olha com que valor as vellas dando
Do rio de Muár vence a corrente,
Já salta em terra, ganha o Pago logo,
Foge el Rei de Bintaõ, ella arde em fogo.

LXXXII.

Lá no Persico seo em Barem rica
De grosso aljofar, vence o mór perigo:
O Rei Mocrino na defensa inica
Sentirá de seu braço o graõ castigo;
Posto que a soldo conduzindo applica
Persas, e Arabios doze mil comsigo,
Ves da cabeça a barbara fereza
Entre as aguias, e cruzes digna empreza.

LXXXIII.

Tal o filho de Danae valoroso,
Co talar de Mercurio, e curva espada,
E co escudo da Deosa luminoso
Do cérebro de Jupiter gerada,
De hum golpe corta o collo temeroso
Da que já fora de Neptuno amada,
Pallido o rosto de serpentes chêo,
Ao escudo fatal he rico arrêo.

LXXXIV.

LXXXIV.

Mas naõ ſe moſtrará menos valente
Contra Melique Az ſenhor de Dio,
Que de tantas victorias inſolente
Contraſta de Chaul o ſenhorio:
Que, tomando da armada eſte o tridente,
Já lhe foge de medo o Mouro frio,
Do Nagotana, e coſta de Cambaya
O mar he ſangue, ſepultura a praia.

LXXXV.

O Pago deſtruido, o Rei tyranno
Na ilha de Bintaõ ſe fará forte;
E com ver da fortuna o deſengano,
De novo tornarà a tentar a ſorte:
Dalli ſeus Capitaẽs, em Chriſtaõ dano,
Seraõ Miniſtros da violenta morte;
E chegará Malaca a eſtremo tanto,
Que a defenſa dará glorioſo eſpanto.

LXXXVI.

Eis torna Jorge de Albuquerque invicto,
Succeſſor te ſerá em trabalho tanto;
E qual tu, com valor, quaſi infinito,
Reſiſtindo, ſerá do imigo eſpanto:
De Garcia Cainho em alto grito
Dirá a fama o valor, e zelo ſanto:
Alli forte os imigos vai ferindo,
E lá piedoſo aos pobres acodindo.

LXXXVII.

Aquelle, que deixando a eſpoſa amada,
E tenros filhos, rompe o mar furioſo,
Naõ reſpeitando a idade reſpeitada,
O que manda ſeu Rei cumpre animoſo:
O que deixa Bintaõ desbaratada,
E que a Çunda commette generoſo,
He Franciſco de Sá no fim dos annos,
Digno exemplar de bravos Luſitanos.

LXXXVIII.

Eſſe he teu claro irmaõ, que hoje prudente
Cargo illuſtre miniſtra ſoberano,
E, veſtido de arnez reſplandecente,
Já aſſombro foi do fero Mahometano:
Em fim o imitador do avô valente
(Que tomou as galés ao Caſtelhano)
Vio junto ao freſco Douro a luz primeira,
E a luz verá em Malaca derradeira.

LXXXIX.

Depois que em mil acçoẽs o braço forte
Encher o mar do Oriente de eſperança,
A que todos iguala, dura morte,
Lhe abrirá paſſo á eterna ſegurança:
Porém ves tu que oppoem o peito á ſorte,
E, por ſervir ſeu Rei, alegre canſa;
O filho vejo mal remunerado,
E de ſeus bens o neto deſpojado.

XC.

XC.

Martim Affonſo de Souſa, e Serraõ vejo
Com Laiximena em deſigual batalha;
Mortos os choraõ, mortos os feſtejo,
Vencedores da barbara canalha:
Olha outros dous tambem gloria do Téjo.
Romper em Linga a armada, que o mar coalha,
Hum Baltazar Rodriguez he de Béja,
Outro hum Brito, que fama, e gloria inveja.

XCI.

Manoel de Souſa alli ſegue animoſo
Com tres lenhos a armada poderoſa;
Morre, e vence no trance mais glorioſo,
Que ſegue ao graõ valor morte glorioſa:
Mas vira os olhos ao varaõ famoſo,
Que dará fim á empreza perigoſa,
A Pedro Maſcarenhas, a quem ama,
Para ſe empregar nelle, ſempre a fama.

XCII.

Deſte logo o Patane o rigor ſente,
E pareas paga envolto em medo frio,
E a Laiximena em terra, e mar potente,
Desfaz a oſtentaçaõ, abate o brio:
Eis vai ſobre Bintaõ, fende a corrente,
Vence impoſſiveis, ſóbe o fundo rio,
Entra a Cidade, a vida a tudo nega,
Foge cobarde o Rei, ao fogo a entrega.

XCIII.

Ves com que valoroso soffrimento
Vence a propria paixaõ, semrazoẽs passa,
Escusando chegar ao fim violento
Caso, que tantos males já ameaça:
Exemplo seja sempre o pio intento,
A quem ambicioso a lei traspassa;
E a Deos, ao Rey, de quem a paga espera,
Fazer maior serviço naõ podera.

XCIV.

Olha Jorge Cabral com rigorosa
Guerra alli do Longou toma vingança;
E lá subido á successaõ honrosa,
Supremo rege, e nome eterno alcança.
Eis Pedro de Faria de paz goza,
E Malaca parece que descansa,
De quantos traz comsigo a dura guerra,
Males, que padecerá em mar, e terra.

XCV.

Mas Dom Paulo da Gama se offerece,
Do sol de Gama raio peregrino,
Quanto nelle o valor do pai florece,
Tirando vidas, Marte Neptunino,
Entre os feros imigos resplandece
Entrando o imigo lenho; mas destino
Cruel atalha com acerba morte
Quanto obra co a espada o braço forte.

XCVI.

XCVI.

Aqui para vingar a dor, que teve,
Apercebe o irmaõ lenhos, e gente;
E por perigos mil alli ſe atreve
A fender do Gentana a graõ corrente.
Ves como em terra ſalta, e em tempo breve,
Iroſo tudo entrega á flamma ardente:
Salva-ſe na eſpeſſura o Rei medroſo,
E Dom Eſtevaõ parte victorioſo.

XCVII.

Ves que ſobre o Rei torna, que infeſtando
De novo com armada o mar corria;
Tudo lhe abraza, foge o imigo bando,
Entregue a maior parte á morte fria:
Humilde alli lhe pede a paz, jurando
Que nunca mais as armas tomaria:
O valoroſo Gama lha concede,
Mas ſeguros refens primeiro pede.

XCVIII.

Vêllo acode ao rumor, o Achem rebate
Neſſe nocturno aſſalto inopinado,
E acolá reſiſtir feroz combate,
E fugir-lhe o de Achem desbaratado:
Males atalha, preſumpçoēs rebate,
E feliz rege do Oriente o Eſtado,
Reſpeitado dos ſeus, e obedecido,
Do Turco, Perſa, e Malabar temido.

XCIX.

Eis rompe o mar (bufcando a Turca armada)
Que abre paffo a Ifrael. Pharaó caftiga,
Sente a força Alcoçer da deftra irada,
E no ultimo a confume a chamma imiga:
Vê Tóro fobre fi a talhante efpada;
Mas por feus fervos a defende, e abriga
A Martyr Catharina, que defronte
Tem facra fepultura em facro monte.

C.

Eis o valorofo heroe, que fogindo
Do mundo, e de fi mefmo, vence o Inferno;
E, por caminhos afperos fobindo,
Conquifta venturofo o Reino eterno:
Olha, que multidaõ o vai feguindo
De almas, que ha de livrar do efcuro averno.
Salve, ó do Ceo na terra peregrino,
Elias zelador, Paulo divino.

CI.

Milagrofo Francifco, alma a Deos chara,
Eis de tua vinda o tempo venturofo,
Graõ Malaca folícita prepara
Com digno hofpicio ao varaõ gloriofo.
Já chega a Moçambique, onde com rara
Charidade, e cuidado fervorofo,
Enfermo no hofpital, enfermos cura,
E faude nas almas lhe procura.

CII.

CII.

Já deſembarca em Goa : oh quaõ trocados
Em breves dias faz ſeus moradores,
Penitentes chorando erros paſſados :
Chovem do Ceo auxilios, e favores.
Deſprezando trabalhos arriſcados,
E das deſertas praias os ardores,
No cabo Camorii o ves prégando,
As almas a milhares ao Ceo dando.

CIII.

Devoto em Meliapor entra, e viſita
De Thomé a veneranda ſepultura;
E por mêo do Santo ſolicita
Ardente, e ſanto ſpirito a alma pura.
Dalli a Malaca paſſa, donde o imita
Com branda voz rendendo a gente dura,
Que engolfada nos vicios vai perdida,
Dos bens, que ſaõ duraveis, eſquecida.

CIV.

A's infernaes legioẽs faz dura guerra,
Prégando, e convertendo o povo rudo:
Imita a Chriſto, e Chriſto cá na terra
Lhe concede poderes ſobre tudo.
Naquelle moço, que lá ves, ſe encerra
Eſpirito rebelde, ſurdo, e mudo,
Já foge o imigo por Xavier rendido,
E louva a Deos o enfermo agradecido.

CV.

CV.

Ves em Amboino do Senhor cultiva
A vinha, a quem cultor annos faltara;
E, cavando-a de novo, com fé viva
A cérca, e de ſeus danos a repara:
E como dos trabalhos naõ ſe eſquiva,
Na aſpereza do Moro, terra avara,
Planta ſeu zelo ardente plantas bellas,
Que o fruto haõ de ſobir ſobre as Eſtrellas,

CVI.

Logo torna a Malaca, e juntamente
Vem ſobre ella o de Achem com lenhos cento.
Olha Simaõ de Mello, que valente
Do inimigo reſiſte o Marcio intento.
Anima o Varaõ ſanto a Chriſtã gente
A que vá do contrario em ſeguimento.
Eis Dom Franciſco Deça o mar cortando,
A copioſa armada vai buſcando.

CVII.

Theatro o Parles do naval conflicto
Já co ſangue do barbaro ſe inunda,
O qual ſe moſtra o Luſitano invicto,
Conſumida do Achem a gente immunda.
Tudo Franciſco vê em rapto ſpirito,
Conſola ao dubio povo a voz jucunda,
Revelando-lhes a inclita vitoria,
Alcançada dos ſeus com tanta gloria.

CVIII.

CVIII.

No Japaõ, como o Sol, quando amanhece
Deſterra as trévas, e dá luz ás almas,
O' como entre os trabalhos reſplandece,
Caminhando por neves, e por calmas!
O' quanto a vinha do Senhor florece,
E quantas ao Ceo dá triunfantes palmas,
Quantos por elle Deos milagres obra!
O cego viſta, o morto vida cobra.

CIX.

Reluz a ſantidade na pobreza,
E dos barbaros Reis he venerada:
Taõ grande he da virtude a gentileza,
Que he dos proprios imigos reſpeitada:
Vello outra vez do mar paſſa a incerteza;
E para commetter nova jornada,
De Japaõ torna a Goa, e nunca canſa;
Que buſca a Deos, e nelle ſó deſcanſa.

CX.

Lá da idolatra China o mar navega
Pella dar toda a Deos ſeu zelo ardente;
Mas inda naõ merece a gente cega
Ver o lume da Fé reſplandecente.
Eis o fim já de ſeus trabalhos chega.
E a gozar vai do premio eternamente,
O ſeu ſanto cadaver torna a Goa,
E a fama de milágres raros voa.

CXI.

Aquelle, que defende a fortaleza
De tantos Reis, e gente combatida,
Oppondo com intrepida braveza
O primeiro ao perigo ſempre a vida,
He Dom Pedro da Silva, que ſó preza
A que a heroicos eſpiritos convida:
Eſte, mercê do Ceo, goza a excellencia
De extrema valentia, e de prudencia.

CXII.

Mas ah dor grande! que entre tanta gloria
Morto vês Dom Garcia de Menezes;
Mas ſe dar póde vida heroica hiſtoria,
Honra eterna ſerá de Portuguezes.
Olha Gomez Barreto; alta memoria
Deixa de illuſtres feitos, quantas vezes
Com hum ſó lenho a toda a armada imiga
Afronta, ou (por melhor dizer) caſtiga.

CXIII.

Vês Chriſtovaõ de Sá, que no trabalho,
E maior riſco os feros Jáos rebate:
Eis chega Gil Fernandez de Carvalho,
Com que immenſo valor logo combate.
Os Jáos fogem temendo o mortal talho,
Sem que os poſſa deter ſangue de Pate:
Segue o bando Chriſtaõ a heroica prova,
Dá co barbaro ſangue ao mar cor nova.

CXIV.

CXIV.

Lá cérca o fero Achém por mar, e terra
Com numero infinito a fortaleza;
Com poucos Dom Leoniz denrro ſe encerra;
Mas ſuppre ſeu valor, e ſua deſtreza:
Nota as diverſas maquinas de guerra,
Dos aſſaltos continuos a braveza,
E da virtude a multidaõ vencida,
Deſpois de tantas vezes rebatida.

CXV.

Com perda grande o credito perdido
Levanta o cerco o Achém deſeſperado:
Hum filho morto deixa, mal ferido
Leva outro, de viver deſconfiado.
Já vem para o ſoccorro apercebido
Do primor de amizade eſtimulado
O bom Rei de Jantana: o mundo veja
A prova digna de louvor, e inveja.

CXVI.

Torna o barbaro Achém ao Marte iroſo,
Com inſolencia os mares infeſtando:
Mas olha como já no rio formoſo
Luiz de Mello e Silva o eſtá abrazando.
Vencedor entra o heroe valoroſo
Em Goa, que o Hidalcaõ quer, debellando,
Tornar ao ſeu antigo ſenhorio;
Mas acha de Ataide oppoſto o brio.

CXVII.

Efſoutro, que tambem julgo invencivel,
Será Mathias de Albuquerque. O' quanto
Em Jor contra o Achém paſſa o poſſivel,
Rompendo em breve eſpaço poder tanto!
Poſta a fortuna aos pés, vence o impoſſivel,
Aos nautas cauſa univerſal eſpanto,
Ventos contraſta, bravo mar navega,
E ao ſupremo lugar do Oriente chega.

CXVIII.

Alli Dom Joaõ da Coſta anima a gente,
Da fome, e enfermidades trabalhada;
E os navios repara diligente,
Com que logo no mar poem groſſa armada.
Olha como lá em Jor deſtro, e valente
Juncos abraza, e tem deſpois cercada
A Cidade D. Pedro de Menezes,
Honra, e gloria de illuſtres Portuguezes.

CXIX.

Eis reſplandece o graõ Luiz Monteiro
Conquiſtador do Ceo, terror do Inferno;
Nunca eſpada empunhou melhor guerreiro:
Nem rompeo de Neptuno o ſêo interno:
Em Chaul, e Damaõ aventureiro
Começará a fazer ſeu nome eterno,
Terá neſſe mar célebres vitorias,
Em fim no Achém o cume de ſuas glorias.

CXX.

CXX.

Vês Malaca cercada, e que a defende
Do bom Roque de Mello o valor tanto:
Feroz as ondas Luiz Monteiro fende,
Por dar á fortaleza illuſtre amparo:
O qual num lenho ſó tantos offende,
E cuſtar faz ao Achém ſeu odio caro;
Mas o que naõ poderá o imigo forte,
O rigor poderá de infauſta ſorte.

CXXI.

Por culpa de ſoldado pouco eſperto
Toma a polvora fogo, e num momento
Da accelerada furia o lenho aberto,
Cubertas, e homens voaõ pello vento.
O bom Monteiro, de viver incerto,
A's ondas torna, onde com novo alento
Nadando, conſervar procura a vida,
Que eſcapara da polvora accendida.

CXXII.

Mas conhecido, quando mais ſe anima,
Perde (ſe a vida ſalva) a liberdade:
Levaõ-no ao Rei do Achém, que tanto o eſtima,
Como ſe entaõ rendera a aurea Cidade.
Moſtra o cruel que delle ſe laſtima,
E a que deixe a lei ſanta perſuade
Tanto em vaõ com promeſſas, e favores,
Quanto com aſperezas, e rigores.

CXXIII.

CXXIII.

Conſtante perſevera, e indignado
Da infernal raiva accezo o Achem lhe ordena
O fim, de tantos Santos invejado,
E á ventura maior, cego o condena.
A'quelle grande campo, rodeado
De varias gentes, á ditoſa pena
O trazem, com aquelles cavalleiros
Na guerra, e no martyrio companheiros.

CXXIV.

A' ſua viſta os eſtaõ deſpedaçando,
Por lhe cauſar temor: elle animoſo
A vida eterna lhes eſtá lembrando,
De que primeiro a gozem invejoſo.
Os miniſtros em fim executando
O barbaro furor do Rei iroſo,
Bala o fazem de peça fulminante,
Donde, voando ao Ceo, ſóbe triunfante.

CXXV.

Olha agora o famoſo André Furtado,
Em tantos tranſes Marciaes invito,
Digno de ſer de todos invejado
Taõ heroico valor, e alto eſpirito:
Deſcerca Cananor, e faz o ouſado
Cercador tributario, e no conflito
Naval vence, e o Coſſario leva a Goa,
Onde de dous triunfos ſe coroa.

CXXVI.

CXXVI.

Eis lá ſegunda vez as ondas fende
A pezar do furor do mar, e vento,
Logo tres fortes naus de Meca rende,
E ávante paſſa ao principal intento.
Chega a Ceilaõ, Columbo ſe defende,
Foge o fero Rajù, foge o Sedento
De ſangue Catimuça temeroſo,
E o graõ Furtado o ſegue vitorioſo.

CXXVII.

Entra o fundo Cardiga, e inſolencia
Do barbaro caſtiga, que perdida
(Depois de valoroſa reſiſtencia)
A armada deixa, e ſalva a nado a vida.
Nota com que admiravel diligencia
Em Jafanapataõ ſalta; e vencida
A cruel batalha, mata o Rei imigo,
E Rei poem de ſua maõ, fiel, e amigo.

CXXVIII.

Lá prende o famoſiſſimo Çunhale
Ganhada a inexpugnavel fortaleza.
Aqui emudeça a inveja, ou ſempre falle,
A pezar ſeu, louvores da alta empreza.
Agora cale Roma, Grecia cale:
E tu nota o valor, e nota a deſtreza,
Com que deita da Çunda a loura gente
Da voſſa Europa intrepida, e valente.

CXXIX.

CXXIX.

Já do mar de Maluco os vai deitando,
Ganhando fortalezas, e Cidades,
Novas azas á fama, e linguas dando,
E inveja aos que haõ de vir noutras idades:
Hyemaõ inexpugnavel escalando,
Chovem do muro horrendas tempestades
De tiros, e de hum delles derribado,
Quasi dará tributo ao mortal fado.

CXXX.

Na fortaleza, que lá tem cercado,
Sete Reis confiados na vitoria,
(Da Holandeza ajudados grossa armada)
O espera de suas glorias a mór gloria:
Com pouca gente enferma, e trabalhada,
Cousas dignas fará de eterna historia,
E se ha de ver em bronze esculpida
Malaca por Furtado defendida.

CXXXI.

Agora olha esses dous, que em outra idade
Poriaõ Roma, e Grecia entre as Estrellas;
Porém já lhe prepara a eternidade
Lugar, aonde seraõ luzes mais bellas:
Hum por entre a sulfurea tempestade
Da artelharia de Holandezas vellas,
Soccorre a fortaleza em males posta,
Este invicto será Fernaõ da Costa.

CXXXII.

CXXXII.

Eſſoutro, que acaudilha altos guerreiros,
Que os vinte e ſinco ſe diráõ da fama,
Lhe valerá nos tranſes derradeiros,
Rompendo tanto imigo, e ardente chamma:
Eſſe exemplo ſerá de cavalleiros;
E, para que ſaibais como ſe chama,
Varaõ, que ha de gozar taõ alto eſpirito,
Joaõ Rodrigues Camello ſerá o invito.

CXXXIII.

Eis Dom Martim Affonſo, que animoſo
O vem a deſcercar, ó dura ſorte!
Quanta eſperança, o Jovem generoſo
Ha de atalhar intempeſtiva morte.
Chore o Téjo teu fado rigoroſo,
Que a ter mais larga vida, o Caſtro forte,
Do graõ Dom Joaõ de Caſtro as acçoẽs claras,
Emulo de ſuas glorias imitaras.

CXXXIV.

Dizendo aſſi, de porfida coluna
Reſplandecente, e forte eſcudo alcança,
No campo delle via-ſe a fortuna
A hum cavalleiro dar eſpada, e lança.
Sahir moſtrava o Sol lá da aurea cuna,
Que, por dar luz ao mundo, naõ deſcanſa,
No cerco varios caſos eſculpidos,
No abyſmo do ſegredo inda eſcondidos.

CXXXV.

Toma efte (diffe) bellico trofeo,
Para ti ha muitos feculos guardado,
Em que entalhou o fabio Alphizebeo
Succeffos, que antevio no Lufo eftado.
Moftra murchar-fe o que antes floreceo,
E tornar a dar luz fogo apagado,
Que affi a Phenix das já cinzas frias
Mais bella a renovar torna feus dias.

CXXXVI.

Olha a grande Cidade populofa,
Mas tyrannicamente poffuida,
Atenuada, trifte, laftimofa,
No ultimo fufpiro, e defpedida:
E quando mais affliĉta, e mais chorofa,
E de infandos fucceffos affligida,
Ficar num dia livre, alegre, e bella
Em nome do fenhor natural della.

CXXXVII.

Eis vem o grande Rei do Ceo guardado
Para o fer da mais alta Monarchia
Bufcar o povo leal, de que he acclamado,
Que o recebe com vivas, e alegria:
Qual após da tormenta o Sol dourado
Aos coraçoẽs valor dando, e oufadia,
Apparece de Ulyffes na ribeira
Num cavallo nadante de madeira.

CXXXVIII.

CXXXVIII.

Vês logo ſucceder varios conflitos,
Coalhar lenhos o mar, tropas a terra,
Aſſaltos, e recontros infinitos,
E ſucceſſos de larga, e dura guerra:
Cobrar de novo, e alargar diſtritos,
Futuras glorias, que inda agora incerra
Favoravel celeſte movimento,
Que naõ penetra humano entendimento.

CXXXIX.

Olha que armado o valoroſo peito
De fé ſanta, firmiſſima loriga,
Vai reſtaurando tudo o que ſogeito
Tyranniza de Chriſto a gente imiga:
Ao Senhor dos exercitos aceito,
Derribará do throno a ſerpe antiga;
E debellado o Turco, Perſa, e o Mouro,
Ao mundo tornaráõ idades de ouro.

CXL.

Por elle eſpera ha tanto o ſacro rio,
Em que já ſe banhou Deos humanado,
Que hoje parece chora em largo fio
O injuſto cativeiro dilatado:
Para eſte, que ama Deos por juſto, e pio,
Bem te poſſo affirmar eſtá guardado
Da ſervidaõ livrar injuſta, e dura,
Na graõ Siaõ, de Chriſto a ſepultura.

CXLI.

Neſte vejo cumprir a graõ promeſſa,
Que em Ourique Deos fez ao Rei primeirô,
E que neſte magnanimo começa
Aquelle grande Imperio derradeiro.
Girar os Orbes vejo com mais preſſa
Para chegar o tempo, em que o guerreiro,
Em valor, e prudencia ſem ſegundo,
Que honra ha de ſer do mundo, venha ao mundo.

CXLII.

Em fim neſſe, que vês fatal eſcudo;
Obra de extrema maõ ſabio Vulcano,
Eſtá pronoſticando o lavor mudo
As acçoens do encuberto Luſitano.
Que deſpois de aquietar, e livrar tudo
Da tyrannia, e jugo Caſtelhano,
A empreza conſeguindo mais preclara,
Coroa Imperial ſe lhe prepara.

CXLIII.

Por elle moſtra que ſeraõ ditoſas,
Seculos mil, as praias Luſitanas,
Alcançando vitorias taõ glorioſas,
Que em muito excederaõ acçoẽs humanas.
Mil vos moſtrará palmas glorioſas,
Que faraõ eſquecer Gregas, Romanas.
Mas a Aurora, que as trévas já deſata,
Subir no carro quer de fina prata.

CXLIV.

CXLIV.

Importa que na armada eſtejais antes,
Que de todo recolha a noite o manto;
E que as aves, que saõ do dia amantes,
A nova luz celebrem com ſeu canto.
Dizendo aſſi, das ſalvas rutilantes
Os dous ſe acharaõ fóra, com eſpanto
Do cavalleiro, donde o mar quebrava
A viſta do batel, que os eſperava.

LI-

LIVRO XI.

ARGUMENTO.

ABreu movendo contra a ponte ouſado,
Na força do combate ardente bala
Lhe leva a lingua, e os dentes, e esforçado
Mais nome ganha, quando perde a ſala.
Na ponte o claro Affonſo havendo entrado
Moſtra, que a ſeu valor nenhum ſe iguala;
A maõs do illuſtre Sá Solimaõ morre;
Geinal, a Infanta a quem amou ſoccorre.

I.

JA' a nacida na eſcuma ſó via,
Quando ao grande Albuquerque Etol nar-
Os apparatos bellicos, que ordia (rava
Mahomed contra o aſſalto, que eſperava,
Com que o deſejo, que no peito ardia
Do ſabio Capitaõ, ſe accelerava;
Que, vendo que o tardar era danoſo,
Prudente logo ordena cuidadoſo.

II.

Mandou ao forte Abreu que guarneceſſe
De gente, artilharia, e de arrombadas
O junco bravo, e nelle ſe pozeſſe
Sobre a ponte, e inimigas eſtacadas.
Para que o bronze ardente defendeſſe,
Serem outras de novo fabricadas;
Até ſaõs os feridos, pôr o peito
A' Cidade, outra vez com duro effeito.

III.

Tinha' na eſtreita barra o fundo rio
Hum baixo, que a paſſagem impedia
Nos menores influxos ao navio,
Que á grandeza das fuſtas excedia;
Mas nos maiores, com algum deſvio,
Sobir o maior lenho bem podia:
O guerreiro o lugar honroſo eſtima,
A conjunçaõ aguarda, aos ſeus anima.

IV.

Logo que vê do Sol a irmã rotunda,
O maior Capitaõ ante ſi chama
Todos os Capitaẽs, e com facunda
Lingua em deſejo bellico os inflama:
Varoẽs illuſtres, cuja fama inunda
Des donde cá primeiro o Sol derrama
Seus raios, até lá donde canſado
Se entrega ao mar de Ulyſſes navegado:

V.

Chegada he a occaſiaõ, que nos convida
A dar a eſta obra fim, que entre as maõs temos.
Pintaõ calva a occaſiaõ; e mal perdida,
Mui tarde, ou nunca mais a cobraremos:
Ao raio na primeira arremettida
Imitando, o poſſivel excedemos;
Porém, quanto atégora trabalhamos
Será em vaõ, ſe Malaca naõ ganhamos.

VI.

VI.

Se naõ, conſiderai qual foi o fruto,
Que ſeguio a Annibal de tanta guerra:
Rendeo Scipiaõ Carthago, eterno luto
Ficou por elle na Africana terra:
Quanto em dez annos fez o Grego aſtuto,
Que a gente no fatal cavallo encerra,
Mais que gloria lhe fora afronta clara,
Se Troia com ſeu muro em pé ficara.

VII.

A noſſo Deos ſervimos, dilatando,
Na que hoje he terra imiga, ſua lei ſanta;
Erros abominaveis diſſipando,
Que perſuade o Inferno a gente tanta:
Servimos noſſo Rei, acrecentando
Sceptros ao ſceptro, que Infieis eſpanta;
E a Lisboa Malaca, eſcala rica
De quanto entre o Mar roxo, e China fica.

VIII.

Em fim devemos ver o fim da empreza,
Que viemos buſcar, mares rompendo
Incognitos, chêos de aſpereza,
Rigoroſas tormentas padecendo:
Com cauſa o mundo julgará fraqueza
Largar o que rendido eſtamos vendo:
Veja o Oriente, como já tem viſto,
Que pellos poucos ſeus milita Chriſto.

IX.

Pello que, posta nelle a confiança,
Co a nova luz o assalto dar desejo:
Rompaõ-se inconvenientes; que a tardança
As mais das vezes ser danosa vejo:
Será posta nos Ceos certa a esperança:
A fé de Josué agora invejo;
Que quem com fé taõ alta commettera,
Tudo para vencer lhe obedecera.

X.

Disse. E conformes todos approvaraõ
Do forte Capitaõ o nobre intento:
Para os boiantes troncos se tornaraõ,
Por dar a tudo inteiro cumprimento:
A noite apercebendo-se gastaraõ;
E, vindo a Aurora, o bellico instrumento,
Que usou Misseno, causa de sua morte,
Deu sinal, despertando a gente forte.

XI.

Respondendo ao guerreiro som, feriraõ
Logo mil vivos gritos as Estrellas,
Que da mór luz vencidas encobriraõ
Naquelle mesmo ponto as luzes bellas.
Na Cidade os inimigos repetiraõ
O medonho clamor éco as querellas
Da turba feminil, que o rumor crece:
Tornar ao mundo o antigo chaos parece.

XII.

XII.

Da armada logo ſahem o mar abrindo
Os ligeiros bateis co a forte gente,
A'quelle ſignal bellico acodindo,
Que accende o brio ao coraçaõ valente:
Logo Albuquerque o aſſalto repartindo,
O Junco abalar manda, que eminente
Entre os bateis armados parecia
Caſtello, que imperando-os ſe movia.

XIII.

Seguiaõ pello liquido elemento
Pouco a pouco os bateis o lenho armado;
Qual pello prado vagaroſo armento
Segue o ſoberbo touro naõ domado:
Eis que ſobre elle chovem cento a cento
Pilouros, que abrem hum, e outro coſtado;
Elle tambem de ſi deſpede raios,
A Jáos, e Rumes ultimos deſmaios.

XIV.

Neſta de fogo tempeſtade horrivel
Crecendo a lavareda, acabaõ vidas,
E Abreu ferido, qual Leaõ terrivel,
Muito mais ſe embravece com as feridas.
Valor, e exemplo aos ſeus dava invencivel
Deſprezador dos tiros homicidas,
Quando huma bala, afronta, e horror de Marte,
Lhe leva os dentes, e da lingua parte.

 XV.

XV.

Ficou disforme o que era gentil rosto,
Mas na disformidade a gintileza,
(Que mais se ama na opiniaõ do gosto,
Que do valor a formosura preza)
Naõ larga Abreu o perigoso posto,
Que incapaz do temor morte despreza:
Porém o sangue falta, as dores crecem,
E as forças pouco a pouco desfalecem.

XVI.

Manda Albuquerque a Mello em continente
Por successor do Capitaõ ferido,
Por companheito o aceita o heroe valente,
Mas o lugar naõ deixa embravecido:
E des que o douto Elysio diligente
Remedio applica ao dano recebido,
Bem mostra ao imigo na gloriosa mingoa
Que lhe sobejaõ maõs, se falta a lingoa.

XVII.

E porque o mar a recolher tornáva
As agoas fluctuantes, que expellira;
O Junco, que á ponte naõ chegava,
Faz que o dente tenaz na arêa fira.
Em tanto o horror do Inferno retratava
O fogo, o fumo, a confusaõ, a ira,
O espantoso rumor da artilharia,
A multidaõ de gritos, que se ouvia.

XVIII.

XVIII.

Gastado o dia na aspera contenda,
A noite perigosa se começa,
Taõ medonha em tudo, e taõ horrenda,
Que naõ sei se ha quem medo naõ conheça:
Traça o Rei como ao junco fogo se accenda
No tempo que a nocturna maré deça;
Para o que o barco a barco prender manda,
Que o rio tomaõ d'huma, e outra banda.

XIX.

Estes com lenha banhada em pez, que ardendo,
Com a minguante da maré deceraõ,
Fazendo a horrivel noite dia horrendo,
De que as Celestes luzes se esconderaõ:
Tanto contrario fogo os Lusos vendo,
Naõ ousarei dizer que naõ temeraõ;
Porém co sempre usado valor logo
Nos bateis vaõ a contrastar o fogo.

XX.

Com tenazes arpeos as accendidas
Balças remando apartaõ do navio;
Mas á custa de muito sangue, e vidas
De alguns, a quem foi tumba o fundo rio:
Offerecia aos tiros homicidas
A' luz do fogo aquelles, que com brio
Honroso o contrastavaõ, gente forte,
A quem naõ fez torcer o rosto a morte.

XXI.

XXI.

Livres deste perigo, a crecer torna
A maré fluctuando, e juntamente
A filha de Hyperion a porta adorava,
Por donde Apollo sahe do claro Oriente:
Rico orvalho em perolas entorna
Sobre o fero Nemeo resplandecente,
Que dos solares raios abrazado,
Da terçãa esquecido ruge irado.

XXII.

Com a nova maré ferro levanta
O branco junco, e a ponte imiga afferra,
E com a furia, que ao imigo espanta,
Dos bateis juntamente o esquadraõ cerra:
Lima, que dos primeiros se adianta,
Pegado ao junco dá principio á guerra:
Ferozes os imigos se defendem,
E quanto podem intrepidos offendem.

XXIII.

Sobem Lima, e Garcia em competencia:
Sobre elles pedras dardos, frechas decem;
Mas qual dous montes firmes á violencia
De feras tempestades, permanecem:
Chegando assima encontraõ resistencia
Maior, que ao seu encontro se offerecem
Malano cos Darús, que acaudilhava,
E Rostacaõ, que a plebe governava.

XXIV.

XXIV.

Porém Garcia, que já a ſeu deſgoſto
Na defendida ponte os pés puzera,
Bem do eſcudo cuberto o peito, e roſto,
Eſgrime contra os dous a eſpada fera:
Lima no meſmo ponto ſobe ao poſto,
E da ponte ſenhor ſe conſidera;
Naõ menos os Pagaõs de ſi fiavaõ,
E dar-lhes logo fim tambem cuidavaõ.

XXV.

Huns dos outros recebem golpes duros,
Crecendo a turba de huma, e outra parte:
O pó, o fogo, e fumo os ares puros
Perturba, e ſó já ſe ouve o ſom de Marte.
Treme a terra, o mar brama, e nos eſcuros
Apoſentos da morte ſe reparte
O furor, onde blasfemando decem
As almas dos Pagaõs, que alli perecem.

XXVI.

Do junco já tambem com leve ſalto
Se tinhaõ Mello, e Abreu lançado á ponte,
Contra quem acodindo ao duro aſſalto
Eſtava Solimaõ já fronte a fronte:
Por outra parte já ſobira ao alto
Coutinho, e tinha morto ao fero Ormonte,
Que com ſoccorro de Bintaõ chegara,
Deixando em triſte pranto a eſpoſa cara.

XXVII.

Sobem Dom Joaõ de Soufa, hum,e outro Andrade:
Mas ao valente Arnaldo, que os feguia,
Cortou o fio da florida idade
Parca ferrea, que ardente o ar fendia:
Do junco nefte tempo tempeftade
De fogo, fettas, lanças decendia
Sobre a multidaõ barbara, huns matando,
Outros ferindo, e aos mais acobardando.

XXVIII.

Porém igual em tudo eftava a forte
Sem que refoluçaõ tomaffe Marte,
Quando fobindo Affonfo bravo, e forte
Se vio das Quinas Santas o Eftendarte:
Como fe viraõ nelle o rofto á morte,
Perderaõ os Pagaõs o esforço, e arte;
E quanto valorofos refiftiraõ,
Já faltos de valor as coftas viraõ.

XXIX.

Correndo os fegue a Lufitana gente,
Quanto encontra arruinando, e desfazendo,
Qual fohe no Inverno a rapida corrente
Arrancar penhas, plantas fovertendo:
Irofo Solimaõ, rocha eminente,
Ou novo Horacio, aquelle curfo horrendo
De ter cuida, dez lanças fe romperaõ
Juntas nelles, e movello naõ puderaõ.

XXX.

XXX.

Elle intrepido aqui, e alli lança,
Qual dos Monteiros duros rodeado
Tigre ferós, que por tomar vingança
Em lugar de fugir, remete ouſado.
De alto abaixo a cabeça a Nuno alcança,
Que nelle tinha o eſtoque já quebrado;
E fendendo o até os dentes a homicida
Eſpada, deixa ao miſero ſem vida.

XXXI.

Após Nuno a Fernando abre no peito,
Do vital humor fonte caudaloſa;
Por onde a alma apreſſada deixa o eſtreito
Carcere humano, e ſobe a ſer ditoſa:
Vendo iſto Mello, iroſo, e com deſpeito
Contra elle move a eſpada rigoroſa;
E tal golpe lhe deu em deſcuberto,
Que fora pouco aver hum monte aberto.

XXXII.

Porém a concha da Egypcia fera,
A quem guarnecem pranchas de aço fino,
Reſiſte mais, que reſiſtir pudera,
Quando fora de hum ſeixo diamantino;
Mas do golpe, que o Caucaſo rompera,
Quaſi fica o Pagaõ fóra de tino;
E foi dando traſpês até affirmar-ſe,
E formidavel torna por vingar-ſe.

XXXIII.

Mas ordenou de Mello a amiga ſorte,
Que Gerardo com animo atrevido
Entre elle ſe metteſſe, e o Pagaõ forte,
Que levemente delle foi ferido:
Anticipou-lhe o atrevimento a morte,
Que a duas maõs o imigo embravecido
A eſpada toma, e de alto a baixo o fende,
E, quaſi feito dous, em terra o eſtende.

XXXIV.

Naõ acobarda o golpe rigoroſo
A Chriſtãa gente, antes accende em ira;
E de offendido o Turco generoſo,
Já mais repara, do que a golpes tira.
Porém talvez, qual javali cerdoſo,
Que retirando-ſe aos libreos ſe vira,
Faz roſto, e a ferir torna com braveza,
E dos imigos o valor deſpreza.

XXXV.

A ferir o naõ torna o invicto Mello
De Aranteo eſtorvado, rigoroſa
Sorte, e grande valor a ſoccorrello
O trazem, onde o eſperava a parca ira.
Fere o Chriſtaõ guerreiro ao filho bello
De Alcifira, de ponta, e a luminoſa
Eſpada, o arnez falſando, entrou lá donde
O alento vital o peito eſconde.

XXXVI.

XXXVI.

Cahe morrrendo entre os mortos, eclypſadas
As luzes bellas, murchas freſcas roſas,
Já de mil bellas damas invejadas,
Que em flammas accenderaõ amoroſas:
Livres da ponte em tanto as eſtacadas
Deixa o Lima, e Garcia, as numeroſas
Tropas de imigos ante ſi levando,
Malano, e Roſtacaõ mortos deixando.

XXXVII.

Cahe o bravo Malano, a altiva fronte,
Por Garcia até os olhos dividida;
E Roſtacaõ, por Lima ao mar da ponte
Aberto o peito, dando em ſangue a vida.
O fero Solimaõ, movivel monte,
Amparando os Malayos, a homicida
Eſpada eſgrime, após de ſi trazendo
De armadas gentes hum diluvio horrendo.

XXXVIII.

Tornaõ vendo valor tanto a ajuntar-ſe
Contra as Luſas eſquadras as contrarias,
E com novo furor tornaõ a dar-ſe
Com diverſas feridas mortes varias:
Forças apuraõ por avantajar-ſe,
Que alli lhe ſaõ mais que a arte neceſſarias;
E em quanto dura o bellicoſo brio,
Mais que agoa, leva ſangue o fundo rio.

XXXIX.

Geinal a Ardonio, que fogia, alcança,
E de fera eſtocada em terra o eſtende;
Quer temerario Argeo dar-lhe vingança,
Porém ſua morte o miſero pertende:
Deſvia-lhe Geinal com eſcudo a lança,
E de horrendo altabaixo ao triſte fende
A barbara cabeça, em vaõ armada
Contra tal braço, e bem regida eſpada.

XL.

Abdelá, que já a dextra luz perdera
No paſſado conflicto, deixa o leito
Bramando, por fartar a ſede fera,
Que de ſangue Chriſtaõ lhe abraza o peito:
A Fernando, e Mattheus á morte dera,
Que encerrou juntos hum materno eſtreito,
Juntos do mundo a luz primeira viraõ,
Juntos a ver a eterna luz partiraõ.

XLI.

Soberbo deſtas mortes ſe imagina
Pella fama ſubir ao immortal cume;
Mas a lança de Abreu, modeſtia enſina,
Tirando-lhe o ſegundo ocular lume.
Ferillo, vendo-o cego, ſer indigna
Façanha ao ſeu valor o heroe preſume;
E o triſte deixa com furor interno,
Eſgrimidor ſem luz, nau ſem governo.

XLII.

XLII.

Quiz Rajú retirallo compaſſivo
Por ſeu mal, porque o cego conſidera
Do Luſitano bando, e fero, e eſquivo
Pella viſta lhe lança a eſpada fera:
O Pagaõ já meio morto, vingativo
Co ſubito furor, que concebera,
Mêa eſpada deixou nelle eſcondida,
E cahem ambos ſem viſta, ambos ſem vida.

XLIII.

Encontra-ſe Ragois co forte Lima,
De quem Carol aſtuto ſe eſcapara:
Ao duro encontro ao graõ Pagaõ ſe anima,
Mas bem tanta ouſadia compra cara:
Porque o Chriſtaõ guerreiro, a quem ſublima
O Ceo, depois que firme ſe repara
Contra elle, ira brotando ſe arremeſſa,
E do peito ás eſpadoas o atraveſſa.

XLIV.

Sahida abrindo ao ſangue o ferro duro,
Lhe foi cobrindo a viſta, ſombra eterna,
Deixa o cadaver frio, foge o ar puro
A' rebelde alma, e dece a graõ caverna:
Solimaõ era em tanto dos ſeus muro,
E o Principe Aladino, que governa
A Malaya nobreza, tambem corre
Aquella parte a tempo, que o ſoccorre.

XLV.

XLV.

Ao Principe valente os Pagaõs vendo,
O acclamaõ levantando grito horrivel:
Elle envolto em furor, fero, e tremendo,
Se offerece ante todos invencivel:
Logo ſeu velho pai, raiva vertendo,
Traz elle chega, e faz mais do poſſivel
A decrepita idade, e longos annos,
A que eſtavaõ guardados tantos danos.

XLVI.

Aqui eſteve em ſeu ponto largo eſpaço
O rigor, e crueldade da batalha:
Repreſenta Aladin hum monte de aço,
E tudo, quanto encontra, rompe, e talha.
Da outra parte ao Pagaõ impede o paſſo
Coutinho, que tambem abre, e deſmalha.
O Sol perde a côr, vendo o encontro duro,
A terra treme, e treme o centro eſcuro.

XLVII.

Nunca Eſteropes, Pyracmon, e Brontes
Com furia tal, a çafra de Vulcano
Golpeando, gemer fizeraõ montes,
Como os dous por chegar-ſe a extremo dano:
Por força inclinaõ as altivas frontes
Aos golpes (que miniſtra o odio humano)
Em favor de Aladin: crecem Malayos,
E de Coutinho Luſitanos raios.

XLVIII.

XLVIII.

Alli ſe ajuntaõ de huma, e d'outra parte
Dos dous imigos bandos os mais fortes,
Repartindo igualmente o favor Marte,
Mas com varios ſucceſſos varias ſortes.
Na igualdade cruel de esforço, e arte
Infinitas, e varias ſaõ as mortes,
E infernal confuſaõ era aos ouvidos
Eſtrondos, vozes, gritos, e gemidos.

XLIX.

Neſte tempo do Sol a luz cobria
Nuvem de pó, e de fumo, a que ajudavaõ,
Dando vitorias mil á morte fria,
Tiros, que de huma parte, e outra voavaõ.
O bellicoſo eſtrondo enſurdecia,
Os mortos paſſo aos vivos eſtorvavaõ,
E entre confuſaõ tanta o Sá famoſo,
Raio, vibrando a eſpada, era eſpantoſo.

L.

Com Solimaõ ſe achou peito com peito:
Daõ-ſe os dous feros, com furor violento
Inimigos mortaes, a braço eſtreito,
E fogo exhalaõ com apreſſado alento:
Tivera cada qual por ſi desfeito
(Quando arrancado naõ do firme aſſento)
Entre os braços hum monte, e na dureza
Igual dos dous ſe via igual firmeza.

LI.

Forcejando tres vezes, intricadas
Voltas daõ, logo tornaõ a firmar-ſe,
Travaõ-ſe pés com pés, e co as uſadas
Tretas ſe afaſtaõ, para mais juntar-ſe.
Até que, bem as forças apuradas,
Procura cada qual do outro lotar-ſe,
Já que hum ao outro em fim deſembaraça,
A fera eſpada aperta, o eſcudo embraça.

LII.

A ferir ſe anticipa o Turco irado,
E de alto a baixo golpe horrendo tira,
Acha a eſpada a Garcia reparando,
Mas duro effeito faz immenſa ira:
O groſſo eſcudo parte, e o temperado
Arnez, e no hombro eſquerdo fere, e tira,
(Bem que leve ferida) em copioſa
Vêa ſanguino humor com dor penoſa.

LIII.

Crece com a dor a ira, a ira augmenta
A força do guerreiro ſoberano,
E na cabeça ao Turco fero aſſenta
Duro golpe, que o chega a extremo dano:
Naõ pode á furia reſiſtir violenta
A concha do que finge o choro humano;
Chega fendendo ao caſco a eſpada eſquiva,
De liquido carmin ſahe fonte viva.

LIV.

LIV.

Da ferida o Pagáõ no peito iroſo
Furia de novo concebeo tremenda,
E eſpantoſo trovaõ, raio furioſo,
De golpes fórma tempeſtade horrenda:
Com naõ menos furor o Sá famoſo
O fim procura da aſpera contenda,
A arte dando, quanto ao furor parte
Mais o Turco ao furor, menos a arte.

LV.

Intempeſtivos golpes mil diſpende,
Que o menor hum penhaſco partiria;
Mas Garcia, que aquella furia entende,
Alguns rebate, e de outros ſe deſvia.
Hum golpe, que nos ares fogo accende,
Paſſar deixa, e da eſpada a ponta guia;
Mettendo o corpo, e pés, e a fronte irada
Foi do ferro homicida penetrada.

LVI.

Purpurea corrente aos olhos dece
Da ferida cabeça, e ao Pagaõ cega:
O guerreiro Chriſtaõ, que aſſi o conhece,
Melhor os golpes, e a ſeu ſalvo emprega.
Solimaõ, que ſua morte reconhece
A que a falta do ſangue, e viſta o entrega,
Ardendo em ira intrepido imagina
A vingança alcançar com ſua ruina.

LVII.

Corre braços abertos uſſo irado,
E de novo co forte imigo cerra,
Dizendo: Acabarei, porém vingado;
Vamos no mar dar fim á noſſa guerra.
Iracundo, do invicto Sá travado,
Precipitar-ſe intenta; e em tanto a terra
Co proprio ſangue alaga, que, decendo
Das feridas formava rio horrendo.

LVIII.

Reſiſte-lhe Garcia o fero intento,
E firme o aperta, e opprime ſua braveza:
Perde o ſangue o Pagaõ, co ſangue o alento,
Porém naõ perde a natural fereza.
Faltaõ as forças, naõ furor violento;
O vencedor, e a morte, e o Ceo deſpreza,
E qual co a dor raivoſo o aláõ coſtuma,
Lançaõ os olhos fogo, a boca eſcuma.

LIX.

Em fim á terra vai torre eminente,
E o forte vencedor leva comſigo,
Vira ao eſtrondo a Pagãa, e a Chriſtãa gente,
E Garcia ſe vê em mortal perigo:
Que o Principe Aladino impaciente
Por ſoccorrer, e por vingar o amigo,
Sobre elle vai vibrando a ardente eſpada;
Mas Coutinho ſe oppoem á morte irada.

LX.

O eſcudo forte deu ao golpe duro,
E mil ſe tiraõ em igual batalha
Em tanto, que Garcia mal ſeguro
Por ver o fim de Solimaõ trabalha.
Abre largo caminho ao fado eſcuro,
Por junto ao paladar rompendo a malha
Com agudo punhal; e inteira palma
Alcança; e dece ao abyſmo a feroz alma.

LXI.

Morto o Turco valente, as coſtas deraõ
As catervas Pagãas deſordenadas.
Grita, ameaça Aladin: mas naõ valeraõ
Injurias, reprenſoẽs ao vento dadas.
De Tayde, Alli, e Batraõ o ſoccorreraõ,
Fazendo heroicas provas, e arriſcadas:
Salva-ſe o fero Principe da morte,
Mas alcança a Batraõ a adverſa ſorte.

LXII.

Em quanto de Coutinho ſe repara,
De entre a turba commum frecha ſe tira,
Que rigoroſa, abrindo o peito, para
Junto donde a de amor de amor ſentira.
Turbando-ſe os olhos, perdem a luz clara,
E no ultimo ſuſpirar de amor ſuſpira;
Que pronunciar naõ pode o nome amado,
Já dos mortaes ſoluços atalhado.

LXIII.

Salvar de Tayde em tanto pode a vida,
Acompanhando o Principe furioso,
Que, dos seus vendo a barbara fugida,
Se retira, do justo Ceo queixoso.
Naquella parte o Rei apercebida
Tinha a sulfurea mina; e cauteloso
Aguarda que o Principe passasse,
E nella a Lusitana esquadra entrasse.

LXIV.

Davaõ os vencedores no perigo;
Mas advertido o Capitaõ prudente
Do sabio Etol, naõ quiz seguir o imigo,
E deter manda a vencedora gente:
Pára á vista do Rei, que já comsigo
Vê poucos, e temor no peito sente;
E, trocado o furor em sentimento,
O posto deixa, e muda pensamento.

LXV.

Em quanto daõ lugar desbaratadas
As esquadras imigas, fortifica
Affonso a ponte; grossas estacadas,
Antes muro fortissimo fabrica.
Contra as ruas de imigos occupadas
A artilharia alli ganhada applica,
Que mortes rigorosas disparava,
E excelsos edificios derrubava.

LXVI.

Apollo ardentes ſettas deſpedia
Des do Zenit em tanto contra a terra,
E mais, que a dos imigos, offendia
Aos Luſitanos a Celeſte guerra:
Tudo co ſolar fogo ſe accendia;
Nas entranhas o vicio ardor ſe encerra
Daquelles, a que fere ſem defenſa
Do planeta maior a flamma immenſa.

LXVII.

Sente dos ſeus o Capitaõ as penas;
E, para dar remedio a afflicçaõ tanta,
Das naus manda trazer vélas, e entenas,
E contra a ardente luz toldos levanta:
Qual ſohe ao caminhante nas amenas
Ribeiras do Mondego a verde planta,
Quando Phebo no Cancro reverbera,
Tal aos de Luſo a ſombra refrigera.

LXVIII.

Porém, como os imigos irritados
Ultimas forças, e ultima eſperança
Provar quizeſſem, ou deſeſperados
Tornaſſem a morrer polla vingança;
Contra elles manda Affonſo aos esforçados
Paiva, Caldeira, e Jaime, que deſcança
Co trabalho, buſcando o amado objeito,
Que tanto fogo lhe accendeo no peito.

LXIX.

LXIX.

Com Soufa, Caftelbranco, Abreu, Andrade
Mandou outro efquadraõ, que foccorreffe
O primeiro em qualquer neceffidade,
Que o cafo bellicofo offereceffe.
Sahem os de Lufo, e fuppre a quantidade
O valor, que em qualquer delles florece.
A recebellos fahe o imigo bando,
Os Ceos puros com gritos penetrando.

LXX.

Na vanguarda Geinal aventureiro,
Com Lémos, e Coutinho competia;
E Jaime, de amor vaõ forte guerreiro,
Bufcava aquelle bem, que naõ havia.
Já falto de efperança o cavalleiro,
Affi feu penfamento reprendia;
Que fruto de meu largo mal efpero,
Se huma fonhada formofura quero?

LXXI.

Sigo (moftra-o a razaõ) hum claro engano,
Que he o que minha efperança folicíta?
Oh de monftruofo amor immenfo dano,
Dor, que tem de infernal fer infinita!
Mais, que meu mal, já temo o defengano,
E ferá a liberdade mór defdita;
Que he tanto a grave dor de mim querida,
Que ao ponto que faltar, faltará a vida.

LXXII.

LXXII.

No penſamento amante aſſi diſcorre,
E o acia calado ferro eſgrime : em tanto
Gente infinita da Malaya morre,
Que obſtinada contraſta valor tanto.
De ſangue caudaloſo rio corre
Pella Cidade, que ſe involve em pranto;
E des que a terra inunda triſtemente,
Da cor paga tributo ao graõ Tridente.

LXXIII.

Mata o forte Caldeira a Sarcamante,
E Coutinho até o peito fende a Ormonte,
Que imprudente com animo arrogante
Ouzou accommettello fronte a fronte:
Aſſombra os Pagaõs golpe ſemelhante;
Já naõ receaõ que o fogir afronte;
As coſtas daõ aos fortes vencedores,
Que os vaõ ſeguindo com mortaes rigores.

LXXIV.

Seguindo os inimigos fogitivos
Teixeira, Lémos, e Geinal chegaraõ
Onde piedoſo amor, fados eſquivos
No bellico theatro ſe ajuntaraõ:
Fogia os vencedores vingativos,
(Fontes os olhos, que almas abrazaraõ
Entre a feminil turba temeroſa
Del Rey de Paõ) a mal guardada eſpoſa.

LXXV.

Na viſta fere do Pacém valente
O raio da affligida formoſura;
Arder o antigo fogo na alma ſente,
Que de cinza cobrira ſorte dura.
Furioſo amante, a vida impaciente
Já pella bella amada dar procura;
E, antes que cheguem a fazer-lhe offenſa,
Se emprega, e ſe aventura em ſua defenſa.

LXXVI.

Diſſe: Conhecido tens, ſenhora,
O eſpoſo, que eſcolheſte; o deſprezado
Conhecerás com minha morte agora,
Poſto que até o morrer me nega o fado.
Em quanto aſſi dizia, a cortadora
Eſpada vibra; e em quanto fero, e irado
Detem a eſquadra Luſa, a bella Infanta
Num elefante ſobe, e ſe adianta.

LXXVII.

Jaime, e Lémos, que tarde conheceraõ
A mudança do barbaro atrevido,
Iracundos contra elle ſe moveraõ,
E duramente foi delles ferido.
Perdera o triſte a vida, e feneceraõ
Vaõs cuidados; mas, ſendo ſoccorrido
De Aladin, e Detaide, a morte a palma
Perde, e elle ſegue quem lhe leva a alma.

LXXVIII.

LXXVIII.

Aladin com Detaide ſe retira,
Tambem á ſorte irada obedecendo;
O peito fogo, fogo a viſta eſpira,
A traz por muitas vezes revolvendo.
Tal o acoſſádo touro, ardendo em ira
Contra os feros libreos virando horrendo,
Cos fortes córnos dividindo o vento,
Accende os ares ſeu fogoſo alento.

LXXIX.

Neſte tempo, a Malayos rigoroſo,
A recolher a tuba Chriſtãa ſoa:
Ao ſinal obedece o vitorioſo
Eſquadraõ, bem que a muitos n'alma doa.
Do Ceo em tanto o injuſto Rei queixoſo,
Do grande Imperio ſeu perde a coroa;
E em toda a parte triſtes, e infinitos
Dava o miſero povo ao vento gritos.

LIVRO XII.

ARGUMENTO.

ENtre tiros mortaes Glaura, atrevida
Amante, o morto eſpoſo buſca, e chora;
E de huma aguda frecha mal ferida
Ditoſa ſó na morte a Chriſto adora.
Armaõ-ſe os inimigos pondo a vida,
Por ver ſe a ſorte ſua ſe melhora.
Ajuda o Ceo o Luſitano Marte,
E vencedor arvora o alto eſtendarte.

I.

O Ceo lumes piedoſo preparava
A' pompa funeral do morto dia;
E, quanto o graõ planeta alumiava,
De negras veſtiduras ſe cobria.
Malaca o ſentimento acompanhava
Co triſtiſſimo pranto, que ſe ouvia
Em toda a parte, onde offerece a ſorte
Em triſteza, e horror raſtos da morte.

II.

Neſte tempo do mar para a Cidade
Com horriſono eſtrondo deſpediaõ
Huma de mortes fera tempeſtade,
Que aos miſeros Malayos conſomiaõ:
Elles tambem immenſa quantidade
De mortiferos tiros diſpendiaõ
Nas tranqueiras Chriſtãas, que á contrapoſta
Cidade tornaõ aſpera repoſta.

III.

Naõ pára a Marcial procella horrenda
No difcurfo da noite perigofa,
Das Eftrellas naõ vifta mais tremenda,
Nem a triftes mortaes mais efpantofa.
Semelhante era áquella da contenda,
A Teucros infelices pavorofa,
Quando, aquentando os orbes ferós chamma,
A terra fe eftremece, o Ceo rebrama.

IV.

Entre os incendios, Marciaes fracaços,
Os prantos feminís triftes fe ouviaõ;
E cos filhinhos tímidas nos braços,
As mais adonde foffem naõ fabiaõ.
Com os curtos, mas apreffados paffos
Da infaufta Cidade outras fahiaõ,
Fugindo da violencia do inimigo,
Bufcando da intricada ferra o abrigo.

V.

Affonfo invicto, quando mais canfado
(Prudente Ulyffes, Argos vigilante)
As vigias provê; e em fi o cuidado
Da ronda fobre as guardas importante:
Toca a véla da prima ao defvellado
Jaime, de hum fonho vaõ guerreiro amante,
Que, elevado em feu trifte penfamento,
Acrecenta a hum tormento outro tormento.

VI.

VI.

Naõ paſſa hora, em que o miſero naõ gema,
E a lamentar a lingua naõ deſate,
Suſpirando infinitas pella extrema
De taõ comprido mal breve remate:
Nem ha mortal perigo, que já tema;
A amor ſó teme, a amor ſe humilha, e abate;
E a amor, quando o Sol parte, e quando torna,
Deſpojos rende, o ſeu triumpho adorna.

VII.

Etol, que o movimento das Eſtrellas
Obſerva perto delle cuidadoſo,
Os ſuſpiros eſcuta, e vãas querellas,
Que o triſte amante aos ventos dá queixoſo.
Do curſo por entaõ das luzes bellas
Mais naõ trata, e com animo piedoſo,
Com ſuaves razoẽs brando o conforta,
E a dar-lhe parte de ſeu mal o exhorta.

VIII.

Emudece o guerreiro: e quanto alcança
Das ſciencias Etol, traz á memoria;
E em fim conſulta o mal ſem eſperança,
E aquella lhe contou ſonhada hiſtoria.
Cobra (lhe diſſe o ſabio) confiança
Ditoſo poſſuidor de huma alta gloria;
Que a belleza, que ſegues, e que te ama,
A que alcançada tens glorioſa fama.

IX.

IX.

Felice amor, ditoſa adverſidade,
Que he, pizando aſperezas, certa guia
Para os campos, que aſpiraõ ſuavidade
Em primavera eterna, e eterno dia.
Alli conſagra o tempo á eternidade
Quem do caminho do ocio ſe deſvia,
E tanto já trabalhos mereceraõ,
Que entre as Eſtrellas altas ſe puzeraõ.

X.

Tu, que por ſima de aſperezas tantas
Movendo os pés, difficuldades pizas,
Seguindo eſtampas de Divinas plantas
Deſſa, que ſuſpirando ſolemnizas;
Já que entre as fataes azas te levantas
Tanto, que entre as Eſtrellas te eternizas,
O penſamento deixa de ti indigno,
Que eſcurece o que adquires de Divino.

XI.

Jaime o conſelho ouvindo, e deſengano,
Que do rigor da ſorte já eſperava,
Conſidera o remedio de ſeu dano,
E mais, que o dano, já o remedio o aggrava:
Rompe o ſilencio em fim, e diz: Tyranno
Nova invençaõ de mal ſe me guardava:
Sua apparente fórma amou Narcizo;
Eu por ſonhada ſombra perco o ſizo.

XII.

XII.

A quem naő moverá minha deſdita?
Sizifo, ha tanto tempo carregado
De eſperança fallaz com infinita
Pena, do hombro perdida em vaő canſado!
O' vãa, mas bella imagem, na alma eſcrita,
Incendio, que abrazou o mais guardado,
De mim ſerás eternamente amada,
Sejas deidade, ſonho, ſombra, ou nada.

XIII.

Aſſi lamenta da paixaő vencido.
E com graves razoẽs Etol procura
Aſperas, e ſaudaveis, do ſentido
Alheado apartar a nevoa eſcura:
Qual medico gentil, quando affligido
De intrinſeca doença enfermo cura,
Que os remedios applica mais ſuaves,
E, ſe naő ſaő de effeito, uſa dos graves.

XIV.

O' Jaime, diſſe, em ti bem claro vejo
Quanto a paixaő em nós he poderoſa.
Correndo ſegues o teu vaő deſejo;
E a razaő, que te aviſa, te he odioſa.
Se te puderas ver, honrado pejo
A cauſa de teus males vergonhoſa
Culpa julgara; e a dor chegara a tanto,
Que de arrependimento fora o pranto.

XV.

XV.

A amada formofura tens á vifta,
E tua paixaõ cega a defconhece;
O teu alto valor nobre a conquifta,
O teu defejo humilde a defmerece.
Vença a razaõ, e em feu affento affifta:
Naõ dês mais força ao mal, que a alma padece;
Que em quanto vaõ humano amor pertendes,
Offendes-te a ti mefmo, e os Ceos offendes.

XVI.

Na alma as razoẽs difcretas penetraraõ,
E á confideraçaõ caminho abriraõ;
Cuidados differentes começaraõ,
Dos olhos novas lagrimas cahiraõ.
Moderou-fe o defejo, mas ficaraõ
Lembranças, que mui tarde fe extinguiraõ;
Que, fe morre a efperança no cuidado,
Ficaõ memorias vivas do paffado.

XVII.

Em quanto Jaime o defengano fente,
Entre os mortos, da morte, e Ceo queixofo
O cadaver armado infelizmente,
Bufca a que foi de Batraõ amada efpofa.
Mas entre a multidaõ da morta gente,
E confufaõ da noite tenebrofa,
O cuidado amorofo vaõ ficara,
Se a bella face Cynthia naõ moftrara.

XVIII.

XVIII.

Com anſia, que a dor cauſa, levantando
As choroſas Eſtrellas ás Eſtrellas,
Rogos, e vaõs queixumes miſturando,
Aſſi roga, e aſſi aos Ceos manda querellas:
Eternas luzes, que paſſais brilhando
Por Celeſtes caminhos, margens bellas,
Males de amor, e morte já ſentiſtes,
Moſtrai quem morto adoro aos olhos triſtes.

XIX.

Dai-me morto o que vivo me tiraſtes,
E piedoſas de mim ſereis chamadas;
Baſtem os males já, que me cauſaſtes
Tanto tempo em meu dano conjuradas:
Aſſi no claro aſſento, que occupaſtes,
Nunca ſejais de nuvens eclypſadas;
Deixai que chegue a dar-lhe ſepultura,
E o golpe em mim execute a parca dura.

XX.

E tu, que com tres roſtos reſplandeces,
No Ceo, na terra, e lá no eſcuro averno;
Tu, que as plantas animas, e enriqueces
O mar profundo com vigor interno:
Os raios, com que as couſas favoreces,
Communicando teu valor eterno
Eſtende, e moſtrarme entre tantos onde
A eſcura ſombra o morto bem me eſconde.

XXI.

A caſo, qual ſe rogos a obrigaraõ,
A face Delia deſcobrio ſerena,
Primeiro os altos montes ſe moſtraraõ,
Logo a Cidade envolta em ſangue, e pena,
Entre os que valoroſos acabaraõ,
Como daquelle Imperio a ſorte ordena,
Conhece Glaura o já perdido eſpoſo,
Exemplo de valor pouco ditoſo.

XXII.

No amado peito a ſetta vai cravada,
Deſmaia o coraçaõ á dor rendido,
Cahe mais morta em fim, que deſmaiada,
Sobre o que tanto amou, morto marido.
Quaſi da alma fugaz deſamparada,
A falta lha deteve do ſentido,
Tendo ſuſpenſa a dor, e do accidente
Mortal torna, reſpira, atenta, e ſente.

XXIII.

Torna de novo a dar co novo alento,
E lagrimas de novo os olhos deraõ;
Já ſuſpiros o peito manda ao vento,
Com que de novo os ares ſe accenderaõ.
Ao triſte ſuſpirar o ſentimento
Incauto grito ajunta, e dar quizeraõ
Já compaſſivas mais, que rigoroſas,
As parcas fim ás penas laſtimoſas.

XXIV.

XXIV.

Fere o grito no tecto cryſtallino,
E ſoldado ignorante ao vulto tira,
Que por ordem ſecreta do deſtino
O laſtimoſo grito deſcobrira:
A ſetta fere o peito alabaſtrino,
Que para tanto mal amor ferira.
Ais a infelice ao Ceo manda queixoſos,
Bem que, ſe já mortaes, inda amoroſos;

XXV.

E, como póde, a debil voz levanta,
Dizendo: O' vencedora gente forte,
Já comigo piedoſa, e já com tanta
Ira, cauſa cruel de minha morte;
Se entre Marcial furor piedade ſanta
Tem lugar, e permitte minha ſorte,
Pois me nega o poder á morte dura,
Ao Siaõ, e Batraõ dai ſepultura.

XXVI.

De Etol a fraca voz foi conhecida,
Que o valoroſo Jaime aconſelhava,
Porque delle, e de Souſa fora ouvida,
Quando na Ilha deſerta ſe queixava.
Valer lhe ordena; mas, perdendo a vida
Glaura, para as tranqueiras ſe chegava,
Preſaga do felice fim da pena,
Que momentanea morte alli lhe ordena.

XXVII.

Albuquerque as eſtancias viſitando,
A aquella parte chega ao ponto, que ella
A laſtima as Eſtrellas provocando
Da que ſeu mal cauſara, ſe querella.
Elle do lamentar debil, e brando
Se compadece, e manda recolhella.
Abrem do eſtreito alojamento a porta,
E a triſte achaõ entre viva, e morta.

XXVIII.

Faltando do ſangue, que já tem perdido,
Inclinava a cabeça á dor penoſa,
Qual no ramo do tronco dividido
Languida, e triſte pende murcha roſa.
Etol, a quem mais doe o ſuccedido,
O primeiro a levanta: a rigoroſa
Ferida inquire com piedoſo intento;
Ella o ſábio conhece, e toma alento.

XXIX.

Esforçando a voz fraca, differente:
Succeſſo já me prometteſtes, diſſe,
Feliz, tu, ſe a piedade omnipotente
Hoje obrar (lhe reſponde) o que eu prediſſe.
O' ſe eſtiveſſe na Divina mente,
Que o raio do Divino amor feriſſe,
E déſſe luz a eſſa alma, que, hoje cega,
Já quaſi a ponto de perder-ſe chega!

XXX.

XXX.

O' Glaura emendarás erros paſſados,
Confeſſando hum ſó Deos immenſo, eterno,
Que de nada nos fez, e os adornados
Ceos de Eſtrellas, mar, terra, e horrendo Inferno:
Eſte nos redemio, que desherdados
Nos fez do homem primeiro o mao governo;
E, por ſer juſto, e pio, a offenſa dura
Pagou, ſendo Creador, polla creatura.

XXXI.

Pella perdida ovelha ſuſpirava,
E de a trazer aos hombros ſe deleita:
Na vinha paga igual a todos dava;
Que tambem ao que chega tarde, aceita:
Pede agoa, que das culpas, as almas lava;
E preſcita ſerás alma eleita:
Pede, confia, crê, ſerás ditoſa,
Serás do Eterno Eſpoſo eterna eſpoſa:

XXXII.

Aſſi dizendo, em fé lhe accende o peito:
O que naõ vê, já crê: tantos lhe inſpira
O Ceo auxilios, e com hum pio effeito,
Pella agoa, que he de vida, já ſuſpira.
Levaõ-na em braços, e lhe ordenaõ leito
Conforme ao ſitio, que inſtrumentos de ira
Occupaõ, e applicar hervas comeſſa
Elicio, que de Apollo a arte profeſſa.

XXXIII.

XXXIII.

Ella já da eſperança, e da fé chêa,
Que o Ceo lhe infunde, diſſe: Antes que aggrave
A morte o que he mortal, eſta alma fêa
Purifique a agoa ſanta, e a culpa lave.
Já neſte tempo a viſta ſe encandêa,
E o roſto cobre hum pallido ſuave:
Cos ſacros ritos, e agoa o Sacerdote
Lhe dá (de Chriſto Eſpoſa) o eterno dote.

XXXIV.

Elicio em tanto já das hervas prova
A occulta força, já arrancar procura
Co a douta maõ o ferro, e a dor renova
Sempre, que arrancar prova a ſetta dura:
Em quanto hervas applica, hervas reprova;
E quantos ha ſegredos na arte apura:
Dos membros bellos a alma deſpedida,
Elle arte, e tempo perde; ella acha a vida.

XXXV.

Contempla triſte o Capitaõ valente
A trasladada ao Ceo morta belleza;
E, bem que grave, compaſſivo ſente
O acerbo caſo; mas a ſorte préza:
Manda que guardem em lugar decente
O corpo frio, que honras já deſpreza,
Até com pompa funebre, e piedoſa
Dar ao nobre cadaver tumba honroſa.

XXXVI.

XXXVI.

No meſmo tempo entre as regioẽs protervas,
De infelices ſucceſſos quebrantadas,
O velho Rey com lagrimas acerbas
Maldiz vãas confianças enganadas.
Aladin arrogante com ſoberbas
Razoẽs, vãmente aos ventos derramadas,
Moſtrando que a fortuna deſeſtima,
Aſſi dizendo aos ſeus, e ao Rey anima:

XXXVII.

Fortes varões, vós ſois do Ceo guardados
Para hoje exercitar piedoſo officio,
Os males reparando naõ cuidados
Deſte Imperio, que vai em precipicio,
Que ver-vos nas deſditas taõ ouſados,
Para mim tenho por felice auſpicio;
E aſſegura a eſperança da vitoria,
Que ainda ha de eternizar voſſa memoria.

XXXVIII.

Moſtrando o valor ultimo pagamos
O que á patria, e ao nobre ſer devemos:
E quando pella patria aqui morramos,
Da fama eterna vida alcançaremos.
Rode a fortuna, nós tambem façamos
Como opprobrios futuros atalhemos;
E ſe até o fim nos for imiga a ſorte,
Naõ nos póde tirar honrada morte.

XXXIX.

Juntas logo as reliquias do vencido,
E roto campo, a nova luz aguarda,
Recuperar cuidando inda o perdido,
Que a nada o peito altivo ſe acobarda.
O valente Geinal de amor ferido,
Que o novo, e antigo fogo na alma guarda,
Do Principe os intentos favorece,
E a acompanhallo em tudo ſe offerece.

XL.

Naõ perde ponto neſte tempo Inferno,
Que de novo com mil affeitos de ira,
O caudilho Aſmodeu do eſcuro eterno,
Milhares de infernaes guerreiros tira:
Com elle ſahe tambem do negro averno
Alecto, que o furor da guerra inſpira
O viperino açoute ſacodindo,
Os meſmos vãos eſpiritos ferindo.

XLI.

As leves azas apreſſada em tanto
A negra eſpoſa de Charon batia,
E já que por Memnon banhada em pranto
A Aurora annuncia o triunfante dia.
Por dar illuſtre fim ao intento ſanto,
Animoſo Albuquerque prevenia
A vencedora eſquadra, e aſſi á memoria
Lhe trás a já eſperada alta vitoria:

XLII.

XLII.

O mais, amigos, tendes acabado;
Só falta que a Cidade deſpejemos
Do povo infiel, por vós desbaratado,
Guerra facil, que o Ceo em favor temos:
Em nos dando lugar o imigo irado,
De entre os corpos Pagaõs apartaremos
Os mortos companheiros; pois aviſaõ
Vidas dadas por Deos, que Eſtrellas pizaõ.

XLIII.

E permittindo o Ceo, que Imperios funda,
(Como confio, pois por nós peleja)
Que a de abominaçaõ meſquita immunda,
Caſa a Deos dedicada hoje ſe veja;
Nella eſſes (que já o bem eterno inunda,
E Martyres de Chriſto o Ceo feſteja)
Sepultura teráõ logo que o voto
Rendais a Deos com animo devoto.

XLIV.

Aſſi diſſe, e dar manda vivo alento
Ao concavo metal, que incita a guerra,
E ao ſom rouco, do eſtreito alojamento
As bandeiras de Luſo deſencerra.
Turba o gritar confuſo o mar, e vento;
E do pezo opprimida geme a terra,
Retumba o valle, abala o Simame monte,
O abyſmo treme, altera-ſe o Horizonte.

XLV.

Com naõ menos valor ao encontro duro
Aladin, e Geinal rapidos correm:
De fumo, e pó se eclypsa o raio puro,
E de huma, e outra parte muitos morrem.
Mas firmes hum, e outro, vivo muro: (correm,
Porque, onde huns mortos cahem, outros con-
E chega a estar de modo o transe estreito,
Que encontra escudo a escudo, peito a peito.

XLVI.

Qual se Austro, e Bóreas com furor vehemente
Nuvens amontoando, e revolvendo,
Se encontrassem violentos, de repente,
Com fero estrondo, e terromoto horrendo,
E obstinadas (terror da humana gente)
Em pedra, trovoẽs raios desfazendo
Bellicosas as nuvens se estivessem,
Sem que hum ponto de paz se concedessem;

XLVII.

Taes os imigos bandos com violencia,
E pertinacia dura se offendiaõ,
Ferós o assalto, fera a resistencia:
Huns, e outros ganhar terra porfiaõ.
Nesta porfia, nesta competencia,
Que pó, e fumo em nuvens confundiaõ,
Heroicas maravilhas se fizeraõ,
Que entre a confusaõ mesma se esconderaõ.

XLVIII.

O primeiro, Aladin deſpede hum dardo,
Que larga abre em Valerio a morte entrada;
Cahe o miſero morto, elle galhardo,
E fero arranca a luminoſa eſpada:
Fende a cabeça a Alberto, e com Bernardo
De ponta cerra, e a parte mais guardada
Do coraçaõ penetra, e á ſahida,
Do aci calado ferro ſahe a vida.

XLIX.

Ao triſte naõ valeo a ligeireza,
Que naquelle lugar já lhe valera,
Quando fogindo a barbara fereza
Com Viegas, e Alaida ao mar ſe dera.
Do Principe (que a morte, e armas deſpreza)
Emulo o valoroſo Geinal era:
Mata a Felicio, e contra Simaõ corre,
A quem Guilhelme por ſeu mal ſoccorre:

L.

O coraçaõ de hum freixo, a que Vulcano,
De ponta diamantina o eſtremo armara,
No groſſo eſcudo rompe do pagano,
Que a Simaõ deixa, e delle ſe repara:
Porém, qual ſe do Olympo ſoberano
Jupiter raio iroſo diſparara,
Que inviſivel penetra ao monte o peito,
Sendo num tempo meſmo o eſtrondo, e effeito:

LI.

Tal horrendo o Pacém num mesmo instante
Move contra Guilhelme, e á morte o entrega:
E naõ parando a espada rutilante,
Dos hombros a cabeça a Diniz sega.
Foi contra Julio, mas achou diante
Lima, que hum golpe fero nelle emprega,
O elmo fino o livrou de ser ferido,
Mas torna atrás alhêo do sentido.

LII.

O guerreiro á regiaõ mandara escura
As almas de Audali, e Tucaferno
Com outras, que, esperando sepultura,
Acharon naõ passara ao negro averno:
E vai sobre Geinal, que a parca dura
Entrar já cuidava ao sono eterno;
Mas torna em si o Pagáõ, e se defende;
E, quando lugar acha, a Lima offende.

LIII.

Jaime co forte Argeo, successor digno
Do forte Solimaõ, as forças prova
Aggravado do amor; o que o destino
Ordena, segue com heroica prova.
Naõ perde o valoroso imigo o tino,
E brotando furor golpes renova;
Mas com tanta destreza se combate,
Que, antes que o golpe chegue, se rebate.

LIV.

Guazel o fim eſtorva deſta guerra
De Argeo menor irmaõ, naõ menos forte,
Com Jaime de alto abaixo ferós cerra,
Que eſteve quaſi entaõ nas maõs da morte:
Mas Guazel co furor, que nalma encerra,
O golpe naõ acerta bem de corte;
E o guerreiro Chriſtaõ, que ſente a offenſa,
Deixa Argeo, e quer delle a recompenſa.

LV.

Na garganta ſoberba á aſſi calada
Ponta eſcondeo, que abrio larga ſahida,
Por onde blasfemando a alma indignada
Deixa o corpo, que em terra cahe ſem vida:
Argeo o naõ vingou, que já em travada
Contenda eſtava ao tempo da ferida
Co valoroſo Mello, que acodira,
Quando ir ſobre Teixeira Guazel vira.

LVI.

Os Aſtros valor grande, curta vida,
E compridos trabalhos deſtinaraõ
Aos dous fortes irmaõs, que da querida
Patria por longos mares apartaraõ.
Que empreza naõ foi delles conſeguida,
Em quanto da ſerena luz gozaraõ?
Até que foi Catai de hum ſepultura,
E deſte o fim a parca já procura.

LVII.

Soufa, Silva, e Coutinho refiftiaõ
Dos feros Jaos á natural braveza,
Que pellas lanças fortes fe mettiaõ,
Por ferir com extremos de bruteza:
Mas como aos Caudilhos, que os regiaõ,
Faltava a experiencia, e fortaleza,
Sem ordem já as efquadras mal regidas,
Menos fe atrevem, prezaõ mais as vidas.

LVIII.

Porém quando o efquadraõ Jáo fe retira,
O valor moftraõ ultimo os Malayos,
Da perda a grande dor fomenta a ira,
E nos magoados peitos gera raios:
Bem como, quando do humor falta, efpira
A véllla, que entre os tremulos defmaios
Com mór luz breve efpaço refplandece,
O vigor esforçando, que falece;

LIX.

O Principe Aladin os animava
Mais, que com vozes, com valentes feitos,
Com que linguas á Fama eternas dava,
E terror era dos contrarios peitos:
O Lequio Capitaõ o acompanhava,
Oppondo-fe aos perigos mais eftreitos;
E o Principe Dataide, em quem naõ falta
Valor, rode a fortuna, baixa, ou alta.

LX.

Mas desbarata a barbara firmeza
Guzarate eſquadraõ, que, de Garcia
Naõ podendo ſofter a fortaleza,
Fugindo rompe a imiga companhia.
Rapido o forte Sá co a ligeireza,
(Que ás pombas, caudal aguia) os perſeguia,
E em confuſa deſordem todos poſtos,
Já poucos moſtraõ aos de Luſo os roſtos.

LXI.

Que horriveis, e tremendas cutiladas
Da Luſitana maõ recebe o Mouro!
Feridas já naõ daõ curvas eſpadas,
Nem ſaõ mais, que deſpojos, Crizes de ouro:
Rios de ſangue correm, que lavadas
As ruas deixaõ, com felice agouro
Da bruta mancha, e abominavel cheiro,
Com que monſtros Malaca honrou primeiro.

LXII.

Chegava o tempo da fatal ruina
Daquelle Imperio proſperado tanto;
E, ao meſmo ponto até o valor declina
Naquelles, que eraõ do Oriente eſpanto:
Effeito coſtumado da Divina
Juſtiça, que piedoſa, e recta, quanto
A mortaes olhos o caſtigo tarda,
Em ira augmenta o que a paciencia aguarda.

LXIII.

LXIII.

Com eſta de victoria alta eſperança
A Affonſo o ſeu Cuſtodio alli apparece
A deſtra armada de fulmine a lança,
No eſquerdo braço o eſcudo reſplandece:
Como de luz, de nova ſegurança
O coraçaõ magnanimo enriquece;
E entre a de pó, e de fumo nuvem negra,
Com voz humana o ar Malayo alegra:

LXIV.

O ponto, Affonſo, chega, que deſejas
Do pertendido fim da alta conquiſta:
Olha quantas o Ceo, por quem pelejas,
Em tua ajuda eſquadras hoje aliſta.
Levanta os olhos, que Deos quer que vejas
Idéas immortaes, com mortal viſta,
Daquelles, que por elle as vidas deraõ,
E dos que com Miguel permaneceraõ.

LXV.

Vês alli, onde mais arde o conflicto,
Entre a Malaya, e Portugueza gente
O teu Noronha, já glorioſo eſpirito,
E os dous Almeidas, gloria do Occidente:
Coutinho illuſtre, e hum Correa invicto;
E aquelles, que neſte ultimo Oriente
Seu ſangue derramaraõ, lá combatem,
E do guerreiro imigo a furia abatem.

LXVI.

LXVI.

Olha acolá, onde eſquadraõ ſuperno
Do Cuſtodio da Aurora acaudilhado,
Ferindo vai na multidaõ do Averno,
Que Aſmodeu guia contra ti inflammado.
Nota como obediente ao Padre Eterno,
O retirado vallo ja expugnado
Por ti, e na prizaõ do fogo o incerra,
Aos guerreiros deixando livre a guerra.

LXVII.

Por tanto a eſpada, da Gentia, e Moura
Seitas deſtroço, agora invicto aperta,
E a Cidade, que o Sol nacendo doura,
Do jugo vil da Idolatria liberta.
Caia Babel ſuberba, Membroth Moura,
E muro funda neſſa taipa aberta,
Donde a Fé vá triunfante, e vencedora
Por todos os confins da clara Aurora.

LXVIII.

Diſſe, e deſapparece: e Affonſo logo
O inſpirado valor executando,
Entra de novo no Mavorcio jogo,
Viſivel raio, abrindo, e derribando.
A eſpada em huma maõ, e na outra o fogo:
Exemplo aos ſeus, temor ao imigo dando,
Pello aberto eſquadraõ entra de ſorte,
Que rouba o modo de matar á morte.

LXIX.

Vê que o valente Argeao a eſpada tira
Tinta em ſangue do peito ao invicto Mello,
Que já de alento falto mal reſpira,
Da triſte cor da morte o roſto bello:
Do caſo a compaixaõ lhe accende a ira,
E contra o matador, que a recebello
Sahe confiado, iroſo ſe abalança
Deſejoſo de gloria, e de vingança.

LXX.

Daõ-ſe pezados golpes com fereza,
Que lugar o furor naõ deixa á arte;
Mas, já que aquella rigida braveza
A' conſideraçaõ concedeo parte,
O Capitaõ de Chriſto com deſtreza
A força ajuda no propicio marte;
Fere o Pagáõ valente em deſcoberto,
E o cérebro lhe deixa ao vento aberto.

LXXI.

Soſter-ſe já mortal em vaõ procura;
Mas, deſpois que já aqui, já alli ſe inclina,
Qual alto pinho por tormenta dura,
Vai com horrendo eſtrepito em ruina:
A gente, que o ſeguia, mal ſegura,
Do medo aconſelhada, ſó imagina
Como ſalvar-ſe; e as coſtas dá fugindo
Ao raio Portuguez, que o vai ferindo.

LXXII.

LXXII.

Foge a multidaõ barbara cobarde,
Do Luſitano povo perſeguida;
Só o Principe Aladin, que em furor arde,
Moſtra deſeſtimar a odioſa vida:
Brama offendido, naõ que o acobarde
Ver de ſeus valedores a fugida;
Mas, de valor fazendo clara prova,
Começa temerario guerra nova.

LXXIII.

Em quanto em ira accezo tantos oſtenta,
Vê ſobre ſi de tiros nuvem baſta;
Mas contra a ferós turba ſe ſuſtenta,
E parece que contra todos baſta:
Até que a força, e multidaõ violenta
Ante ſi o leva, e do perigo afaſta;
E vendo que ouſar tanto he deſatino,
Obedece ao rigor do ſeu deſtino.

LXXIV.

Dá as coſtas ao furor, porém de ſorte,
Que dizer-ſe naõ póde que elle fuja;
Nem lhe tira temor da iſtante morte
Que iracundo leáõ revolva, e ruja.
Forçado a vida ſalva o varaõ forte
Daquelle Marcial diluvio, cuja
Desbaratada gente fugitiva
Deixa o patrio terreno a ſorte eſquiva.

LXXV.

O velho pai encontra, que a Cidade
(Já naõ ſua) deixava, acompanhado
De poucos, em quem força de lealdade
Entaõ póde fazer o medo ouſado:
Geme, vendo a paterna Mageſtade
Poſta affligida no mais triſte eſtado,
De todos, quantos via, dependendo,
Amigos, e inimigos já temendo.

LXXVI.

Alli chega Geinal da vida encerto,
Que eſcapara das maõs do forte Lima:
Do muito ſangue, que perdia, coberto
O laſſo corpo ſobre a eſpada arrima;
Por mil partes o fino arnez aberto,
Acompanhallo em vaõ Cambir ſe anima,
Que rio de ſeu ſangue a terra eſmalta,
E co a falta do ſangue a vida falta.

LXXVII.

Já o Principe Detaide mal ferido
A Cidade cos ſeus Darús deixara;
E, a naõ ſer de infinitos ſoccorrido,
As ſombras vãs de Dite acompanhara:
O bando vencedor ſegue o vencido,
E até ás tranqueiras ultimas naõ pára,
Adonde planta a inſignia vencedora,
Que o vento alegre eſtende, humilde adora.

LXXVIII.

LXXVIII.

Aſſi vence Albuquerque forte, e pio:
Conſagrar Templo a Deos logo procura;
Da meſquita o tyranno ſenhorio
Tira a Luzbel; e a Chriſto a rende pura,
E' religioſo o Mavorcio brio
Humilha, graça dá, votos pendura;
E áquelles, que acabaraõ na glorioſa
Conquiſta, ſepultura dá piedoza.

LXXIX.

Agora meu trabalho humilde eſpera
Que ponhais nelle favoraveis olhos:
Flores produziraõ, e primavera
Seus raios neſtes aſperos abrolhos.
Sou fragil lenho, que em tormenta fera
A' viſta tenho Syrtes, temo eſcólhos;
Vós lume, que atráz procellas tráz bonança,
Meus temores trocai em confiança.

F I M.